

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO**

Bianca Cardoso Batista

**SOB AS ASAS DO PASSADO: IDEIAS DE UTOPIA NA NARRATIVA DE  
PEPETELA**

Santa Cruz do Sul  
2022

BIANCA CARDOSO BATISTA

SOB AS ASAS DO PASSADO: IDEIAS DE UTOPIA NA NARRATIVA DE PEPETELA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Leitura, Estudos Linguísticos, Literários E Midiáticos, Linha de Pesquisa em Estudos literários e midiáticos, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Rosane Maria Cardoso

Orientadora Prof. Dra. Eunice T. Piazza Gai

Santa Cruz do Sul  
2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Batista, Bianca Cardoso

Sob as asas do passado: ideias de utopia na narativa de  
Pepetela / Bianca Cardoso Batista. – 2022.

171 f. ; 28 cm.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do  
Sul, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Rosane Maria Cardoso.

Coorientação: Profa. Dra. Eunice T. Piazza Gai.

1. Utopia. 2. Hermenêutica. 3. Pepetela. 4. Guerra. 5.  
História. I. Cardoso, Rosane Maria . II. Gai, Eunice T. Piazza .  
III. Título.

BIANCA CARDOSO BATISTA

SOB AS ASAS DO PASSADO: IDEIAS DE UTOPIA NA NARRATIVA DE PEPETELA

Esta tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Leitura, Estudos Linguísticos, Literários E Midiáticos, Linha de Pesquisa em Estudos literários e midiáticos, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

*Dr.<sup>a</sup> Rosane Maria Cardoso*  
Professora Orientadora – UNISC

*Dr.<sup>a</sup> Eunice Terezinha Piazza Gai*  
Professora Orientadora – UNISC

*Dr.<sup>a</sup> Raquel Trentin Oliveira*  
Professora Examinadora – UFSM

*Dr.<sup>a</sup> Cláudia Mentz*  
Professora Examinadora – FURG

*Dr. Miguel Rettenmeier*  
Professor Examinador – UPF

*Dr. Rafael Eisinger Guimarães*  
Professor Examinador – UNISC

Santa Cruz do Sul  
2022

*Dedico essa tese a minha querida mãezinha que  
internalizou em mim a importância de estudar  
sempre; que me fez o que sou hoje; que me  
ensinou o significado do amor incondicional; e a  
quem eu sou eterna e infinitamente grata.  
Eu sou tu, mãe.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente e sobretudo, ao divino, independente do nome que possua para cada pessoa, essa potência que habita em mim, que me guia diariamente, a quem recorri e recorro sempre que necessário. Gratidão infinita e eterna.

Agradeço à minha mãe, incrível, maravilhosa, quem ouviu cada palavra com atenção, quem sempre me acolheu e lembrou-me que, sim, eu conseguiria. Conseguimos mãe. Essa conquista é nossa!

À minha irmã Vitória, meu pai Gilmar, à Raquel, Andressa, Sabrine, ao Silvio e a todos os demais familiares e amigos que, diretamente ou não, contribuíram para que eu concluísse essa etapa. Meu agradecimento profundo e sincero.

À Renata, que me incentivou muito a escrever, especialmente no último ano, lembrando-me diariamente da importância de tudo isso, mesmo quando eu esquecia; que compreendeu as minhas ausências e apoiou-me sempre.

À Eunice Terezinha Piazza Gai, por ser muito mais do que uma orientadora; por ser uma amiga que a Unisc que me deu e que levarei comigo por essa e outras vidas. Uma profissional competente, responsável, ímpar. Um ser humano raro, com quem aprendi sobre ética. Com quem aprendi a *escutar*. Com quem aprendi sobre a *vida*. Obrigada por todas as orientações, professora, na academia e na vida. Te admiro demais! Essa tese é nossa!

À Rosane Maria Cardoso, uma excelente orientadora. Essa tese é nossa! Sem tuas considerações, apontamentos e direcionamentos eu, definitivamente, não teria concluído esse trabalho. Obrigada pelo teu incentivo constante. Teu bom humor salva. Teu sorriso conforta. Obrigada de todo o coração.

Aos professores e funcionários da Unisc. À professora Nize, que me ensinou a *olhar* o mundo de outra maneira. Aos demais professores que aceitaram fazer parte da banca desse trabalho. Muito obrigada a cada um de vocês. Às secretarias Luiza, Luana e Sabrine que me salvaram inúmeras vezes, sempre atenciosas, dedicadas e pacientes. Aos colegas de curso que, de algum modo, dialogaram comigo sobre a tese ou que me incentivaram ou ajudaram durante essa trajetória acadêmica. Obrigada!

À Capes pela bolsa de estudos concedida que me permitiu a dedicação a esse trabalho.

*A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.*

(Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano in *Las palabras andantes?*, 1993).

## RESUMO

A presente tese busca investigar, a partir de uma atitude hermenêutica, as concepções de utopia emergentes em algumas obras do escritor angolano Pepetela. Para tanto, considero as narrativas *Mayombe* (1979) e *A geração da utopia* (1992), em contraponto com a perspectiva mais “realista”, desencantada, ou menos utópica – presente em *Se o passado não tivesse asas* (2017). Esta pesquisa leva em conta os valores e visões de mundo das personagens em diferentes momentos históricos da independência de Angola evidenciados nos três romances, observando a perspectiva de Pepetela nos períodos em que os livros foram escritos e considerando o passar do tempo entre uma obra e outra. A trajetória narrativa que envolve as obras contempla o período histórico da guerra (de 1961 a 1974), a pós-independência (a partir de 1975) e a guerra civil (1975 a 2002). Durante os três períodos é possível observar o contraste de guerrilheiros sonhadores, no início da guerra, com a realidade perturbadora do momento posterior à mesma, em um país agora livre, mas assolado pela violência e pela desigualdade social. Por esta razão, em *Se o passado não tivesse asas*, proponho uma atitude de escuta que conecta a obra com um possível ponto de mudança na percepção de utopia do próprio autor. Assim, a hipótese inicial da pesquisa parte do pressuposto de que a brutalidade da guerra modifica a perspectiva utópica dos indivíduos em relação ao mundo, torna-os menos idealizadores em relação aos fatos. Por conseguinte, busco compreender em que medida a guerra e suas consequências interferem na construção no enredo das obras considerando as experiências de Pepetela durante a escrita das mesmas. A *escuta* aqui proposta revela uma perspectiva possível em relação ao texto, suscitada, na maior parte das vezes, na apreensão dos fatos narrados sem qualquer pretensão de uma leitura fechada. Meu caminho hermenêutico baseia-se, principalmente, no pensamento de Ernildo Stein (1996), Hans-Georg Gadamer (1998) e Jacques Derrida (2002), na perspectiva da inexistência de uma verdade absoluta ou universalmente válida. Apesar do conflito entre a questão teórica que se apresenta a partir da dialética gadameriana, que defende o confronto de ideias como um processo de refinamento produtivo, em relação à perspectiva derrideana que rejeita o pensamento dialético, o choque entre as teorias não produz danos ao processo de interpretação da tese, uma vez que nenhuma das duas são impostas como método no trabalho aqui proposto e também porque a questão principal considerada na concepção de Derrida é a da *différance* (diferença e adiamento), ou seja, a ideia de desconstrução que sempre deixa possibilidades de interpretação abertas para o *porvir*. Os capítulos direcionados à história de Angola foram baseados, sobretudo, nas pesquisas de Agostinho Alexandre Joaquim da Silva (2014) e Marcelo Bittencourt (2008). No que se



refere à utopia, destacam-se as obras de Thomas Morus (2001) e Tommaso Campanella (2001), além da abordagem relacionada à ética com Aristóteles (1991) e Fernando Savater (2000). Para a leitura da obra de Pepetela, as principais fontes de estudo foram as pesquisadoras Inocência Mata (2010), Rita Chaves (2009) e Tânia Macedo (2009).

**Palavras-chave:** Utopia. Hermenêutica. Pepetela. Guerra. História.

## ABSTRACT

This thesis seeks to investigate, from a hermeneutic perspective, the emerging conceptions of utopia in some works by the Angolan writer Pepetela. To do so, I consider the narratives *Mayombe* (1979) and *The generation of utopia* (1992), in contrast to the more “realistic”, disenchanting, or less utopian perspective – present in *If the past did not have wings* (2017). This research takes into account the values and worldviews of the characters in different historical moments of the independence of Angola evidenced in the three novels, observing Pepetela's perspective in the periods in which the books were written and considering the passage of time between one work and another. The narrative trajectory that involves the works contemplates the historical period of the war (from 1961 to 1974), the post-independence period (from 1975) and the civil war (1975 to 2002). During the three periods, it is possible to observe the contrast of dreamy guerrillas, at the beginning of the war, with the disturbing reality of the moment after it, in a country that is now free, but devastated by violence and social inequality. For this reason, in *If the past had no wings*, I propose a listening attitude that connects the work with a possible point of change in the author's own perception of utopia. Thus, the initial hypothesis of the research assumes that the brutality of war modifies the utopian perspective of individuals in relation to the world, makes them less idealizers in relation to the facts. Therefore, I seek to understand to what extent the war and its consequences interfere in the construction of the plot of the works, considering Pepetela's experiences during their writing. The listening proposed here reveals a possible perspective in relation to the text, raised, most of the time, in the apprehension of the narrated facts without any pretension of a closed reading. My hermeneutic path is based mainly on the thinking of Ernildo Stein (1996), Hans-Georg Gadamer (1998) and Jacques Derrida (2002), from the perspective of the inexistence of an absolute or universally valid truth. Despite the conflict between the theoretical question that arises from the Gadamerian dialectic, which defends the confrontation of ideas as a process of productive refinement, in relation to the Derridean perspective that rejects dialectical thinking, the clash between the theories does not produce damage to the process interpretation of the thesis, since neither are imposed as a method in the work proposed here and also because the main issue considered in Derrida's conception is that of *différance* (difference and postponement), that is, the idea of deconstruction that always leaves possibilities of interpretation open to the future. The chapters devoted to the history of Angola were based, above all, on the research of Agostinho Alexandre Joaquim da Silva (2014) and Marcelo Bittencourt (2008). With regard to utopia, the works of Thomas Morus (2001) and Tommaso Campanella (2001) stand out, in

addition to the approach related to ethics with Aristotle (1991) and Fernando Savater (2000). For the reading of Pepetela's work, the main sources of study were the researchers Inocência Mata (2010), Rita Chaves (2009) and Tânia Macedo (2009).

**Keywords:** Utopia. Hermeneutics. Pepetela. War. History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 COMEÇANDO A OUVIR.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 O círculo hermenêutico .....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 Hermenêutica como desconstrução.....</b>	<b>23</b>
<b>2 OS CAMINHOS DE PEPETELA.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 A vida e a escrita.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 Olhares sobre a obra .....</b>	<b>38</b>
<b>3 SONHAR É PRECISO.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 O sonho de Platão .....</b>	<b>49</b>
<b>3.2 A <i>Utopia</i> de Morus.....</b>	<b>51</b>
<b>3.3 O sol de Campanella.....</b>	<b>57</b>
<b>3.4 Utopia: cada um com a sua.....</b>	<b>58</b>
<b>3.5 Tempos difíceis para os sonhadores.....</b>	<b>66</b>
<b>3.6 Ética: A maior utopia? .....</b>	<b>71</b>
<b>4 ANGOLA: AINDA É POSSÍVEL SONHAR?.....</b>	<b>78</b>
<b>4.1 Unidos somos mais fortes .....</b>	<b>79</b>
<b>4.2 Armados com estratégias .....</b>	<b>81</b>
<b>4.3 A mente é uma arma perigosa .....</b>	<b>83</b>
<b>4.4 Os conflitos armados .....</b>	<b>85</b>
<b>5 UMA FLORESTA CHEIA DE ESPERANÇA .....</b>	<b>87</b>
<b>6 A GERAÇÃO QUE SONHOU .....</b>	<b>116</b>
<b>7 SOB AS ASAS DO PASSADO: A UTOPIA FERIDA .....</b>	<b>141</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>161</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se situa entre a ficção e a história, e objetivo é investigar, a partir de uma atitude hermenêutica, a constituição e a evolução das personagens em três obras do escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido por Pepetela, a partir de sua concepção de utopia. As obras escolhidas para o trabalho são: *Mayombe* (1979), *A geração da utopia* (1992) e *Se o passado não tivesse asas* (2017). A pesquisa leva em consideração os valores e visões de mundos das personagens a partir dos diferentes momentos históricos evidentes nas obras, além de observar as mudanças na concepção utópica de Pepetela conforme o passar do tempo. É importante ressaltar, no entanto, que o objetivo de escuta da última obra *Se o passado tivesse asas*<sup>1</sup>, não é a realização de uma leitura no mesmo nível dos dois outros romances, mas a abordagem dela como o último texto aqui pesquisado de Pepetela, a título de considerações acerca de como o autor percebe não mais a utopia, mas a realidade de seu país, cuja constituição como nação livre nasceu das utopias de uma geração.

Devo dizer também que, inicialmente, minha intenção era a de discutir as três obras, no que respeita à utopia. Contudo, na medida em que a escuta se desenvolvia, foi possível notar que, em *Se o passado não tivesse asas*, essa questão havia se diluído de forma intensa. Essa razão fez-me considerar os próprios princípios da hermenêutica e de escuta da obra, do narrador, das personagens e do próprio processo de escrita de Pepetela que gritavam mais desencanto do que utopia. Por essa razão, pensei que, talvez, a própria perspectiva utópica do autor tenha sido debelada. Como nos ensina o caminho hermenêutico, não há que se buscar o que “ali” não está. Assim, considerei a possibilidade de olhar para essa última narrativa como um possível destino para o trajeto, à guisa de conclusão da hipótese traçada por esta pesquisa.

O problema de pesquisa desse trabalho consiste em investigar a concepção de utopia do autor – que se modifica no processo de criação das obras e que emerge na constituição das personagens em diferentes momentos históricos. Neste sentido, o passo inicial de estudo foi a compreensão sobre a vida, produção literária e contexto histórico de Pepetela, considerando sempre o momento de escrita dessas obras (no período guerra e pós-guerra). Através de uma atitude hermenêutica e da pesquisa teórica questiono em que medida a brutalidade, a fome, a

---

<sup>1</sup> No início do doutorado, quando esta pesquisa foi iniciada, *Se o Passado não tivesse asas* ainda era o último romance escrito, publicado e já disponível de Pepetela. Essa obra foi escolhida, entre outras razões, justamente, por fazer um contraponto temporal com as primeiras obras do escritor escolhidas para interpretação: *Mayombe* e *A geração da utopia* que aparentemente traziam o tema da utopia de modo mais enfático em relação a uma projeção do futuro de Angola. No entanto, em seguida, foi lançado o último romance do escritor, *Sua Excelência de corpo presente* que, por razões práticas, acabou não participando desta tese.

violência física e psicológica interferem na vida e nas ações das personagens.

Além do estudo em relação às personagens, compreendo que a guerra e o contexto social e histórico de um país interferem diretamente na constituição e no desenvolvimento de um ser humano. Diante disso, acredito que as obras ficcionais são um caminho de compreensão da constituição da alma humana. O mote do estudo, então, é compreender como o sofrimento de uma guerra pode afetar a psiquê humana e como isso desenvolve-se na escrita pepeteliana através da leitura das obras de estudo aqui propostas.

Como hipótese de pesquisa, parto do pressuposto que a brutalidade da guerra modifica a perspectiva utópica dos indivíduos em relação ao mundo e esse impacto se presentifica tanto nas personagens pepetelianas quanto no próprio autor, já que, ao realizar a escuta de *Se o passado não tivesse asas* (2017), percebi a mudança do paradigma de utopia que foi se desvanecendo ao longo das obras anteriores, *Mayombe* (1979) e *A geração da utopia* (1992).

Esta tese está dividida em sete capítulos. No capítulo inicial, contextualizo o leitor sobre a atitude ou escuta hermenêutica que norteia o caminho de construção da pesquisa. A hermenêutica é uma postura interpretativa diante de um texto ou obra literária e este será o fio condutor da leitura aqui proposta. Nesse sentido, o caminho hermenêutico é apresentado, para além de uma fundamentação teórica consistente, como um posicionamento em relação à interpretação dos acontecimentos históricos e do enredo do objeto de estudo que compõe esta pesquisa. Entretanto, cabe ressaltar que a hermenêutica não é utilizada como um método de análise e dissecação dos textos e de eventos biográficos, como alguns autores sugerem, mas como uma atitude de escuta filosófica em relação aos temas contemplados nesta tese.

Posteriormente, realizo um levantamento da trajetória e produção literária de Pepetela, além da produção acadêmica já investigada em relação do escritor. Este capítulo teve de ser atualizado e ampliado no decorrer da pesquisa, em função do surgimento de novos dados sobre a biografia e bibliografia pepeteliana. Contudo, em linhas gerais, compreendo que a obra do autor reflete sobre a história contemporânea de Angola e sobre os principais problemas enfrentados pela sociedade angolana antes durante e após a independência da mesma. Durante a longa guerra, Pepetela, angolano de ascendência portuguesa, fez parte e lutou com o Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA para libertar sua terra natal.

O terceiro capítulo trata o tema da utopia, tão fundamental na história da sobrevivência humana, sobretudo em tempos de guerra. Primeiramente, cito a *República* e a organização da sociedade ideal de Platão; o surgimento do termo utopia, a perspectiva religiosa e o ideal da guerra em *Utopia*, de Thomas Morus; a utopia de *A cidade do sol*, de Tommaso Campanella. Apresento, ainda, distintas concepções do termo e defendo a fundamental existência destas em

todos os tempos, como pode ser verificado em *Princípio esperança* ou *O fim da utopia*. Finalmente, estabeleço relações entre a utopia e a ética, com *Ética para meu filho*, de Fernando Savater.

O próximo capítulo da tese apresenta a história de Angola com o objetivo de contextualizar o leitor em relação ao momento de escrita e construção das obras posteriormente interpretadas. O capítulo foi construído a partir dos movimentos de libertação do País como o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). Posteriormente discuto as principais atividades de cada um desses grupos e as ações psicológicas dos mesmos. Ainda neste capítulo abordo a guerra colonial, a guerra fria, a Revolução dos Cravos e a guerra civil que assolou o país.

No que diz respeito a alguns dos temas e enredos de suas outras obras, cito, a seguir, alguns dos romances cuja temática mais se aproxima dos objetos de estudo aqui propostos: em *Mayombe* (1979), o autor apresenta as vidas e os pensamentos de um grupo de guerrilheiros dispostos a fazer a diferença em Angola, durante a guerra; *Yaka* (1985) acompanha a vida de uma família colonial na cidade de Benguela ao longo de um século. *A geração da utopia* (1992) exhibe o sonho de uma geração em transformar seu País em algo melhor em contraponto com a desilusão que assola Angola com a conquista da independência. Em *Lueji* (1990) e *A gloriosa família* (1997) é possível conhecer a história angolana antes do colonialismo; por volta dos anos 2000 o autor passa a criticar satiricamente a situação angolana, com a série de romances policiais denominada *Jaime Bunda* – uma referência óbvia aos filmes de James Bond. *Predadores* (2005) é uma severa crítica das classes dominantes de Angola, *O quase fim do mundo* (2008) é uma alegoria pós-apocalíptica. Já *O planalto e a estepe* (2009) examina as ligações entre Angola e outros países ex-comunistas. Finalmente, em *Se o passado não tivesse asas* (2017) percebo a transformação do paradigma da utopia com uma obra na qual a realidade parece ter diluído as possibilidades de utopia apresentadas nas obras anteriores.

Pepetela é atualmente um dos escritores mais conhecidos e premiados de Angola. Já conquistou inúmeros prêmios e entre os mais relevantes estão o Prêmio Nacional de Literatura (em 1980) pelo livro *Mayombe*; Prêmio Nacional de Literatura (1985) pelo livro *Yaka*; Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (em 1993, no Brasil) pela obra *A geração da utopia*; e é o escritor mais jovem e o segundo autor africano a receber o Prêmio Camões (em 1997)<sup>2</sup>, a

---

<sup>2</sup> Prêmio Camões de Literatura. Brasil: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20160316050256/http://www.bn.br/explore/premios-literarios/premio-camoes-literatura>>. Acesso em 3 de março de 2019.

condecoração máxima da literatura de língua portuguesa – pelo conjunto da sua obra; além do Prémio Prinz Claus (1999), também pelo conjunto da obra. Possui também o Prêmio Internacional para 2007 da Associação dos Escritores Galegos, da Espanha; o Prêmio do Pen da Galiza “Rosália de Castro”, de 2014 e o Prêmio Fonlon-Nichols Award da ALA (African Literature Association), de 2015.

Entre os destaques associados a sua trajetória é possível mencionar a Medalha de Mérito de Combatente da Libertação pelo MPLA, em 1985; Medalha de Mérito Cívico da Cidade de Luanda, em 1999; a Ordem do Rio Branco da República do Brasil com o grau de Oficial, no ano de 2003; Medalha do Mérito Cívico pela República de Angola, em 2005; Ordem do Mérito Cultural da República do Brasil, grau de Comendador, no ano de 2006 e foi nomeado pelo Governo Angolano Embaixador da Boa Vontade para a Desminagem e Apoio às Vítimas de Minas, em 2007<sup>3</sup>, além de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Algarve (Portugal), em 2010.

O guerrilheiro foi membro fundador da União dos Escritores Angolanos e foi também vice-ministro da Educação em 1975, no ano de Independência do país. Parte da sua produção literária foi publicada após a independência de Angola. Pepetela é pesquisado em universidades e instituições de ensino de Angola e de outros países. Além do país de origem suas obras foram publicadas em Portugal, Brasil, e estão traduzidas em quinze idiomas, são eles: alemão, inglês, francês, espanhol, italiano, sueco, finlandês, japonês, servo-croata, búlgaro, russo, ucraniano, basco, holandês e grego. *Mayombe*, por exemplo, foi publicado, inclusive, no Japão, numa edição “linda, onde só se pode reconhecer os números das páginas e um mapinha de Angola na contracapa” segundo comentário bem humorado do próprio escritor (PEPETELA apud CHAVES, 1999, p.217). Licenciado em Sociologia é, atualmente, docente da Faculdade de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto, em Luanda.

Em entrevista concedida a Michel Laban, em 1988, e publicada no livro *Angola: encontro com escritores* (1991), ao falar sobre *Muana Puó* e os diferentes momentos de sua obra, Pepetela observa o seguinte: “Parece-me que as preocupações de fundo, em *Muana Puó* são as mesmas de todo o resto que foi escrito depois. Há um tema que é comum, que é o tema da formação da nação angolana. Isso faz o denominador comum.”<sup>4</sup> Posteriormente, em abril de 2005, entrevistado por Doris Wieser em Munique, Petpetela foi questionado pela razão de começar a escrever romances policiais, depois de ter escrito romances de outras naturezas e o

<sup>3</sup> Informações obtidas através do site da editora Kapulana. Disponível em: <<http://www.kapulana.com.br/pepetela/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

<sup>4</sup> Conforme. Encontro com escritores - Angola. Porto, Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1991.



escritor angolano respondeu que, entre outros motivos, “o romance policial foi o pretexto. O interessante era mais bem a situação, a realidade e o humor”. Resposta semelhante emitiu em outra entrevista ao Diário de Notícias de Lisboa, em sua edição de 7 de novembro desse mesmo ano, a respeito da personagem Vladimir Balduíno Caposso de sua obra *Predadores*: “Os livros são diferentes, como devem ser todos os livros de todos os autores. O tema é outro, até mesmo o cenário. Mas, provavelmente, haverá uma mesma preocupação de fundo, o destino das pessoas.”. Neste sentido justifico a razão pela escolha deste autor.

A escolha pelo autor Pepetela deve-se, também, pela afinidade de pensamentos que alguns autores despertam em nós – aquela sensação de que o texto nos lê e não o contrário. O mesmo ocorre, por exemplo, na relação que estabelecemos com familiares, amigos, colegas de trabalho, conhecidos, etc. Sem essa interação afetiva, a convivência – o estudo, por tanto tempo, com tanto fôlego – se torna inviável. É necessário escolher o que nos inquieta, penso eu.

A narrativa literária é e sempre foi fascinante para mim, uma vez que, ao dar sentido ao texto, dou sentido a minha própria existência. A escuta hermenêutica está diretamente relacionada a minha ideologia de vida, um assunto que pesquiso desde a graduação – quando fui bolsista de iniciação científica. Portanto, essas são abordagens sempre presentes, pertinentes e interessantes. Interpretar é um ato primário, involuntário e constante não apenas na relação que estabeleço com os textos, mas com tudo em minha vida. Os fatos reais e concretos são apenas interpretações de circunstâncias baseadas nos sentidos que a elas atribuímos.

Além disso, vejo a pesquisa em relação a este autor contemporâneo como uma possibilidade de compreensão do período pós-guerra da Angola, haja vista que os próprios pesquisadores de Pepetela afirmam não existirem grandes registros históricos da mesma. A literatura expõe um relato íntimo e confessional no sentido de que revela o sentimento e a visão de mundo de quem vive um acontecimento. A escolha pelo viés da literatura busca dar continuidade aos estudos que realizei no Mestrado em Letras, no ano de 2016.

Vejo o estudo, a pesquisa, a aprendizagem como uma paixão. A obra literária não é um objeto que possa ser separado da subjetividade humana. Ler um romance é ler a mim mesma numa interação com o texto e o autor. Escrever, nessa perspectiva, é um mergulho interno tão profundo quanto a psicanálise, por exemplo. Mais do que isso, escrever sobre si é construir a nossa própria subjetividade. O conhecer e o emocionar são dimensões inseparáveis do humano e, em função disso, justifico também minha decisão no que tange a abordagem hermenêutica.

Diante disso, por mais que compreenda que muitos acadêmicos e pesquisadores já tenham escrito muitas coisas importantes sobre a vida e obra desse escritor militante que me

encanta, não tenho notícias de que nenhuma Bianca Cardoso Batista, natural de Santa Cruz do Sul, tenha realizado pesquisa de tese de doutorado na Universidade de Santa Cruz do Sul, no ano de 2018 sobre ele. O que eu quero dizer com isso? Que o mesmo momento não se repete no tempo duas vezes, não da mesma maneira. Assim justifico a inovação do assunto proposto.

Estudar textos narrativos são modos de *compreender melhor a nós mesmos. Somos feitos de narrativas, elas nos instituem e constituem nossa subjetividade*. Mais do que isso e, sobretudo, talvez o maior motivo que justifique não apenas um estudo de doutorado, mas algo que dá sentido à existência do ser humano, é que, ao analisar as narrativas, tornamo-nos melhores contadores de histórias – lapidamos nossa capacidade de autorreflexão, autoconhecimento, autoconsciência e isso, inegavelmente, transforma nossa sensibilidade com o outro e com o todo. Luiz Gonzaga Motta (2013) resume a importância das narrativas no trecho a seguir:

É preciso estudá-las [as narrativas] [...] porque elas são uma prática humana universal, constituidoras de nossas experiências mais profundas e transcendentais, assim como nossas experiências mais felizes ou amargas: elas nos representam, são metáforas de nossas vidas, refletem nossa relação com o real e o irreal, estabelecem as fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado, instituem nossas sociedades, constituem nossas nações, nosso mundo. Somos seres narrativos, como já disse antes, somos atores, personagens, narradores e ouvintes de nossas próprias narrativas (MOTTA, 2013, p. 62).

Por todos os motivos anteriormente mencionados acredito que a pesquisa possa oferecer densas contribuições para os campos de estudo envolvidos. Mais do que isso, ousou propor que, entre outras coisas, a arte e os temas relacionados à subjetividade humana são inexauríveis, ou seja, estão sempre em construção e devem ser revisitados constantemente.

No que se refere ao impacto deste trabalho para a sociedade, acredito que estudar as narrativas é uma das maneiras através das quais o ser humano dá sentido à própria vida. Por isso, acredito que este trabalho pode inspirar outros leitores do autor ou acadêmicos que busquem um trabalho autoral de interpretação e que se compromete a buscar proximidade com a visão de mundo de um escritor que viveu e descreveu a história de Angola.

Os capítulos seis e sete referem-se, respectivamente, à escuta das obras *Mayombe* e *A geração da utopia*, interpretando-as e refletindo sobre aspectos relacionados ao narrador e às personagens, bem como suas trajetórias em cada romance, considerando a hipótese de que a perspectiva utópica de Pepetela se desvanece ao longo de sua produção literária. O capítulo oito apresenta *Se o Passado não tivesse asas* como uma possibilidade de desfecho para essa mudança na concepção de utopia, uma vez que o escritor não percebe mais o mundo com os

olhos de uma geração sonhadora, mas com a realidade de um guerrilheiro desencantado frente a um país agora livre, porém assolado pela violência e desigualdade social.

É importante ressaltar que as leituras aqui propostas revelam a minha perspectiva em relação ao texto suscitada, na maior parte das vezes, na apreensão dos fatos narrados sem qualquer pretensão de uma leitura fechada. Acredito, sobretudo, que os leitores se leem e que interpretam o que podem/querem/sentem e que isso não significa mais ou menos capacidade ou comprometimento. O texto literário comunica diferentes coisas para distintos leitores e isso está além do que é absolutamente certo ou errado. A leitura e a literatura podem ser vistas (por diferentes indivíduos) como espaços de reflexão, autorreflexão ou mera junção de sílabas e/ou fonemas. Isso depende, a meu ver, de quem olha. Afirmar a finalidade ou utilidade da literatura, por exemplo, é tão válido quanto negar qualquer responsabilidade da mesma. As narrativas e enredos que ganham vida através das personagens de Pepetela são tão intrigantes pois caracterizadas de dimensões humanas. Sua verossimilhança existe por apresentarem complexidades, contradições e incongruências tão intrínsecas à alma humana.

## 1 COMEÇANDO A OUVIR

*Todo ponto de vista é a vista de um ponto*

(Leonardo Boff)

A escuta hermenêutica apresenta-se como o fio condutor desta pesquisa. A hermenêutica pode ser descrita como uma atitude interpretativa diante de um texto, obra literária ou artística, em geral. Neste sentido, a temática é apresentada com o intuito de oferecer uma fundamentação teórica consistente à interpretação das obras e textos que compõem esta pesquisa. A interpretação aqui proposta não privilegia autor, leitor ou texto, mas aceita a importância dos três elementos considerando que a mesma só existe a partir da subjetividade de um leitor que se propõe a dar sentido a um texto que é sempre o fruto da subjetividade de um autor. Portanto, os três, autor, texto e leitor, são fundamentais e indispensáveis no processo de interpretação.

Os principais autores escolhidos como base do posicionamento hermenêutico da tese são Ernildo Stein, Hans-Georg Gadamer e Jacques Derrida, na perspectiva da inexistência de uma verdade absoluta ou universalmente válida. A interpretação está presa a um contexto que é o círculo hermenêutico, abordado a seguir. Apesar do conflito entre a questão teórica que se apresenta a partir da dialética gadameriana, que defende que o confronto de ideias distintas produz um processo de refinamento produtivo, em relação à perspectiva derrideana que rejeita o pensamento dialético (tese, antítese, síntese) assim como as dualidades (isto ou aquilo, isto contra aquilo), o choque entre as teorias não configura um problema ou produz danos ao processo de interpretação da tese uma vez que nenhuma das duas teorias são aplicadas diretamente ao trabalho aqui proposto e também porque a questão principal considerada na concepção de Derrida é a da *différance* (que é a diferença e o adiamento), ou seja, a ideia de desconstrução que sempre deixa possibilidades de interpretação abertas para o *porvir*, além da impossibilidade do acesso ao sentido absoluto, a dificuldade de estabelecer um sentido, a convencionalidade dos sentidos estabelecidos historicamente e a crítica às hermenêuticas da polarização.

Stein possui uma reflexão pertinente para o estudo aqui proposto considerando que a linguagem é o mundo sobre o qual falamos. Por isso, é o tratamento filosófico da linguagem que está em questão quando se fala em hermenêutica filosófica ou em questões da hermenêutica. “Trata-se de falar do mundo e de nos darmos conta de que não podemos falar do mundo a não ser falando da linguagem” (1996, p. 14). Entretanto, cabe ressaltar que a hermenêutica não é utilizada como um método de análise, com separação rígida entre sujeito e objeto, através de uma suposta dissecação dos textos e eventos biográficos, mas como uma

atitude de escuta filosófica baseada nos estudos contemplados a seguir.

O autor (1996) afirma que o ser humano só pode conhecer através de conceitos e, portanto, através da linguagem. O sujeito é racional porque seu acesso ao mundo se dá por via do sentido, significado, conceitos, palavras e via linguagem. Diante disso, só é racional porque é capaz de formular frases que contém propriedades de verdade e falsidade. Entretanto, o problema é que não existe indivíduo, em estado neutro, capaz de pronunciar qualquer frase correta do ponto de vista linguístico, gramatical porque ele está sempre inserido em alguma cultura, história e contexto. Ao considerar isso, percebe-se que o sujeito precisa da linguagem para atribuir significado aos objetos. Nesse contexto, faz-se necessária a interpretação:

A interpretação é hermenêutica, é compreensão, portanto, o fato de nós não termos simplesmente o acesso aos objetos via significado, mas via significado num mundo histórico determinado, numa cultura determinada, faz com que a estrutura lógica nunca dê conta inteira do conhecimento, de que não podemos dar conta pela análise lógica de todo o processo do conhecimento. Ao lado da forma lógica dos processos cognitivos precisamos colocar a interpretação (STEIN, 1996, p. 18).

Isso significa que o acesso que o ser humano tem aos objetos é sempre um acesso indireto, quer dizer que ele conhece *algo como algo*: “Podemos imaginar um logos que se bifurca: o logos da compreensão da linguagem, que comunica (logos apofântico, que se manifesta na linguagem) e o logos no qual se dá o sentido que sustenta a linguagem (logos hermenêutico, aquele que se dá no compreender)” (1996, p. 27). Ou seja, o indivíduo não conhece uma cadeira em sua plenitude como objeto em sua frente, enquanto ela está lá, mas enquanto um objeto no qual pode sentar-se, a cadeira enquanto cadeira.

O autor também aponta um aspecto relevante sobre a concepção da ideia de interpretação quando afirma que os lógicos, ao fracassarem em certos tipos de argumentação, dizem que é necessário ser menos preciso e decair para a interpretação. Assim, a mesma é observada num patamar menor, inferior: “É um lugar no qual as ciências humanas que trabalham com hermenêutica e interpretação, no qual a filosofia que pretende ser hermenêutica, ou a hermenêutica filosófica, têm, contudo, uma espécie de consolo de estar ocupando o melhor lugar” (STEIN, 1996, p. 18). Isso ocorre porque na perspectiva estritamente lógica a interpretação é uma deficiência, ou seja, ela é vista como um método utilizado na ausência de outro melhor. Porém, adverte:

Houve alguns filósofos, que disseram: os lógicos não tinham se dado conta que o próprio processo lógico se desenvolve dentro de um contexto de compreensão e interpretação. Portanto, quem está limitado e dependente do processo hermenêutico é o processo lógico-formal. Todo o discurso que se pretende basear na lógica, pressupõe

o universo da compreensão e o universo da interpretação. Esse é o provavelmente o núcleo do problema, quando falamos da racionalidade na hermenêutica (STEIN, 1996, p. 18).

Stein (1996, p.20) conclui que a racionalidade se constitui de modo ambíguo e que, portanto, existe uma ambiguidade fundamental no ser humano e em função dela que este está condenado à hermenêutica. “A compreensão e a interpretação são modos deficientes de acesso lógico aos objetos e de acesso lógico ao mundo, mas talvez sejam formas sábias. Em todo o caso, quem tem consciência disso é apenas a filosofia”.

Nas palavras de Stein (1996, p.26) “tanto na palavra *sentido* quanto na palavra *significado* está implícita a ideia de linguagem como um todo. Se precisamos do sentido e do significado para conhecer, isto significa que precisamos da linguagem para podermos conhecer”. Nesta tese, pretende-se, por isso, refletir sobre a hermenêutica filosófica, para a vida e não como um método com a finalidade de dissecar o texto.

### **1.1 O círculo hermenêutico**

Com relação ao círculo hermenêutico, Stein explica que não se pode falar que a estrutura hermenêutica ou que a estrutura da compreensão do ser humano produz história, cultura e tradição sem, ao mesmo tempo, pressupor que a história, a cultura e a tradição estão na operação da compreensão. Isso porque já sempre se compreende quando se compreende o todo, e enquanto se compreende o todo, já sempre se compreende a si mesmo: existe uma impossibilidade de separação entre sujeito e objeto. No sentido desta estrutura circular, do modo de o homem ser-no-mundo, viria a estrutura circular do ser, difundida por todas as ciências hermenêuticas (1996, p. 42).

Ao falar de racionalidade do ser humano ou racionalidade do conhecimento, Stein relaciona a realidade ao problema da verdade. A verdade como uma propriedade daquilo que é dito – ou seja, das proposições ou sentenças dentro de um universo linguístico. Contudo, na tradição, a verdade sempre foi considerada como uma propriedade da lógica que excluía qualquer interpretação. Ou seja, se algo pode ser interpretado isso significa que a verdade já é colocada em risco – desaparece a verdade. Por outro lado, onde há uma interpretação, há espaço para divergências de interpretação. Onde existem divergências de interpretação é preciso encontrar caminhos, métodos e não apenas um, mas vários métodos para mostrar a verdade (1996, p.42):

A hermenêutica é esta incômoda verdade que não é nem uma verdade empírica, nem uma verdade absoluta – é uma verdade que se estabelece dentro das condições

humanas do discurso e da linguagem. É por isso que a hermenêutica é, de alguma maneira, a consagração da finitude. A hermenêutica filosófica se coloca onde não temos nem o empírico como fundamento, nem aquilo que é afirmado dentro de um contexto rígido, determinado, nem aquilo que pode ser estabelecido tendo por base o fundamento último, mas aquilo que se dá na fluidez da própria história, da própria cultura. Sabemos que sempre algo escapa na medida em que só se pode fundamentar algo que se chama boa circularidade. Somos incapazes de, no universo hermenêutico, expor todos os pressupostos ou, de certo modo, chegar ao elemento último, não ultrapassável. O universo hermenêutico é exatamente esse universo flutuante (STEIN, 1996, p. 45-46).

Além disso, o autor ressalta que a variedade de métodos não pressupõe menos exatidão ou rigor como se subentende. Essas são preconceções, na medida em que não satisfazem à lógica exigida pela postura lógico-semântica, “mas a forma que é necessária para que apareça a verdade exige uma interpretação (STEIN, 1996, p.44)”.

Para Gadamer (1998) a relação entre a verdade e o método existe justamente porque na tradição lógico-semântica a verdade é condicionada ao método – dedutivo e indutivo, fundamentalmente. O título de sua principal obra é uma ironia no sentido de que o método não é o caminho para a verdade. Ao contrário a verdade zomba do homem metódico porque o máximo que o ser humano pode apreender é uma verdade. A compreensão não se dá através de um processo subjetivo do ser humano face a um objeto, mas sim como a maneira de ser do próprio homem. A hermenêutica não se caracteriza apenas como uma disciplina geral, auxiliar das humanidades, mas sim como uma tentativa filosófica que avalia a compreensão enquanto processo ontológico — o processo ontológico — do ser humano. A conclusão dessas reinterpretações é um tipo diferente de teoria hermenêutica, a hermenêutica *filosófica* proposta pelo autor (GADAMER, 1998).

Gadamer (1998) não se preocupa diretamente com os problemas práticos da formulação de princípios interpretativos corretos, mas sim com esclarecer o próprio fenômeno da compreensão. Para ele a questão preliminar e fundamental é relacionada a entender como ocorre a compreensão não apenas nas humanidades, mas em toda a experiência humana sobre o mundo. Este questionamento emerge antes mesmo das disciplinas da interpretação histórica e vai muito além delas. É justamente neste ponto que Gadamer liga explicitamente sua definição de hermenêutica a Heidegger.

O título de sua principal obra é uma provocação no sentido de que no nível da experiência da arte, do conhecimento histórico e da linguagem existem três verdades que não estão relacionadas ao método lógico-analítico. Ou seja, no nível da arte, da história e da linguagem temos um tipo de experiência que produz uma verdade que não é de caráter lógico-semântico. A ideia da obra é a de “um tipo de verdade à qual temos acesso por caminhos

totalmente diferentes dos que estão estabelecidos pelo conhecimento científico em geral” (STEIN, 1996, p.44).

Finalmente, para Gadamer (2005) a verdade não pode ser alcançada de modo metódico, mas dialeticamente, uma vez que o método seria incapaz de revelar uma nova verdade, apenas explicitar uma verdade já implícita no próprio método. A teoria gadameriana conclui a impossibilidade de um conhecimento universalmente válido, uma verdade absoluta que poderia ser generalizada a partir de uma experiência particular e histórica, já que não existe nenhum método científico que garanta uma certeza jurídica ou verdade hermenêutica. Isso se deve, entre outros motivos, pelo fato de a compreensão de o texto estar sempre condicionada aos pré-conceitos ou pré-juízos de quem busca compreendê-lo.

Nesta perspectiva, acredito que o autor de uma obra, a partir de suas complexidades e sua humanidade, não consegue apartar-se de si para a escrita, mesmo quando busca ser objetivo, neutro ou científico. Um texto é fruto de pensamentos, emoções e, sobretudo, de um pensamento de mundo. O leitor ou intérprete, assim como o autor, precisa buscar no texto e reviver em si o evento contido na obra e, para isso, precisa interpretar não apenas o objeto livro, como também o autor do mesmo – mas não é capaz de extrair qualquer verdade universal e absoluta ali contida.

Embora os autores ressaltem a importância do texto enquanto obra e do autor enquanto parte dessa obra, é preciso estar consciente de que um texto é também parte de um mundo do leitor. A interpretação é fruto de um ponto de vista de alguém, ou seja, quando interpreta determinado texto, o leitor é, também, um ser humano e, portanto, leva consigo suas experiências pessoais, sua bagagem cultural, social e, em função disso, acaba por evidenciar, privilegiar aspectos que lhe dizem respeito e, mesmo inconscientemente, faz escolhas. Por isso, ao ler, o indivíduo dá sentido ao texto.

## **1.2 Hermenêutica como desconstrução**

Jacques Derrida (2002) também aborda a questão da interpretação como uma tarefa complexa. A ideia de desconstrução, coloquialmente, pode indicar um sentido errado de destruição, no entanto, a desconstrução proposta pelo filósofo é ligada ao movimento de desfazer uma estrutura, (trazendo à luz o seu esqueleto) e refazer, a partir de outra perspectiva. Derrida define a cultura ocidental como *logocêntrica*, ou seja, uma cultura baseada num racionalismo que objetiva ser universal. Entretanto, desconstrói essa e outras ideias propondo uma leitura crítica de inúmeros textos da nossa cultura em busca dos pressupostos metafísicos em que esta se baseia revelando suas ambiguidades, contradições e não-ditos.



A desconstrução rejeita o pensamento dualista (isto ou aquilo, isto contra aquilo) assim como o pensamento dialético (tese, antítese, síntese) deixando sempre aberta outra via que é a *différance* (diferença e adiamento). Esse pensamento sempre em processo é a própria desconstrução e leva à formulação de paradoxos que podem irritar pesquisadores que gostem de respostas claras, racionais e categóricas (MOISÉS, 2007, p.44):

A desconstrução não é um sistema de pensamento em que possamos nos apoiar ou um método que possamos aplicar. As propostas de Derrida são um convite à travessia do abismo na corda bamba, sem rede de segurança. Mas quem pode hoje, honestamente, garantir segurança na travessia dos tempos? É preciso coragem para sair do lugar, para escolher o que abandonar e o que conservar na viagem, porque sem abandono não há renovação e sem memória não há História (MOISÉS, 2007, p.46).

Nesse sentido a força e a potência da desconstrução residem justamente nesse constante enfrentamento das aporias, que desafiam o pensamento e deixam abertas as possibilidades imprevisíveis e incalculáveis do *porvir*. O vigor do pensamento desconstrutivista está em seu caráter arriscado e na coragem com que Derrida assume a responsabilidade do pensar sem garantias, avançando sempre em busca de mais luzes.

Para o autor, “não existe o fora texto”, isto é, a linguagem é o ambiente natural de toda a atividade filosófica e literária do pensador. A operação de desconstrução que o tornou célebre seria impossível sem os textos que, ao longo de sua carreira, foram os verdadeiros objetos da desconstrução. A maior parte do seu trabalho se debruça sobre obras de importantes autores como Husserl, Heidegger, Levinas, Mallarmé, Artaud, Joyce, Bataille, Saussure, Freud, Lacan e outros de distintas áreas do conhecimento como a Filosofia, as Ciências Humanas, a Literatura, a História, a Fenomenologia e a Psicanálise, além de questionar, inclusive, o próprio conceito clássico de ciência. Nestas interpretações, o autor propõe uma nova leitura fundamentada em uma desarticulação e o conseqüente descentramento dos sentidos já consolidados:

Nesses textos, a identificação de esquemas conceituais armados pela linguagem clássica da filosofia é só um primeiro passo, pois o que lhe importa é escrutinar as dobras do tecido da escrita para encontrar textos que lá se escondem e desvendar feixes de significados pressupostos que de algum modo teriam permanecido implícitos e ocultos (FAUSTINO, 2007, p.51).

Por ter se dedicado a romper com as correntes hierárquicas sustentadoras e que enjaulam o pensamento ocidental, tais como, corpo/mente; dentro/fora; fala/escrita; presença/ausência; forma/sentido; natureza/cultura; entre outras, a ideia desconstrucionista de Derrida não se inscreve exatamente no gênero de uma linguagem clássica da filosofia. Isso se dá por duas

simples razões: primeiro porque o autor aparentemente joga a metáfora contra o conceito (diferentemente de como ocorre nas filosofias clássicas – em que a metáfora é utilizada para dar sentido ao conceito); e em segundo porque suas interpretações produzem discursos tradicionalmente incabíveis ao bom senso filosófico. Isso se percebe, por exemplo, quando o pensador fala sobre um passado absoluto que nunca existiu, ou de uma repetição originária, de um infinito finito, ou de um nome próprio que não é próprio, etc. O texto filosófico clássico possui uma suposta busca por clareza conceitual e, utiliza a metáfora como uma ferramenta de esclarecimento deste conceito. No entanto, em Derrida, a metáfora é utilizada como uma fala oblíqua, com conotações laterais ou propõe sentenças sem explicitá-las. Isso explica a maior aceitação e receptividade do autor no campo da literatura do que no campo da reflexão filosófica clássica, por exemplo (FAUSTINO, 2007).

Nessa perspectiva, os textos estão no ponto de partida, na travessia e na chegada (sempre transitória) das interpretações de Derrida. O enunciado de que não existe fora texto não tem o sentido de confinar ninguém a uma prisão linguística, mas de expor as múltiplas possibilidades de entendimento pela linguagem. Assim, um texto nunca é fechado em si mesmo, ele permanece essencialmente aberto a novas leituras e a interpretações do outro. Nenhum texto prescreve uma leitura inevitável, uma vez que a “assinatura” da autoria jamais está finalizada: “toda assinatura é uma contra-assinatura que reúne todos os momentos da enunciação no momento único em que o escritor fecha o livro já escrito e o abre para o leitor” (FAUSTINO, 2007, p.52).

As reflexões desconstrutivistas do autor levam a frequentes aporias, isto é, a um “conflito entre opiniões contrárias e igualmente concludentes, em resposta a mesma questão” (MOISÉS, 2007, p.46). Esse caráter paradoxal do pensamento Derradiano foi apontado por muitos críticos como irresponsável no sentido de que ele não responde categoricamente a nenhuma questão levantada, mas tem a proposta de ser interminavelmente reexaminado.

A partir disso, percebemos que a desconstrução proposta pelo francês causou um grande impacto no pensamento metafísico ocidental quando provocou questionamentos, deslocamentos, e revolucionou conceitos que até então eram considerados canônicos. A transformação desses conceitos resultou em um abalo na supremacia dos discursos (de toda ordem), uma vez que qualquer discurso pretensiosamente verdadeiro passou a ser possivelmente questionado. Na mesma perspectiva, Jonathan Culler observa que:

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca dismantelá-la e reinscrevê-la - isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (CULLER, 1999, p.122).

Derrida (2002) aborda ainda a questão da interpretação e da tradução como uma tarefa complexa e praticamente impossível uma vez que o tradutor é lembrado incessantemente de sua incapacidade de reproduzir a intenção original da obra. Essa incapacidade se dá tanto na tentativa de transpor as particularidades da língua, quanto no desejo de resgatar a estética do texto em outra língua ou, ainda, na esperança de não destruir as distintas possibilidades de descobrir a escritura velada na produção da escrita. O tradutor se depara com esperança e angústia diante de uma dívida e de uma capacidade ou incapacidade de renovar o original, de permitir-lhe uma sobrevida.

Derrida explica a questão da tradução a partir de uma relação com a Torre de Babel. Segundo o Gênesis, a Torre de Babel foi criada em uma época em que todos se comunicavam através um único idioma de forma eficiente e satisfatória. Entretanto, como uma forma de punição para a prepotência humana ao criar a Torre – cuja intenção seria a de alcançar o céu – Deus teria confundido a mente humana, multiplicando o número de línguas para que os povos não conseguissem se compreender. Com base no mito bíblico, Derrida atenta para a dificuldade e impossibilidade de uma interpretação verdadeira das palavras uma vez que elas possuem sentidos distintos para cada pessoa considerando suas subjetividades:

"Babel" podia ser entendida numa língua com o sentido de "confusão". Por conseguinte, da mesma forma que Babel é ao mesmo tempo nome próprio e nome comum, Confusão torna-se também nome próprio e nome comum, um como o homônimo do outro, o sinônimo também, mas não o equivalente, pois não seria questão de confundi-los no seu valor. É para o tradutor sem solução satisfatória. O recurso à aposição é à maiúscula ("Sobre o que ele-clama seu nome: Babel. Confusão...") não traduz de uma língua noutra. Ele comenta, explica, parafraseia, mas não traduz (DERRIDA, 2002, p.20-21).

Nessa perspectiva, Babel é a afirmação – pela confusão – de um nome próprio, imposição de um único, do absolutamente singular, inalcançável, que não pode ser substituído, isto é, a demarcação da impossibilidade – ou, no caso, de uma proibição – de ser introduzido numa economia das trocas, da equiparação. A partir de então, rompe-se o cordialismo, a “transparência pacífica entre os homens” (DERRIDA, 2002, p. 25). Por outro viés, pode ser entendido como o momento de rompimento da compreensão entre os povos, o que dá abertura à instauração de uma violência colonial, já que para se estabelecer uma língua comum presume-se a imposição de um idioma sobre outro qualquer: um imperialismo linguístico. A partir da Babel, a tradução deixa de ser uma tarefa realizável e se torna um trabalho impossível. Esse momento marca, então, a afirmação de um paradoxo: a confusão ou a des-união é precisamente

o que garante a possibilidade do que une, ou, finalmente, a fragmentação e a multiplicação das formas étnicas e expressivas são a garantia da manutenção de um todo; o viés a partir do qual deus instaura seu domínio: “Babel é a impossibilidade de terminar, acabar, totalizar, transfigurando-se no próprio ato de contentar-se consigo” (DERRIDA, 2002, p. 12).

Existem diferentes níveis de interpretação. A ideia de tornar a palavra um evento, ou seja, tentar reviver em si o momento em que a escrita do texto foi realizada, talvez seja um modo de interpretar o texto de forma mais profunda. Trata-se de tornar o texto uma experiência. Esse nível pode contemplar a união entre o autor, o texto e o leitor. Quando lê uma obra, o intérprete precisa agir de modo consciente ao dar sentido às palavras. O ideal seria conhecer a si mesmo com tanta profundidade a ponto de não cair no vício de se ler no texto – uma forte tendência– e conhecer ao máximo o autor para deixar que a visão de mundo deste apareça na interpretação da obra. Autor, texto e leitor devem ser considerados de diferentes maneiras. Ao conhecer a vida e produção textual de um autor, por exemplo, o leitor se torna, a princípio, mais apto a compreender o texto de forma próxima ao sentido oferecido pelo autor da mesma. O mesmo ocorre com o intérprete enquanto sujeito: ao se conhecer ele percebe vícios, tendências e dilemas que são seus e não, necessariamente, do autor. Níveis diferentes de interpretação também podem ser acessados através da repetição da leitura de uma mesma obra, já que se percebe aspectos não observados nas primeiras interpretações.

## 2 OS CAMINHOS DE PEPETELA

*O que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários.*

(Ernest Bloch)

Neste capítulo da tese resgato a biografia, produção literária e produção acadêmica em relação ao autor que inspirou a construção deste trabalho. A pesquisa se deu através de teorias, teses, dissertações e opiniões, sobre o texto e estilo de Pepetela.

### 2.1 A vida e a escrita

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, popularmente conhecido pelo pseudônimo de Pepetela, é descendente de uma família de portugueses nascidos em Angola. Nascido em Benguela no dia 29 de Outubro de 1941<sup>5</sup>, atualmente é um dos escritores mais conhecidos e premiados do país. Pepetela concluiu o ensino fundamental em sua cidade natal e depois partiu para Lubango<sup>6</sup> onde prosseguiu os estudos. No Liceu Diogo Cão, Pepetela completou o ensino médio. Segundo depoimentos do próprio Pepetela (LABAN, 1991), o escritor cresceu num ambiente da classe média, porém frequentou uma escola primária com crianças de várias raças e classes. Ele afirma que a cidade de Benguela lhe oferece oportunidades de conhecer angolanos de todas as raças porque era a cidade angolana mais multirracial daquela época:

[...] Eu tinha oito, nove anos e para mim, era absolutamente normal ter amigos de todas as cores – a minha casa estava na fronteira, aquilo que o Luandino chamou ‘a fronteira do asfalto’ [...] Portanto eu tinha amigos dos dois lados. E na escola – a escola era relativamente liberal –, também havia crianças que vinham da sanzala, da cidade branca – do centro –, e no nosso largo nós jogávamos, sobretudo futebol, todos em conjunto. Portanto, aí, do ponto de vista humano, houve sempre uma disposição para não ver as cores das pessoas.... Até que, em um certo momento – doze anos, treze anos – comecei a aperceber-me de que os meus amigos que moravam de um lado tinham mais facilidades do que os meus amigos que moravam do outro lado [...] E eu comecei-me a aperceber de que havia diferenças, e sobretudo os meus amigos brancos tinham comportamentos estranhos – para mim – em relação aos meus amigos negros ou mestiços. E não sei porquê, isso sempre me perturbou (CHAVES; MACEDO, 2009. p. 31).

Já na adolescência, um tio jornalista apresentou a Pepetela uma variedade de pensadores da esquerda. O escritor também foi influenciado por um padre esquerdista chamado Noronha, que também o informou sobre a revolução e outros eventos contemporâneos, durante o ensino

<sup>5</sup> ANGOP – Angola Press. 24 de março de 2011. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2011/2/12/Pepetela-anuncia-lancamento-cronicas,8fdbb7b0-af2b-4017-b039-87f1a448b7ca.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2011/2/12/Pepetela-anuncia-lancamento-cronicas,8fdbb7b0-af2b-4017-b039-87f1a448b7ca.html)>. Acesso em 3 de março de 2019.

<sup>6</sup> Município localizado ao sul de Angola, situado no planalto da Huíla. Lubango é a capital da província da Huíla e tem aproximadamente dois milhões de habitantes.

secundário no Liceu em Lubango (LABAN, 1991).

A partir de 1958, o escritor frequentou o curso de engenharia no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, mudando para o curso de letras, dois anos depois, na Universidade de Lisboa, tendo nessa altura participado de atividades literárias e políticas na Casa dos Estudantes do Império. Já em 1961, fez escolha política que viria a mudar o rumo de sua trajetória de vida e a marcar toda a sua obra, tornando-o um narrador de uma história de Angola. Tornou-se militante do MPLA em 1963. Nesse período, fugiu de Portugal para Paris e, posteriormente, se estabeleceu em Argel. Na capital, conheceu Henrique Abranches, com quem trabalhou no Centro de Estudos Angolanos – CEA. Este Centro se tornou o enfoque do trabalho do jovem Pepetela ao longo da próxima década. Pepetela, Abranches e colegas trabalharam na documentação da cultura e da sociedade angolanas, e na propagação das mensagens do MPLA para o exterior.

Enquanto estava em Argel, Pepetela escreveu o romance *Muana Puó*, livro no qual analisa a situação angolana através da metáfora das máscaras dos Còkwes, uma etnia de Angola. O escritor relata que não pretendia publicar o romance, mas acabou por fazê-lo em 1978, durante o seu serviço no governo angolano. Em 1969, quando o CEA migrou de Argel para Brazzaville, na República do Congo, Pepetela deu início a participação ativa na luta armada contra os portugueses. Essa experiência de luta foi, de algum modo, inspiração para uma das suas obras mais reconhecidas, a narrativa de *Mayombe* (LABAN, 1991).

A primeira obra publicada de Pepetela foi *As Aventuras de Ngunga*, em 1972. Literatura que ele escreveu para um pequeno público de universitários, dosada de um tom épico e didático. O romance é uma análise do crescimento revolucionário de *Ngunga*, um jovem guerrilheiro do MPLA. Esse texto introduz o leitor aos costumes, à geografia e à psicologia de Angola. Há um diálogo entre a tradição angolana e a ideologia revolucionária, com o debate das tradições que devem ser alimentadas e das que devem ser alteradas. Uma obra “que exemplifica a carreira iniciante de Pepetela, manifestando um amor profundo por Angola, um desejo de examinar a história e a cultura do país, um espírito revolucionário, e um tom didático” (LABAN, 1991, p. 773). O valor do romance também está no fato de ter sido escrito e publicado enquanto o autor lutava contra os portugueses na Frente Leste. Embora Pepetela tenha escrito *Muana Puó* e *Mayombe* durante a época de guerrilheiro, as obras foram publicadas apenas anos após a independência do país.

A partir da independência de Angola, em 1975, Pepetela se tornou Vice-Ministro da Educação no governo do presidente Agostinho Neto. O autor exerceu o mandato por sete anos e se aposentou em 1982 para se dedicar a sua escrita (LABAN, 1991). Ainda nos anos de 1970

Pepetela foi membro da diretoria da União dos Escritores Angolanos<sup>7</sup> e sua escrita se diversificou com a publicação de duas peças de teatro sobre a história Angolana e as políticas revolucionárias. Essas peças abordam temas presentes nas *Aventuras de Ngunga*. A pioneira, *A Corda* foi a primeira peça de longa duração publicada em Angola pós-independência. De acordo com a crítica Ana Mafalda Leite (1996, p. 141), “a peça é didática, ideológica, e de pouco interesse literário”. Ela possui um ato e apresenta dois grupos de pessoas jogando “cabo de guerra” com Angola como o prêmio. Um dos grupos representa os americanos e os seus clientes angolanos e o outro representa os guerrilheiros do MPLA. Já a segunda peça, *A revolta na Casa dos Ídolos*, explora o passado de Angola e cria um paralelo entre o reino dos Kongos dos anos 1500 e a luta pela independência de Angola.

O escritor publicou inúmeros romances durante o seu serviço no governo de Agostinho Neto. Destes, *Mayombe* é o mais conhecido. A narrativa aborda a vida guerrilheira do autor nos anos de 1970 e funciona em dois níveis; em um, são explorados os pensamentos e as dúvidas das personagens; em outro, são ilustradas as ações dos guerrilheiros são ilustradas. Leite (1996, p. 118-119) considera a obra simultaneamente crítica e heroica, haja vista que destaca a diversidade étnica supostamente celebrada pelo MPLA e ilustra as divisões tribais presentes na sociedade angolana que por fim levariam à guerra civil. Segundo a autora (1996), o romance exibe um conflito que define o alicerce da pátria. Serrano (1999) afirma que a obra atinge grande alcance por retratar as experiências de vida do escritor, por evidenciar a diversidade étnica exaltada pelo MPLA e também por denunciar as violentas segregações tribais existentes no contexto angolano.

Para Rita Chaves (2005, p. 57), *Mayombe* é uma obra que [...] “traça a épica da luta guerrilheira, fará, anos mais tarde, uma espécie de balanço dessa geração que apostou na independência e que, enquanto grupo, se esfacela na experiência complicadíssima de gerir o país que a utopia queria ter construído”. O reconhecimento do romance se deu, além das ótimas críticas, através do recebimento do Prêmio Nacional de Literatura de 1980.

Após se afastar do governo, ao final do ano de 1982, Pepetela dedicou-se exclusivamente à escrita, começando a sua obra mais ambiciosa, *Yaka*, que foi publicada em 1984 e ganhou o Prêmio Nacional de Literatura dois anos depois. Trata-se de um romance histórico que examina as vidas de uma família de colonistas portuguesas que foi a Benguela no

---

<sup>7</sup> A organização foi criada em 10 de dezembro de 1975 pelo primeiro Presidente da República de Angola, António Agostinho Neto, e é a mais antiga instituição cultural do momento pós-independência do país formada por escritores angolanos, de acordo com o próprio estatuto. Disponível em: <http://www.ueangola.com/index.php/home/quemsomos/estatutos/92-estatuto-da-uniao-dos-escritores-angolanos.html>. Acesso em: 30/01/2020.

século XIX. Assim como *Muana Puó*, *Yaka* incorpora objetos espirituais tradicionais de Angola em sua narrativa. Leite (1996) afirma que *Yaka* simboliza a consciência de valores tradicionais e o espírito da nacionalidade. Para Chaves, nesta obra Pepetela analisa a vida, as relações e costumes das famílias coloniais portuguesas provenientes de Benguela, durante o século XIX. O autor esboça uma Angola dependente de instituições sociais perpetuadoras das barbáries da guerra civil que exaltavam o orgulho nacional e seus valores, já que: “[...] através dos olhos da estátua, vamos percorrendo a história da libertação do país na perspectiva de uma família ainda marcada pela origem portuguesa.” (CHAVES, 2005, p. 81).

O guerrilheiro continuou escrevendo ao longo da década e, em 1985, publicou *O Cão e os Caluandas*, romance em que analisa os habitantes de Luanda e as mudanças que eles viveram desde a independência (MARTINS, 2009). No ano de 1989 publicou *Lueji*, obra que possui paralelos com *A revolta na Casa dos Ídolos*. O romance apresenta simultaneamente as histórias da princesa angolana Lueji, figura importante na história angolana, e de uma bailarina que dança o papel de Lueji num balé contemporâneo em busca da tão sonhada nacionalidade angolana. As vidas das personagens se encaixam eventualmente (LEITE, 1996). Conforme Rita Chaves (2005, p. 81), “[...] o narrador busca atar duas pontas do tempo e projeta na memória as sombras de uma nacionalidade que se consolida vivamente, a cada dia, no cotidiano das guerras e nas dobras de uma paz ainda mais sonhada que vivida”.

Em *A Gloriosa Família*, de 1997, Pepetela recria a história de Angola no século XVIII, um projeto que ele fazia de novo com o século XVII. O enredo do romance gira em torno da história dos Van Dúnem, uma família proeminente de descendência holandesa. O autor passou anos pesquisando a história dos flamengos em Angola para escrever a obra romance, que diferentemente de seus outros livros da década, não manifesta um tom cínico e desiludido. Trata-se de um romance histórico com uma perspectiva épica que utiliza recursos como o realismo mágico.

Em 1990, a escrita de Pepetela seguiu exibindo interesse na história de Angola mas também começa a examinar a situação política do país com uma dosagem de ironia e criticismo. O seu primeiro romance da década, vencedor do Prêmio especial dos críticos de São Paulo no Brasil (1993), *A Geração da Utopia* de 1992, confronta muitos problemas já explorados em *Mayombe*, mas com a perspectiva da realidade de Angola pós-independência. A guerra civil angolana e a corrupção intensa no governo levam a questionamentos sobre os valores revolucionários expressos no romance mais antigo. Leite afirma que *A Geração da Utopia* evidencia a mudança dos valores heroicos de *Mayombe* (LEITE, 1996). O enredo do livro se passa em três décadas e é dividido em quatro partes que são explicitadas nos títulos dos



capítulos: A casa (1961)”, “A chana (1972)”, “O polvo (1982)”, “O templo (1991)”, cada uma analisa um aspecto importante do século XX em Angola. Entre eles destacam-se a opressão colonial, a guerra de libertação, a guerra civil, e a pequena pausa na guerra, que ocorreu no início dos anos 90. Mirada (2013) explica que as referencialidades separam os grupos apenas aparentemente uma vez que o leitor é informado (através das personagens) de cada uma dessas temporalidades, sobre fatos já ocorridos. Neste sentido, o público compõe o mosaico mental dos acontecimentos em Angola nos intervalos entre uma e outra década:

Claro está que essa demarcação temporal proposta pelo enunciador não se faz gratuita, pois nessas datas é que acontecem os episódios norteadores de toda a história. Em 1961, no capítulo “A casa”, a geração da utopia entra em ação, com os seus militantes partindo para a luta armada; em 1972, no capítulo “A chana”, verifica-se a mudança de rumo da personagem Vítor Ramos; em 1982, no capítulo “O polvo”, encena-se o “exílio” de Aníbal, o Sábio, na praia da Caotinha e, em 1991, cenariza-se a “abertura política” e a possibilidade de ascensão de outros valores, como a escalada para o neoliberalismo em Angola (MIRADA, 2013, p.350).

Para Rita Chaves é em *A geração da utopia* que os fantasmas, de algum modo já anunciados em *Mayombe* se evidenciam e se concretizam, fortalecendo o ideal de nação: “Agora identificado com o período de gestação da liberdade, o passado não é nem glorificado, nem rejeitado. Transforma-se em objeto de reflexão mesmo para quem tão vivamente participou desse itinerário” (CHAVES, 2005, p. 57).

Para o pesquisador Thiago Lauriti, a obra deixa evidente a percepção de que nessa obra Pepetela buscou “historicizar, questionando e ficcionalizando a própria realidade da qual ativamente participou” (2011 p.42). Através da ficção o autor julga, testemunha e torna-se cúmplice do caminho político de Angola, por meio do questionamento que, em diversos momentos, faz da própria guerrilha. Esse posicionamento faz com que o escritor, faça, durante a escrita das obras, uma revisão da própria história, reescrevendo-a.

Nesse sentido, a história e a ficção ajudam-no a esboçar a questão da construção da nação angolana, uma vez que a literatura é um fator que colabora na criação da identidade nacional. “Esta opção de recorrer à memória coletiva e transformar o que é história em realidade ficcional faz com que o enredo de suas obras, em geral, expressem sempre situações culturais representativas da realidade angolana” (2011, p.42). Essa conexão entre ficção e história pode ser interpretada como uma estratégia do escritor para recuperar a condição originariamente histórica que todo romance carrega.

*O desejo de Kianda* é publicado em 1995 e segue manifestando a desilusão exibida em *A geração da utopia*. Na obra mais recente, o autor utiliza o realismo-mágico, estilo que o

mesmo ainda não utilizava muito, apresentando uma circunstância em que vários prédios desmoronam na praça Kinaxixi, em Luanda, e todos os habitantes sobrevivem. A heroína é uma personagem chamada Carmina Cara de Cu que abandona a carreira no governo para se tornar traficante de armas (CUSACK, 2008, p. 486). Ainda na década de 1990 recebeu o Prêmio Camões, em 1997, pelo conjunto da obra (Portugal/Brasil) e o Prêmio Prinz Claus, da Holanda, de 1999, pelo conjunto da obra<sup>8</sup>.

Na década de 2000, a obra de Pepetela se apropria de uma voz satírica na série de romances denominada Jaime Bunda, livros policiais que satirizam a vida em Luanda na nova década. Stephen Henighan (2006, p.137) escreve que o personagem Jaime Bunda, um detetive vacilante com raízes em duas das famílias angolanas mais proeminentes, representa as mudanças que aconteceram na população dos crioulos em Luanda. O personagem é obcecado pelos filmes de James Bond e por romances policiais norte-americanos – aspecto que não passa despercebido por Henighan (2006, p.141) que descreve a obra como ilustrativa de elementos do subdesenvolvimento de Angola.

No primeiro romance, *Jaime Bunda, Agente Secreto*, publicado em 2001, o protagonista investiga um assassinato e estupro que levam-no a um falsificador sul-africano chamado Karl Botha, referência ao ex-primeiro-ministro sul-africano P.W. Botha, quem autorizou a intervenção sul-africana em Angola, em 1975. A segunda obra, *Jaime Bunda e a Morte do Americano*, publicada em 2003, é ambientada em Benguela e retrata a influência norte-americana em Angola. No romance, Jaime Bunda investiga o assassinato de um norte-americano e tenta seduzir uma agente do FBI.

O texto é uma crítica de Pepetela da política exterior dos Estados Unidos, com o comportamento pesado da polícia angolana que reflete o modo como os norte-americanos trataram os suspeitos de terrorismo durante o mesmo período (BARTLETT, 2009). Ambos romances foram publicados pela companhia Dom Quixote e eram extremamente populares em Portugal, também tendo êxito em outros países europeus como a Alemanha, onde Pepetela, até então, era desconhecido (HENIGHAN, 2006, p. 144).

Pepetela também escreveu e publicou outros tipos de livros durante a década. Entre eles *A montanha de água lilás*, em 2000, um texto para crianças que comenta sobre as raízes de injustiça social. Após o sucesso dos livros Jaime Bunda, em 2005, publicou *Predadores*, a sua crítica mais aguda em relação às classes poderosas de Angola. O romance é ambientado no pós-independência do país e narra a vida de Valdimiro Caposso, um funcionário público que se

---

<sup>8</sup> Informações obtidas no Portal da literatura, na página dedicada a Pepetela. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=393>. Acesso em 30. Jan. 2020.

torna homem de negócios. Cusack (2008, p.486) descreve o protagonista como um mafioso assassino que “mora num mar de tubarões semelhantes”. Em 2002 recebeu o Prêmio Nacional de Cultura e Artes, pelo conjunto da obra, além do Prêmio internacional de 2007 da Associação dos Escritores Galegos, da Espanha e o Prêmio do Pen da Galiza “Rosália de Castro”, em 2014<sup>9</sup>.

O autor também recebeu diversos reconhecimentos pelo trabalho prestado ao longo da vida. Entre eles, destacam-se: Medalha de Mérito de Combatente da Libertação pelo MPLA, 1985; Medalha de Mérito Cívico da Cidade de Luanda, 1999; Ordem do Rio Branco da República do Brasil com o grau de Oficial, 2003; Medalha do Mérito Cívico pela República de Angola, 2005; Ordem do Mérito Cultural da República do Brasil, grau de Comendador, 2006; Nomeado pelo Governo Angolano Embaixador da Boa Vontade para a Desminagem e Apoio às Vítimas de Minas, 2007 e Doutor Honoris Causa pela Universidade do Algarve (Portugal), em 2010<sup>10</sup>.

Em 2007, o autor publica *O terrorista de Berkeley, Califórnia*, um romance situado nos Estados Unidos, com pouca ligação com a Angola. A obra explicita algumas atitudes atuais terroristas e também é voltado para aspectos da tecnologia presente na sociedade moderna. Em entrevista o próprio escritor afirmou que, assim como vários outros romances dele, este nunca fez parte das obras que pretendia publicar (DIÁRIO, 2008). *O Quase Fim do Mundo* (2008) também foi escrito como um exercício pessoal. Obra que atinge o gênero de science fiction, ao retratar os desafios enfrentados pelos sobreviventes de um desastre. Eles precisam criar um novo tipo de mundo.

O romance dá continuidade a tendência iniciada em *O terrorista* em função de não possuir lugar em Angola, nem lidar explicitamente com a realidade angolana. A última publicação da década de 2000 é *O planalto e a estepe* que, embora lide com Angola, aborda o namoro entre um angolano branco e uma mongol que se conhecem durante os estudos em Moscou. O romance retoma um estilo das obras antigas de Pepetela no que diz respeito a questão do descobrimento de Angola através da sua natureza. Este descobrimento é mostrado na narração da infância de Júlio, um dos protagonistas, na província de Huíla.

Em *Crónicas com fundo de guerra* publicado em março de 2011 em Portugal, Pepetela reúne uma seleção de crônicas escritas entre 1992 e 1995 e publicadas no mesmo período pelo

---

<sup>9</sup> Informações obtidas no Portal da literatura, na página dedicada a Pepetela. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=393>. Acesso em 30. Jan. 2020.

<sup>10</sup> Informações obtidas no PGL. Portal Galego da Língua. *Pepetela, o grande romancista de Angola*. Por José Paz Rodrigues a 23 de outubro de 2019. Disponível em: <https://pgl.gal/pepetela-romancista-angola/>. Acesso em 30. Jan. 2020.

jornal português *Público*. A maioria dos textos aborda assuntos sociais, culturais, políticos e econômicos relativos à Angola dos anos 1990, ambientados nas cidades de Luanda e Benguela. Há cinco crônicas sobre a infância do escritor na cidade de Benguela, situadas na sociedade colonial dos anos 1950. São recordações de hábitos, brincadeiras, travessuras, disputas, medos e animais que povoavam o cotidiano e o imaginário de Pepetela, quando criança. Há duas crônicas históricas que retratam a criação da cidade de Benguela no início do século XVII (SANTOS, 2012).

No que remete à guerra, termo que faz parte do título do livro, ela se evidencia como o cenário de escrita das crônicas, já que todas foram produzidas durante a guerra civil angolana (cujo início aconteceu antes da independência do país, em 1975, e o fim apenas em 2002, com a morte do líder guerrilheiro Jonas Savimbi da Unita), embora apenas algumas crônicas façam menção a ela. Dessas crônicas, duas merecem destaque: “A sarinização do mundo” e “O conquistador de Benguela”, por serem a origem de romances posteriormente escritos pelo autor: *O quase fim do mundo*, mencionado anteriormente e *A sul. O sombreiro* (2011) (SANTOS, 2012).

Neste livro, publicado em Angola e Portugal em setembro de 2011, o autor conta a conquista de Benguela, localizada ao sul de Luanda, para além do rio Kwanza. O cenário histórico dá passagem a um roteiro razoavelmente complexo, com alternância de narradores e muitas referências aos momentos do processo de colonização no ocidente africano. A coroa portuguesa, dividida com os Filipes espanhóis, envia cobiçosos governadores a Luanda para conquistar a região, traficar e enviar escravos ao Brasil, procurar ouro, prata e cobre. O sombreiro refere-se à geografia da entrada da baía de Benguela, na forma de um chapéu (GONÇALVES, 2002).

*O tímido e as mulheres*, publicado em 2014, trata de uma agradável e prazerosa crônica da cidade de Luanda que narra a vida de alguns de seus moradores fictícios, são eles: Heitor, um escritor em início de carreira, o tímido; Marisa, a encantadora e fiel jornalista que possui um programa de rádio de grande audiência; e Lucrecio, seu marido, um cadeirante intelectual com uma mente brilhante. O trio une inúmeras histórias e personagens entrelaçados no romance que exhibe uma cidade que cresce em um ritmo alucinante, onde os homens se apaixonam, sonham e se desesperam, procuram novos caminhos, novas formas de vida e novas soluções. A corrupção é um dos temas presentes na narrativa de modo intenso, são, de acordo com Santos (2015, p.298). “[...] os famosos esquemas e gasosas tão recorrentes na ficção pepeteliana. [...] Pepetela aposta novamente no humanismo que tem pautado os seus livros, mesmo aqueles mais desesperançosos, por meio do seu modo particular de ver, sentir e escrever sobre Angola”.

A seleção de textos de *Crônicas maldispostas* (2015) publicadas entre março de 2007 e agosto 2015, na revista *África 21* mantém uma impressionante atualidade e apresenta um olhar sempre irônico e arguto do escritor sobre a sociedade que o rodeia. Com enfoque específico na vida em Luanda, mas não apenas, os textos revelam uma opinião crítica sobre temas que vão desde a sociedade à política, à economia e à cultura, com muitos apontamentos sobre aspectos da vida quotidiana.

Em *Se o passado não tivesse asas* (2017), Pepetela descreve a trajetória de duas personagens femininas em dois momentos distintos de Angola. O primeiro é a guerra civil e o segundo é o momento após a guerra. A personagem Himba é uma menina que perde sua família durante a fuga para Luanda; sozinha no mundo, luta por sobrevivência. Em paralelo, a narrativa avança dezessete anos no tempo e conhecemos Sofia, uma jovem adulta que se dedica exclusivamente a sua vida econômica após a independência de Angol. As narrativas se combinam e se completam com a costura e o envolvimento de outras personagens importantes como Kassule, Diego, Dona Ester, a senhora boa das trancinhas e Tobias.

*Sua excelência, de corpo presente* (2018) é uma obra na qual o autor faz uma crítica mordaz ao abuso de poder e aos sistemas totalitários, disfarçados de democracia. A narrativa desenrola-se, na atualidade, ambientada em um local indeterminado de um país africano. O nome do protagonista /narrador não são descritos, no entanto, sabe-se que foi presidente de um país africano e que teve morte súbita, atingido por uma “maldita doença que apanhou a todos desprevenidos”. O primeiro parágrafo da obra já emite a declaração do narrador: “Estou morto”<sup>11</sup>. Com essa obra o autor venceu a segunda edição do Prêmio Literário DstvAngola/Camões, no ano de 2021 e que, em 2020, já havia ganhado o Prémio Literário Casino da Póvoa 2020, no encontro literário Correntes d'Escritas.<sup>12</sup>

Quando abandona a vida política, Pepetela opta pela carreira de docente na Faculdade de Arquitetura, em Luanda, dando aulas de sociologia. Nunca abandona o ensino, embora se mantenha como escritor em tempo integral.

A seguir apresento a produção literária do escritor desde 1972 até o ano de 2018:

### **Romances:**

<sup>11</sup> (Informações obtidas em: A viagem dos astronautas. Blog português. Pepetela, “sua excelência, de corpo presente” – uma leitura por Manuel Simões em 2018. Disponível em: <https://aviagemdosargonautas.net/2018/10/10/pepetela-sua-excelencia-de-corpo-presente-uma-leitura-por-manuel-simoes/>. Acesso em 30. Jan. 2020.

<sup>12</sup> (Informações obtidas em: Jornal de Angola. Pepetela vence prémio literário com "Sua Excelência, de Corpo Presente". 19/03/2021. Disponível em: <<https://jornaldeangola.ao/ao/noticias/pepetela-vence-premio-literario-com-sua-excelencia-de-corpo-presente/>>. Acesso em 29. Abr. 2021.

- 1972 As aventuras de ngunga  
1978 Muana puó  
1979 A revolta da casa dos ídolos  
1979 Mayombe  
1985 O cão e os caluandas  
1985 Yaka  
1990 Lueji  
1990 Luandando  
1992 A geração da utopia  
1995 O desejo de kianda  
1997 Parábola do cágado velho  
1997 A gloriosa família  
2000 A montanha da água lilás  
2001 Jaime bunda, agente secreto  
2003 Jaime bunda e a morte do americano  
2005 Predadores  
2007 O terrorista de berkeley, califórnia  
2008 O quase fim do mundo  
2008 Contos de morte  
2009 O planalto e a estepe  
2011 A sul. O sombreiro  
2011 Crônicas com fundo de guerra  
2013 O tímido e as mulheres  
2015 Crônicas maldispostas  
2016 Se o passado não tivesse asas  
2018 Sua excelência, de corpo presente

**Peças:**

- 1978 A corda  
1980 A revolta da casa dos ídolos

**Crônicas:**

- 2011 Crônicas com fundo de guerra  
2015 Crônicas maldispostas

## 2.2 Olhares sobre a obra

Nesta etapa da pesquisa busquei produções acadêmicas, artigos, monografias, dissertações, teses e demais pesquisas relacionadas à crítica sobre o autor. Embora não aponte juízos de valor em relação ao material encontrado, apresento algumas das publicações mais relevantes encontradas. Os critérios de escolha dos trabalhos acadêmicos aqui apresentados foram: o objeto de estudo dos mesmos, (*Mayombe*, *A geração da Utopia* e *Se o passado não tivesse asas*), com a finalidade de reunir o maior número de leituras possíveis sobre as obras; os temas discutidos (utopia, literatura, história, ficção, ética) nos quais busquei os que mais se aproximam aos meus objetivos de estudo; e também a atualidade das pesquisas, no sentido de demonstrar a pertinência e contemporaneidade do autor e de sua obra.

Entre as inúmeras bibliotecas e portais de pesquisa acessados, destacam-se o portal de periódicos da CAPES, com aproximadamente 200 resultados relacionados ao escritor, a biblioteca digital da USP com mais de 100 trabalhos entre obras, teses, dissertações e artigos, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações com 55 resultados acerca do autor, o repositório da produção científica do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas que apresentou 40 produções entre teses e dissertações sobre Pepetela, a Coleção de Periódicos da PUCRS, além de portais de busca como o Google Acadêmico que possui milhares de resultados. Embora muitos resultados coincidam, alguns merecem espaço na tese aqui escrita.

Uma pesquisa recente sobre a obra de Pepetela é a tese de Célia Maria Borges Machado, *História, narração e identidade judaica em A Gloriosa Família: o tempo dos Flamengos de Pepetela*, de 2019. A análise foca na figura do narrador da obra e nas estratégias discursivas utilizadas pelo autor para dar corpo ao texto literário e na figuração de personagens, especialmente, judeus presentes na obra. Esses aspectos revelaram a literatura de Pepetela enquanto prática política através da qual o escritor confere protagonismo aos sujeitos das margens. Além disso, Machado defende a postura de denúncia do escritor em relação ao que a história oficial silenciou ao longo do período de colonização na África: a negligência daqueles que constituíram e construíram as riquezas de sua nação.

Outro aspecto interessante observado pela pesquisadora é a interpretação de que ao mesmo tempo em que traduz a História de seu país com narrativas carregadas de memória, Pepetela também se apresenta ao leitor. Assim, Machado compreende que aqueles que o leem conhecem também o homem sensível e inteligente que lhes conta o enredo que lhes cai aos olhos, uma vez que tece a si mesmo, abordando suas experiências pessoais de cidadão angolano e, especialmente, de membro do Movimento Popular de Libertação de Angola-MPLA. Nesse

sentido, a pesquisadora aponta que essas lembranças estão, de algum modo, apresentadas em alguns personagens de romances, são eles: “Sem-Medo”, o guerrilheiro intelectual de *Mayombe* (1980); o “Sábio” de *A geração da Utopia* (1992) e o “Escravo narrador” de *A gloriosa família: o tempo dos Flamengos* (1997): “Os personagens figuram, de certa forma, a presença do autor em seus textos” (2019, p.92).

A pesquisadora justifica a importância de sua investigação no sentido de que o romance *A gloriosa família: o tempo dos Flamengos* revela muito sobre a escritura do autor angolano, o que permite identificar características como a ironia, o humor, a paródia, a intertextualidade histórica, a Literatura oral, além de Pepetela romper a tradição canônica literária e fundar uma nova Literatura voltada para os mais diversos povos que constituem a nação angolana:

Assim, valorizando sua nação e as comunidades nela presentes, o escritor, artisticamente, recria uma outra história, atualizando seu discurso para as novas gerações e, no reverso do texto, marca com traços do passado sua obra literária, reconfigurando o *eu* e o mundo por meio da ficção (2019, p.186).

A pesquisadora afirma com contundência que o percurso adotado por Pepetela serviu como iniciativa para abrir as portas para identificar em um representante do governo colonial, um embrião da Shoá<sup>13</sup> e no governante português, Francisco de Sottomayor, um dos sujeitos históricos ficcionalizados no romance *A gloriosa família: o tempo dos Flamengos*, características similares às de carrascos nazistas criadores do Holocausto no século XX. Nesse contexto de descobertas e novos mundos que Machado defende sua pesquisa como um grande contributo para os futuros pesquisadores, uma vez que inaugura a análise do tema judaico no âmbito da escrita de Pepetela e apresenta uma nova discussão no campo das teorias pós-coloniais.

Entre os estudos mais recentes e que trouxe uma nova leitura para as obras do escritor é a tese de doutorado de Cibele Verrangia Correa da Silva, *A melancolia de resistência como identidade: um estudo sobre as obras Mayombe e A geração da utopia* de Pepetela, defendida em 2018, cuja proposta é identificar a importância do discurso engajado nas primeiras publicações do autor. O estudo aponta como esse discurso caminha para o desencantamento e a apatia – componentes marcantes da formação da identidade nacional angolana, embora não seja exclusividade desta.

---

<sup>13</sup> Assassinato em massa de cerca de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, no maior genocídio do século XX, através de um programa sistemático de extermínio étnico patrocinado pelo Estado nazista, liderado por Adolf Hitler e pelo Partido Nazista e que ocorreu em todo o Terceiro Reich e nos territórios ocupados pelos alemães durante a guerra.



O trabalho também se dedica a observar na escrita pepeteliana a confecção de uma arte engajada que é determinante no processo de construção da nação e que busca, num primeiro momento, denunciar os problemas latentes no colonialismo e defender os interesses de grupos com menos lugar de fala até então. A apresentação desses grupos ocorre através das diversas personagens das obras analisadas que, de forma alegórica representam a população angolana em sua luta pela sobrevivência num contexto de guerras, pobreza, fome, violência e indignação.

A hipótese é que uma das marcas do autor, narrador, trama e personagens seja uma original prosa que é, ao mesmo tempo, engajada e melancólica, uma *melancolia de resistência*, no sentido de que é necessário muito mais do que a independência política para se alcançar o ideal de um país efetivamente justo, livre e igualitário, o que, na perspectiva de Silva (2018, p.12-13) leva o autor a propagar o discurso do desapontamento, da descrença, do desencantamento, mas, ainda assim, politicamente engajado. A tese defende o conceito de melancolia em relação ao que a fortuna crítica de Pepetela chama de utopia, sob o argumento de o primeiro ser mais rico para efeitos de análise e no sentido da melancolia marcar a vida e a arte no contexto pós-colonial para além das lutas revolucionárias.

Nesse sentido, sobre os objetos de estudo, afirma que *Mayombe* dá novos sentidos a valores tradicionalmente africanos e desconstrói a história do colonizador na intenção aguda de pensar os valores nacionais e identitários. O enredo apresenta distintas perspectivas dos homens que, nas agruras da floresta, alimentavam sonhos e sofriam na busca pela libertação nacional. O texto é carregado de vozes, sobretudo, monólogos, em que cada guerrilheiro “medita” em suas ideias e as desenvolvem em réplica silenciosa ao que ouviu ou observou no outro, com o qual concordou ou discordou.

A prosa em estilo oral, que Silva (2018) aponta como uma tendência das culturas tradicionais africanas, torna evidente o caráter revolucionário do romance que dá voz, através de suas personagens e narradores, a profundos questionamentos da política do período colonial, rígida e violenta, subvertendo a língua do colonizador, que é substituída pela classe subalterna no sentido de ser instrumento de denúncia e crítica. A guerra de libertação coloca-se concomitantemente contra o racismo, o tribalismo e as desigualdades sociais, no entanto tais temas são de difícil equacionamento. Em *Mayombe*, Silva (2018), assim como muitos críticos, apontam a expectativa por transformações sociais concretas como consequências da independência de Angola. Para a pesquisadora, em *A Geração da Utopia*, ocorre um desmascaramento dessa utopia.

Segundo Silva, na referida obra Pepetela faz um balanço das conquistas dos libertadores que, de forma positiva ou negativa, haviam mobilizado toda uma geração que participa e

“assina” a independência, mas que, anos mais tarde, experimenta uma realidade não prevista, benéfica apenas para alguns que a desfrutam com uma porção maior ou menor de cinismo e pragmatismo; mas que também institui uma atmosfera de dúvida, medo, isolamento, angústia e depressão (temas que realmente são relacionados à melancolia). A utopia daquela geração fazia parte de uma projeção nacionalista e um modelo de Estado orientado por ideais socialistas. No entanto, este Estado se torna um lugar de privilegiados combinados a uma burocracia que desumaniza.

Dessa maneira, rapidamente os padrões neoliberais se impõe de modo intenso, o que Silva interpreta como um fortalecimento da perspectiva melancólica do discurso que, na hipótese de análise da tese da pesquisadora, indica uma “*resistência melancólica*, marcada pela fala descontente, descrente e apática de várias personagens, mas que pode significar a não cumplicidade com aquele ‘estado de coisas’; em especial, na construção da personagem do comandante Aníbal, o *Sábio*” (2018, p.14). Luanda após a independência, é apresentada no romance como a representação do caos e do fim das esperanças de construção de uma sociedade justa. Trata-se, na visão de Silva, como uma cidade decadente, abandonada e com sinais de muita pobreza e miséria.

Silva explica que apesar de seguir os moldes europeus na estrutura de seus textos, Pepetela busca ser inovador no estilo, pensar uma outra estética que corresponda aos seus ideais nacionalistas. Ele coloca diversas personagens dialogantes –heróis da libertação - e o leitor conhece as personagens sempre em confronto com outras. Também dá espaço ao intérprete ao não dar um ponto final às suas narrativas. As histórias são sempre inacabadas, justamente para que o leitor tenha voz ativa e construa o final que achar mais adequado.

Outra especificidade na obra de Pepetela é a polifonia. Em *Mayombe*, por exemplo, há inúmeros narradores que compõem toda a narrativa, apresentando ao interprete diversas perspectivas, o que, permite certa movimentação no romance. Essa é uma característica forte da oralidade enquanto lugar da tradição. O autor expõe distintos julgamentos dos fatos que ocorrem durante o enredo e dá liberdade para que o leitor construa e elabore seus próprios juízos. Segundo Silva (2018) o escritor não vê a luta travada nas guerrilhas de libertação como puramente racial, mas principalmente ideológica (reacionários versus revolucionários). Neste sentido o conflito que se dá não é contra o homem que vive na colônia, mas contra as ideias retrógradas e alienadas que ele representa, o que não significa que as personagens não entrem em divergência por causa disso. O autor, principalmente em *Mayombe*, usa o fato da colonização como aprendizado de algo que deve ser aniquilado: a opressão e a desumanização; algo para levar em consideração na busca de um sistema político diferenciado e baseado em

ideologias libertárias. Outros apontamentos sobre o romance são a valorização e o respeito que o escritor demonstra em relação a terra e as tradições para poder contribuir, de modo justo e positivo para a construção da nação. Nas palavras de Silva (2018, p.15-16):

Ser angolano é poder livrar Angola e seu povo do jugo colonial português, registrar suas aspirações e seus anseios, sua história passada, vencer o presente e traçar o caminho do futuro: ser angolano é tornar-se um homem inteiro a serviço de um povo inteiro, o povo angolano. [...] o indivíduo não nasce angolano, mas ele se torna angolano. O que determina este nacionalismo é o compromisso que o indivíduo tem para com sua nação, ou seja, seu engajamento é uma escolha e não uma imposição ou obra do acaso. No contexto da guerra, os indivíduos reconhecem sua nacionalidade, ou seja, se tornam angolanos, quando da sua adesão às lutas armadas.

Nessa perspectiva, Silva afirma que a partir de um contexto de guerra os indivíduos reconhecem o sentido do termo pátria. A partir daí surge o desejo de vê-la livre das amarras e da dominação colonial.

Outro trabalho com um tema relevante para a tese aqui proposta é a dissertação de Micheline Tacia de Brito Padovani, intitulada *Dêiticos discursivos: um olhar multicultural em Pepetela*, cujo enfoque é o estudo sobre a história de Angola e suas especificidades, apresentando as características de multiculturalidade do contexto angolano na obra de Pepetela; a identificação dos dêiticos discursivos que instauram a subjetividade nas práticas discursivas reveladoras das questões culturais e a cultura local na obra de Pepetela, especialmente a partir da obra *O planalto e a estepe* (2009), que apresenta uma multiplicidade de temas importantes como a colonização portuguesa, a luta de libertação de Angola, a guerra civil, o multiculturalismo, o contexto social contemporâneo, entre outros.

O trabalho de Padovani também aponta um dado interessante no que diz respeito à pertinência de pesquisas em relação à história de Angola, uma vez que a estudiosa (2017) afirma que há ainda “pouco material impresso no mercado nacional sobre questões contemporâneas das ex-colônias portuguesas, particularmente, sobre o país pesquisado não existe muita coisa”. Embora a autora afirme que tenha localizado um número significativo de trabalhos sobre Moçambique, detecta que uma parte da história de Angola ainda é desconhecida. A literatura que é relacionada ao país consiste em memórias de guerra.

A questão norteadora da pesquisa anterior é em que medida a obra de Pepetela apresenta características do contexto angolano e constata que a sociedade angolana está representada de diversas formas: cultural, religiosa, étnica, política e econômica. Padovani (2017) destaca que o racismo se manifesta de diversas formas no contexto, ficando evidente na memória discursiva do povo. A autora defende que o racismo assola nações e em uma sociedade como Angola, na qual a multiculturalidade está intrínseca, o respeito entre as diferenças é fundamental e indispensável.

O trabalho também explora a história do país e a presença de línguas nacionais que convivem em paralelo à língua portuguesa (PADOVANI, 2017).

Outro importante trabalho recente sobre Pepetela, de 2018, é a dissertação de Marco Castilho intitulada *A nação angolana à deriva: utopia e distopia em Mayombe e Predadores*, de Pepetela, que faz uma análise da obra do autor angolano Pepetela, a partir da perspectiva de ficcionalizarem o movimento utópico-distópico, representado, por um lado, pela crença no projeto socialista de Estado defendido pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), e, por outro, pela desventura do processo de modernização do país, que é marcado pela atuação aniquilante da elite nacional e pela fragilidade política das classes sociais subalternas. A pesquisa considera que a narrativa de Pepetela apresenta um contraponto às narrativas hegemônicas. Assim, a tese se justifica no sentido de fortalecer os vínculos de solidariedade transatlântica, aprofundando o conhecimento de literatura africana de língua portuguesa no Brasil.

Para Castilho (2018) o escritor elabora uma texto de luta contra a desumanização da África, seja ela provocada por agentes externos ou internos. A tensão entre o regional e o global, sob a perspectiva do campo pós-colonial, afronta os discursos preponderantes. O pesquisador defende que olhar o mundo a partir de Pepetela aproxima Angola e Brasil, para além dos vínculos criados durante o período escravista, e renova o poder da literatura nestes laços.

Castilho também afirma que a realidade atual do Brasil de uma crise que defronta a população com um projeto de nação, coloca as literaturas africanas em geral, mas a angolana em particular, no horizonte crítico brasileiro. Para o pesquisador tornou-se comum na atualidade escutar políticos e especialistas de diversas áreas discutirem o fracasso de um modelo de construção do Estado que (mal) se sustentou desde a reabertura política do país, em 1985. Nessa perspectiva, Castilho afirma que havia um pouco de otimismo e prosperidade nos últimos anos que foram barrados pelos setores conservadores da sociedade. Esse movimento, espera-se, vai de um cenário relativamente otimista para outro cenário de queda das conquistas sociais criadas com muita dificuldade nas últimas quase duas décadas. Assim, o pesquisador identifica as semelhanças e proximidades no balanço utópico-distópico que aproxima o Brasil do universo perceptível na literatura angolana, em particular na obra de Pepetela.

Um dos capítulos da dissertação discute a obra *Mayombe* como a expressão da força utópica de uma geração, do processo de descolonização angolano, e da representação de um modelo de nação, vinculado ao MPLA. Outro capítulo aborda o romance *Predadores*, trazendo uma crítica sobre o paradoxal cenário político social de Angola e o novo quadro crítico que se

forma sobre a África após as independências. De um lado, a predatória elite angolana e seus privilégios; de outro, os subalternos e suas estratégias de sobrevivência e solidariedade.

Castilho também aponta que a escrita do autor angolano retrata a nação levando em consideração as percepções multiculturais e híbridas – uma contribuição de sua geração. Defende que ao lerem Pepetela angolanos e angolanas certamente poderão encontrar um modo profunda de olharem para si mesmos, para suas contradições, erros e acertos e para as belezas de seu povo. Entretanto, garante que seu compromisso não é unicamente com o cenário angolano uma vez que a literatura pepeteliana não escreve somente para leitores angolanos, mas é parte de uma cultura crítica global:

Sua narrativa é também expressão daquela força transformadora que balançou o mundo na década de 1960, e que transformou o ano de 1968 em seu marco emblemático. Ao mesmo tempo em que há uma marcação de distinção na forma do romance pepeteliano, ligada ao processo histórico, à alusão aos mitos e às marcas da oralidade, há também uma afirmação em fazer parte de uma “cultura de enfrentamento global”, uma afirmação daquilo que há de Angola no mundo e vice-versa (CASTILHO, 2018, p.106).

Assim, a pesquisa renova a capacidade de a literatura sugerir caminhos alternativos de solidariedade para os povos situados ao “sul” do plano geopolítico. Ainda que a literatura angolana seja pouco valorizada entre brasileiros<sup>14</sup>, o fato de nossos autores, como “Guimarães Rosa e Jorge Amado, serem recorrentemente referenciados por autores angolanos e moçambicanos indica um cosmos com capacidade de criar fortes interpretações sobre si mesmo” (CASTILHO, 2018, p.106). Além disso, o pesquisador afirma que a leitura de Pepetela permite aprender sobre as descolonizações africanas e a precária modernização do mundo periférico.

Outra produção acadêmica relevante é a tese de doutorado de Wanilda Lima Vidal de Lacerda, da Pós - Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, cujo título é *O olhar de Pepetela sobre Angola*. O trabalho propõe um resgate do aspecto de correspondência entre a ficção e a realidade nas obras: *Lueji – O nascimento de um império*; *A gloriosa família*; *A geração da Utopia* e *Predadores*. A tese realiza uma síntese entre o passado e o presente integrados aos principais acontecimentos de Angola. Uma das conclusões alcançadas no trabalho é a de que o olhar de Pepetela nas três primeiras obras analisadas se detém no passado (mito, história e utopia) e, com isso, dá maior enfoque à sociedade angolana “vivendo” um momento de crise de valores que parece exigir mudanças de natureza ética e política. Assim, a

---

<sup>14</sup> *Mayombe* recentemente se tornou parte da bibliografia obrigatória do vestibular da Fuvest, que faz a seleção para o ingresso nas principais universidades estaduais paulistas; além disso, o poema “Voz de Sangue”, de Agostinho Neto, foi texto de um dos itens do Enem 2015. Inicativas pequenas mas que demonstram interesse em apresentar referências da literatura angolana a um grande público.

real independência ainda não tinha se dado, muito havia por fazer e era necessária a contribuição de todos – cada um com sua parcela de ajuda.

Além disso, Lacerda (2007, p.194) considera que “num misto de revolta e de esperança, o autor persegue o seu ideal de uma nação mais rica, igualitária e em paz, em meio à realidade do quotidiano dilacerada por injustiças sociais”. A pesquisadora afirma que, em geral, nas obras analisadas a história e a política estão fortemente vinculadas, mas em momento algum o autor enfatizou valores ou apontou caminhos que predominassem sobre o estético literário ou que tenham o empobrecido.

A tese de doutorado em Sociologia Geral *Nação, guerra e utopia em Pepetela* (2011), de Alexandra Dias Santos do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa é uma produção importante sobre a obra de Pepetela. O trabalho tem um objetivo central que não é o de destacar o valor artístico da obra literária de Pepetela, mas revelar, em várias obras do autor, uma narrativa nacionalista conectada a um projeto de sociedade utópica que, a partir de finais da década de 1980, começa a fragmentar-se. Com essa proposta, Santos (2011) salienta a importância de tentar situar cada romance num determinado contexto social, político e ideológico, vendo nessa contextualização a melhor possibilidade de entender as ideias e conceitos enunciados de modo original.

A pesquisa conclui que a partir da recriação ficcional de acontecimentos históricos e lendas, que modificou mitos sobre as origens da nação angolana, Pepetela se tornou parte da criação de um mundo simbólico constituído por ideias, histórias, teorias, projetos políticos, visões do mundo e propostas de futuro: “Um mundo que, sendo imaginado, não é imaginário” (SANTOS, 2011, p.280).

A intensa projeção nacional do escritor além de sua ligação ao regime implantado em Angola pelo MPLA, reforçam a importância de iluminar as concepções que permeiam as suas obras, que se tornaram influentes ao serem defendidas por grupos, instituições e movimentos. Portanto, reconhece-se instâncias de produção de significados e sentidos nas obras do escritor que, na medida em que narram uma nação e uma história, agem sobre essa nação e essa história. Ou seja, ao mesmo tempo em que as estruturas simbólicas são incidências de uma realidade, possuem a capacidade de incidir sobre essa realidade, na medida em que conformam uma visão do mundo e proporcionam modelos de comportamento. Ao criar algumas concepções em narrativas com caráter etno-histórico, Pepetela modelou as estruturas simbólicas que sustentam a nação angolana no campo do imaginário:

Primeiro, no sentido da exaltação da violência, da justificação do autoritarismo e da

recusa de modos de organização social alternativos à modernidade. Mais tarde, no sentido da defesa de um espaço de intervenção cívica aberto à pluralidade. É ocioso questionarmo-nos sobre qual destas visões influenciará a memória coletiva angolana (SANTOS, 2011, p.288).

Finalmente, a autora conclui que somente tempo, que é irredimível, definirá essas questões com o seu trabalho de triagem. O que ficará é uma abstração que segue como uma possibilidade.

No que diz respeito à crítica da obra de Pepetela, Maria Augusta Silva (2001) do *Diário de Notícias*, afirma que o estilo do autor é uma escrita mestiça de um dos mais importantes nomes da literatura africana, um dos melhores criadores de expressão portuguesa. Para Silva, a escrita de Pepetela possui uma grande beleza estética, além de ser imensa do ponto de vista comunicacional, com cuidado e rigor:

[...] contida, e libertadora numa sempre renovada proposta-activa de fazer do pensamento, hoje, a arma principal contra todas as moléstias sociais, políticas e culturais. Guerrilheiro que foi, Pepetela sabe definir os tempos e as circunstâncias. Por isso mesmo, guerrilheiro continua, guerrilheiro, todavia, que usa as palavras para um combate que tem de travar-se nos campos do conhecimento e da reflexão (SILVA, 2001, p.44)

Para a professora e crítica literária Inocência Mata (2001, p.196-197) Pepetela:

é um escritor que se tem revelado singular nesse trabalho de desconstrução discursiva, sem operar rupturas, e conseqüente desestabilização desse ‘local da cultura’ nacionalista, pela reinvenção de uma estratégia que consiste em articular a sua ficção com as transformações da História, da sociedade angolana, e com as exigências de um pensamento novo face ao país real (que hoje pouco tem a ver com o país ideal). Muitas referências coincidem quanto a considerar a obra de Pepetela como buscando na História matéria para a ficção [...] Se, no universo literário angolano, o autor não pode, talvez com rigor, ser considerado pioneiro na tematização da História, [...] a sua singularidade reside no questionamento do Presente (valores, comportamentos, ideias) a partir das mitificações (às vezes das falsificações) da História.

Para Carlos Reis (1998, p. 39) a relação entre a História e a ficção na obra de Pepetela é uma estratégia do autor para recuperar “a condição primordialmente histórica de todo o romance, enquanto gênero remotamente ligado à História, nas origens da sua consolidação sociocultural e capaz, à sua maneira, de a reescrever”. Mata dialoga (1999) com Reis ao afirmar que não se trata de desenterrar ou na expressão de Reis “exumar” o passado, ou ainda celebrar um passado histórico, mas de estabelecer conexões entre História e histórias em que transbordam fios culturais a níveis distintos de referencialidades e sensibilidades. Mata afirma que obras *Yaka*, *Lueji* (o nascimento dum império) e *A gloriosa família* (o tempo dos flamengos) revelam mitos retidos na memória e reinventados “com base num metaforismo geográfico como

em todas narrativas que são lugares de cerzimento do (novo) corpo da nação nas teias da História” (1999, s.d.).

Uma das considerações diante das distintas interpretações sobre as obras e sobre o próprio Pepetela é como cada pesquisador ou intérprete alcança ou observa aquilo que suas condições permitem. Isso não significa que leitura x ou y esteja mais ou menos correta, apenas que cada um vê aquilo que quer, pode ou (in)conscientemente escolhe ver – naquele momento. Isso deixa o leque de leituras possíveis sempre aberto sobre determinada obra, mas também não escancara as possibilidades ao ponto de qualquer interpretação ser permitida.

O extraordinário acerca da arte, em geral, mais especificamente em relação a literatura e a linguagem, está em sua capacidade opaca de comunicação mesmo nas circunstâncias mais objetivas. Se, por um lado, o discurso pode ter a pretensão de ser objetivo ou preso a qualquer engajamento (seja ele social, econômico, político, cultural, racial ou de gênero, por exemplo), ou seja, de significar algo efetivamente. Por outro, a arte em si, penso, não necessariamente possui qualquer finalidade. A literatura tem um fim em si mesma. A fala de um escritor pode ser fruto de um sentir sem pretensões quaisquer.

O jorro de um sentimento no papel pode simplesmente perder qualquer compromisso com o sentido dado pelo autor do mesmo no momento em que é expressado (através do discurso) ali. Não que este seja o caso de Pepetela – que afirma possuir esse engajamento e essa escrita comprometida com a criação de uma nação, mas, em síntese, é interessante refletir e observei, através das inúmeras leituras sobre a obra de Pepetela que cada pesquisador dá um sentido ou uma leitura a partir de suas capacidades. Ninguém, nem mesmo o autor, pode afirmar “a verdade” do que é dito ali pois a riqueza da linguagem e da metáfora está em sua flexibilidade simbólica. Cada leitor constrói, junto com o texto e com o autor, uma obra distinta para si e esta – obviamente, possui fatos e aspectos em comum para todos os leitores (e neste sentido se estabelece o campo semântico universal da obra), mas também desperta catarses distintas em cada leitor a partir de sua bagagem não apenas cultural, mas psicológica e subjetiva.

A construção da identidade, a relação entre a história e a ficção, a guerra, a luta por independência abraçada, muitas vezes em uma utopia que se esvai a medida que a guerra termina e os problemas continuam, a ética (ou falta dela) a melancolia, a amizade, o eterno regresso ao passado e, sobretudo o ser humano que é representado de modo verossímil (inclusive) através das personagens complexas, dinâmicas, imperfeitas, errantes e ambíguas, descritas nos enredos de cada história, sempre resgatando a História de guerrilheiro do escritor. É possível afirmar, penso, que seu texto não poderia não ser engajado uma vez que o autor é e se diz engajado, o autor viveu ou acredita que viveu o que narra – não necessariamente cada



coisa, mas muitas coisas – seja através das experiências que teve nos anos que lutou, dos livros que leu, dos filmes que assistiu, etc.

### 3 SONHAR É PRECISO

*A vontade utópica autêntica não é de forma alguma um almejar infinito, ao contrário: ela quer o meramente imediato.*

(Ernest Bloch)

Neste capítulo da tese, escrevo sobre as utopias sonhadas antes mesmo de o termo vir a significar um não-lugar ou um lugar idealisticamente perfeito. Inicialmente, abordo a *República* e a organização modelo da sociedade de Platão. Em seguida, apresento a utopia a partir da perspectiva religiosa e o ideal da guerra na obra *Utopia*, de Thomas Morus. Posteriormente, exponho a utopia em *A cidade do Sol*, de Tommaso Campanella. Apresento, ainda, apesar de seus problemas inerentes, algumas das distintas concepções do termo e defendo a fundamental existência de utopias em todos os tempos como pode ser verificado na obra *Princípio esperança* ou *O fim da utopia*. No fechamento do capítulo, proponho possíveis relações entre a ética e a utopia, com *Ética para meu filho*, de Fernando Savater.

A ética pode ser pensada como uma utopia no sentido de que o ser humano só pode transformar a si mesmo. Uma ética aplicável é uma ética autoritária e, desse modo, inaceitável. Ser ético incondicionalmente também pode ser uma utopia: o ser humano falha e, embora esteja condenado a conviver com os próprios erros, é sempre livre para buscar sua melhora interior. Mas não é um caminho simples. Assim, a ética pode ser interpretada, também, como uma utopia.

#### 3.1 O sonho de Platão

Embora a ideia de criar um mundo ideal ou um mundo distinto do que *realmente existe* já fosse tema de investigações desde a *República* de Platão, por exemplo, o termo *Utopia* foi inventado apenas no século XVI pelo filósofo inglês Thomas More, também conhecido pela forma latinizada do seu nome, Thomas Morus, que intitulava um romance filosófico de 1516 – que posteriormente será estudado. Na obra de Platão, o mesmo narra o diálogo em que Sócrates problematiza a natureza da justiça, criticando os governantes por inventarem leis que satisfaziam apenas aos seus próprios interesses. Em oposição a esse modo de governar, o filósofo propõe uma cidade alicerçada na divisão do trabalho, onde cada sujeito teria a sua função social. Em síntese, a ideia fundamental é que se um local nasce das necessidades, da união de indivíduos distintos, é imprescindível pensar no modo de preencher essas lacunas. A diferença entre as pessoas também pressupõe a distinção entre suas funções. Ainda assim, a possibilidade da existência de um único modelo de sociedade - organizada perfeitamente, como

a apresentada em *A República*, é contraditória porque o que é harmônico em uma comunidade pode ser insuportável para outra. Existem, por isso, diferentes concepções de perfeição tendo em vista a quantidade de culturas, cada uma com seu ideal de sociedade perfeita para atender às necessidades de determinada população (BERLIN, 1991).

É possível perceber que, embora Platão não utilize o termo utopia, ele analisa o conceito de modo intenso, pois não vê possibilidade de melhorar o sistema já existente, mas de criar um novo sem quaisquer resquícios do governo da época. Uma espécie de modelo do Estado perfeito. O filósofo não foi o único a projetar um mundo ideal, na Grécia Antiga, outros pensadores também criticavam a corrupção e os desmandos dos governantes através de descrições utópicas em seus textos e poemas. O historiador e crítico social, Russell Jacoby (2007, p. 75) destaca que as utopias criadas durante o período não apenas invocavam os cidadãos a terem uma vida correta, mas, ao projetarem um mundo ideal, os gregos implicitamente criticavam as condições da sociedade e impulsionavam a busca por soluções para os problemas sugeridos.

Ernst Bloch (2006a, p. 311-312) explica que, já na Idade Média, em razão dos princípios religiosos, a representação do conceito de utopia passou a ser relacionado a ideia de habitar um paraíso distante. No princípio, entre os gregos, já existia a felicidade como época áurea, na Bíblia como o primeiro estado livre do pecado no Éden. Ambos, contudo, se perderam, e diante disso vêm novamente ao encontro apenas do futuro, precisamente na crença de um messias, que inexistente entre o povo grego e que entre os romanos aparece apenas no episódio de um presságio da criança divina em Virgílio. No entanto, na *Bíblia*, o messias possui total controle do tempo o que resulta no sonho-desejo de caráter absoluto: o paraíso terrestre estará novamente aberto apenas no fim dos tempos.

Essa crença em um paraíso terrestre ainda existente em algum lugar, que pode apenas ser acessado sem violação dos mandamentos divinos, sempre esteve presente nas expedições medievais. Neste sentido é possível encontrar um projeto utópico em alguns relatos da Bíblia, uma vez que os homens esperam a Terra Prometida, ou o Paraíso. No último, por exemplo, a plenitude da vida não poderia ser alcançada no plano terrestre, mas através do divino, do inalcançável, do transcendente, quer dizer, do que não pode ser exequível pelo ser humano. Segundo a crença bíblica, apenas no Juízo Final, no acerto de contas e no julgamento cristão o indivíduo, obediente das leis divinas, teria acesso ao reino de Deus.

É interessante observar que, de algum modo, as utopias sempre foram uma espécie de apoio ou de modo de sobrevivência, tanto em *A República* quanto na *Bíblia*, essa crença em um mundo ideal radicalmente melhor ajudaram o ser humano diante dos problemas inerentes à

vida. Além de representar um alento ao que não podia ser modificado, as utopias lançavam para amanhã o que não podia ainda ser concretizado no hoje – o que é, sem dúvida, melhor ou mais confortante do que não ter projeção nenhuma. A utopia permite aos homens o impulso para uma mudança afirmativa.

### 3.2 A *Utopia* de Morus

O surgimento do termo se deu a partir de Thomas Morus e a composição do mesmo reúne duas palavras gregas: o "*ου*" (não) e "*τοπος*" (lugar), portanto, ao desconstruir e interpretar a palavra a partir de sua etimologia, Utopia significa um lugar não existente na realidade. A popularidade da expressão *utopia* e a riqueza da obra de Morus se tornaram tão grandes que o termo passou a designar uma espécie de gênero de escrita que é caracterizada por conter como o tema central uma organização política ou social que seja ideal, na maioria dos casos, em contraponto à organização existente. Assim, quando se menciona o termo utopia para designar uma obra, entende-se, por exemplo, que um autor – que viva sob um regime totalitário, escreva uma obra sobre uma sociedade inexistente e que esta, por sua vez, represente um modelo de governo que possa ser considerado ideal.

É pertinente destacar uma das principais diferenças entre uma utopia e uma filosofia moral ou política que pode ser observada através da exposição do pensamento em ambas. Na utopia, o autor não apenas trabalha com conceitos e argumentos, mas expõe esses conceitos aplicando-os a uma situação concreta. Na obra de Morus (escrita em 1516), por exemplo, o autor cria uma ilha/reino, na qual demonstra como seria aplicável uma sociedade igualitária, sem propriedade privada e sem intolerância religiosa. Na obra, narrada com ironia pelo personagem Rafael Hitlodeu, Morus demonstra a razão como o único critério de decisão das condutas sociais e não o autoritarismo do Rei ou da Igreja. O contexto histórico da escrita da obra foi a Inglaterra do século XVI, em que Henrique VIII era chefe de Estado e da Igreja Anglicana. Essa religião foi criada por ele a fim de reverter a proibição da Igreja Católica ao seu novo matrimônio com Ana Bolena.

A primeira parte da obra de Morus é a representação do estado penoso em que o povo inglês vivia sob o reinado de Henrique VII. Nessa época, a avareza do rei não era a única causa de sofrimento da massa inglesa, já que a opressão e o sofrimento atormentava. A nobreza e o clero eram os donos da maior parte da terra e das fortunas públicas. A grande maioria do povo não tinha nenhum acesso a esses bens. Além disso, os grandes senhores mantinham uma multidão de submissos, fosse por amor ao luxo, para assegurar a impunidade de seus crimes,

ou ainda, para utilizá-los como instrumentos de violência quando achassem necessário. Essa subordinação era motivo de desespero e terror dos camponeses e trabalhadores:

Depois de ter na Utopia feito uma sátira a todas as instituições da época, edifica uma sociedade imaginária, ideal, sem propriedade privada, com absoluta comunidade de bens e do solo, sem antagonismos entre a cidade e o campo, sem trabalho assalariado, sem gastos supérfluos e luxos excessivos, com o Estado como órgão administrador da produção, etc.

Embora o caráter essencialmente imaginário e quimérico da "Utopia", a obra de Morus fica na história do socialismo como a primeira tentativa teórica da edificação de uma sociedade baseada na comunidade dos bens. E o seu nome ficou para sempre incorporado ao vocabulário universal como o significado do todo sonho generoso de renovação social (MORUS, 2001, p.8).

Conhecer a vida de Thomas Morus ajuda a compreender as razões da escrita de *Utopia*. Ele era um homem influente no contexto de sua época. Ocupava o cargo de Chanceler de Henrique VIII da Inglaterra e tornou-se amigo de outro importante pensador do período, Erasmo de Roterdã, em Oxford, quando realizava seus estudos lá. Roterdã dedicou a Morus a sua principal obra, *Elogio da loucura*. Ambos eram humanistas, leitores dos filósofos clássicos, e assíduos aos pensamentos estoicos e epicuristas. Contrários à tradição escolástica, tinham interesse em estabelecer uma educação política na qual as pessoas pudessem pensar livremente. A partir dessa base, lançada por eles, as discussões filosóficas posteriores se constituíram. O zelo pela liberdade de pensamento custou a vida de Morus que foi, inicialmente, condenado à prisão por traição e, depois, à morte por recusar-se veementemente ao novo matrimônio de Henrique VIII que contestava um dos dogmas da Igreja Católica, a qual pertencia, em que afirma-se que um novo matrimônio só é aceito em caso da morte do cônjuge.

A segunda parte da obra descreve detalhadamente inúmeros aspectos da ilha Utopia. Trata-se de “um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onze mil passos aproximadamente” (MORUS, 2001, p.73). O local possui cinquenta e quatro cidades e a capital é povoada por trinta famílias, cada uma dirigida por um filarca, que é o integrante mais maduro da mesma. Na tradução literal de Morus (2001, p.209), “De Philarca, de phil ou philo (amigo), é um prefixo grego significando que ama”. A principal missão do filarca é mediar a participação do povo na tomada de decisões políticas, além de supervisionar o trabalho e impedir a preguiça. Um dos costumes é a prática da monogamia, embora cada família nuclear seja integrada a outras famílias com quem tenha laços de sangue. Assim, as famílias possuem entre dez e dezesseis adultos na cidade e até quarenta no campo.

Um dos aspectos fundamentais da ilha é a preocupação com o bem de todos acima do

bem individual. Os utopianos preferem a divisão igual dos bens entre todos, uma vez que acreditam que isso garante a abundância para todos ao invés da concentração de riquezas nas mãos de um pequeno grupo. Nas palavras de Morus:

Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se poderá jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade em que o que há de melhor é a partilha dos piores, e que considereis perfeitamente feliz o Estado no qual a fortuna pública é a presa de um punhado de indivíduos insaciáveis de prazeres, enquanto a massa é devorada pela miséria (MORUS, 2001, p. 65-66).

Assim, o autor justifica a inexistência de propriedade privada na ilha. No que diz respeito ao que significa ser sábio, na ideologia de Morus a sabedoria está relacionada a procurar a felicidade sem violar as leis. Ela está vinculada a ideia de trabalhar pelo bem de todos. Priorizar o bem próprio em detrimento do bem dos outros é considerado uma ação injusta. Assim, privar-se de algum prazer, para comunicá-lo a outrem, é vestígio de um coração nobre e humano, e que, inclusive, torna o ato superior ao prazer sacrificado. Atitudes como esta são recompensadas pela reciprocidade dos serviços e pela leveza da consciência. A lembrança e o reconhecimento do que foi abdicado dão à alma prazer maior do que o objeto de que se foi privado poderia dar ao corpo. O homem que acredita nas verdades religiosas deve estar fortemente convencido de que Deus gratifica a privação espontânea de um prazer efêmero e passageiro, com alegrias inefáveis e eternas. Os “utopianos reduzem todas as ações e mesmo todas as virtudes ao prazer, como finalidade” (MORUS, 2001, p.125).

Outro aspecto sobre o ideal de Morus (2001) é que, em Utopia, a legislação é demasiado pequena. A administração é a responsável por distribuir indistintamente seus benefícios por todas as classes de cidadãos. A recompensa se dá através do mérito; e, ao mesmo tempo, a riqueza nacional é tão igualmente repartida que cada um aproveita abundantemente de todos os benefícios da vida.

Os utopianos não veem felicidade em nenhuma espécie de voluptuosidade; para eles, ela está unicamente nos prazeres bons e honestos: “É para esses prazeres que tudo, até a própria virtude, arrasta irresistivelmente a nossa natureza; são eles que constituem a felicidade” (MORUS, 2001, p. 122). Virtude para eles significa viver segundo a natureza. Deus, criando o ser humano, não teria pensado em outro destino.

Os utopianos não veem felicidade em nenhuma espécie de voluptuosidade; para eles, ela está unicamente nos prazeres bons e honestos. “É para esses prazeres que tudo, até a própria virtude, arrasta irresistivelmente a nossa natureza; são eles que constituem a felicidade”

(MORUS, 2001, p. 122). Virtude para eles significa viver segundo a natureza. Deus, criando o ser humano, não teria pensado em outro destino.

Morus era profundamente católico, inclusive viveu quatro anos em um mosteiro, mas acabou desistindo por concluir que não tinha vocação para o sacerdócio. No entanto, permaneceu religioso durante toda a sua vida e embora tenha sido veementemente contra à Igreja Anglicana criada pelo rei, no seu mundo ideal, a ilha Utopia, todos possuem um ideal de liberdade religiosa na qual apenas deveriam ser vistos com desconfiança aqueles que não declaravam nenhuma fé. Esse ideal de liberdade religiosa é um tanto questionável: se os utopianos são considerados dignos de desconfiança por não demonstrarem nenhum tipo de crença, então não possuem, de fato, liberdade religiosa. Enfim, no pensamento de Morus, a fé é a consequência da razão e, assim, instrumento para o exercício da justiça: os utopianos creem em Deus porque, pela razão, reconhecem que sua existência depende dele; é através da crença em um julgamento futuro que torna-os aplicados a exercer a justiça e a renegarem os prazeres de forma depravada. Em outras palavras: a fé em Deus é recomendada aos utopianos, embora estes possam discordar a respeito de identidade.

Os princípios religiosos básicos dos utopianos estão alicerçados no cristianismo e, também, em escolas filosóficas como o estoicismo e o epicurismo e são estruturados em algumas verdades fundamentais, são elas: a crença na existência de um ser soberano “eterno, imenso, desconhecido, inexplicável, acima das percepções do espírito humano, enchendo o mundo inteiro com sua onipotência e não com sua vastidão corpórea.” (MORUS, 2001, p. 178); a ação de Deus é amável em relação aos homens; e a fé na providência e na retribuição futura para a alma, que nunca morre.

As religiões, em Utopia, variam muito. Não apenas de uma província para outra, mas dentro das próprias cidades; alguns adoram o sol, outros divinizam a lua ou um planeta qualquer. Alguns veneram um homem cuja glória e virtude brilharam intensamente. “O povo utopiano é espiritual, amável, engenhoso, ama o lazer, é paciente no trabalho, quando o trabalho é necessário; sua paixão favorita é o exercício e o desenvolvimento do espírito” (MORUS, 2001, p. 138). A Deus, os utopianos atribuem a origem, o crescimento, o progresso, as revoluções e o fim de todas as coisas. Embora exista essa diversidade de crenças, todos os utopianos concordam na existência de um ser supremo – ao mesmo tempo Criador e Providência: “Este ser é designado, na língua do país, sob o nome comum de Mitra. A dissidência consiste em que Mitra não é o mesmo para todos” (MORUS, 2001, p. 178-179). Entretanto, independente da forma como cada um represente seu Deus, os utopianos adoram, sob esta forma, a natureza majestosa e potente, a quem pertence o soberano império de todas as

coisas, por aceitação geral de todos.

Em Utopia, a variedade de superstições, com o passar do tempo, deve desaparecer e se converter em uma só religião. Morus acredita que a fusão aconteceria mais rapidamente, na sua obra, se não fossem os infortúnios imprevistos e pessoais que impedem a conversão de um grande número. Isso ocorre também porque muitos, ao invés de atribuírem ao acaso os acidentes da vida, interpretam-nos, a partir do terror supersticioso que sentem, como uma vingança do Deus que estavam prestes a abandonar. “Temem que Deus se vingue de sua apostasia” (MORUS, 2001, p. 179).

Os utopianos acreditam numa vida futura em que punições são preparados para os crimes e gratificações para as virtudes. Não denominam como homens àqueles que negam estas verdades e que rebaixam a natureza sublime de sua alma à vil condição de um corpo de animal:

Quem pode duvidar, com efeito, que um indivíduo que não tem outro freio senão o código penal, outra esperança que a matéria e o nada, não encontra prazer em iludir, astuciosa e secretamente, as leis de seu país, ou violá-las pela força, desde que satisfaça a sua paixão e o seu egoísmo? (MORUS, 2001, p. 183).

Os materialistas não recebem homenagens, não são dignos de magistraturas ou cargos públicos e são desprezados como seres de natureza inerte e impotente. Contudo, não são condenados em razão da convicção generalizada de que ninguém está no poder de decidir por uma punição adequada. Os materialistas não recebem ameaças para que não precisem dissimular suas próprias opiniões.

A dissimulação está proscrita em Utopia e a mentira é tão detestada quanto a trapaça. Embora os materialistas não possuam o direito de sustentar seus princípios em público, eles podem fazê-lo em particular, junto a padres, por exemplo. Um modo de tentar dissuadi-los é o convite insistente para conferências com este propósito, na esperança de que seu delírio dê lugar à razão.

Outro aspecto se sobressai no contexto da ilha de Morus: os utopianos abominam a guerra como algo puramente animal e reconhecem que o homem, no entanto, a pratica com mais frequência do que qualquer espécie. Em oposição aos costumes de praticamente todas as nações, nada é tão digno de vergonha na Utopia do que buscar a glória nos campos de batalha. Isso não significa, no entanto, que eles não se exercitem assiduamente na disciplina militar. As mulheres, inclusive, são obrigadas a isso tanto quanto os homens. Há dias fixos para os exercícios, para que ninguém fique desabilitado para o combate quando chegar o momento de o fazer. Entretanto, os utopianos não fazem a guerra sem o que Morus (2001, p.160) denomina como “graves motivos”, que são: “defender suas fronteiras ou repelir uma invasão inimiga nas



terras de seus aliados, ou ainda para libertar da escravidão e do jugo de um tirano um povo oprimido” (MORUS, 2001, p. 160). Nestas circunstâncias, os utopianos não consultam os seus interesses, mas pensam apenas o bem da humanidade.

A população de Utopia também sofre amargamente sobre o triunfo de uma vitória sangrenta e se envergonham realmente, considerando um absurdo obter vantagens ao preço de sangue humano. Para ela, o título mais belo de prestígio é vencer o inimigo através da habilidade e do artifício. Nestes momentos celebram os triunfos públicos e erguem os troféus. Agir como homens e como heróis significa vencer “unicamente pela força da razão, coisa de que não é capaz nenhum animal, exceto o homem” (MORUS, 2001, p. 163-164). Eles argumentam que os animais ferozes apenas sabem empregar as forças corporais no combate; a maioria deles domina o homem em audácia e vigor, entretanto, todos, se encurvam ao império da inteligência e da razão.

Fazendo guerra, os utopianos não possuem outro intuito que não seja obter o que lhes teria evitado declará-la, caso suas reivindicações fossem atendidas antes da ruptura da paz. Neste sentido, quando toda a reivindicação não é possível, vingam-se sobre os provocadores, com o objetivo de impedir, através do terror, os que ousassem arriscar repetir semelhantes acometimentos, futuramente. Eles observam tão rigorosamente as tréguas finalizadas com o inimigo, que não as violam nem mesmo em caso de provocação. Sua conduta é a de não devastar as terras do país conquistado e não queimar suas colheitas. Devem, até mesmo, impedir, sempre que possível, que elas sejam pisadas sob os pés dos homens e dos cavalos, na prevenção de que venham a necessitar delas em algum momento. Outras atitudes e virtudes dos utopianos podem ser observadas a seguir:

Nunca maltratam um homem sem armas, a menos que seja espião. Conservam as cidades que se rendem e não abandonam à pilhagem as que tomam de assalto. Apenas, matam os principais chefes que puserem obstáculos à rendição da praça, e condenam à escravidão o resto dos que sustentaram o sítio. Quanto à massa indiferente e pacífica, deixam-na em paz. Se sabem que um ou mais sitiados haviam aconselhado a capitulação, dão-lhes uma parte dos bens dos condenados; a outra parte é para as tropas auxiliares. Não tocam no despojo (MORUS, 2001, p. 175).

Ao fim da obra, Morus observa extasiado o universo por ele inventado: “Pus-me, então, a louvar as instituições utopianas e a narrativa feita. Depois tomei pela mão o narrador, a fim de levá-lo a cear, e prometi que [...] teríamos ocasião de meditar mais profundamente sobre essas matérias, e de juntos conversar mais demoradamente” (MORUS, 2001, p. 207). O autor suplica, ainda, a Deus que isto algum dia aconteça, porque, mesmo que não concorde absolutamente com todo o pensamento do narrador Rafael “homem, aliás incontestavelmente

muito sábio e muito hábil nos negócios humanos” (MORUS, 2001, p. 207), confessa, sem dificuldade, que entre os utopianos há inúmeras coisas que aspira ver instituídas nas cidades em que realmente viveu. “Aspiro, mais do que espero”, o autor finaliza (MORUS, 2001, p. 207).

### 3.3 O sol de Campanella

Quase um século após a obra de Morus, Tommaso Campanella, monge e filósofo, publica *A Cidade do Sol* (1602), considerada uma das suas principais obras, cuja temática se assemelha ao estilo utópico das anteriores. Desde jovem, Campanella apresentava inclinação filosófica. Suas primeiras obras levaram-no a prisão por acusações de heresia. A perspectiva de mundo do pensador buscava aproximar os dogmas cristãos às novas concepções científicas e religiosas, o que rendeu inúmeras prisões e torturas, chegando a vinte e sete anos encarcerado, período em que escreveu a maioria de suas obras, inclusive *A Cidade do Sol* em que idealiza uma pólis minuciosamente organizada e feliz, na qual os moradores possuem todas as necessidades supridas e ocupações específicas a partir de suas aptidões pessoais.

Na Cidade do Sol todos os habitantes trabalham para o bem comum e o ócio é inaceitável. Na mesma perspectiva de Platão e Morus, Campanella faz uma crítica feroz à sociedade, especificamente à riqueza, à pobreza e à ostentação presentes na corte europeia. Os governantes da cidade são os cidadãos considerados mais sábios, semelhante à República em que Sócrates considerava os filósofos como os dirigentes mais adequados uma vez que somente os homens sábios tem ideia do bem, do belo e da justiça.

É importante refletir sobre esse ideal de sabedoria apontado pelos filósofos como o melhor. A ressalva é no sentido de ser, no mínimo, curioso e egocêntrico que os pensadores acreditem que detêm o mais apropriado dos saberes para governar. Em que medida isso é distinto, por exemplo, de um juiz que acredita ser o mais justo, de um médico que defende ser o mais necessário ou de um militar que garante ser o mais insubstituível? Em que ponto isso é diferente de um professor que garante o seu ofício como o princípio fundamental de todos os outros? Todos indispensáveis, a seu modo. Diferentes em especificidades. Semelhantes em justificar sua absoluta imprescindibilidade. O pensador que aponta com suposta neutralidade o que observa do todo não está imune aos vícios do próprio ego.

Retomando a *Cidade do Sol*, um sacerdote chamado de Hoh ou o Metafísico detém o poder mais elevado da sociedade acompanhado de três triúnviros, que são chefes com ocupações específicas: a Potência (Pon) – representante das artes militares para proteção da cidade a fim de manter a paz ou em caso de guerra; Sapiência (Sin) – encarregado de todas as artes, das ciências e mecânicas; e o Amor (Mor) – responsável pela geração, alimentação e

pelos vestuários. Todos são igualmente educados em todas as artes. No que diz respeito à geração, essa *questão* é controlada pelo Estado. Já a prole mais adequada deve apresentar casais com proporções corporais específicas: “Uma mulher grande e bela se une a um homem robusto e apaixonado, uma gorda a um magro, uma magra a um gordo e, assim, com sábio e vantajoso cruzamento, moderam-se todos os excessos” (CAMPANELLA, 2001, p. 34).

Outras minúcias, como a hora exata de nascimento das crianças, também é determinada pelos médicos e astrólogos de acordo com as melhores condições para os geradores e geradoras. Na sociedade de Campanella há uma comunidade das mulheres e não existe casamento. Não há propriedade privada e por julgarem que toda a propriedade e diferenças que advêm dela tem “origem e força na posse separada e individual das casas, dos filhos e das mulheres” (CAMPANELLA, 2001, p. 19). Para o pensador, o amor-próprio é um enfraquecedor do interesse público. Diante disso, a ausência de amor-próprio garante a prevalência de amor à comunidade.

As diferentes abordagens utópicas apresentadas possuem aspectos positivos e negativos em cada autor. Isso porque se cada um de nós criasse uma utopia em relação ao nosso mundo ideal, felizmente ou não, teríamos sete bilhões de considerações deste planeta – baseadas em crenças, culturas e valores distintos. O mundo não está fora. Cada indivíduo é um mundo. Neste sentido, uma das contribuições mais importantes que podemos oferecer ao planeta é a nossa evolução interna e ela tem origem no nosso pensamento. Neste sentido, a temática permite refletir sobre o que, diante da incerteza e da inconstância de existir, pode ser lapidado, mesmo que isso pareça impossível.

A utopia é uma projeção de futuro indispensável para a sobrevivência humana. Ao projetar para o futuro uma ideia melhorada da realidade presente, damos sentido a nossa existência: a busca. A continuidade, essa constante força interior que nos impulsiona e motiva diariamente. Entretanto, conforme pode ser observado na utopia de Morus, ela pode se tornar autoritária e/ou paralisante. Assim, ela é tanto uma possibilidade de avanço quando combinada a ações, ou seja, quando o pensamento ideal se transforma, de algum modo, numa tomada de decisões que possam provocar essa evolução, quanto um retrocesso, se partir de um pensamento autoritário ou paralisante, por exemplo.

### **3.4 Utopia: cada um com a sua**

Como é possível perceber, o tema da utopia como objeto de estudo apresenta grandes desafios em função da numerosa possibilidade de perspectivas interpretativas e conceituais. Considerando que, no campo da utopia, os limites flexíveis são recorrentes e no livro *Concept*

of *utopia*, Ruth Levitas reconhece essa percepção no fragmento a seguir:

As variações nas formas da expressão utópica significam que ela pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas inerentes a várias disciplinas: história, literatura, teologia, antropologia cultural, sociologia, teoria política, psicologia podem todas se preocupar com representações do mundo em que gostaríamos de viver (LEVITAS, 2010, p. 1-2).

Nesse contexto, podemos observar as características da utopia a partir de diferentes áreas de conhecimento. Na psicologia, por exemplo, o princípio utópico é uma representação de procedimentos psíquicos e, deste modo, transforma-se em uma zona potencial de ilusão criativa (KAËS, 1998, p. 774); essa capacidade criadora é citada no verbete do dicionário de arquitetura que escolhe apenas dois adjetivos para caracterizar a utopia: fantástica e visionária (BURDEN, 1998, p. 227), ou seja, são ideias que libertam o sujeito do prosaico e do realismo para o futuro e para o mágico.

No caso da área da filosofia, Abbagnano (1998, p. 987) entende que é nesse rascunho de possível futuro que o indivíduo verifica a indicação do que é “difícil” ou “impossível”. Mumford, na obra *História das utopias*, define o termo do seguinte modo: “utopia é, desde há muito, um nome para designar o irreal e o impossível” (MUMFORD, 2007, p. 19). Contudo, definir o que é difícil ou impossível demanda questões ideológicas – argumentação levantada pelo verbete do dicionário de política (SOUSA, 1998, p. 541). Futuro e projetos transmitem a imagem de desenhos sociais (comunidades, organização social, cidades) sublimes – desse modo, diferentes e, sobretudo, melhores do que a organização do mundo empírico. Daí emerge a criticidade intrínseca à utopia, a qual se relaciona o ideal de “romance filosófico” (ABBAGNANO, 1998, p. 987) e “ficção política” (SOUSA, 1998, p. 541), e são, nesta perspectiva, espaços de reflexão.

Fátima Vieira (2010, p.8) descreve a utopia como um jogo que implica a realização de um pacto entre o utopista e o leitor: o utopista apresenta ao leitor uma sociedade que não existe; e este finge acreditar no autor, mesmo consciente da inexistência de tal sociedade. Vita Fortunati, também apresenta a utopia como um jogo, porém as peças são outras: “No xadrez, o bispo, a torre, o cavaleiro e a rainha simulam a batalha; na utopia, o não-lugar, a viagem, o desenho de alguma cidade simulam a sociedade”<sup>15</sup> (FORTUNATI, 2000, p. 635).

No capítulo “Notas sobre utopia” da obra *Um convite à utopia*, Marilena Chauí, conhecida por sua produção acadêmica provocativa e militância política em defesa da

---

<sup>15</sup> “In chess, the bishop, the rook, the knight and the queen, all simulate the battle; in utopia, the elsewhere, the journey, the layout of some city, these simulate society”

democracia e de um mundo mais justo, a respeitada filósofa brasileira, explica que a utopia surge como um gênero literário, ou seja, a narrativa sobre uma sociedade perfeita e feliz; e como um discurso político, em que ela é a exposição sobre a cidade justa. Ela aponta curiosidades no que diz respeito ao uso da palavra: “Em grego, *tópos* significa lugar e o prefixo ‘u’ tende a ser empregado com significado negativo, de modo que utopia significa ‘não lugar’ ou ‘lugar nenhum’” (CHAUÍ, 2016, p.30). A noção negativa da palavra utopia adverte para o traço definidor do discurso utópico, que é o não-lugar, aquele que nada tem em comum com o lugar em que o utopista vive – eles são o encontro com o absolutamente outro, a alteridade absoluta. Chauí também apresenta uma síntese das principais características da utopia. Neste sentido, em sua busca pela alteridade perfeita, a utopia é: (1) normativa, já que propõe um mundo tal como deve ser, em oposição ao mundo existente; (2) é sempre totalizante e crítica ao mundo que se tem (assim, ela só é possível quando há a representação de outra sociedade que negue tema por tema a sociedade existente. A utopia consiste na criação de um mundo completo; (3) é a visão do presente sob a perspectiva da angústia, da crise, da injustiça, do mal, da corrupção e da rapina, do pauperismo e da fome, da força dos privilégios e das carências. O presente é compreendido como violento; (4) é radical, uma vez que busca tanto a liberdade e a felicidade individual quanto pública; (5) é uma maneira peculiar da imaginação social, que procura combinar o irrealismo, ou a crença na completa transparência do social, e o realismo, através da apresentação dos pormenores da nova sociedade; (6) é um discurso cujas fronteiras são móveis, isso significa que a utopia pode ser literária, arquitetônica, religiosa, política.

O essencial, porém, é que esse discurso não é um programa de ação, mas um exercício de imaginação. Neste sentido, Chauí percebe a figura do utopista como “um revolucionário ou reformador consciente do caráter prematuro e extemporâneo de suas ideias que não podem ser postas como um programa” (CHAUÍ, 2016, p.33).

A pensadora indica que a utopia, entre os séculos XVI e XVIII, é um jogo intelectual no qual o possível é imaginário, combinando a nostalgia de um mundo perfeito perdido e a imaginação de um mundo novo instituído pela razão. Em oposição, a utopia do século XIX deixa de ser um jogo intelectual e se torna um projeto político, no qual o possível está inscrito na história – que deixa de ser a narrativa de grandes feitos e de acontecimentos aleatórios e passa a ser vista como ciência do encadeamento causal necessário dos fatos e das instituições humanas. Ou seja, contemporaneamente a utopia é deduzida de teorias sociais e científicas. Sua concretização é tida como inevitável porque o curso da história e o conhecimento de suas leis universais garantem que ela se realizará. Assim ela deixa de ser apenas narrativa literária e

torna-se uma prática organizada, passando a ser encarada pelos poderes vigentes como um perigo real e a ser censurada como loucura.

A partir dos efeitos da ciência e da técnica — ou seja, da segunda revolução industrial e da ideia de passo essencial da história como progresso — o discurso utópico se torna realista e pragmático. Chauí entende que há uma positivização do imaginário utópico com a finalidade de aproximar a cidade imaginária da real, unir a história desejada à vivida. Engels e Marx criticam o socialismo utópico em relação a esse novo contexto. Para os pensadores a utopia é um pressentimento ou uma prefiguração de um saber sobre a sociedade que o marxismo resgata no plano de uma ciência da história.

Em outras palavras, assim como da alquimia se passou à química e da astrologia à astronomia, Chauí defende que também é possível passar do socialismo utópico ao socialismo científico, já que o primeiro “é uma sabedoria afetiva e parcial, expressão do imaginário dos oprimidos. Em contrapartida, o socialismo científico é o amadurecimento racional do saber utópico dos dominados e o amadurecimento racional de sua prática política” (2016, p.42). O socialismo científico se dá pela transformação do afetivo em racional, do parcial em totalizante, da antecipação ou pressentimento em emancipação revolucionária.

Chauí observa que o marxismo resgata o sentido do socialismo utópico assinalando sua parcialidade e pouca historicidade. A crítica marxiana se distingue de alguns pensadores da crítica conservadora como Comte, Durkheim, Sombart, que defendem que a utopia é um miserabilismo originário do medo da proletarização, é uma alucinação, fantasia e loucura causada pelo excesso de imaginação. Isso porque os conservadores entendem a história a partir da natureza e, diante disso, afirmam que a utopia é antinatural, absurda. Para os conservadores, desejar o fim da propriedade privada seria o mesmo que desejar a fonte da eterna juventude, uma impossibilidade natural. Marx e Engels, por sua vez, reconhecem e diferenciam dois tipos de propriedade: “a propriedade privada dos bens necessários à vida e à vida feliz, e a propriedade social dos meios sociais de produção” (2016, p.43).

Com base nos dois tipos de propriedade, Marx e Engels distinguem dois tipos de utopia: a inaceitável – que continua como sombra da sociedade existente, oferecendo-se como doutrina, sistema, filosofia e pedagogia para as massas; e a que o socialismo científico assimila e transforma: que nega a sociedade presente, antecipando e prefigurando a sociedade futura como sociedade nova. Em síntese, o socialismo marxiano valoriza na utopia seu caráter antecipador de um saber concreto sobre o social e seu caráter prefigurador da sociedade nova.

No capítulo “A verdadeira utopia”, da mesma obra, anteriormente mencionada, o respeitado polemista no universo intelectual da contemporaneidade, Slavoj Žižek, garante que

a única verdadeira questão da atualidade é: "o capitalismo global contém antagonismos fortes o suficiente para impedir sua reprodução indefinida?" (2016, p.294) O próprio autor aponta quatro antagonismos, são eles: a ameaça imediata de uma catástrofe ambiental, o caráter inapropriado da propriedade privada para designar a chamada "propriedade intelectual", as implicações socioéticas dos novos desenvolvimentos tecnocientíficos (especialmente no que diz respeito a biogenética) e, por fim, mas não menos importante, os novos modos de apartheid, os novos muros e as favelas. Zizek ressalta a necessidade de uma noção mais radical do sujeito proletário, que na atualidade é um sujeito reduzido a um ponto instável do projeto cartesiano, privado de sua natureza essencial. Em função disso, o autor explica que a nova política emancipatória não será mais o ato de um único agente social, mas uma impetuosa combinação de agentes distintos.

O que une esses agentes sociais, em contraste com a clássica imagem dos proletários que não tem "nada a perder senão seus grilhões", é o fato de que o sujeito corre o risco de perder tudo. A ameaça, para Zizek, é que os seres humanos sejam reduzidos a sujeitos cartesianos abstratamente vazios, desprovidos de todos os conteúdos substanciais, desprovidos de substância simbólica e com a base genética manipulada, condenados a vegetar num meio ambiente inabitável. Esses fatores ameaçam não apenas a base mas a integralidade dos indivíduos, de algum modo, todos proletários, reduzidos à "subjetividade sem substância",

Para Zizek, o Comunismo hoje não é o nome da solução, mas o nome do problema: o problema dos comuns em todas as dimensões - os comuns da natureza como a substância da vida humana; o problema da biogenética comum; o problema da cultura comum ("propriedade intelectual") e, por último, mas não menos importante, diretamente o problema dos comuns como espaço universal da humanidade, do qual ninguém deveria ser excluído. Neste sentido, a verdadeira utopia atualmente "é a de que seremos capazes de resolver nossos problemas com transformações modestas no sistema existente". A única opção realista é fazer o que parece impossível nesse sistema" (ZIZEK, 2016, p.296-297). Fazer o que parece impossível é entender que a luta do sujeito "não é contra indivíduos corruptos concretos, mas contra todos aqueles no poder em geral, contra sua autoridade, contra a ordem global e a mistificação ideológica que a sustenta" (2016, p. 297). Para Zizek isso significa endossar a fórmula de Badiou, *mieux vaut un desastre qu'un desètre*, ou seja: é melhor assumir o risco e se engajar na fidelidade ao evento-verdade, mesmo que esta termine em catástrofe, do que vegetar na sobrevivência hedonista-

utilitarista sem-eventos daquilo que Nietzsche chamou de último homem (a antítese do *Übermensch*<sup>16</sup>).

Para Žižek o que se deve rejeitar é a ideologia liberal-vitimista que reduz a política à decisão de se afastar do que é pior, renunciando-se, assim, a todos os projetos positivos para perseguir a opção menos ruim. E sua perspectiva essa ideologia assume, tanto à esquerda quanto à direita do largo espectro político ideológico, uma carga semântica por vezes negativa.

Luigi Firpo (2005), por sua vez, aponta as três dimensões que delineiam o entendimento de utopia enquanto gênero literário. Neste sentido a utopia precisa ser “global”, “radical” e “prematura”. Global por abranger “na sua totalidade o modo de viver dos homens em sociedade, isto é, um projeto que não seja voltado para um único fim, mas que seja porém importante e significativo” (FIRPO, 2005, p. 229); radical porque uma utopia não é um mero ajuste ou pequenas transformações na estrutura social; finalmente, a utopia é prematura porque ela é, ainda, uma mensagem pronunciada antes de seu tempo, dirigida e interpretada pelas gerações futuras (FIRPO, 2005). O autor explica que existe nessa concepção do termo uma negação da ação imediata (característica ligada ao discurso político que busca uma ação). Embora essas três dimensões sejam importantes para o conceito do gênero utópico elas não ocorrem em sua totalidade.

Miguel (2017, p. 197) define a utopia como um modo de pensar sobre alternativas à realidade, “espanando a acomodação diante de conceitos, categorias e formas de reflexão dominantes”. Além de propor uma aceção da utopia enquanto um gênero, Luiz Felipe Miguel (2017), apresenta outras compreensões de utopia(s), criadas por teóricos de diferentes linhas políticas. Para o cientista político, uma ideia fundamental de utopia é aquela que “direciona a ação política e potencializa a insatisfação com o mundo existente” (MIGUEL, 2017, p. 160). Nesta perspectiva, o autor aponta que a utopia pode ser pensada como um modo de se aproximar de uma sociedade ideal, sem, no entanto, deixar de estar ligada a um movimento real.

Ainda em relação à perspectiva política, Miguel explica que a narrativa utópica garante a sociedade humana como autoinstruída, isto significa que ela é regida por normas que as mulheres e os homens se ofereceram e que, se tiverem interesse, podem mudar. Em qualquer concepção política transformadora existe, ao menos em princípio, a projeção de uma nova

---

<sup>16</sup> Termo descrito na obra *Assim Falou Zaratustra (Also sprach Zarathustra)*, em que Friedrich Nietzsche explica os passos através dos quais o homem pode se tornar um 'além-homem' (*homo superior* ou Além-do-humano) que pode ser alcançada: a) através de um processo contínuo de superação que se dá por meio da constante transvaloração de todos os valores do indivíduo; e também através da sede de poder, a vontade de potência, que se manifesta criativamente em superar o niilismo e refletindo sobre ideias velhas ou criando novas.



sociedade, que jamais foi realizada. Caso isto não exista, a disputa política se limita à mera alocação de recursos (MIGUEL, 2017, p. 161).

Para Darko Suvin (2003, p. 189) a utopia relaciona-se à criação de um campo do saber e, em especial, a um fazer artístico que tematiza esse saber. O autor aponta que ao pesquisar a temática outras palavras surgem, como, por exemplo: eutopia, anti-utopia, utopia satírica, utopia crítica, distopia, distopia crítica. São algumas nomenclaturas que podem ser subgêneros do grande gênero “utopia”; ou apenas variações da mesma. Independentemente disso, a característica que une todas é a preocupação com a organização de uma sociedade, suas instituições, normas e relações sociais – sejam elas positivas ou negativas.

Neste sentido, é impossível descrever a utopia sem mencionar o que alguns autores podem considerar como o seu contrário. Suvin (2015) resume o vínculo entre utopia e distopia como o movimento entre “a descrição de Mundos Possíveis radicalmente melhores” e “a descrição de Mundos Possíveis radicalmente piores”. Segundo o conceito do teórico, a distopia está ligada à percepção de declínio social, ao enfraquecimento das grandes bases políticas e cuja principal consequência é a ruína dos trabalhadores. Ela se refere a uma situação na qual o poder do Estado é diminuído por um “complexo midiático, militar e corporativo”, e os governantes são reduzidos por “uma agregação anônima de diretórios interligados” (SUVIN, 2015, p. 453).

Contudo, se por um lado a distopia relaciona-se com decadência e empobrecimento, por outro, ela propõe mecanismos de defesa contra uma realidade primitiva e gravemente controlada. Suvin, explica, neste sentido, que como gênero literário a distopia está viva e potente em qualquer lugar onde a esfera e a reflexão públicas ainda ofereçam a possibilidade de não estarem limitadas à mera luta pela sobrevivência imediata. “Uma tal luta psicofísica não admite tempo ou dinheiro para a escrita e a leitura de ficção: de fato, acredito que a “precarização” de intelectuais e dos jovens seja um movimento ou uma manobra cujo objetivo é impedi-los de pensar (SUVIN, 2015, p. 457).

No capítulo “A verdadeira utopia”, da mesma obra, anteriormente mencionada, o respeitado polemista no universo intelectual da contemporaneidade, Slavoj Žižek, garante que a única verdadeira questão da atualidade é: “o capitalismo global contém antagonismos fortes o suficiente para impedir sua reprodução indefinida?” (2016, p.294) O próprio autor aponta quatro antagonismos, são eles: a ameaça imediata de uma catástrofe ambiental, o caráter inapropriado da propriedade privada para designar a chamada “propriedade intelectual”, as implicações socioéticas dos novos desenvolvimentos tecnocientíficos (especialmente no que diz respeito a biogenética) e, por fim, mas não menos importante, os novos modos de apartheid,

os novos muros e as favelas. Zizek ressalta a necessidade de uma noção mais radical do sujeito proletário que, na atualidade, é um sujeito reduzido a um ponto instável do projeto cartesiano, privado de sua natureza essencial. Em função disso, o autor explica que a nova política emancipatória não será mais o ato de um único agente social, mas uma impetuosa combinação de agentes distintos.

O que une esses agentes sociais, em contraste com a clássica imagem dos proletários que não tem “nada a perder senão seus grilhões”, é o fato de que o sujeito corre o risco de perder tudo. A ameaça, para Zizek, é que os seres humanos sejam reduzidos a sujeitos cartesianos abstratamente vazios, desprovidos de todos os conteúdos substanciais, desprovidos de substância simbólica e com a base genética manipulada, condenados a vegetar num meio ambiente inabitável. Esses fatores ameaçam não apenas a base mas a integralidade dos indivíduos, de algum modo, todos proletários, reduzidos à “subjetividade sem substância”,

Para Zizek, o comunismo, hoje, não é o nome da solução, mas o nome do problema: o problema dos comuns em todas as dimensões - os comuns da natureza como a substância da vida humana; o problema da biogenética comum; o problema da cultura comum (“propriedade intelectual”) e, por último, mas não menos importante, diretamente o problema dos comuns como espaço universal da humanidade, do qual ninguém deveria ser excluído. Neste sentido, a verdadeira utopia atualmente “é a de que seremos capazes de resolver nossos problemas com transformações modestas no sistema existente”. A única opção realista é fazer o que parece impossível nesse sistema” (ZIZEK, 2016, p.296-297).

Fazer o que parece impossível é entender que a luta do sujeito “não é contra indivíduos corruptos concretos, mas contra todos aqueles no poder em geral, contra sua autoridade, contra a ordem global e a mistificação ideológica que a sustenta” (2016, p. 297). Para Zizek isso significa endossar a fórmula de Badiou, *mieux vaut un desastre qu'un desètre*, ou seja: é melhor assumir o risco e se engajar na fidelidade ao evento-verdade, mesmo que esta termine em catástrofe, do que vegetar na sobrevivência hedonista-utilitarista sem-eventos daquilo que Nietzsche chamou de último homem (a antítese do *Übermensch*<sup>17</sup>).

Para Zizek, o que se deve rejeitar é a ideologia liberal-vitimista que reduz a política à decisão de se afastar do que é pior, renunciando-se, assim, a todos os projetos positivos para

---

<sup>17</sup> Termo descrito na obra *Assim Falou Zaratustra (Also sprach Zarathustra)*, em que Friedrich Nietzsche explica os passos através dos quais o homem pode se tornar um 'além-homem' (*homos superior* ou Além-do-humano) que pode ser alcançada: a) através de um processo contínuo de superação que se dá por meio da constante transvaloração de todos os valores do indivíduo; e também através da sede de poder, a vontade de potência, que se manifesta criativamente em superar o nihilismo e refletindo sobre ideias velhas ou criando novas.

perseguir a opção menos ruim. E sua perspectiva essa ideologia assume, tanto à esquerda quanto à direita do largo espectro político ideológico, uma carga semântica por vezes negativa.

Luigi Firpo (2005), por sua vez, aponta as três dimensões que delineiam o entendimento de utopia enquanto gênero literário. Neste sentido a utopia precisa ser “global”, “radical” e “prematura”. Global por abranger “na sua totalidade o modo de viver dos homens em sociedade, isto é, um projeto que não seja voltado para um único fim, mas que seja porém importante e significativo” (FIRPO, 2005, p. 229); radical porque uma utopia não é um mero ajuste ou pequenas transformações na estrutura social; finalmente, a utopia é prematura porque ela é, ainda, uma mensagem pronunciada antes de seu tempo, dirigida e interpretada pelas gerações futuras (FIRPO, 2005). O autor explica que existe nessa concepção do termo uma negação da ação imediata (característica ligada ao discurso político que busca uma ação). Embora essas três dimensões sejam importantes para o conceito do gênero utópico elas não ocorrem em sua totalidade.

Miguel (2017, p. 197) define a utopia como um modo de pensar sobre alternativas à realidade, “espanando a acomodação diante de conceitos, categorias e formas de reflexão dominantes”. Além de propor uma acepção da utopia enquanto um gênero, Luiz Felipe Miguel (2017), apresenta outras compreensões de utopia(s), criadas por teóricos de diferentes linhas políticas. Para o cientista político, uma ideia fundamental de utopia é aquela que “direciona a ação política e potencializa a insatisfação com o mundo existente” (MIGUEL, 2017, p. 160). Nessa perspectiva, o autor aponta que a utopia pode ser pensada como um modo de se aproximar de uma sociedade ideal, sem, no entanto, deixar de estar ligada a um movimento real.

Ainda em relação à perspectiva política, Miguel explica que a narrativa utópica garante a sociedade humana como autoinstruída, isto significa que ela é regida por normas que as mulheres e os homens se ofereceram e que, se tiverem interesse, podem mudar. Em qualquer concepção política transformadora existe, ao menos em princípio, a projeção de uma nova sociedade, que jamais foi realizada. Caso isto não exista, a disputa política se limita à mera alocação de recursos (MIGUEL, 2017, p. 161).

### **3.5 Tempos difíceis para os sonhadores**

Em *Princípio esperança*, Ernest Bloch (2005, p. 13) propõe perguntas relacionadas a nós mesmos e ao tempo presente, passado e futuro. O autor questiona: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? O que esperamos? O que nos espera? Obviamente as respostas variam de acordo com cada leitor, mas a motivação do autor é refletir sobre o fato de que se o presente é feito a partir de reminiscências do passado, do mesmo modo, o futuro se desenha a

partir de um presente que ainda não é, mas que carrega a possibilidade do vir a ser. Apenas porque ainda não temos as respostas sobre o futuro, isso não significa que, antiutopicamente<sup>18</sup>, ele não existirá. Fabiana Feitosa (2015, p.35) aponta um problema ligado a expectativa criada a partir da utopia: “é que no passado, muitos pensadores reduziram o futuro a uma visão idealizada, e quando seus ideais utópicos não foram concretizados, instaurou-se a chamada - crise das utopias”.

Nessa perspectiva, Jacoby (2001, p. 218-219) afirma que a utopia não possui uma boa aceitação no século XX em razão da crítica tradicional de que as utopias são impertinentes. Segundo o historiador, o senso comum, inclusive, endossa o sentido do adjetivo utópico como algo excessivo, irrealista e excêntrico. Por isso, ao dizer que alguém é utópico é o mesmo que afirmar que essa pessoa não possui senso de realidade e que, por ignorar as possibilidades concretas, seus planos têm tendência ao fracasso. Nessa mesma compreensão, Herbert Marcuse, em *O fim da utopia* (1969), se referia ao final da utopia como algo a ser celebrado, uma vez que a realidade já apresentava os indícios necessários para sua realização. Para o autor, pensar o futuro, seja sob uma ótica positiva ou negativa era inútil, uma vez que o mesmo já estava definido e seria uma repetição do modelo de funcionamento do presente:

Muitos já tentaram decretar a morte da utopia, ou a sua inutilidade. Ora, por ser confundida com alienação; ora, por não fazer sentido num mundo já locupletos e satisfeitos com as ‘maravilhas’ da modernidade. Em 500 anos de experiência o conceito “caiu de conceito”, foi renegado, teve seu tempo de deserto, foi ao inferno, mas, talvez contando com a proteção de seu criador, Thomas Morus, que virou santo depois de ser preso e executado por contrariar à Monarquia Inglesa, pode ser que se reabilite e volte a apontar caminhos (SOUSA, 2016, p.16-17).

Para Jacoby, a condenação dos que não acreditavam na utopia aos que ainda defendiam-na, fundamentava-se em uma visão distorcida do conceito relacionada ao sentido de algo transitório, quimérico e irrealizável. Assim, diante do aniquilamento de alternativas políticas, pensar uma nova sociedade só poderia ser feito de modo objetivo. Como uma alternativa a esse pensamento, Jacoby constrói um conceito de utopia à luz de reflexões de pensadores como Walter Benjamin e Ernst Bloch, que contribuíram para a sequência do ideal utópico, e insubordinaram-se à ideia de um futuro como modelo melhorado do presente, no qual o trabalho não seria abolido ou minimizado, somente melhor remunerado (JACOBY, 2001. p. 45).

---

<sup>18</sup> O sentido de antiutopia não está relacionado ao pensamento de um futuro terrível, como é o caso das distopias, por exemplo, mas sim ao fato de que não é mais possível projetá-lo. Nessa compreensão, uma antiutopia é como um fim da utopia. Diferentemente da distopia, em que imagina-se um futuro radicalmente pior, a antiutopia é a constatação de que nenhum futuro pode ser imaginado (FEITOSA, 2015, p.35).

Influenciado pelas ideias de Bloch, Jacoby ressalta a importância de preservar a utopia em uma sociedade que vivencia a apatia completa. O que salienta já no título da sua obra *O fim da utopia: política e cultura na era da apatia* (2001). O livro expõe reflexões de como o Ocidente se transformou no caos que é atualmente:

Numa era de resignação e cansaço políticos, o espírito utópico continua sendo mais necessário do que nunca. Não evoca prisões nem programas, mas ideia de solidariedade e felicidade humanas. – Alguma coisa está faltando. Ernst Bloch citava essa frase de Mahagonny, de Bertolt Brecht, como uma chave do impulso utopista. E alguma coisa está realmente faltando. Uma luz se apagou. Privado de expectativas, o mundo torna-se frio e cinzento (JACOBY, 2001, p. 235).

E, de fato, algo realmente está faltando, entretanto, acredito que sempre faltou e sempre falte algo. A falta é parte do que significa estar vivo. Ela torna a busca sempre pertinente e presente. Buscar é o que impulsiona o indivíduo. Pode ser o que o paralisa, mas também o que o motiva. Se Jacoby defende que uma luz se apagou, afirmo que jamais se poderia parar de idealizar algo melhor. É o impulso diário fundamental para a sobrevivência (ao menos, a minha). Corroborando a perspectiva, Iraci Simões da Rocha (2009, p. 7) também vê na utopia um modo de tolerar o mundo férreo. A utopia, para a autora, é um tipo de força propulsora da ação, uma vontade de potência, uma chama de esperança que impulsiona os indivíduos ao sonho e à crença de que podem mudar a sua realidade.

Jacoby (2001) aponta a atualidade como apática e uma das principais reflexões da obra é que a falta de perspectiva de futuro tem paralisado a esquerda, de modo que os intelectuais e críticos já não se mostram capazes de imaginar um cenário otimista. Na concepção do autor, vive-se a “era da aquiescência” em que o indivíduo estrutura a sua vida, sua família e carreira com expectativas baixíssimas. Assim, acredita que tenha desaparecido aquela noção de utopia em que o futuro poderia transcender o presente. O tema da utopia passa a impressão de algo bobo e insignificante uma vez que “poucos são os que encaram o futuro como algo mais que uma réplica do presente”. Segundo Jacoby, poucas coisas parecerão mais “quixotescas ou irrelevantes”, na contemporaneidade, do que defender o “impulso utópico.” Nesta compreensão, questiona:

O que se pode fazer? A pergunta, periodicamente feita a todos os críticos, insiste num pragmatismo que é inimigo do utopismo. Não há nada a fazer. O que não quer dizer que nada será pensado, imaginado ou sonhado. Pelo contrário. O empenho em vislumbrar outras possibilidades de vida e sociedade continua socialismo utópico. Assim, é curioso que essa crítica seja esquecida e que o marxismo seja interpretado como utopia sendo urgente, e constitui a condição essencial para se fazer alguma coisa (JACOBY, 2001, p. 235).

No trecho supracitado, podemos identificar a força da apatia na atualidade, que se espalha diante da sensação de falta de perspectivas para um mundo vazio do espírito utópico. Jacoby também faz severas críticas à era da apatia no que diz respeito a descrença em instituições morais, sociais e políticas, a superficialidade, a ausência de valores e a falta de tempo ou mesmo interesse em criar ou construir relações pessoais mais profundas e duradouras, fez com que o ser humano se isolasse cada vez mais. Uma possível consequência disso é que o isolamento torna o sujeito se torne cada vez mais individualista e egocêntrico, ignorando a relevância da coletividade e do outro. A fragmentação do tempo e o predomínio do individual sobre o coletivo, tornou o sujeito alguém incapaz de projetar o futuro buscando incessantemente prazeres instantâneos, ainda que fugazes e passageiros (FEITOSA, 2015, p.36):

Impulsionado por essa dinâmica individualista-hedonista o homem passou a ser guiado pelas convicções materialistas, pelo desprezo a introspecção, e pelo vazio que tenta substituir por uma felicidade fundada no consumismo-conformismo. A materialização da mercadoria dominou a vida social, e os homens não são mais capazes de enxergar nada além dela, pois —o mundo que se vê é o seu mundo (DEBORD, 1997, p. 30).

O consumismo desenfreado e o fascínio que a mercadoria exerce sobre os indivíduos tem impulsionado o cotidiano da população. A cultura mercadológica exerce um domínio tão grande e de um modo tão profundo que o indivíduo parece se tornar incapaz de frear o ímpeto de consumir cada vez mais, não apenas pelo valor dos produtos, mas principalmente pelas ilusões geradas através da aquisição excessiva deles. Uma cegueira tão perniciosa que se tornou uma apatia e que impede que o indivíduo se situe, pense ou reflita sobre suas ações.

Nesse contexto de relações vazias, de imediatismo e da necessidade insaciável por novas tecnologias, em que a sociedade do consumo se petrificou. O consumismo tornou-se uma espécie de estratégia de controle sobre as massas, promovendo falsas ilusões, frustrações. O material não supre as carências mais profundas da psiquê humana, mas com a ilusão de satisfação momentânea paralisa o indivíduo incessantemente. Neste sentido, a alienação é uma das consequências da organização social capitalista que se apresenta e que reflete a fragmentação da subjetividade humana.

Em *A Sociedade do espetáculo*, publicado originalmente em 1967, Guy Debord, autor do conceito que dá nome ao livro, analisa as sociedades modernas apresentando a alienação como uma característica delas, em função da presença do espetáculo. O pensador francês entende que o espetáculo não configura apenas um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas que é mediada por imagens. Nesta perspectiva, as relações

criadas não são autênticas: tudo o que antes era vivido de modo natural e direto tornou-se uma representação (DEBORD, 1997, p. 13-14).

Em *Imagem imperfeita*: pensamento utópico para uma época antiutópica, o pesquisador apresenta a tradição utópica a partir de duas vertentes: as projetistas e as iconoclastas. As primeiras apresentam um viés normativo, pois “mapeiam o futuro a cada centímetro e minuto. Da disposição dos acentos à mesa aos temas de conversação, os projetistas – de longe o maior grupo dos utopistas – apresentam instruções precisas.” (JACOBY, 2007, p. 15-6). Já as segundas, por outro lado, não podem conviver com o caráter normativo, uma vez que “sonharam uma sociedade superior, mas que se recusaram a apresentar suas medidas precisas” (JACOBY, 2007, p. 16), ou seja, as iconoclastas são “contestador[a]s e destruidor[a]s de imagens” e, em função disso, o futuro não pode ser descrito, apenas abordado por meio de pistas e parábolas.

Outro ponto de vista de interesse em relação a utopia é a projeção utópica de um passado, como apresenta Feitosa:

Muitas vezes, pessoas mais idosas falam da saudade do passado, frente à velocidade dos acontecimentos, ao consumismo, aos descompassos de um presente que não reconhece mais a tradição e os valores. Transportando-se para um tempo em que eram mais felizes, elas experimentam uma espécie de utopia do passado, tentando reviver, ainda que na memória, momentos de tranquilidade e harmonia. Essas projeções pessoais do passado têm uma dimensão simbólica que despertam a memória de suas relações atávicas. É como se compreendessem que a utopia também se constitui sob os resquícios de uma historicidade (FEITOSA, 2015, p.41).

Luciano Zajdsznajder, em *A travessia do pós-moderno* (1992), reflete sobre os sintomas como a fragmentação e a falta de confiança em um futuro mais promissor que acometeram a sociedade pós-moderna em decorrência de que a antiguidade e a idade média eram orientadas para o passado, enquanto a modernidade possui a orientação do futuro: esta é sua verdadeira substância, sua realidade pura. “O pós-moderno tem como ponto de referência o presente. Falta-lhe a crença de que pode aprender com o passado. Carece de uma expectativa suprema do futuro” (ZAJDSZNAJDER, 1992, p. 3).

Feitosa (2015, p.41), por sua vez, garante que é justamente no diálogo com o passado que o sujeito pode comprovar a importância da utopia na história da humanidade: é precisamente nos momentos de maior tirania e dominação, nos instantes de maior sentimento de impotência diante de cenários abomináveis e antiutópicos, que a utopia se fez mais presente. A utopia é, pois, o não-lugar onde o homem encontrou forças para sobreviver às adversidades.

### 3.6 Ética: A maior utopia?

*Não creio que a ética sirva para solucionar nenhum debate, embora seu ofício seja colaborar para iniciar todos eles.*

(Fernando Savater)

A frase acima propõe relações sobre um modo de pensar a ética nessa tese: como uma utopia. Não uma utopia no sentido daquilo que nunca, de fato, se realiza, mas como uma possibilidade de sobrevivência e continuidade na busca por melhores condições de viver. Acreditar numa concepção romântica de ética em que toda a humanidade viva em perfeitas condições é a utopia legítima em primeiro lugar porque a perfeição é desumana e, por isso, impossível; segundo porque as concepções de ética variam de acordo com as crenças, valores e virtudes de cada ser humano – que em muito se assemelham, mas em muito se diferenciam. Assim, seria impossível pensar uma ética aplicável a todos. Isso seria autoritarismo.

Esse pensamento pode ser corroborado a partir do filósofo alemão Erich Fromm, em *Análise do Homem* (1974) que defende a necessidade de resgatar a ética humanista – na qual o homem estabelece as normas de conduta para si mesmo – como alternativa à ética autoritária – que ocorre – através de um critério formal e um critério material. Formalmente baseia-se no princípio de que só o homem pode por si mesmo determinar o que considera virtude e pecado e não uma autoridade que o transcenda. Por outro lado, materialmente, baseia-se no princípio de que 'bom' é o que é bom para o homem e 'mau' o que lhe é nocivo, assim o bem-estar do homem o único critério de valor ético.

Na ética autoritária, a maior virtude é a obediência e o maior pecado é a rebeldia. Mesmo que uma pessoa peque, sua submissão à punição e seu sentimento de culpa lhe restituem a bondade. O critério formal nega a capacidade dos seres humanos saberem o que é bom ou mau uma vez que quem enuncia as normas é uma autoridade que transcende o indivíduo. No critério material, “Bom” e “Mau” são atribuídos em função dessa autoridade. Esse sistema se baseia não na razão e no conhecimento, mas no temor à autoridade e na sensação de fraqueza e dependência em relação a ela.

Por outro lado, a ética humanista é antropocêntrica. Isso significa que o homem é a medida de todas as coisas e seus julgamentos são estabelecidos na sua existência e só podem ser compreendidos em relação a essa. O critério formal é o de que apenas o próprio homem pode determinar o critério do que é virtude ou pecado, e não uma autoridade a ele transcendente. A virtude consiste em assumir a responsabilidade pela própria existência; e o vício reside na irresponsabilidade em relação a si mesmo. No critério material, “Bom” e “mau” são atribuídos



em relação ao homem e o bem-estar o único critério do valor ético. O bem é a afirmação da vida, o desenvolvimento das capacidades do homem.

Muitos pensadores se dedicaram a propor o debate em relação à ética. Em *Ética a Nicômaco*, por exemplo, Aristóteles dá continuidade a muitos temas já propostos em *A República* de Platão, que se dedica profundamente ao tema. As questões abordadas pelos filósofos as bases que fundamentam o pensamento ocidental. Na obra de Aristóteles, o autor elabora ensinamentos a seu filho, defendendo que ser ético implica a busca pela felicidade, um bem que possui um fim em si mesmo. A felicidade consiste em ter uma vida teórica e contemplativa cuja plena realização se dá pelo desenvolvimento da racionalidade. Neste sentido, a virtude<sup>19</sup> resulta do trabalho reflexivo, da sabedoria, do controle racional dos desejos e paixões. A virtude está em encontrar, através da prudência (*phronesis*) e do hábito de sua prática, a temperança ou a justa medida entre os extremos.

Como disse o escritor e filósofo contemporâneo Fernando Savater: “Não creio que a ética sirva para solucionar nenhum debate, embora seu ofício seja colaborar para iniciar todos eles” (SAVATER, 2004, p.16). Essa frase propõe relações sobre um modo de pensar a ética nesta tese: como uma utopia. Não uma utopia no sentido daquilo que nunca, de fato, se realiza, mas como uma possibilidade de sobrevivência e de continuidade na busca por melhores condições de viver. Acreditar numa concepção romântica de ética em que toda a humanidade viva em perfeitas condições é a utopia legítima em primeiro lugar porque a perfeição é desumana e, por isso, impossível; segundo porque as concepções de ética variam de acordo com as crenças, valores e virtudes de cada ser humano – que em muito se assemelham, mas em muito se diferenciam. Assim, seria impossível pensar uma ética aplicável a todos, ou se converteria em autoritarismo.

Esse pensamento pode ser corroborado a partir do filósofo alemão Erich Fromm, em *Análise do homem* (1974) que defende a necessidade de resgatar a ética humanista – na qual o homem estabelece as normas de conduta para si mesmo – como alternativa à ética autoritária – que ocorre – através de um critério formal e um critério material. Formalmente baseia-se no princípio de que só o homem pode por si mesmo determinar o que considera virtude e pecado e não uma autoridade que o transcenda. Por outro lado, materialmente, baseia-se no princípio de que 'bom' é o que é bom para o homem e 'mau' o que lhe é nocivo, assim o bem-estar do homem o único critério de valor ético.

---

<sup>19</sup> É importante destacar que a ideia de virtude, proposta por Aristóteles na Grécia Antiga, é distinta da concepção atual que é fortemente influenciada pelo cristianismo. No passado virtude significava agir com excelência, através da justa medida em cada ato, por menor que fosse.

Savater tem produzido uma série de obras importantes relacionadas à ética. Seus livros já foram traduzidos para mais de vinte línguas e a sua popularidade tem crescido não apenas na Espanha mas em outros países. Uma das suas obras relativas a este tema é *Ética como amor-próprio*, na qual segue a influência de filósofos como Espinosa e Nietzsche, além de Cioran. No livro, Savater (2000) apresenta uma ideia de ética voltada para o indivíduo, ou seja, defende que o principal fundamento ético é o amor-próprio. Se a ética está marcada pela busca da felicidade, o autor reposiciona seu eixo ao indivíduo que havia se fragmentado em prol das normas gerais e dos valores universais. Essa afirmação, no entanto, não coloca o sujeito num cenário de egoísmo que desconsidere o meio e os outros seres humanos. Temas como a democracia e os direitos humanos devem ser pensados a partir da perspectiva do indivíduo tomado como virtude: o social não pode ser colocado acima do indivíduo uma vez que este é a base de qualquer agrupamento.

Seguindo essa perspectiva, Savater afirma que cada um é a medida das coisas na perspectiva da ética, uma vez que, essencialmente, o sentido desta é “dar-se a si mesmo uma vida boa”, como ele destaca em *Ética para meu filho*, quando afirma que precisamos confiar em nós mesmos, na inteligência que nos permitirá ser melhor do que já somos e no instinto do nosso amor próprio, o que nos permitirá encontrar e merecer boas companhias.

Para Savater, entre todos os tipos de conhecimentos possíveis, o mais imprescindível é o de que algumas coisas nos convêm e outras não. O pensador afirma que alguns alimentos, comportamentos e atitudes, por exemplo, não nos convêm. O que nos convêm definimos como algo bom, ao passo que o que não nos convêm, definimos como algo ‘mau’. A distinção entre o que é bom ou mau para nós é um conhecimento que interessa a todos em razão da compensação que nos traz. O filósofo elabora uma narrativa na qual estabelece a relação entre as formigas brancas, que estão presas à própria natureza, ao personagem Heitor da *Odisseia* que enfrenta Aquiles e que, na concepção do autor, tem a possibilidade de escolher:

Simplesmente, a diferença está em que as térmitas-soldados lutam e morrem porque têm de fazê-lo, inevitavelmente (como a aranha que come a mosca). Heitor, por outro lado, sai para enfrentar Aquiles porque quer. As térmitas-soldados não podem desertar, nem se rebelar, nem se esquivar para que outras tomem seu lugar: estão programadas necessariamente pela natureza para cumprirem sua missão heróica. O caso de Heitor é diferente. Poderia dizer que está doente ou que não tem vontade de enfrentar alguém mais forte do que ele (SAVATER, 2004, p.13).

Para o pensador a ética está diretamente relacionada à noção de liberdade pois os animais, minerais e as plantas não possuem outra condição que não seja a sua, sem a possibilidade de serem diferentes do que são e de fazerem o que estão naturalmente

programadas para fazer. Entretanto, existem dois aspectos importantes relativos a liberdade. O primeiro é que, obviamente, não podemos fazer qualquer coisa que queiramos, entretanto não somos obrigados a querer fazer uma única coisa; não somos livres para escolher o que nos acontece como termos nascido em determinado ambiente e data, por exemplo, mas livres para responder ao que nos acontece de um ou outro modo. Já o segundo é que a liberdade não é, necessariamente, a garantia de êxito: “A liberdade (que consiste em escolher dentro do possível) não é o mesmo que a onipotência (que seria conseguir sempre o que se quer, mesmo parecendo impossível)” (SAVATER, 2004, p.15). Em razão disso, quanto maior a nossa capacidade de agir diante dos nossos pensamentos, melhores resultados poderemos obter dessa liberdade. Dito de outro modo, há coisas que dependem da nossa vontade (e isso significa ser livre), contudo, nem tudo depende de nossa vontade individual (e nesse caso seríamos onipotentes), uma vez que o planeta possui inúmeras vontades e necessidades que fogem do nosso controle.

Em síntese, ao contrário de outros seres, animados ou inanimados, nós, seres humanos, podemos criar e escolher, em parte, o nosso modo de viver. Assim, podemos optar pelo que nos parece bom e conveniente, em oposição ao que nos parece mau e inconveniente. “De modo que parece prudente atentarmos bem para o que fazemos, procurando adquirir um certo saber-viver que nos permita acertar. Esse saber-viver, ou arte de viver, se você preferir, é o que se chama de ética” (SAVATER, 2004, p.17). É importante estar atento, inclusive, ao excesso de reflexão sobre as nossas ações, já que, algumas vezes, estendermo-nos muito em relação ao que fazemos pode acabar nos paralisando.

A obra não conclui, em absoluto, as questões, mas propõe sempre novas perguntas relacionadas ao que nos motiva a decidir por A em detrimento de B. Assim, apresenta a ideia de justa medida, do equilíbrio e do bom senso na liberdade e responsabilidade de fazer escolhas. O autor menciona também a ambiguidade e a contradição intrínsecas à condição humana uma vez que os sujeitos podem tomar decisões conflituosas em si. Neste sentido salienta a necessidade de ser capaz de estabelecer prioridades e de impor uma hierarquia entre uma vontade imediata e um desejo mais profundo, a longo prazo.

Segundo Savater, a ética se propõe a investigar em que fundamentalmente consiste a famosa “vida boa” que cada um gostaria de ter, para além do que as propagandas de televisão vendem. Sabemos que nenhuma boa vida prescinde de coisas (materiais) entretanto, é importante ressaltar que mais do que de coisas, precisamos de pessoas. Em suas palavras, “devemos manipular as coisas como coisas e tratar as pessoas como pessoas: desse modo as coisas nos ajudarão em muitos aspectos, e as pessoas em um aspecto fundamental, que nenhuma coisa pode suprir, o de sermos humanos” (SAVATER, 2004, p. 50).

No que diz respeito aos prazeres da vida, Savater menciona Montaigne para defender a necessidade de segurar com unhas e dentes “os prazeres da vida”. O ideal é saber usar os prazeres e isso significa ter controle sobre eles, não permitindo que apenas um elimine a possibilidade de todos os outros ou ofusque completamente o contexto da vida. Em razão disso, o filósofo explica a diferença entre o "uso" e o "abuso" de algo: ao usar um prazer, enriquecemos nossa vida e gostamos cada vez mais, não apenas do prazer, mas da nossa própria vida. Entretanto, precisamos de equilíbrio com os prazeres. O sinal de que estamos abusando de um prazer é observar que este vai nos empobrecendo a vida de modo que não nos interessamos mais por ela, mas exclusivamente por esse prazer particular. Em outras palavras: o prazer se torna uma fuga para nos escondermos dela e deixa de ser aquele ingrediente agradável da plenitude da vida:

O prazer é magnífico e desejável quando sabemos colocá-lo a serviço da alegria, mas não quando a turva ou a compromete. O limite negativo do prazer não é a dor, nem mesmo a morte, mas a alegria: quando começamos a perdê-la por um determinado deleite, com certeza estamos desfrutando o que não nos convém (SAVATER, 2004, p.87-88).

Savater também corrobora o pensamento de que a ética não deve ser autoritária e por isso é uma utopia. Em suas palavras, a ética não “é uma arma de tiro nem munição destinada a alvejar o próximo em sua autoestima, e muito menos o próximo em geral, como se os seres humanos fossem feitos em série, como donuts” (SAVATER, 2004, p.90). Assim, ela é uma utopia pois serve apenas para tentarmos melhorar a nós mesmos e não para repreendermos os demais. Para o autor, a única coisa que a ética sabe com certeza é que cada ser humano foi criado artesanalmente, um a um, com amorosa diferença. Assim, os discursos demasiado generalistas são imorais e sem um pinga de ética. No que diz respeito à política, afirma que a má fama dos políticos existe de modo tão intenso em razão da maior visibilidade que possuem uma vez que em uma democracia todos nós somos políticos, diretamente ou através da representação de outros:

O mais provável é que os políticos sejam muito parecidos conosco, com quem vota neles, talvez até demais; se fossem muito diferentes de nós, muito piores ou exageradamente melhores que o resto, certamente não os escolheríamos para nos representar no governo (SAVATER, 2004, p.90)

O pensador garante que assim como existem alguns muito decentes existem outros descarados e aproveitadores. O mesmo ocorre entre professores, bombeiros, alfaiates, jogadores de futebol ou pessoas com outro ofício qualquer. Além disso, alguns políticos tem o péssimo

hábito de fazer mais promessas do que sabem ou podem cumprir – o que Savater explica ser uma necessidade já que a clientela o exige: “quem não exagera as possibilidades do futuro diante de seus eleitores e dá maior ênfase às dificuldades do que às ilusões logo fica sozinho” (SAVATER, 2004, p.91). Nós enquanto nação fazemos o papel de acreditar que os políticos têm poderes sobre-humanos e, em seguida, não lhes perdoamos a decepção inevitável que nos causam. Se confiássemos menos neles desde o princípio não teríamos de aprender a desconfiar tanto depois. A questão das generalidades se aplica especialmente bem no aspecto da política: nenhum governo é tão ruim ao ponto de não se encontrar ninguém minimamente bom. Independente das situações adversas, a responsabilidade final de seus atos é de cada indivíduo:

Do mesmo modo, também é vontade de esconder a cabeça debaixo da asa sonhar com uma ordem política tão impecável (costumam chamá-la utopia) em que todo o mundo fosse "automaticamente" bom porque as circunstâncias não permitiriam que se cometesse o mal. Por mais que o mal ande à solta, sempre haverá bem para quem quiser bem; por mais que tenhamos conseguido instalar publicamente o bem, o mal sempre estará ao alcance de quem quiser mal (SAVATER, 2004, p.94).

Finalmente, Savater faz grandes considerações sobre a arte de viver bem. Afirma que a vida não é cômoda, especialmente se quisermos ir além de belas palavras porque não há nada mais fácil do que amar a Humanidade em abstrato, principalmente quando queremos apresentar uma imagem de sublime. A dificuldade está em aceitar e respeitar quem difere de nós – o estranho ou o estrangeiro ou o imigrante. Aceitar e respeitar o semelhante nos parece óbvio: é como respeitar ao nosso próprio pensamento:

Afinal, nós, seres humanos, somos animais gregários e por isso gostamos de viver em rebanho, ou seja, entre as pessoas que mais se assemelham a nós. Viver em rebanho é como viver entre espelhos: sempre vemos à nossa volta rostos que refletem os nossos, que falam como nós, que comem os mesmos alimentos, que riem e choram por coisas similares. Mas de repente chega alguém que não pertence ao nosso clã, que tem um cheiro ou uma cor diferente e que soa de outro modo. Então o animal gregário que há dentro de nós se assusta ou desconfia, sente-se em perigo, acha que está sendo "invadido" (SAVATER, 2004, p.111).

As diferentes abordagens em relação a ética permitem-nos criar a nossa própria concepção de utopia em relação ao mundo ideal que buscamos. A utopia é esse lugar inexistente no qual depositamos nossas expectativas de melhorar as condições de vida que possuímos. A utopia é diferente para cada indivíduo tendo em vista os valores, virtudes e crenças de cada sujeito.

Nunca alcançamos, de fato, a utopia porque mudamos, nossos pensamentos e ideias se modificam e também porque a principal função da utopia é a de, justamente, nos impulsionar

em direção a um futuro distinto e melhor do que a realidade presente. A ética é um tipo de utopia, pois os detalhes que compõem a ética para cada indivíduo são distintos. Por isso é impossível imaginar uma ética universal e autoritária aplicável a alguém além de nós mesmos. Uma das contribuições que podemos oferecer ao mundo é a nossa reflexão diante das situações e da nossa evolução interior. Pensar a ética como uma imposição a todos ou de modo autoritário, é uma ingenuidade.

#### 4 ANGOLA: AINDA É POSSÍVEL SONHAR?

*De facto, a utopia tem duas facetas, é a crítica daquilo que é e a representação daquilo que deveria ser.*

(Max Horkheimer)

Com o objetivo de orientar e contextualizar o leitor acerca do momento histórico em que as obras que são objetos de estudo desta tese foram escritas, o presente capítulo apresenta alguns fatos e movimentos históricos nos quais Pepetela esteve imerso durante o processo de escrita.

Apesar de ter sido uma das primeiras potências europeias a colonizar o continente Africano, Portugal foi o último a deixá-lo. O país não respondeu ao processo de descolonização que teve início após a segunda guerra Mundial. A partir da Conferência de Berlim, ocorrida em 1884, Portugal oficializou a neocolonização dentro do processo imperialista. Entretanto, o seu domínio maior sobre a Angola ocorreu lentamente em razão da resistência da população local. A instalação da República em Portugal, em 1910, tornou o país menos dominador em razão das crises políticas ocorridas no mesmo já que as colônias africanas se organizaram e reivindicaram mais os seus direitos.

No entanto, Portugal não facilitou a descolonização quando instituiu o Ato Colonial, que são leis e regras para todas as colônias de seu domínio, em 1930. Esse Ato consiste em denominar todos os povos dominados pelos portugueses como membros do Império Colonial Português. O objetivo do ato era o que eles definiam como "civilizar" – ou seja, impor a sua cultura e costumes – aos povos colonizados, além de expandir o cristianismo para colocar fim na autonomia política que ainda restava.

Durante o governo de Antônio de Oliveira Salazar, assumido em 1932, o Ato Colonial se manteve. Entretanto, com o fim da segunda guerra mundial, em 1945, e com a criação da ONU - Organização das Nações Unidas, em 1946, teve início a pressão internacional para que os colonizadores aceitassem a independência dos povos, até então dominados. Desse modo, os movimentos nacionalistas nos países africanos foram crescendo e reivindicando a sua liberdade. Uma das maiores reivindicações da revolução ocorrida em Portugal, vinha do partido Socialista dos militares que iniciaram o golpe de Estado, que consistia em resolver as questões Coloniais de forma pacífica.

O estado colonial português preferiu enfrentar uma guerra militar contra os movimentos nacionalistas africanos. Após um período extenso de guerra contra os três principais movimentos de libertação de Angola (que também possuíam conflitos internos), o governo

português cedeu aos direitos do povo angolano no dia 11 de novembro de 1975.

#### **4.1 Unidos somos mais fortes**

Ao longo do processo de descolonização de Angola, muitos grupos formaram-se com o intuito de combater a lei vigente e de chegar à independência do país. O processo de descolonização da Angola tornou-se tão complexo e custoso, entre outros motivos, em razão das divergências internas dos movimentos. O conflito interno revelava fragilidades, constrangimentos e desafios para os Movimentos de libertação. Os três principais movimentos, que serão estudados a seguir, explicam como ocorreram os conflitos internos ao mesmo tempo em que viviam a luta armada contra as Forças Portuguesas – um período de catorze anos, ou seja, de 1961 a 1975. O tema também emerge nas obras de Pepetela que revelam as nuances e diferenças das verdades de cada ser humano representado pelas personagens das obras – especialmente na obra *Mayombe*.

O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) surgiu ao final dos anos 1950, em razão da união de diferentes grupos anticoloniais, e também da recentemente constituída célula de Luanda do Partido Comunista Português. Era dirigido por António Agostinho Neto e tinha como secretário-geral Viriato da Cruz. Viriato defendia a necessidade da Angola passar por um processo de industrialização para a criação de uma classe operária feita de povos brancos, mestiços e negros, uma vez que acreditava que isso uniria as etnias e, ao mesmo tempo, destruiria o domínio burguês, o capital estrangeiro e o colonialismo português (MBAH, 2010, p.84).

As ações do MPLA começaram a partir do final dos anos 1950 e início dos anos 1960, reunindo as principais figuras do nacionalismo angolano, que era composta por estudantes no exterior, principalmente em Portugal e lutadores contra o colonialismo que fugiam do interior de Angola (BITTENCOURT, 2008, p.6). O grupo organizou uma luta armada contra Portugal que almejava a dominação colonial de Angola. Em 1961, Lúcio Lara tornou-se o secretário-geral e pivô da atividade organizacional e militar.

Durante o combate anticolonial, o Movimento vivenciou inúmeras discordâncias importantes e até existenciais. A saída de Viriato de Cruz em 1961 foi uma das primeiras. A crise mais grave ocorreu no princípio de 1970, quando o MPLA se dividiu em três linhas quase autônomas, que eram: a Revolta Ativa, liderada por Mário de Andrade; a Revolta do Leste, liderada por Daniel Chipenda (ambas opostas a Agostinho Neto) e a Presidencial, que era fiel a Agostinho Neto.



Essa dupla ruptura foi superada em 1974, no período da conferência de unificação realizada na Zâmbia, entretanto levou à expulsão ou saída espontânea de uma série de integrantes, além de ter deixado profundas marcas ao grupo. Mesmo parágrafo

De acordo com Bittencourt (2008, p. 14) após três anos, em 1977, o MPLA sofreu um forte enfraquecimento em função de uma nova desavença, gerada por Nito Alves, que teria tentado um golpe de estado contra a direção do partido. Esta tentativa, oficialmente designada por Fraccionismo, falhou de imediato graças à intervenção de tropas cubanas presentes no país, levando posteriormente a uma briga sangrenta que custou a vida de milhares de pessoas,

A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) também foi um movimento nacionalista angolano e político criado no ano de 1957. Inicialmente com o nome de União das Populações do Norte de Angola (UPNA), em 1958, assumiu o nome de União das Populações de Angola (UPA) e, em 1961, se uniu a outro grupo anticolonial, o Partido Democrático de Angola (PDA), que criaram a FNLA. Era um grupo opositor ao MPLA, anticomunista e influenciado pelos EUA. Durante o processo de descolonização da Angola, em 1974/1975, assim como na Guerra Civil Angolana, ocorrido entre 1975 e 2002, a FNLA combateu o MPLA ao lado da UNITA (DA SILVA, 2014, p.101).

A UPA/FNLA, enraizada principalmente entre os Bakongo, um dos principais grupos étnicos de Angola, porém com seguidores também entre os Ambundu e os Ovimbundu (outros grupos étnicos do país), começou sua luta armada na região do norte de Angola, mais especificamente no concelho do Uíge, no dia 15 de Março de 1961. Posteriormente a luta estendeu-se para a região centro-norte do país, a atual província do Bengo.

Ela teve como retaguarda de luta o ex-Congo Belga (a atual República Democrática do Congo) que na época era liderada pelo General Mobutu Sese Seko que mantinha um bom relacionamento com Holden Roberto, líder da UPA/FNLA. Esta união permitiu a criação do GRAE (Governo Revolucionário Angolano no Exílio), em Léopoldville (hoje Kinshasa), imediatamente após a formação da FNLA. O braço armado do GRAE era o ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola) (DA SILVA, 2014, 106). O MPLA e a FLEC não quiseram participar do GRAE, o que viria a ser decisivo para a complexa e contraditória configuração da luta anticolonial em Angola. A luta da FNLA contra a potência colonial teve fortes limitações. Apesar do apoio de Mobutu e, durante algum tempo, da parte da China e da Roménia, o ELNA não conseguiu resistir ao contra-ataque militar português (DA SILVA, 2014, p.101)

O terceiro movimento a surgir no cenário do nacionalismo angolano foi a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), criado oficialmente durante um congresso coordenado por Jonas Savimbi, em Março de 1966, na Província de Moxico (DA

SILVA, 2014, p.110).

A União foi criada na Suíça, em 1965, por Jonas Savimbi e António Fernandes, que se engajaram na missão de guerrilha a acontecer no interior do território angolano. O início das atividades do Movimento dependia da formação dos seus quadros, o que provocou uma série de contatos com diversos países sem quaisquer êxitos (a primeira fase contou com Argélia, Tanzânia, República Árabe Unida (Egyppto), Alemanha Oriental, Checoslováquia, Hungria e União Soviética). Nesse sentido, por meio da embaixada do Cairo, foi enviado um pedido de colaboração à República Popular da China. O pedido foi aceito e se transformou em um curso de preparação militar em Nanquim para doze elementos, nos quais o próprio Jonas Savimbi participou (FERNANDO, 2012 *apud* SILVA, 2010).

Em Janeiro de 1966, Jonas Savimbi fundou o Comité da Unidade Revolucionária Angolana (CURA), apoiado por um número considerável de militares e de políticos ligados à FNLA/GRAE, e o Comité Preparatório para a Ação Direta, na capital da Zâmbia. Assim, pode-se dizer que foi a primeira provocação para a efetiva criação da UNITA, formalmente constituída por aproximadamente 60 indivíduos de sua confiança, numa conferência que teve início em 13 de Março de 1966, na província do Moxico (FERNANDO, 2012 *apud* SILVA, 2010).

#### **4.2 Armados com estratégias**

Algumas atividades militares dos movimentos citados anteriormente merecem destaque, como a de 4 de fevereiro de 1961, na qual inúmeros angolanos armados invadiram as instituições prisionais civis e militares de Luanda. Nesse dia, foram realizadas várias tentativas de assalto ao estabelecimento prisional de São Paulo de Luanda, à Esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP) e à Casa de Reclusão de Luanda. O propósito era libertar os presos políticos que estavam detidos nas prisões. Os responsáveis nacionalistas angolanos, no entanto, não imaginavam as consequências que estes ataques promoveriam no curso da história do país, (DA SILVA, 2014, p.120).

Diante dessa situação, o MPLA aproveitou para reclamar da autoria dos ataques produzidos em Luanda e esta declaração desencadeou na manifestação instantânea das principais linhas condutoras do movimento, além de sua causa e objetivo. Através dessa atitude o MPLA ficou reconhecido como a primeira organização nacionalista a desencadear a luta armada contra as forças coloniais portuguesas.

De acordo com Da Silva (2014, p. 121), com o passar do tempo surgiram complicações no que diz respeito à autoria dos ataques nos levantamentos populares de 4 de Fevereiro.

Primeiro, porque nem todas as pessoas ligadas ao MPLA concordavam com a opinião de que os ataques realmente eram de responsabilidade do movimento; segundo, porque foram descobertas outras forças envolvidas nos ataques e que durante muito tempo ficaram desconhecidas; e, finalmente, porque o MPLA perdeu o protagonismo dos ataques deste 4 de Fevereiro e o ato atualmente foi atribuído à FNLA, movimento que é o seu principal adversário político.

Após os ataques de 4 de Fevereiro, o Movimento Popular de Libertação de Angola não exerceu praticamente nenhuma atividade militar de destaque no território angolano, já que a UPA, através de suas atitudes de guerrilha ou por meio das promessas que fazia, obteve o apoio da maioria dos apoiadores do MPLA nas regiões dos Dembos e em Nambuangongo. Depois disso, o MPLA só veio a desenvolver alguma atividade militar em junho de 1964, organizada a partir de duas principais bases: a de Kimongo, a norte e a de Banga, a leste. No que diz respeito as operações militares, a ofensiva do MPLA se torna mais consistente a partir de 1967, quando promove ataques a postos administrativos e controle militares (BITTENCOURT, 2008).

A ação de 15 de Março de 1961 também foi significativa, quando outra revolução armada fora protagonizada por nacionalistas filiados à UPA. Entretanto, contrariamente ao que tinha acontecido cinco semanas antes em Luanda, no 4 de Fevereiro, o ataque ocorrera de forma anárquica, demonstrando uma total falta de estratégia organizacional. Os envolvidos nos assaltos de 15 de Março não fizeram nenhuma distinção entre objetivos militares, símbolos do domínio colonial português ou a população civil portuguesa. Nesse sentido, “levados pela sua exaltação, executaram alguns dos seus compatriotas cuja única culpa era serem mestiços, negros assimilados, ou ainda terem nascido na região Sul de Angola” (MBAH, 2010, p. 152, *apud* DA SILVA, 2014, p. 150).

Esse novo ataque contra as forças portuguesas, executado essencialmente por militantes da UPA, posteriormente iria emergir na história de Angola e do nacionalismo angolano contemporâneo, como a marca do início da libertação nacional. Após algumas hesitações, os dirigentes da UPA reivindicaram a autoria dos ataques armados. Segundo Da Silva (2014, p.170) entre as forças nacionalistas angolanas envolvidas nos ataques de 15 de Março eram os imigrantes angolanos integrantes da UPA, os trabalhadores agrícolas, os militantes locais do movimento, e outros nacionalistas que obedeciam a direção política da UPA.

Inúmeros militantes da UPA pertenciam à classe camponesa e eram trabalhadores contratados contra sua vontade nas plantações de café do Norte de Angola. Durante muitos anos esses trabalhadores manifestaram e expuseram a exploração e as injustiças sociais das quais

eram vítimas, além das péssimas condições de trabalho as quais eram submetidos, pelas companhias empregadoras portuguesas.

Costa (1969), citado por Da Silva (2014, p.203), explica que a UPA objetivava influenciar o povo desprovido de formação política, de que qualquer ação desenvolvida no dia 15 de Março era, além de uma luta contra o colonialismo, um ato de fidelidade e lealdade a Deus, e que os mais empenhados na luta seriam recompensados. Em seguida a UPA devia preocupar-se com a questão do armamento de assaltantes, já que o desenvolvimento de uma rebelião popular, mesmo que influenciada por razões políticas, necessitava de uma logística militar.

Os inúmeros ataques de 15 de Março foram realizados em quase todo o território angolano. Entre os locais estavam, por exemplo, a zona fronteiriça do Congo, cujo objetivo era possibilitar a passagem das forças militares da UPA da região do Congo ao interior de Angola. Outros dos principais ataques ocorreram na região de Buela, Madimba, Luvaca, Cuimba e Canda, próximo da fronteira, além dos ocorridos nas fazendas isoladas nos Dembos (DA SILVA, 2014, p. 205).

A União Nacional para a Independência Total de Angola começa suas ações militares no território angolano em março de 1966. Da perspectiva militar, as atividades tinham alcance limitado embora tivessem grande significado no que diz respeito a sua propaganda enquanto força política no contexto da guerra de independência de Angola. Os representantes da União destacavam, em seus discursos, o fato de que a sua direção, diferentemente dos demais movimentos, estava a desenvolver as suas ações ao lado do povo e dos guerrilheiros no interior do território angolano. Dessa maneira, os primeiros ataques efetuados pela UNITA ocorreram entre setembro e dezembro de 1966, no distrito do Moxico, na região de Cassamba, e mais tarde nas regiões localizadas mais ao norte do país. Uma das atividades mais importantes do Movimento foi o ataque aos portugueses, na noite de natal de 1966, na localidade de Teixeira de Sousa (atualmente conhecida como Luau), na região da fronteira com a Zâmbia (BITTENCOURT, 2008, 93).

### **4.3 A mente é uma arma perigosa**

Além dos ataques físicos, o conflito armado entre as Forças Armadas Portuguesas e os movimentos de libertação de Angola se deu através de ações psicológicas. O objetivo era atingir as partes envolvidas, por meio da propaganda e da informação, buscando induzir a opinião pública acerca de ideias e doutrinas e, também, neutralizar a propaganda da força contrária. As

ações psicológicas compreendiam desde publicação de panfletos até a utilização dos mais distintos veículos de comunicação.

A influência dos meios de comunicação na opinião pública e a transparência política contribuem para o aparecimento do fenômeno revolucionário. Isso por que os meios de comunicação, foram utilizados como difusores e amplificadores de ideias, de força e através de todas as estruturas e tipos possíveis de propaganda, apoiando direta ou indiretamente a autoridade ou a subversão (BITTENCOURT, 2008, p.105).

Dentro do território Angolano, as manifestações contra as autoridades portuguesas foram declaradas em diversos órgãos de informação pública, especialmente para os países africanos e comunistas. Em alguns países ocidentais, principalmente nos nórdicos, os órgãos de informação pública divulgaram notícias, consideradas hostis à política ultramarina portuguesa.

Já as ações conduzidas pelos movimentos de libertação fora da Angola buscavam apoio financeiro e político, o isolamento de Portugal e transparecer a ideia da existência de zonas libertas. Além disso, os movimentos mencionavam nos seus comunicados de guerra, os resultados das atividades de guerrilhas que realizavam.

Os meios de comunicação pública comunista divulgavam conteúdo propagandista, em sua maioria, favorável ao Movimento e a Agostinho Neto (MPLA), o que favorecia muito para divulgar seus temas e argumentos propagandísticos, o que acontecera igualmente nos meios de comunicação dos países nórdicos europeus.

O objetivo dessa propaganda feita pelos movimentos de libertação de Angola era que Portugal se isolasse internacionalmente, fator decisivo para que os movimentos de libertação pudessem vencer as forças portuguesas. Um dos meios de alcançar a população eram emissões radiofônicas utilizadas tanto pelo MPLA como pela FNLA/GRAE, feitas a partir dos países limítrofes africanos.

O MPLA utilizava, diariamente, a Rádio Tanzânia (Dar-es-Salam) e a Radio Zambiana, para difundir o seu programa “Angola Combatente”. Enquanto a FNLA/GRAE continuava transmitindo o seu programa Voz de Angola Livre, através da Rádio Kinshasa e da Voz da Fraternidade Africana. O público-alvo dessas transmissões foram: a) a opinião pública, em geral, buscando demonstrar a força de cada um dos Movimentos; b) a população de Angola, com a intenção de aliciá-la e mobilizá-la para a luta de libertação; e c) os próprios integrantes do Movimento, com a finalidade de inspirar neles o zelo partidário.

Os principais pontos abordados nas transmissões da campanha dos Movimentos tinham por objetivo convencer a comunidade internacional de que existiam áreas completamente subtraídas pela soberania portuguesa, nas quais as atividades diárias das populações iam se

reestabelecendo, de acordo com a orientação de cada Movimento. Outro aspecto era transmitir a ideia de que a vitória dos Movimentos era um fato inevitável (EME, 2006, p.258).

No que diz respeito a moralização das suas forças, os Movimentos contavam com o apoio externo de especialistas chineses. Além de procurarem eliminar no interior do movimento o problema do tribalismo, eles acusaram os dissidentes de responsáveis e fomentadores dessa situação e o termo “tribalista” era usado com frequência nas suas emissões propagandísticas.

#### **4.4 Os conflitos armados**

A guerra de Angola fez parte de um conflito amplo, levando em consideração o contexto global daquele momento, como a Guerra Fria, por exemplo. Conhecer alguns acontecimentos da década de 50 e 60 é fundamental para compreender essa descolonização da Angola uma vez que é durante esse período que o MPLA foi criado pelo Partido Comunista Angolano. O MPLA era fortemente influenciado por ideais marxistas e pela União Soviética, dentro do contexto da Guerra Fria.

É importante observar a existência de um interesse em comum dos movimentos, é a libertação da Angola, embora exista também um contraste e conflito político local quando se pensa em quem iria dominar o país após a Independência: socialistas ou capitalistas? Neste sentido, se existe uma diversidade de grupos unidos pelo mesmo interesse, os grupos possuem ideologias e motivações diferentes.

A guerra de libertação em si, teve início no ano de 1961 com as organizações se aliando aos Trabalhadores. Havia interesses políticos internacionais no apoio aos movimentos envolvidos, pois, em paralelo, ocorria a disputa da Guerra Fria. Os conflitos armados começaram em 1961 e se estenderam até o ano de 1975.

Eles obtiveram êxito também pela revolução dos cravos de 1974 que colocou fim a ditadura fascista de Portugal. O fascismo consiste em uma sociedade militarizada, sem liberdade de imprensa, na qual a violência é definida como justificativa para o argumento de "criar uma grande nação forte". Essa revolução foi um movimento importante ocorrido em Portugal, no ano de 1974, que tinha a proposta de acontecer de forma pacífica – por isso a utilização do nome Cravo que é uma flor. Ela depôs a ditadura do Estado Novo que era governada por Salazar – que faleceu em 1974, cujo sucessor foi Marcelo Caetano, que deu continuidade ao regime ditatorial, com um caráter fascista. Neste período Portugal sofreu uma pressão internacional para descolonizar Angola e Moçambique.

Em paralelo, após a independência da Angola do domínio Português, o país enfrentou uma violenta guerra civil que se estendeu entre os anos de 1975 a 2002 – também influenciada

pelo contexto da guerra fria, já que os próprios militares portugueses tinham convicções ideológicas distintas: enquanto alguns defendiam a violência - como no governo de Marcelo Caetano, outros, os militares pacifistas, defendiam a solução através do diálogo).

Nesse combate, de um lado estava o MPLA, apoiado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e por Cuba, e de outro a FNLA e a UNITA, apoiadas pela África do Sul, através de ideais anticomunistas. No ano de 2002, a guerra teve fim, com a vitória do MPLA, entretanto as consequências do conflito totalizaram aproximadamente 500 mil mortos. Angola ocupa, atualmente, a posição 147 do IDH, o índice de desenvolvimento humano, e até hoje o governo está sob poder do MPLA – que pode ser pensado como um tipo de esquerda do país, embora isso não significa poder definir o país como socialista.

Com o objetivo de estabelecer relação entre os três movimentos de libertação que disputavam o poder em Angola, durante o Governo de Transição, foi instaurada a Representação Especial em Luanda. Além de permitir e incentivar o diálogo entre os diferentes movimentos, a ação tinha a finalidade de promover uma comunicação diplomática com o Governo de Luanda – que, após a independência, seria ocupado pelo movimento que ganhasse as eleições - independentemente da sua ideologia.

No dia 15 de janeiro de 1975, foi assinado o Acordo de Alvor entre o governo português e os movimentos nacionalistas de libertação de Angola (a UNITA, a FNLA e o MPLA). O acordo estabelecia parâmetros para a divisão do poder no país, a instalação do Governo de Transição, a realização de eleições e colocou um ponto final na colonização portuguesa. Diante disso, a Angola finalmente conseguiu sua Independência no ano de 1975, o que permitiu a descolonização de seus territórios na África. Entretanto, pouco tempo após a assinatura do documento, os movimentos iniciaram um conflito armado entre si, em disputa pelo controle do país. Teve início, assim, a guerra civil em Angola.

O objetivo da contextualização do cenário referente à guerra e à independência de Angola é propor um guia ao leitor da presente tese, a fim de que possa adentrar os caminhos propostos por Pepetela na construção das obras que fundamentam esta pesquisa. Acredito que escutá-las é também (re)viver a História e os sonhos que moveram o país na busca pela liberdade.

## 5 UMA FLORESTA CHEIA DE ESPERANÇA

*Mudar o mundo, amigo Sancho, não é loucura,  
nem utopia... É justiça!*

(Cervantes)

Este capítulo é dedicado à interpretação de *Mayombe* através, entre outros elementos, da escuta das personagens que permitem visualizar a ideia de utopia de Pepetela na época em que o romance foi inventado, de modo um tanto catártico, como o próprio autor menciona, inúmeras vezes e em várias entrevistas. A escrita da obra foi uma espécie de jorro de sentimentos que o mesmo transformou em texto, num processo de elaboração da própria identidade. Pepetela comenta, ainda, que a obra poderia ter se tornado ou sido finalizada como um tipo de diário – por trazer elementos da realidade que ele vivia quando a escreveu.

Apresento aqui, algumas personagens, seus envolvimento no enredo, suas trajetórias na narrativa, bem como seus pontos de vista. Em paralelo, me proponho a ousada tarefa de *ouvir* Mayombe, a floresta, a obra, e as diferentes vozes presentes na mesma, mencionando escutas de outros autores e pesquisadores de Pepetela que também se debruçaram a pesquisas sobre o autor e o romance aqui estudado. A maioria das personagens do romance não são conhecidas por seus nomes próprios mas sim pelos nomes que, de algum modo, representam estereótipos da visão do narrador ou das projeções que elas tem ou que acreditam que o outro tenha em relação a elas. Pode ser, ainda, um rótulo que representa a projeção do outro em relação a elas, no entanto, a medida que são aprofundadas na obra é possível identificar suas humanidades que desconstruem essas concepções.

O autor escreve a partir de um narrador onisciente em terceira pessoa e, ao longo do romance, há espaços em que este dá voz a distintos guerrilheiros que, em primeira pessoa, narram fatos mesclados a suas opiniões e perspectivas, bem como suas motivações pessoais de ingresso e participação na guerra, suas trajetórias de vida, e as razões que os levaram ao combate. Assim, as diferentes vozes presentes na obra, suas divergências e conflitos, de algum modo representam a composição heterogênea do povo angolano. Os excertos em que as vozes se apresentam são marcadas pelo efeito visual *itálico* e as vozes são de: Teoria; Milagre, o homem da Bazuca; Mundo Novo; Muatiânvua; André; Chefe do Depósito; Chefe de Operações; Lutamos e Comissário Político João. No total, são quinze diferentes momentos em que as vozes aparecem.

*Mayombe* foi escrito em 1971, mas publicado somente em 1980, em razão, segundo Pepetela, de problemas burocráticos com as editoras envolvidas. O autor garante que não houve



censura à publicação (MACHADO, 2016, p.68)<sup>20</sup>. O romance se passa no interior da floresta Mayombe, localizada em Cabinda, e a selva tem um papel especial na narrativa, podendo ela ser interpretada também como uma personagem que colabora nas atitudes dos guerrilheiros isolados em busca de um propósito em comum. *Mayombe* conta a história de luta de inúmeros guerrilheiros do MPLA e reflete um momento específico da história política de Angola dos anos 70 na qual os movimentos de libertação do país se organizavam (individual e coletivamente – embora afastados pelas ideologias entre si) em busca da independência do mesmo.

A selva pode ser lida metaforicamente como o útero de um povo na busca de um renascimento, uma nova identidade uma nova realidade após a colonização portuguesa, gestando, assim um novo homem para Angola. É o que aponta a professora Tindó Secco, sobre a selva: “Mayombe, floresta úmida, cheia de lama fecundante, é metáfora do útero de Angola parindo a Revolução” (SECCO, 2008, p. 55). A floresta é transformada em um espaço humanizado, lugar de interações e tensões sociais, econômicas, culturais e civilizacionais (SECCO, 2008). Inocência da Mata aponta que enquanto as narrativas de combate, no contexto da literatura angolana, sempre tomaram Luanda como lugar privilegiado da gestação do país, é a floresta tropical que, neste romance representa, metonimicamente, o coração de Angola (MATA, 2006)

Uma possível leitura da mata é pensar nela como o refúgio dos guerrilheiros tão desiguais étnica e culturalmente, com suas questões, fragilidades e dilemas específicos. Os grandes troncos podem representar as artérias do coração de um povo que precisava se reinventar e isso dependia de uma luta por lugar e por voz outrora tomadas com a colonização portuguesa. Simbolicamente é possível interpretar a selva como a mãe que abriga os soldados, mas que também os faz olhar suas próprias questões. Se por um lado os protege, por outro, obriga-os a enfrentar seus medos, suas crenças, seus deuses:

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos. Zeus ajoelhado diante de Prometeu. E Prometeu dava impunemente o fogo aos homens, e a inteligência. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era

---

<sup>20</sup> Os textos, dissertações, teses e entrevistas consultadas para a composição deste estudo apresentam divergências no que diz respeito a existência de censura acerca da demora para a publicação de *Mayombe*. Optei por manter o posicionamento de Pepetela a fim de preservar a vontade, as necessidades ou possíveis motivações que levaram-no a se manifestar deste modo.

invencível, que Zeus se vergava à coragem, graças a Prometeu que lhes dá a inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. Tal é o atributo do herói, o de levar os homens a desafiarem os deuses (PEPETELA, 2013, p.68).

A utopia envolvendo a mata pode estar relacionada ao ideal que o Comandante Sem Medo possuía de que a base, no interior da selva, seria o melhor local para um combate uma vez que dividiria os soldados da oposição e aumentaria as chances de vitória dos guerrilheiros de seu grupo. O sonho utópico maior esteja, talvez, justamente no ideal de que ao vencer a guerra e o outro (os colonizadores) os guerrilheiros estariam livres. A independência do país com certeza é uma conquista, porém novas algemas podem surgir, esse seja talvez um movimento inevitável da vida: libertar-se delas pode ser uma luta diária, uma constante, assim como criar novas utopias.

O livro explora os pensamentos, reflexões e questionamentos dos lutadores e suas ações. Neste sentido, várias páginas são destinadas a conversas intermináveis, sob o céu verde da selva, sobre hipóteses, conjecturas, ilusões de como será esse país após a Independência:

– Ora! Vamos tomar o poder e que vamos dizer ao povo? Vamos construir o socialismo. E afinal essa construção levará 30 ou 50 anos. Ao fim de cinco anos, o povo começará a dizer: mas esse tal socialismo não resolveu este problema e aquele. E será verdade, pois é impossível resolver tais problemas, num país atrasado, em cinco anos. E como reagirão vocês? O povo está a ser agitado por elementos contrarrevolucionários! O que também será verdade, pois qualquer regime cria os seus elementos de oposição, há que prender os cabecilhas, há que fazer atenção às manobras do imperialismo, há que reforçar a polícia secreta, etc., etc. O dramático é que vocês terão razão. Objetivamente, será necessário apertar-se a vigilância no interior do Partido, aumentar a disciplina, fazer limpezas. Objetivamente é assim. Mas essas limpezas servirão de pretexto para que homens ambiciosos misturem contrarrevolucionários com aqueles que criticam a sua ambição e os seus erros. Da vigilância necessária no seio do Partido passar-se-á ao ambiente policial dentro do Partido e toda a crítica será abafada no seu seio. O centralismo reforça-se, a democracia desaparece. O dramático é que não se pode escapar a isso (PEPETELA, 2013, p.111).

O romance pode ser visto como o reflexo do pensamento crítico de Pepetela frente à situação que observava no país. O título refere-se ao principal local de guerrilha, uma região geográfica da África ocidental ocupada por montanhas que se estendem desde o Rio Congo ao sul até o rio Kouilou-Niari pelo norte, ou seja, uma floresta, situada em Cabinda, uma das 18 províncias de Angola, localizada na região norte do país.

A obra é dividida em cinco capítulos, a saber: “A missão”, capítulo no qual os quatorze guerrilheiros do MPLA chegam à Mayombe, uma selva densa, com o objetivo de atacar os exploradores de madeira da região e criar uma armadilha para atacar os portugueses; “A base”, recebe esse título por se referir à base de guerrilha montada na selva para os lutadores. Neste

momento da obra, oito novos guerrilheiros chegam ao local. O terceiro capítulo da obra, “Ondina”, recebe esse nome por referir-se à noiva de Comissário que acaba traindo-o com um dos novos guerreiros, André e, posteriormente, com Sem Medo. O capítulo é centrado, sobretudo, na relação complexa entre o Comissário e a noiva e o julgamento de André pela desonra e por outros erros deste com os colegas de guerrilha. Em “A surucucu”, os portugueses atacam à base e os guerrilheiros do MPLA criam estratégias para realizar um contra-ataque. O capítulo recebe esse nome por se referir a uma cobra que gera uma confusão entre os combatentes. O último capítulo “A amoreira” recebe esse nome por se tratar do último pensamento de Sem Medo antes de morrer, que é sobre esta árvore cujo tronco é robusto, grandioso e o que a árvore única, o pensamento compara a árvore à condição humana. Há ainda o epílogo, no qual o Comissário reflete sobre as aprendizagens que teve com a morte prematura do companheiro de guerrilha.

O enredo se desenvolve a partir do líder e guerrilheiro, fio condutor da obra, o comandante Sem Medo, que Pepetela apresenta como um tipo de “Ogum ou Prometeu africano” que é responsável por liderar, direcionar as guerrilhas e tomar as decisões necessárias enfrentando dilemas como as questões de raça e etnia, o tribalismo, os preconceitos diversos, o oportunismo, agravados pela corrupção interna do movimento que dirige. Sem medo denomina o guerrilheiro corajoso do grupo, que adquirira essa característica ao enfrentar um colega que anteriormente tinha-o intimidado. Logo nas primeiras páginas da obra, um dos colegas de Sem Medo, Comissário, observa que O Chefe das Operações sempre se inclina às opiniões e comentários do Comandante, segundo ele, por dois motivos: porque o Comandante acredita que deve apoiar-se no Chefe das Operações para poder subir de cargo ou porque deve estar contra o Comissário (cargo superior ao dele), para destruí-lo, mostrar os teus erros, para apanhar o seu lugar.

É importante observar que essa é uma interpretação do Comandante em relação ao comportamento moral do colega e às razões que motivam-no a sempre ficar do lado deste em uma discussão (o que não significa que esta seja a motivação real do Chefe das Operações). O Comissário concorda com a opinião e também acredita que esse seja o interesse do Chefe das Operações. Diante disso, o Comandante ressalta a disputa de poder dos homens e, neste caso, a disputa de cargo dos militares esquecendo, inclusive, que são da mesma tribo e, por isso, tem o mesmo objetivo.

Outro momento marcante da trajetória de Sem Medo na obra é quando Ingratidão do Tuga, com dez anos de combate, rouba um valor de um trabalhador e é descoberto pelos colegas de combate. Na ocasião, três guerrilheiros voltam para devolver o dinheiro (que no fim é

ofertado ao MPLA) e posteriormente o julgamento de Ingratidão é realizado. Durante a decisão sobre o procedimento a ser feito com este, o comandante propõe uma punição mais leve, o que gera diferentes comentários de seus colegas, e cada um associa o comportamento do comandante a uma razão diferente. Chefe de Operações afirma que o fuzilamento é uma ação muito severa, por outro lado, o Comissário defende que a falta de disciplina é inadmissível: “ – Tu és um sentimental, Sem Medo! – disse o Comissário, alterado. – Não acredito que tivesses sequer coragem de mandar fuzilar um traidor.” (PEPETELA, 2013, p.62) Diante do comentário, Sem Medo, tentando controlar o misto de raiva e dor, relembra com detalhes de um momento terrível no qual se voluntariou e apunhalou um traidor – quando seu corpo sentiu outro corpo humano perder a vida em suas mãos.

André é primo do comandante Sem Medo e responsável pelo envio de alimentos à Base. Ele é Kikongo e se envolve com Ondina. No espaço de fala de André ele está “no comboio, a caminho de Brazzaville, a caminho do desterro, sentado à frente dum homem que não responde senão por monossílabos, grave como deve ser um membro da Direção” (PEPETELA, 2013, p.168) André se envolve em problemas durante a narrativa, que fazem com que ele vá a julgamento:

Basta ver a sua cara para saber que o processo me será desfavorável. E onde estão os meus companheiros que me não defenderam? Fugiram todos, nenhum ousou abrir a boca a meu favor. Todos aqueles que me lisonjeavam, que andavam à minha volta esperando uma migalha, fugiram com medo dos kimbundos. Não há dúvida que são os kimbundos que fazem a lei (PEPETELA, 2013, p.168).

Ele critica o Comandante por não ter fuzilado o Ingratidão do Tuga, afirma que este queria o seu lugar e que foi vítima de um plano entre Sem Medo, Ondina e o Comissário, para derrubá-lo:

[...] Fez tudo para me apanhar o lugar, ele sempre quis ficar na retaguarda, a sua combatividade era só fogo-de-artifício.  
[...]  
Planearam então o golpe da Ondina. Pago pela minha imprudência, pela minha credulidade. Desejava Ondina? Sim, há muito tempo. [...] Perdi o meu lugar, mas valeu a pena. [...] O Sem Medo vai para o posto que pretendia e quem será o novo Comandante da Base? Claro que será o Comissário. [...] Foi tudo um plano arquitetado pelo Sem Medo, não pode haver dúvidas. Foi-lhe fácil convencer o Comissário, que só faz o que ele quer e que tem ambições. Simples como água! [...] E este cara-de-pau não percebeu nada. Quem acreditará no complô? Ninguém. Nem vale a pena denunciá-lo, ninguém acreditará. Pensarão que é desculpa (PEPETELA, 2013, p.169-170).

Diante disso, André afirma que fará sua autocrítica para desarmar os adversários e isso dará possibilidades aos seus amigos de advogarem em sua causa. Suas palavras, no entanto, não

parecem demonstrar qualquer arrependimento mas sim um modo de se safar do ocorrido:

Quando estiveres em maus lençóis, faz a tua autocrítica. Todos os ataques pararão imediatamente. [...] Quem pode atacar um homem que se não defende? Considerarão que sou um bom militante, pois autocritiquei-me. E não me fazem baixar de posto, mandam-me para outro sítio. Só os burros são teimosos, se mantêm no erro. Porque eu cometi erros, para quê negar? Deveria ter desconfiado da Ondina e tê-la levado para um sítio bem escondido, onde não pudessem arranjar testemunhas. Tenho que preparar a minha autocrítica, ela terá de ser sincera. Para me entristecer no momento, pensarei que poderia ter gozado uma semana com a Ondina e não foram senão duas horas de capim e mosquitos. Simples como a água! (PEPETELA, 2013, 170-171).

É importante observar que, em diferentes momentos da obra, as personagens apontam opiniões distintas e que essas representam uma polifonia no romance. Nesse sentido, a obra ganha complexidade e profundidade ao permitir refletir como cada indivíduo, a partir de seus interesses, vivências e experiências de vida, observa e julga as atitudes do outro. *Mayombe* ganha uma dimensão hermenêutica por apresentar diferentes pontos de vista sobre o mesmo fato sem priorizar ou julgar uma verdade absoluta do que acontece, compreendendo que os fatos são leituras individuais marcadas pelas histórias, utopias, crenças e valores de cada um.

No excerto anterior é possível perceber, justamente, o contraponto de ideias, através da perspectiva de André. O fingimento deste para conseguir alcançar seu objetivo. A justificativa por ele inventada para realizar as atitudes que melhor se adequam aos seus interesses – mesmo que prejudiquem o outro, ou que signifiquem mentir, enganar, trair. As distintas vozes e especialmente vozes como a de André, enriquecem o romance pois reverberam reflexões sobre moral e ética, revelam desvirtudes, falhas e os vícios da condição humana no seu amago: frágil, imperfeita, egoísta, etc.

Ainda em relação à *Sem Medo*, no que diz respeito à utopia, o professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP Mário César Lugarinho garante que “Há críticos que vão dizer que é um retrato muito fiel e há críticos que vão dizer que é um retrato muito idealizado” (PRADO, 2018, n.p.), mas para o professor existe sim, um toque de idealização, no sentido em que o leitor tem acesso há uma cordialidade excessiva dada por uma dose de doçura de *Sem Medo*, um homem pacífico que “rejeita as atitudes extremas que a guerra impõe” (PRADO, 2018, n.p.).

Uma reflexão possível sobre a crítica do professor é em que medida a existência de cordialidade ou doçura é uma idealização. Uma idealização no sentido de fugir de um rótulo de que os guerrilheiros “deveriam ser” de determinado modo uma vez que a guerra *exigiria um*

*padrão* de características dos guerrilheiros? Se assim for, eles não poderiam ser doces ou cordiais na guerra? Não defendo que exista resposta certa, mas a desconstrução e o questionamento são sempre pertinentes.

De acordo com Bergamo(2019), em relação a *Mayombe*, o autor relembra que ela reconstitui no cenário caótico da descolonização de Angola, o cotidiano de guerrilheiros do MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola). Nessa perspectiva, o livro se encontra entre um registro histórico e a investigação do mito fundacional, em que evidencia-se a defesa da liberdade individual e coletiva:

Aborda especialmente as ações, os sentimentos, as reflexões do bando armado, as contradições e os conflitos que moldavam as relações daqueles que buscavam construir uma nova nação livre da colonização da tutela ibérico-europeia. Com a peculiaridade de ser escrito a partir de diversos focos narrativos possibilitando ao leitor conhecer as personagens em autonomia o romance em foco apresenta um enredo permeado pela guerra e pela violência. Notadamente é o debate ideológico dos guerrilheiros o que caracteriza a obra como fundamental para o entendimento do cenário controverso que orienta o processo de independência tardia e conturbada de certos países africanos como Angola (BERGAMO, 2019, p.25).

A batalha pela libertação de Angola ocorre durante toda a ne Bergamo vê *Mayombe* como essencial para a compreensão da experiência histórica da descolonização e do que é realmente a motivação fecunda para lutar por uma pátria livre. A luta pela independência é o mote necessário para a união de povos de diferentes culturas e costumes, em detrimento de uma meta em comum. Um aspecto retomado inúmeras vezes ao longo da narrativa é o combate ao tribalismo. Algumas vezes visto como o elemento unificador das culturas dos povos nativos, algumas vezes como empecilho para a formação de um sentimento de coesão nacional, fato é que os impasses da organização tribal exercem papel fundamental ao longo do livro. Portanto, a característica definidora ou a grande questão norteadora do texto, segundo o autor (2019) é o destaque das tensões étnicas já existentes durante a época da guerrilha, que viriam a culminar na posterior guerra civil no país.

Nessa visão da obra como espelho do que ocorria no país, naquele momento da história, Alferi (2016, p.4) diz que *Mayombe* é “(...) uma reflexão aguda sobre as questões de liberdade, de diferença étnica, de justiça e do conceito de nação relacionado com a identidade, com todas as complicações que o conceito implica”. Deste modo, para a autora, a narrativa se constrói num contexto de convergência de culturas distantes assim como era a realidade de Angola nos anos setenta.

É importante conhecer a opinião do próprio escritor em relação a *Mayombe*. Quando

questionado<sup>21</sup>, Pepetela relata que ela foi escrita em total liberdade, uma vez que ele não pretendia publicá-la. Neste sentido, relatou que eram reflexões sobre o acontecia, em forma de romance. Comentou, ainda, que o romance até poderia ter sido um diário, mas nunca gostou de diários. A primeira parte do romance foi escrita à noite, nas bases do interior de Cabinda, enquanto os companheiros dormiam. Outra foi escrita em Dolisie, no Congo, perto da fronteira, onde ele e os companheiros tinham a base mais importante de apoio à guerrilha. E o final foi escrito em Brazzaville. O autor menciona que a obra possui muitas referências verídicas, já que eram relatos de sua vida na época Cabinda embora as personagens não correspondam a pessoas reais, pois apenas algumas características se assemelham a algum traço de seus colegas.

Ainda segundo Pepetela<sup>22</sup>, a criação de *Mayombe* surgiu de um comunicado de guerra no qual deveria escrever para os membros daquele agrupamento político:

*Mayombe* é um livro que foi feito sem projeto. Esse livro apareceu dum comunicado de guerra. Nós fizemos uma operação militar e eu era o responsável por mandar informações, redigir o comunicado, como tinha passado a operação e enviar depois para o nosso departamento de informação, que veiculava no rádio, no jornal. Eu escrevi aquela operação com que o livro começa e que é real. Acabei de escrever o comunicado, uma coisa objetiva, assim fria. E não foi nada disso que se passou. E continuei o comunicado, tirei a primeira parte e mandei pra eles, no departamento de informações e continuei. Saiu um livro sem saber quem era o personagem sem Medo (PEPETELA, 2014, n.p.).

Em relação as estratégias de escrita utilizadas por ele na construção de suas obras, segundo o autor, o mergulho na ficção se dá de tal forma que as personagens dialogam com o autor empírico, que escuta e acata os desejos delas. Nesse sentido, Pepetela explica que “houve um momento em que ‘Teoria’ queria falar. É verdade. Eu senti que ele queria explicar-se. Eu disse: então toma lá a palavra”. Então fala lá Tu.” [...] E eu achei graça. Gostei!” (PEPETELA: entrevista Youtube, 2014, n.p.)<sup>23</sup>. Esse movimento de *ouvir* os guerrilheiros, é o que teria desencadeado as vozes em primeira pessoa que emergem ao longo do romance. Assim como teria *ouvido* Teoria, ao fim do livro o autor afirma ter feito o mesmo com o Comandante Sem Medo quando este teria pedido para morrer e, diante disso: “Eu o matei.” (PEPETELA: entrevista Youtube, 2014, n.p.).

Ainda em relação ao próprio processo de escrita, no estudo de Rita Chaves “*Mayombe*: um romance contra Correntes” a pesquisadora afirma que “duas versões cercam o nascimento

<sup>21</sup> Entrevista realizada por P. Ismael Piñón y Gerardo González. Disponível em: <<https://www.aelg.gal/activ/filesdownload/EntrevistasPepetela.pdf>>. Acesso em 14 set. 2021.

<sup>22</sup> Entrevista publicada na Revista Ponto e Vírgula, n. 40, nov.-dez. 2000. Publicação da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

<sup>23</sup> PEPETELA. Leituras: *Mayombe*. Entrevista cedida a Filipe Zau. Angola Magazine. Programa: Leituras, Histórias da Literatura Angolana. Angola. 04 jun. 2014. Leituras: Histórias da Literatura Angolana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SgSsuOBU7ZQ>. Acesso em 27 set 2021.

do texto. Segundo o autor, [...] o texto nasceu como um trabalho jornalístico a respeito de um episódio da guerrilha.” Outra versão da criação de *Mayombe* que Pepetela teria contado em conversa com duas pesquisadoras brasileiras afirma que ele “reconhecia na obra indícios de seu desejo de escrever um roteiro para um filme” (CHAVES, 2009, p.125).

Em entrevista ao antropólogo brasileiro Frank Marcon, Pepetela afirmou que *Mayombe* surgiu do seu trabalho no programa de rádio Angola Combatente, no âmbito do qual foi chamado a seguir uma operação militar. Nas palavras do autor angolano:

É uma crónica romanceada, em que num momento dado as pessoas ganharam consistência, a história começa a encorpar-se e o resto não aconteceu mesmo, já é ficção pura. Ficção pura com muitos dados daquilo que eu ia aprendendo. Aquelas discussões todas, do tribalismo, eram coisas que se passavam, que no livro talvez estejam um pouco exageradas, mas eu escrevia para aprender. Eu não estava escrevendo algo para ser publicado, era para mim. Eu escrevia para aprender. Para saber actuar perante as questões que enfrentaria no dia-a-dia. Foi um bocado isto. Houve um boato de corrupção dentro do MPLA e eu queria era entender como as coisas aconteciam de um lado e de outro, como as pessoas se moviam, etc.; como é que apareciam as pessoas (MARCON, 2005, p. 23).

A declaração anterior de que o autor escreveu a obra para aprender a atuar na guerra possibilita ler *Mayombe* como “instrumento para instruir os militantes, e em especial os combatentes, quanto às atitudes e comportamentos a adoptar em situação de luta de guerrilha” (SANTOS, 2011, p. 28). Segundo a autora, que vê em *Mayombe* uma possibilidade de instrução aos guerrilheiros, os temas discutidos pelas personagens serviriam para dar aos combatentes um pensamento mais crítico em suas próprias vidas. Através das conversas estes poderiam refletir sobre como adquirir apoio popular para a revolução, sobre motivações corretas e incorretas para apoiar o combate, sobre a importância da educação aos guerrilheiros, sobre as causas e consequências dos problemas étnicos, raciais, etc., sobre os cuidados na aplicação da Lei da Disciplina, sobre prisão e tortura, sobre moral revolucionária e até “sobre as vantagens do uso da língua portuguesa relativamente às línguas africanas, surgindo a língua portuguesa como neutra, ao contrário do umbundu, cujo uso constituiria uma demonstração de ‘imperialismo’” (SANTOS, 2011, p. 28).

É interessante observar a leitura de Santos em relação a *Mayombe* como um método de doutrina. É uma possibilidade de interpretação. No entanto, me incomoda pensar a obra num sentido utilitário. Talvez a autora nem tivesse a pretensão de sugerir que a obra precise ou tenha esse viés, sobretudo porque acredito que não tem mesmo, mas trago essa questão porque, mesmo que soe romântico ou ingênuo de minha parte, vejo poesia na inutilidade dos textos. Evidentemente eles podem servir para algo, mas prefiro pensar na literatura pelo viés estético,



artístico, poético, enfim, sem que esta sirva para alguma coisa, embora aqui seja um objeto de estudo. Enfim, contradições, quem se livra delas?

O fato de diferentes figuras possuírem esse lugar de fala faz com que *Mayombe* ofereça a cada uma a possibilidade de apresentarem, em algum momento do texto, o relato do seu próprio ponto de vista de forma autônoma. Esta estrutura narrativa polifônica que é marcada na obra em Itálico e que apresenta várias figuras observando os acontecimentos a partir de seu ponto de vista revelam, segundo Bergamo (2019), o profundo respeito da obra com cada sujeito combatente na sua individualidade e a vocação autoral de transformar tais promotores da revolução em atores da ação crucial futura de edificação de uma identidade nacional benevolente.

Em relação a essa estrutura narrativa, Alferi (2016) diz que o autor expressa com perfeição as contradições de distintas subjetividades humanas e seus questionamentos em relação a motivações ideológicas alicerçadas no contexto de luta que são aprofundadas na psicologia de guerra. Assim, Pepetela traria à tona perplexidades inaceitáveis em heróis convencionais, o que, segundo Alferi (2016, p.5), “eleva conseqüentemente as personagens à mais intrincada condição de seres humanos”. As diferentes vozes são o que permitem a Pepetela “instilar o germe da dúvida no leitor, treinando-o para uma atitude crítica perante a realidade” (ALFERI, 2016, p.5).

Alferi afirma que pelas razões anteriormente citadas é possível considerar que Pepetela se coloque em um conflito existencial em relação à guerrilha, e não apenas pela questão mais óbvia que é a implicação direta e ativa da ideologia da luta, mas também no sentido de ser um sujeito em questionamento permanente e contínuo sobre o peso, a importância e as consequências que a efetiva subversão do sistema colonial implicaria. Por conseguinte, garante que um escritor como ele “[...] não se deixa cegar pelas luzes da ideologia, individua as sombras, os riscos que esta implica e chega a pôr em discussão os mesmos princípios que o puxam à luta” (2016, p.6). Assim, o tema da utopia de uma sociedade justa entra em conflito com a realidade e com as imperfeições humanas, das quais os combatentes não estão imunes.

Outra personagem emblemática da obra, é Teoria, o professor, a mente do grupo de quatorze guerrilheiros que compõe o batalhão:

Ele era o professor da Base. Não queriam que ele combatesse, davam-lhe os comunicados de guerra para escrever. Até que um dia ele exigiu que o deixassem combater. Nunca mais escreveu os comunicados de guerra, passou a vivê-los (p. 235).

O professor dá aulas que não são levadas muito a sério pela equipe mas que nos momentos críticos anteriores ao combate ajudam os guerrilheiros a passar o tempo e esquecer a fome (PEPETELA, 2013, p.128).

Logo nas primeiras linhas da obra, o intelectual acaba escorregando em uma pedra e esfola profundamente o joelho, motivo que já gera um debate sobre liberalismo com o Comissário Político e o Comandante sem medo. Torna-se evidente que todo e qualquer detalhe é motivo para uma discussão ou debate entre os colegas. Nesse caso, trata-se do retorno ou não de Teoria à Base uma vez que se precisasse correr estaria atrapalhando os colegas por não conseguir realizar a tarefa de modo ágil e rápido. Contudo, Teoria decide ficar por um motivo que considera o seu segredo: ser mestiço – razão pela qual sentia a obrigatoriedade de fazer guarda como os outros guerrilheiros, embora o fato de ser o professor entre eles o liberasse dessa responsabilidade. Teoria pensa que o comandante Sem Medo também tinha um segredo que o motivava ao combate e que é revelado posteriormente no desenrolar da trama.

Teoria nasceu na Gabela, a terra do café. Conta que “Da terra [recebeu] a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português” (p.14). Ele explica que traz o inconciliável e que este é seu motor já que num mundo em que as coisas são sim ou não ele representa o talvez:

Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta (PEPETELA, 2013, p.14).

Com isso, é possível interpretar Teoria como o meio termo, o equilíbrio, o meio do caminho. É interessante refletir sobre a amplitude que a ideia de inconciliável representa simbolicamente quando se pensa em humanizar as personagens. Quando falo em humanizar aqui, quero dizer complexificar, aprofundar singularidades, vincular extremos, aproximar contradições e paradoxos. A subjetividade humana está carregada de pensamentos, sentimentos, virtudes, vícios e comportamentos inconciliáveis.

Os segredos, ambições, medos e motivações que levaram ele e seus colegas até ali eram discutidos mental ou oralmente por cada um deles em reflexões antes de adormecer. Embora afirmasse ser a “consciência política, consciência das necessidades do povo!” (PEPETELA, 2013, p.17), o próprio professor admitia que essas eram palavras fáceis e que, no fundo, nada diziam. E continuava a reflexão sobre como agia em cada um deles a consciência:

Perdi Manuela para ganhar o direito de ser «talvez», café com leite, combinação,

híbrido, o que quiserem.

[...]

Entre Manuela e o meu próprio eu, escolhi este. Como é dramático ter sempre de escolher, preferir um caminho a outro, o sim ou o não! Porque no Mundo não há lugar para o talvez? Estou no Mayombe, renunciando a Manuela, com o fim de arranjar no Universo maniqueísta o lugar para o talvez.

[...]

Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro. Homem, queria ser negro, para que os negros me não odiassem. Onde estou eu, então? E Manuela, como poderia ela situar-se na vida de alguém perseguido pelo problema da escolha, do sim ou do não? Fugi dela, sim, fugi dela, porque ela estava a mais na minha vida; a minha vida é o esforço de mostrar a uns e a outros que há sempre lugar para o talvez (PEPETELA, 2013, p.18).

No fragmento, é possível interpretar uma necessidade de encontrar seu lugar no mundo, sentir-se parte de algo, pertencente. Esse não-pertencimento é gerado numa crença de que para ser ele era necessário abrir mão de Manuela, como se a conciliação dos dois fosse impossível ou como se estar com ela e, possivelmente, pedir para que ela o esperasse, fosse inaceitável. Posteriormente, o professor admite que ela era algo a mais em sua vida. Uma vida na qual está sempre tentando provar e afirmar o seu lugar. É possível interpretar aí uma sensação de não pertencimento que culmina em um término com ela. Em sua concepção, para poder ser ele mesmo (e, assim, possivelmente, ter seu lugar no mundo) seria preciso estar só ou sem ela.

Teoria, além de ter sido, em função de seus conhecimentos, nomeado como o professor da Base, é instrutor político, ajudando o Comissário. Sua vida na Base é preenchida por aulas, guardas e raramente, uma ação. Não atividades de guerra, embora sempre se ofereça a participar das missões, uma vez que defende a impossibilidade de negar qualquer coisa em razão do medo de alguém lembrá-lo de que ele não é igual aos outros por ser filho de um pai branco: “Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. Como o poderei fazer, eu que trago em mim o pecado original do pai-branco?” (PEPETELA, 2013, p. 22).

É interessante observar, no entanto, que esse medo de rejeição ou de se tornar motivo de riso ou preconceito entre os colegas não aconteceu, de fato, em nenhum momento anterior na obra. Trata-se apenas de um anseio do próprio em decorrência, possivelmente, de outros momentos em sua vida quando pode ter sido motivo de chacota ou ter presenciado situações de ridicularização de alguém. Independente das razões que tenha, para Teoria, sua raça é um motivo ou justificativa para não se manifestar.

A caminhada estava terrível para Teoria, o que não passara despercebido por Sem Medo. Na intenção de ajudar ou mesmo entreter o colega, o Comandante conta uma história de sua infância, quando apanhara de um colega e fugira por medo. O objetivo de Sem Medo pode ser o de fazer o professor refletir sobre a importância de enfrentar as situações. Assim, narra que

alguns dias após a humilhação, sem aguentar a vergonha e a covardia decidira procurar o menino e provocá-lo, apanhando novamente até que o outro se cansasse:

Provoquei o outro novamente, não imaginas o medo que eu tinha, [...]. O outro era muito mais forte [...] Defendi-me como pude, mais do medo que ele me inspirava que propriamente dos murros que recebia. [...] Eu iria até ao fim, morreria se fosse necessário, mas não me rendia. Ele acabou por dizer: ganhaste, desisto. Depois disso ficámos amigos... A partir daí compreendi que não são os golpes sofridos que doem, é o sentimento da derrota ou de que se foi covarde. Nunca mais fui capaz de fugir. Sempre quis ver até onde era capaz de dominar o medo (PEPETELA, 2013, p.42).

A história serve tanto para apresentar uma das razões do nome da personagem Sem Medo quanto para exemplificar a Teoria o motivo pelo qual ele deveria dizer aos colegas do grupo que estava com a perna doendo há dias. Afinal, a dor não estava, apenas, no joelho machucado, mas na covardia de dizer o que sentia independente do que os outros fossem pensar. Sem Medo oferece ao amigo uma possibilidade de conversa sempre que Teoria se sentir acuado por qualquer motivo. Adverte o intelectual que ali a sua cor de pele é indiferente ao grupo e que ele é respeitado por todos, e, nesse sentido, é o medo que deve ser combatido e que o diálogo pode ajudar, neste caso.

As discussões na tomada de decisões por conflito de raças (PEPETELA, 2013, p.98) na qual Teoria tenta acalmar os ânimos. Posteriormente tem um diálogo sobre a guerra tribal no grupo com Ekuikui:

– Achas portanto que os dois têm culpa?  
 – Camarada Teoria, os dois queriam a mesma coisa. Quando há problema tribal, não vale a pena pensar quem é que tem a culpa. Se duma vez foi um que provocou, é porque antes o outro tinha provocado. Quem nasceu primeiro, a galinha ou o ovo? É assim com o tribalismo.  
 Teoria entrou em casa e ficou calado. A sua atitude terá sido a mais correta?  
 Que podia eu fazer a mais? Tentei impedi-los, fui mesmo contra todos os que ali estavam, não tive medo de me meter. Será um sinal de progresso, de vitória sobre o medo? Noutra altura calar-me-ia ou iria embora, para não provocar problemas. Mas foi mais forte do que eu, não me controlava, fiz o que me passou pela cabeça. Talvez, sim, talvez tenha sido uma vitória (PEPETELA, 2013, p.100-101).

A medida que a história se desenvolve percebe-se a luta de Teoria consigo mesmo em se tornar mais corajoso e não se deixar dominar pelo medo. Entretanto, num dos momentos de tensão, que inclusive dá o nome ao capítulo IV da obra, *A surucucu*, teoria se vê na necessidade de enfrentar seus anseios. Ao atirar na cobra, o professor estava não apenas alertando os possíveis inimigos de sua presença no local, mas criando diferentes hipóteses na mente de cada guerrilheiro, o que é extremamente perigoso para o combate, uma vez que faz os colegas

acreditarem que foram atacados. A punição dele é atenuada pela justificativa de que a cobra iria atacá-lo (p.216). Em síntese, em relação ao professor é possível perceber que uma das principais lutas da personagem é o medo que emerge desse episódio e na sua insônia (PEPETELA, 2013, p.237).

O Comissário Político João, que é “alto e magro como Teoria” (PEPETELA, 2013, p.14) é uma figura importante pelas relações que estabelece com Sem Medo, com quem desabafa e de quem ouve conselhos e com a noiva Ondina. Apenas no terceiro capítulo, o que recebe o nome da noiva do Comissário, que o leitor o conhece pelo seu verdadeiro nome, João, que é como a noiva o chama. Entretanto, o momento de descoberta se dá através de Sem Medo: “– Que vais fazer a Dolisie<sup>24</sup>, João? Pela primeira vez, Sem Medo chamara-o pelo nome, o nome que Ondina utilizava.” (p.138). Uma leitura possível é que talvez o Comissário apenas se sinta o verdadeiro João quando alguém e, nessa situação, Ondina e Sem Medo, o façam. Sem Medo chama-o pelo assim para questionar sua decisão de voltar a Dolisie, no Congo, perto da fronteira, quando o Comissário descobre a traição da noiva com André, um colega de guerrilha.

Ondina escrevera uma carta ao noivo contando sobre o encontro “por acaso”: “– Por acaso, uma vez. Por acaso não, isso nunca é por acaso” (PEPETELA, 2013, p.139) entre ela e André. Ao descobrir, João se desespera querendo ir encontrá-la, uma vez que ela está pedindo perdão e transferência, mas Sem Medo não permite que ele saia por medo de sua atitude. Então, conversando, acolhendo e consolando o colega, consegue convencê-lo a não ir tão rápido ao encontro de Ondina. Em seguida, Sem Medo convida João para irem ao rio e conta sobre o momento em que aprendeu “a arte de dominar o outro”.

Sem Medo se envolvera com Leli, uma mestiça, em 1960, quando a moça decidiu que queria estar com outro homem. O comandante confessa que levou bastante tempo para compreender que era preciso deixar que ela vivesse uma experiência negativa com outro homem para poder reconquistá-la. Em razão disso, não apenas deixou que ela fosse, mas a incentivou, afirmando que já não se interessava mais por ela, o que a surpreendeu. Ainda assim, ela viveu algum tempo com outra pessoa e observou que o Comandante estava diferente, o que fez com que ela voltasse para ele:

– Vivemos assim dois meses. Vem o mais difícil de contar, agora. Enquanto estivemos separados, habituei-me à nova personalidade que me forjara. Todo o esforço de dominar o ciúme, de pensar nela como uma vítima a abater, acabou por me endurecer. [...] Eu precisava de me libertar dela, da influência que Leli tinha sobre mim. Para isso tinha de a reconquistar, de me sentir superior a ela, de ser capaz de agir apenas

---

<sup>24</sup> Conhecida também como Loubomo, é uma cidade da República do Congo, capital da região de Niari, importante centro comercial localizado no oeste do país.

racionalmente, apenas movido pela razão, sem sentimentos.

[...]

Depois de a reconquistar, senti-me liberto (PEPETELA, 2013, p.144).

O tempo em que precisou forjar essa nova armadura fez com que o comandante possivelmente sentisse, naquele momento, que havia perdido o interesse por Leli, o que culminou em traições e, finalmente, o término do relacionamento:

Ao fim de dois meses, analisei-me profundamente. [...] Analisei-me e vi que estava liberto. Nada do que fora era ainda. O passado estava morto, nem me emocionava ao pensar no outro ou em Leli nos braços do outro. Decidi então acabar de vez.

[...]

De qualquer modo, quando a reconquistei era sincero, não pensava abandoná-la depois. Enfim... Todas as interpretações são possíveis (PEPETELA, 2013, p.145).

Após o abandono de Sem Medo, Leli, no entanto, não desistiu de reconquistá-lo, saindo em busca dele (que nesta época estava em uma organização clandestina no Congo). Ao tentar entrar no Congo para reencontrá-lo e recuperar o relacionamento, a moça é apanhada pela UPA e assassinada – o que provoca no Comandante um sentimento de ligação, culpa e medo que o mesmo voltasse a acontecer em sua vida caso se envolvesse emocionalmente com outra pessoa:

– Quer dizer que...

– Não o digas! Fui o causador da sua morte, não é isso que ias dizer? Sim, fui o causador da sua morte. Involuntário, mas que importa? Leli viva não me conseguiu reconquistar. Mas a sua vingança foi a sua morte. Ligou-me fatalmente a ela, num sentimento que não é de maneira nenhuma o amor, mas que me amarrou. Hoje não posso amar nenhuma mulher, pelo medo de lhe fazer mal. Quando me interesse por alguém, zás!, há um vidro a separar-me dela, é o medo de voltar a sentir o que senti ao saber da morte de Leli. Matar não custa, Comissário. Não é nada matar na guerra! (PEPETELA, 2013, p.145).

No fragmento anterior, Sem Medo compara o sentimento de matar alguém totalmente desconhecido, na guerra à perda de alguém como Leli. Para o Comandante, que precisou executar outras vidas, matar um desconhecido é pouco ou nada em comparação a perder alguém com quem tenha laços afetivos.

O Comandante é uma figura constante no romance o que permite fazer algumas observações: a primeira é que Sem medo, embora seja um tipo de fio condutor da obra, não possui lugar de fala, no sentido de que em nenhum momento ele é o narrador como ocorre com os outros guerrilheiros. Talvez isso ocorra justamente porque ele já tenha tanto espaço durante a narração em terceira pessoa, quando diversos acontecimentos da obra giram em torno dele como, por exemplo, sua participação nas conversas, as relações que estabelece com o Comissário Político e com Ondina, seu comportamento corajoso nos combates e, finalmente, o

desfecho da obra, em que morre durante a luta.

A segunda observação é, pois, justamente relacionada ao seu fim. A morte de Sem Medo pode representar o encerramento da utopia, ou ainda, a incapacidade de viver uma utopia, uma vez que ela se transforma a medida que o sujeito avança. Embora Sem Medo fosse talvez o mais consciente em relação ao futuro, no sentido de que sabia que a Independência resolveria apenas uma pequena parte dos problemas do país, ele tinha suas motivações pessoais, suas crenças e razões para estar lutando. A morte dele simbolicamente pode representar também uma maneira de se sentir útil, (morrer em guerra), dar sentido a uma vida de culpa – que o ligava a mulher que acreditava ter matado, mesmo que indiretamente, e que, segundo ele, tivera endurecido seu coração. Possibilidades, leituras, enfim...

Voltando à João, o relacionamento dele com a noiva Ondina se desenvolve durante o romance e o narrador deixa claro que a conexão sexual entre os dois não funciona bem porque o Comissário não se entrega, assim como ela, o que culmina em duas traições por parte da moça. Ela é um vetor entre os guerrilheiros, provoca conflitos entre eles e, possivelmente, por isso recebe o nome de um dos capítulos da obra, mas é interessante observar que não recebe lugar de fala no enredo. Assim como o Comandante, outro fio condutor da narrativa, a moça não recebe um espaço de fala.

Milagre (ou o homem da bazuca), nasceu em Quibaxe e é quimbundo, assim como João e o Chefe das Operações. Ele se autodenomina (PEPETELA, 2013, p.34) como “bazuqueiro” já que gosta de ver os caminhões “carregados de tropa serem travados pelo meu tiro Certoiro”. Em sua opinião, atirar com a bazuca é um dos maiores prazeres da vida. Conta, em seus momentos de fala, sobre a terra dele “rica em café”, sobre o pouco estudo e sobre as cenas brutais de “crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até ao pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens.” Lembra, com pesar, sobre a morte do pai, um pobre camponês, destruído por um tipo de trator, chamado de buldozer. Critica as atitudes de Lutamos, Sem Medo e o Comissário soba a crença de que estes não viveram as tragédias que ele viveu em 1961. Aprecia o Chefe de Operações, mas reconhece a insuficiência de força dele no comando. Faz parte do MPLA, foi chamado pelo tio, que posteriormente fora expulso do movimento que segundo ele:

[...] expulsa os melhores, só porque eles se não deixam dominar pelos kikongos que o invadiram. Pobre MPLA! Só na Primeira Região ele ainda é o mesmo, o movimento de vanguarda. E nós, os da Primeira Região, forçados a fazer a guerra aqui, numa região alheia, onde não falam a nossa língua, onde o povo é contra-revolucionário, e nós que fazemos aqui? Pobre MPLA, longe da nossa Região, não pode dar nada!” (PEPETELA, 2013, p.34).

Outro momento de fala de Milagre que expõe sua opinião e pensamentos sobre os colegas de guerrilha está no fragmento a seguir, quando interpreta as razões do Comandante não ter agido como ele julgava adequado, por não ser da mesma região que ele e por não conhecer as necessidades dele:

O Comandante é kikongo;

[...] Ora, o fiote e o kikongo são parentes, é no fundo o mesmo povo. Por isso ele estava tão furioso por se ter roubado um dos seus primos. Por isso ele protege Lutamos, outro traidor. E viram a raiva com que ele agarrou o Ingratidão? Porquê? Ingratidão é kimbando, está tudo explicado.

Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É preciso sempre distinguir entre o tribalismo justo e o tribalismo injusto, e não falar à toa. É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter os mesmos direitos. Mas nem todos os homens estão ao mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem. E como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer com que estas avancem, até se poderem governar. Mas, o que se vê agora aqui? São os mais atrasados que querem mandar.

[...]

Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tугos. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra esta injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos (PEPETELA, 2013, p.47).

Em outro trecho da obra quando o Comandante decide por uma punição que Milagre acredita ser injusta:

Quem decidiu? O Comandante. Quem fez pressão para que fosse condenado? O Comandante, sempre o Comandante. Um intelectual, que nada conhece da vida, que não sofreu, um homem desses é que pode condenar-nos?

[...]

É esta a injustiça a que assistimos, sem poder fazer nada. Quando mudará isto? Oh, Nzambi<sup>25</sup>, quando mudará isto? (PEPETELA, 2013, p.64).

As diferenças étnicas, de crenças e de pensamentos podem ser percebidos nos excertos anteriores. Aí é possível perceber a impossibilidade de realização da utopia uma vez que entre os guerrilheiros da mesma base há diferenças enormes de pensamento. Milagre é um dos que dificilmente concorda com as atitudes dos colegas. Embora, o combatente seja muito elogiado no combate final da obra e é declarado, inclusive, como “o Melhor”: “Os que corriam para a

<sup>25</sup> A cosmogonia Bantu (ciência ou domínio que estuda as questões da criação da natureza) acredita que toda a natureza: Terra, Céus (Ntoto, Zulu) são criação do Nzambi A Mpungu (Deus), Ser poderoso, Supremo. Informações obtidas em: SAMBA TOMBA Justes Axe. *Cosmogonia Bantu: NZAMBI A MPUNGU* (Deus Supremo), a Criação da Natureza e do Homen (Muntu) 2018. Disponível em: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/cosmogonia-bantu-nzambi-a-mpungu-deus-supremo-a-criacao-da-natureza-e-do-homen-muntu/> Acesso em: 25 set. 2021.



segunda trincheira ficaram estupefatos, inertes, vendo Milagre, de pé, o peito descoberto, carregando a bazuka. [...]e Milagre terminou com eles, mais uma vez” (PEPETELA, 2013, p.239), sua bagagem de experiências é muito diferente da dos colegas o que dificulta a comunicação. Essa ausência de diálogo, que geralmente possibilita a existência de relacionamentos saudáveis – e aqui quando falo saudáveis quero dizer sem conflitos que terminem em mortes, uma vez que, no caso do grupo de combatentes, o inimigo *deva ser* o colonizador, afeta a união, a conexão e a força do grupo.

Assim como Milagre, Muatiânvua, revela, em seu lugar de fala, a realidade que viveu e na qual foi vítima da crueldade do sistema colonial nos seus piores momentos. Ele é descrito pelo narrador onisciente como “o desenraizado, o marinheiro” (PEPETELA, 2013, p.17), “filho de pai umbundo e mãe kimbundo, nascido na Lunda” (PEPETELA, 2013, p.36). Há um trecho que o descreve um soldado “considerado por muitos como «anarquista nas palavras»”. Que faziam muitos tremerem intimamente quando se pronunciava, que somente falava quando tinha “uma bomba para a discussão” (PEPETELA, 2013, p.106), que atirava para o meio da reunião, com um pequeno ricto nos lábios, os cabelos bagunçados e os olhos fulminantes de desprezo a quem tivesse cometido qualquer erro. Indicado inúmeras vezes para estágios ou promoções, mas segundo ele mesmo, sempre sabotado por algum inimigo. “Muatiânvua encolhia os ombros e dizia que não viera para passear pelo estrangeiro – que conhecia devido às viagens de marinheiro – ou para ser chefe; viera para lutar” (PEPETELA, 2013, p.106).

O espaço de fala a ele destinado exprime, conforme o excerto a seguir, um pouco dos conflitos tribais e raciais existentes entre os diferentes grupos e que constituem a identidade pessoal das personagens ao longo da obra:

Onde eu nasci, havia homens de todas as línguas vivendo nas casas comuns e miseráveis da Companhia. Onde eu cresci, no Bairro Benfica, em Benguela, havia homens de todas as línguas, sofrendo as mesmas amarguras. O primeiro bando a que pertenci tinha mesmo meninos brancos, e tinha miúdos nascidos de pai umbundo, tchokue, kimbundo, fiote, kuanhama.

As mulheres que amei eram de todas as tribos.

[...]

Querem hoje que eu seja tribalista!

De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo eu o swahili, não aprendi eu o hauss com um nigeriano? Qual a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa? Eu sou o que é posto de lado, porque não seguiu o sangue da mãe kimbundo ou o sangue do pai umbundo.

[...]

Eu, Muatiânvua, de nome de rei, eu que escolhi a minha rota no meio dos caminhos do Mundo, eu ladrão, marinheiro, contrabandista, guerrilheiro, sempre à margem de tudo, eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir minha força (PEPETELA, 2013, p. 120-121).

Como menciona no excerto anterior, o nome Muatiânvua é uma referência ao nome do primeiro rei entre os Lunda, no Nordeste de Angola, região onde a exploração de diamantes movimentou o negócio colonial até o momento da luta pela independência. A população local era a mão-de-obra fundamental. A narrativa de Muatiânvua, soldado do MPLA, pode ser pensada como a de um sujeito que representa alguém sem um lar fixo, um marinheiro, alguém sempre em trânsito, um eterno viajante.

É importante pontuar que as personagens e seu crescimento na narrativa podem ser interpretados como paradigmas e reflexos da nação ainda em desenvolvimento em que nação possa ser compreendida como uma nova perspectiva em relação ao outro e em relação “[...] aos contrastes existentes entre tradição e modernidade, passado e futuro, bens de raiz e valores eternos” (PEPETELA, 2013, p.6). Nas palavras de Mia Couto, em relação à Pepetela, aquele afirma que este não está a escrever sobre Angola, mas que “está escrevendo Angola, essa que há mas que ainda não existe, a sonhada e a geradora de sonhos”<sup>26</sup>. Neste sentido é possível estabelecer relações com o que Pepetela afirma ter dito, em entrevista publicada na Revista Caju<sup>27</sup>, aos seus companheiros da guerrilha: “Estou a escrever para perceber o que estou a fazer, estou em busca da realidade.”

No que se refere ao escritor, Bergamo (2019, p.35) afirma que:

O escritor militante Pepetela participou ativamente do processo de libertação e de constituição de uma nova sociedade angolana, o que pressupunha a superação do colonialismo e a articulação de um inédito projeto nacional. A formação de uma identidade integradora estava diretamente ligada ao fortalecimento do Estado-nação. Entretanto, por mais que houvesse um esforço nacional-popular, a defesa de uma identidade multívoca que unisse a imensa pluralidade angolana sempre partiu da aspiração de intelectuais e de burocratas, o que dificultava o mínimo consenso sempre necessário em tais questões, e solicitava comprometimento e participação em prol da construção de um destino em comum.

Portanto, é possível perceber que a Angola é um país em metamorfose, segundo Alferi (2016) na busca por abandonar uma pele que já não lhe cabe, um processo idêntico ao do Comissário Político após a morte do Comandante Sem Medo:

A morte de “Sem Medo” constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo dez anos projetado à frente), quando o inevitável se deu.

“Sem Medo” resolveu o seu problema fundamental: para se manter ele próprio, teria de ficar ali, no Mayombe. Terá nascido demasiado cedo ou demasiado tarde? Em todo

<sup>26</sup> Mia Couto, Epígrafe de: Pepetela, Contos de Morte, Luanda, Chá de Caxinde, 2008.

<sup>27</sup> Rita Silva Freira entrevista Pepetela.

caso, fora do seu tempo, como qualquer herói de tragédia.

Eu evoluo e construo uma nova pele. Há os que precisam escrever para despir a pele que lhes cabe já. Outros mudam de país. Outros de amante. Outros de nome ou de penteado. Eu perdi o amigo (PEPETELA, 2013, p.247).

Ainda em relação à polifonia narrativa, Bergamo garante que esta concede ao romance um grande dinamismo e uma riqueza psicológica enorme, permitindo um conjunto de interpretações diferentes e olhares sobre o mundo desiguais que refletem, na construção de uma nação, as diversas linhas de pensamento existentes naquele contexto de luta anticolonial. "A tentativa de conciliação das diferenças e uso da lógica de alteridade são que definem o sucesso de um projeto de nação pacificada a ser alcançado depois da libertação"(BERGAMO, 2019, p.25).

A reflexão de Bergamo sobre a polifonia é complexa, no sentido de que mesmo que a obra proponha diferentes pontos de vistas das personagens, e que estas por sua vez tenham opiniões totalmente distintas e, muitas vezes, contrárias, o ponto de vista do autor sobre a obra é um só. Mesmo que ele tenha vivido a guerra na própria pele e tido diferentes experiências com pessoas de raças, lugares e culturas distintas, penso que a nossa capacidade de outrar-se é sempre limitada. Sentimos na pele a nossa dor e apenas esta. A empatia nos torna mais capazes de aceitar, respeitar, compreender o outro, mas nunca de sentir a dor que ele sente e viver a vida que ele viveu. Finalmente, mesmo que sejam vozes distintas dos guerrilheiros, essa voz de cada um é baseada nas vivências que o autor teve e na sua imaginação combinada com a interpretação dos relatos das experiências e trajetórias de seus colegas de combate.

Bergamo defende, ainda, que:

Mesmo a união contra um inimigo comum não descarta o problema incontrolável do tribalismo, definidor do modo de vida pulverizado pelos diferentes agrupamentos étnicos, assim, aspectos nefastos de um ancestral modo de organização social jamais são eliminados, um sentimento de distinção intransponível entre as diversas culturas locais está arraigado ao próprio Imaginário dos povos de Angola (BERGAMO, 2019, p.25).

Ao ouvir *Mayombe* é possível perceber que trata-se de um livro feito de ações. Existem muitas atividades acontecendo rapidamente na narrativa – o que é natural, afinal, é uma história de guerra. No entanto, apesar desse ritmo, o autor reserva um espaço importante para os pensamentos psicológicos de cada personagem, algumas reflexões deles, longas conversas e debates sobre as opiniões, crenças e hipóteses de cada uma. Portanto, se por um lado, está acontecendo o combate ou a preparação para ele, por outro, é possível pensar em um (ou mais

narradores) conforme a interpretação de cada um<sup>28</sup>, distintos entre si, pela origem, raça, criação, etc., mas com um objetivo comum, convivendo diariamente e lidando com as divergências de pensamento neste processo imbricadas.

A guerra em si pode transmitir um ar de movimento e atrito constante que pode ser percebido quando algum guerrilheiro se machuca, quando há escassez de alimentos mas não apenas nestes momentos. É possível perceber a aura tensa nas constantes discussões dos soldados por conflitos gerados por suas diferentes opiniões e que emergem em seus pensamentos, atitudes e comportamentos. Os conflitos raciais e tribais são um mote para discussões ideológicas incessantes. Em razão disso, é possível *ouvir* um Pepetela preso ao caos das ações com um olhar incerto em relação ao futuro. A utopia está presente nas discussões e conflitos mas de um modo mais distante, do que irá aparecer no romance interpretado posteriormente.

O sonho pela libertação de Angola e as hipóteses futuras ainda aparecem muito presas às estratégias dos guerrilheiros e às ações de combate destes. A utopia, neste primeiro romance interpretado, em comparação aos outros, parece mais voltada ao objetivo de atacar os portugueses e vencer a guerra embora não se consiga visualizar algum cenário posterior. O que muda desta para as outras obras é, pois, justamente, o modo de vislumbrar o futuro pois a medida que o autor enfrenta a libertação da Angola na vida prática a utopia se modifica. Seu olhar sobre a realidade se modifica, torna-o menos idealista e romântico, talvez, em relação aos homens. Um dos diálogos entre Sem Medo e João podem ser *lidos* por esse ângulo, quando o Comandante afirma que, ao fim da guerra o Comissário, possivelmente, será totalmente dogmático e se ofenderá ao ter de ouvir certas “verdades”:

- Sei que não te ofendes com isso. Ainda tens uns restos de compreensão, ainda não és totalmente dogmático... Isso virá, talvez, mas por enquanto ainda podes ouvir umas verdades sem te ofenderes.
- A partir de que momento pensas que me ofenderei?
- Tu? Quando acabar a guerra. Quando fizeres parte dum Partido vitorioso e glorioso que conquistará o poder e que considerará pagãos todos os que dele não fizerem parte. Quando estiveres sentado no poder, pertencendo ao grupo restrito que dominará o Partido e o Estado, depois da primeira desilusão de constatar na prática que o socialismo não é obra dum dia ou da vontade de mil homens (PEPETELA, 2013, p.110-111).

---

<sup>28</sup> Há divergências interpretativas em relação aos narradores do romance. Alguns pesquisadores afirmam que há inúmeros narradores que expõem diferentes pontos de vista em razão das muitas vozes – que são evidenciadas em itálico e expõe os pensamentos de cada personagem; outros, no entanto, defendem que o ponto de vista do narrador é o mesmo apesar da multiplicidade de vozes. Há um narrador onisciente, em terceira pessoa e alguns depoimentos em primeira pessoa que são os pensamentos das personagens em quinze diferentes momentos da obra. Não faz parte do meu objetivo de estudo definir quem diz “o certo”, ou, ainda, definir se exista “apenas um certo”, mas sim apontar as diferentes possibilidades de leitura.

No excerto, Pepetela, através da voz de Sem Medo, expõe uma perspectiva de futuro menos utópico e mais preso a um pensamento realista e, talvez, até pessimista em relação ao que ocorre na política, no sistema e no país após a conquista da Independência. Mesmo que muito tenha sido conquistado, ainda resta um longo trajeto para alcançar a igualdade e o tão sonhado socialismo. Assim, é possível estabelecer relações com a perspectiva de utopia como uma máquina propulsora que mantém o sujeito em constante movimento, assim como mencionado na epígrafe da presente tese: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar” (BIRRI apud GALEANO, 1994, p.310).

A medida em que avança e se aproxima do sonho, o sujeito se vê numa realidade que ainda não o satisfaz, o que pode ser vista tanto como um aspecto negativo – caso a insatisfação frustrar-o, desiluda-o e paralise-o, quanto num aspecto positivo – quando a insatisfação é convertida em energia para buscar outras ideias, criar novas utopias, manter-se em movimento. Se por um lado a tão sonhada Independência resolve muitas questões, outros desafios emergem a partir de então. É natural que isso ocorra. Faz parte do processo de *estar vivo*.

Obviamente, libertar um país de um regime colonialista traz inúmeros benefícios para um povo, para uma nação. Contudo, a independência do país não torna o indivíduo perfeito, completamente virtuoso, incapaz de errar. São seres humanos que lideram e que tomam decisões em nome de milhões de pessoas e consequências são geradas a partir das ações. A libertação de Angola não transforma os sujeitos que vivem nela, o que sim, pode mudar, conforme é possível *ouvir* através das obras de Pepetela, é o modo como o autor enxerga a utopia, o modo como encara a vida, como se expressa ao criar mundos um tanto presos ao real e um tanto fictícios, o que possivelmente revela uma parte de suas experiências combinadas a sua imaginação.

Uma figura que talvez seja a personificação da utopia, na obra, é Mundo Novo um representante da elite africana que vai estudar fora de seu país. Não apenas pelo nome, mas pela trajetória e pela ideologia que apresenta no romance. Ele era de Luanda, de origem kimbundo, mas os estudos ou talvez a permanência na Europa tenham-no libertado do tribalismo, segundo o narrador. No seu espaço de fala na obra, comenta que não é egoísta e que o marxismo-leninismo mostrou-lhe que o homem como indivíduo não é nada, já que só as massas constroem a História. Mundo Novo afirma que se fosse egoísta, agora estaria na Europa, trabalhando e ganhando bem, mas decidiu lutar porque se diz desinteressado: “Os operários e os camponeses

são desinteressados, são a vanguarda do povo, vanguarda para, que não transporta com ela o pecado original da burguesia de que os intelectuais só muito dificilmente se podem libertar. Eu libertei-me, graças ao marxismo” (PEPETELA, 2013, p.78). Mundo novo afirma que é por isso que Sem Medo está errado, que possui comportamentos anarquistas e vaidade pequeno-burguesa:

Como poderemos fazer confiança num homem tão pouco objetivo?  
A Revolução é feita pelas massas populares, única entidade com capacidade para a dirigir, não por indivíduos como Sem Medo.  
O futuro ver-me-á, pois, apoiar os elementos proletários contra este intelectual que, à força de arriscar a vida por razões subjetivas, subiu a Comandante. A guerra está declarada (PEPETELA, 2013, p.102).

Mundo Novo afirma que o comunismo não será conquistado tão logo, enquanto ele estiver vivo, mas acredita que ao socialismo conseguirão chegar. Diz ele: “São precisos muitos anos para vencer as relações de produção capitalistas e a mentalidade que elas deixam” (p.228). Em um diálogo com o Comandante afirma que os dois possuem a mesma posição, mas Sem Medo discorda:

– Não, não é. Tu estás na luta pela independência, preparando ao mesmo tempo o socialismo. O teu móbil é político. Para ti, tudo se passa em função do objetivo político a atingir.  
– E tu?  
– Eu? Eu sou, na tua terminologia, um aventureiro. Eu queria que na guerra a disciplina fosse estabelecida em função do homem e não do objetivo político. Os meus guerrilheiros não são um grupo de homens manejados para destruir o inimigo, mas um conjunto de seres diferentes, individuais, cada um com as suas razões subjetivas de lutar e que, aliás, se comportam como tal (PEPETELA, 2013, p.228).

Aqui é possível identificar uma grande utopia: a esperança de um amanhã socialista e a crença de que ao alcançar (se fosse possível) o socialismo este seria a representação do mundo perfeito é uma ingenuidade. Em primeiro lugar porque a perfeição é irreal, ela é sempre resultado de algum ponto de vista: o que Mundo Novo considera perfeito é *apenas* o seu ideal de perfeição; e segundo, porque as diferenças étnicas e raciais entre os guerrilheiros é tão forte durante a obra que mesmo em um mundo socialista essas distinções se sobressairiam, ou seja, outros conflitos, desafios, outras dissemelhanças culminariam em conflitos.

Isso não significa que o conflito seja algo negativo. Se por um lado os conflitos, a distinção entre as raças e etnias não são um problema uma vez que permitem reunir diferentes perspectivas de mundo e aumentar as percepções e o modo de encarar a vida; por outro, a convivência com tantas dissemelhanças, entre os guerrilheiros, pode ser caótica quando se quer unir forças por um objetivo em comum.

No caso da do romance: a luta pela Independência de Angola. Existem situações em que

não há muito tempo para debates e discussões da *melhor* decisão a ser tomada. A não- tomada de decisão já é uma atitude que traz consequências. Como conciliar as diferenças de ideologias? Se em um grupo com quatorze guerrilheiros cada um tem sua própria *voz* e estes várias vezes não conseguem se comunicar, como no excerto a seguir. *Pensamento* de Mundo Novo em relação a Sem Medo: “Por isso, Sem Medo está errado. Mas como explicar-lho, como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à luta?” (PEPETELA, 2013, p.78)

O nome Mundo novo também pode ser interpretado como a representação da utopia. Mundo Novo: o rótulo do desejo de um mundo novo. Ele recebe esse nome por ser, possivelmente o mais utópico entre eles? Um que ainda acredita na concepção de um mundo melhor? É uma figura importante porque reflete a própria desconstrução e reconstrução de utopias, a transformação destas, quando, por exemplo, afirma que não viverá para conquistar o seu sonho inicial: o comunismo.

Os nomes que designam rótulos ou arquétipos dos guerrilheiros também podem ser *lidos* como exemplos de utopia no sentido de que eles representam projeções irreais dos mesmos. A medida que conhecemos os pensamentos e ideologias de cada guerrilheiro, através do enredo, da narrativa ou das vozes destes, emergem suas fragilidades, suas virtudes e o rompimento ou reconfiguração do seu estereótipo inicial apresentado em seus nomes.

As três últimas personagens do romance que recebem voz na narrativa são: o Chefe do Depósito, o chefe das operações e Lutamos. O Chefe do Depósito é um homem pesado, com a aparência de quarenta anos, que demonstra compaixão com Sem Medo apesar do Comandante ser um intelectual, em sua perspectiva. O Chefe afirma ter sido combatente na Primeira Região, dos grupos do Congo e, depois do fracasso e de ficar doente, passou a trabalhar no Depósito. A saúde não permite que esteja permanentemente na guerra, porém, segundo ele, “tomar conta do material de guerra também é fazer a revolução” (p.184). Ele conta está há duas noites sem dormir para evitar que os presos fujam. Conta que em Quibaxe, já era adulto e casado, quando a guerra começou. Era Camponês sem-terra e trabalhava na roça de um colono. Ao entrar em combate sempre acreditou que qualquer coisa feita para acabar com a exploração seria correto e, por isso, fez tudo. No entanto, não esperava que o fim da guerra fosse demorar tanto, já que os traidores impediram a luta de crescer. Sobre estes, afirma que:

Traidores de todos os lados. É mentira dizer que são os kikongos ou os kimbundos ou os umbandos ou os mulatos que são os traidores. Eu vi-os de todas as línguas e cores. Eu vi os nossos próprios patrícios que tinham roças quererem aproveitar para aumentar as raças. E alguns colaboraram com a Pide.  
Por isso, Sem Medo tem razão. Por isso não durmo, para que haja justiça. Ingratidão cometeu um crime contra o Povo e quem o ajudou a fugir cometeu também. É justo

serem castigados (PEPETELA, 2013, p.185).

O chefe do depósito admira o Comandante por achar que este age conforme as palavras que diz e é sincero e que embora os demais colegas desconfiem dele por ser kikongo, ele admira-o e não desconfia dele. Já o Chefe Das operações é um dos líderes do MPLA, é denominado por Milagre como kimbundo, assim como o mesmo e como o Comissário. Um episódio interessante envolvendo-o é a acusação dos colegas em relação ao seu comportamento. Acusam-no de agir por interesse. O diálogo a seguir explicita a interpretação dos guerrilheiros em relação às decisões e opiniões do líder:

- Que queres dizer?
- Simplesmente que, desde que tu e eu não estejamos de acordo, vocês são dois e eu um: O Das Operações vai sempre pelo teu lado. Até parece que nunca reparaste!
- Sim, reparei. Porque faz ele isso?
- Não tens ideia?
- Tenho duas: [...] ou porque sou o Comandante e deve apoiar-se para estar bem comigo e poder subir... ou porque tu és o Comissário, cargo logo a seguir ao dele, e deve estar contra ti, destruir-te, mostrar os teus erros, para apanhar o teu lugar.
- Pensas assim?
- [...]
- Também me parece que sim – disse o Comissário. – É pena! É um bom militar, no meu entender. Sobretudo quando eu não participo numa operação e, assim, as suas boas ideias não podem vir ajudar o meu prestígio. Quando eu estou, ele comete erros só para me contradizer. Não porque eu tenha sempre razão, mas às vezes também tenho (PEPETELA, 2013, p.20-21).

É importante observar a leitura dos dois em relação ao Chefe das Operações. Possivelmente, ele realmente tenha interesse (conscientemente ou não) nos cargos superiores ao seu como apontam Sem Medo e o Comissário e por isso fique sempre ao lado do Comandante. No entanto, o julgamento dos dois pode estar equivocado. Interpretar o outro pode ser um fardo, pode ser arriscado e muitas vezes é um espelhamento do indivíduo A com o B. A famosa frase atribuída à Freud explica a situação: “Quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro que de Paulo”. O sujeito vê, aponta e, no caso da frase, fala do outro apenas o que reconhece de si. Neste sentido, a percepção de interesse em relação ao Chefe pode ser apenas um espelho dos interesses que os dois têm e não, necessariamente, o real sentimento do Guerrilheiro – que aleatória ou genuinamente poderia pender para o lado do Comissário por qualquer outra razão (afinidade, admiração, compaixão, medo, etc.). É importante manter essa consciência ao opinar e julgar o Chefe, pois ele é apresentada ao leitor como um indivíduo ambicioso, que quer subir de cargo ou, ainda, como alguém que deseja prejudicar o colega Comissário.

O diálogo entre os dois acaba pendendo para uma discussão sobre o tribalismo, a imensa



divergência de etnias, os preconceitos sempre presentes na obra, o que permite interpretar que mesmo numa guerra, mesmo “estando do mesmo lado, com o mesmo ideal”, individualmente há constantes disputas de poder, de cargo, rixas, discussões por ego, etc. Sem Medo aconselha o colega no sentido de levar em consideração que antes de qualquer ideal, os guerrilheiros são homens:

O Comandante deu-lhe uma palmada no ombro.  
 – Tens de te habituar aos homens e não aos ideais. O cargo de Comissário é espinhoso, por isso mesmo. O curioso é que vocês, na vossa tribo, até esquecem que são da mesma tribo, quando há luta pelo posto. [Sem Medo]  
 – O que não quer dizer que não há tribalismo, infelizmente. Aliás, não me venhas dizer que com os kikongos não se passa o mesmo. [Comissário]  
 – Eu sou kikongo? Tu és kimbundo? Achas mesmo que sim? [Sem Medo]  
 – Nós, não. Nós pertencemos à minoria que já esqueceu de que lado nasce o Sol na sua aldeia. Ou que a confunde com outras aldeias que conheceu. Mas a maioria, Comandante, a maioria? [Comissário]  
 – É o teu trabalho: mostrar tantas aldeias aos camaradas que eles se perderão se, um dia, voltarem à sua. A essa arte de desorientação se chama formação política! [Sem Medo] (PEPETELA, 2013, p.21)

Embora o Comissário se veja como parte de uma minoria que não faz distinção tribal, afirma que a maioria ainda o faz. Diante disso, o Comandante explica que essa é uma das funções do colega, definindo essa “arte de desorientar” como formação política.

Ainda sobre o Chefe de Operações, em seu espaço de fala, ele confessa não conseguir falar com o Comandante porque “Ele é um intelectual, eu um filho de camponês” (PEPETELA, 2013, p.209). A diferença que separa os dois, em termos sociais, na perspectiva do Chefe, torna impossível que se compreendam. Ele conta que, embora criança, participou nos ataques às roças dos colonos, quando atacava com pedras, no meio de homens com catanas e alguns, raros, com canhangulos<sup>29</sup>. Conta que massacrrou os colonos, destruiu roças, até dinheiro, queimou e proclamou território livre. “Éramos livres. Os brancos durante séculos massacraram-nos, porque não massacrá-los? Mas uma guerra não se faz só com ódio e o exército colonial recuperou o território, o território livre voltou a ser território ocupado” (PEPETELA, 2013, p.209). Depois disso se tornou integrante do MPLA, onde aprendeu a fazer a guerra com organização. Conta que aprendeu a ler e pode reavaliar o que tinha feito em 1961, cortando cabeças de brancos, mestiços, assimilados e umbundus, fosse talvez justo naquele momento. “Mas hoje não pode servir de orgulho para ninguém. Era uma necessidade histórica, como diz o Comissário Político” (PEPETELA, 2013, p.209).

As palavras do Chefe revelam uma possível culpa pelas atrocidades por ele cometidas

<sup>29</sup> Espingarda antiga ou de fabricação artesanal.

em guerra em outra fase de sua vida, que se tornam amenizadas pelo conforto dos conselhos do comissário Político. O chefe não concorda, no entanto, que ele esteja sempre ao lado do Comandante, que é kikongo. “Foram os kikongos que vieram mobilizar-nos, que trouxeram as palavras de ordem do Congo de avançar à toa, sem organização. [...] Perdida a guerra de 62, os kikongos infiltraram-se no MPLA. O Sem Medo não. Ele é kikongo, mas nasceu em Luanda” (PEPETELA, 2013, p.209-210).

Se por um lado não gosta de Sem Medo por ele ser kikongo, em razão das terríveis experiências que viveu com esse povo, por outro, admite que o problema do Comandante é ser um intelectual que não compreende o povo e que não perdeu filhos na guerra, mas que agora perde o sono por ter seu filho (a base) ocupada pelo inimigo: “Nós estamos habituados. Os nossos filhos morreram sob as bombas, sob a metralha, sob o chicote do capataz. Estamos habituados a ver os nossos filhos morrer. Ele não. A Base era o seu filho, criou-a contra todos” (PEPETELA, 2013, p.210). O chefe conta que gostaria de se comunicar com Sem Medo, mas não sabe como o fazer e acredita que não seria compreendido. Após o ataque da surucucu, conta que todos passaram a admirá-lo por suas ações em combate, pela rapidez com que atuou e pela coragem que deu aos civis:

Hoje, Sem Medo ganhou o apoio dos guerrilheiros da Base e dos de Dolisie. Não se fala de outra coisa, só se fala do Comandante. Esqueceram que ele é kikongo, só veem que ele é um grande Comandante.  
Se todos assim pensam, sobretudo o Chefe do Depósito que já é um mais velho, talvez então seja verdade. Começo a pensar que fomos injustos para ele.  
É um intelectual. O Povo só o compreende, quando ele se explica pela ação.  
(PEPETELA, 2013, p.221).

O Chefe afirma que Sem Medo é admirado pelos guerrilheiros por suas ações, apesar de ser kikongo. Mais uma vez, as diferenças étnicas aparecem, mas no fragmento anterior, possivelmente, de modo mais brando, pela atitude do comandante ter feito todos sentirem que tinham se comportado como heróis.

A última figura do romance que ganha espaço de fala é Lutamos, um cabinda, mas considerado pelo narrador como destribalizado, uma vez que não existem outros com essa origem no grupo. Logo no início do romance, Lutamos contraria a proposta do chefe de grupo Verdade que defendia a necessidade de apanhar os trabalhadores da exploração e fuzilá-los, por trabalharem para os colonialistas. Ele possui resistência ao aprendizado, afirma não querer estudar, o que deixa o Comandante irritado:

— Tu, Lutamos, és um burro! – disse Sem Medo. – Quem não quer estudar é um burro e, por isso, o Comissário tem razão. Queres continuar a ser um tapado, enganado por

todos... As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros O homem tem de saber muito, sempre mais e mais, para poder conquistar a sua liberdade, para saber julgar. Se não percebes as palavras que eu pronuncio, como podes saber se estou a falar bem ou não? Terás de perguntar a outro. Dependes sempre de outro, não és livre. Por isso toda a gente deve estudar, o objetivo principal duma verdadeira Revolução é fazer toda a gente estudar. Mas aqui o camarada Mundo Novo é um ingénuo, pois que acredita que há quem estuda só para o bem do povo. É essa cegueira, esse idealismo, que faz cometer os maiores erros. Nada é desinteressado (PEPETELA, 2013, p.75).

Em seu espaço no romance, Lutamos conta que, ao avançar em determinado território, Pau Caído, será o único natural do povo Cabinda a atacar: “Um, eu mesmo. Um, no meio de cinquenta. Como convencer os guerrilheiros de outras regiões que o meu povo não é só feito de traidores? Como os convencer que eu próprio não sou traidor?” (PEPETELA, 2013, p.235). Lutamos acredita que os outros guerrilheiros desconfiam dele já que afirma perceber palavras a meia voz e conversas interrompidas ao se aproximar, com a exceção de Sem Medo. O guerrilheiro teme que o Comandante se afaste, indo para o Leste, pois este sempre o defende e se opõe ao tribalismo. Lutamos sabe que precisará se impor, ser corajoso e não temer: “E Nzambi sabe como tenho medo! Mas que será feito do meu povo se o único cabinda se portar mal?” (PEPETELA, 2013, p.235). No trecho, o combatente afirma que será como Sem Medo pois seu povo exige que o seja.

Outras personagens secundárias da obra são Verdade, que é um guerrilheiro destrabalizado, é descrito como calmo e um ótimo combatente, Ekuikui, que é caçador, Pangu-A-Kitina, Ingratidão do Tuga Vewê, Sacador, Alvorada, entre outras que não são aprofundadas ou não aparecem tanto no romance e, assim, não ganharam maior descrição no presente estudo.

É possível refletir sobre o sonho utópico de mundo *ideal* que, feliz ou infelizmente, existe, apenas, nas histórias como a de Thomas Moore, mesmo que também apresente inúmeras falhas, ilusões que não funcionam na prática, verdades e crenças que beneficiam apenas alguns, porque são feitas a partir de um ponto de vista e esse impossivelmente refletirá os anseios de todos. Como afirma Leonardo Boff “Todo ponto de vista é a vista de um ponto” (1998, p.9). A utopia pode manter o ser humano em movimento, o que não significa que ele deixe de ser ora ambíguo, imperfeito, dual, contraditório. Sempre capaz de cometer coisas – se elas são boas ou más – isso depende do ponto de vista.

É importante ressaltar que as leituras aqui propostas revelam a minha perspectiva em relação ao texto suscitada, na maior parte das vezes, na apreensão dos fatos narrados sem qualquer pretensão de uma leitura fechada. Acredito, sobretudo, que os leitores se leem e que interpretam o que podem/querem/sentem e que isso não significa mais ou menos capacidade ou comprometimento. O texto literário comunica diferentes coisas para distintos leitores e isso está

além do que é absolutamente certo ou errado. A leitura e a literatura podem ser vistas (por diferentes indivíduos) como espaços de reflexão, autorreflexão ou mera junção de sílabas e/ou fonemas, tudo depende de quem olha. Afirmar sua finalidade é tão válido quanto negar qualquer responsabilidade da mesma. A leitura é o que é, assim como a literatura é o que é para cada indivíduo. As personagens de Pepetela ganham dimensões humanas, vida e verossimilhança por apresentarem essas incongruências tão intrínsecas a alma humana.

## 6 A GERAÇÃO QUE SONHOU

*É verdade! E, se outros puderem ver como eu vi,  
então talvez o que vi possa ser considerado uma  
visão, e não um sonho.*

(William Morris)

Dando continuidade ao estudo das obras, este capítulo é dedicado a ouvir as personagens e a história narrada em *A geração da utopia* – obra publicada originalmente em 1992 e que acompanha a história de um grupo de jovens, em sua maioria utopistas e revolucionários, que lutaram pela liberdade de Angola. Aqui a perspectiva crítica e irônica do autor retrata alguns valores revolucionários expostos em *Mayombe* confrontando-os com a realidade que realmente foi construída após a independência do País.

Diferentemente do primeiro romance aqui estudado, *Mayombe*, em que várias personagens ganham voz narrativa expondo seus pontos de vista, a obra a ser escutada neste capítulo possui um único narrador, em terceira pessoa, clássico, onisciente e onipresente. É esse narrador que apresenta as problemáticas da narrativa, a caracterização das personagens e situa o leitor sobre a construção espaço-temporal, denunciando certos abusos e criticando ferozmente algumas questões que serão aprofundadas a seguir.

O espaço-tempo no romance possui certa linearidade com raras exceções de algum fragmento ou fato que precise ser retomado para dar sentido a uma intenção do narrador. A obra é dividida em quatro capítulos, tendo início em “A casa (1961)”, com a sequência de “A chana (1972)”, “O polvo (1982)”, e finalizando com “O templo (a partir de junho de 1991)”. Cada capítulo possui um epílogo e a duração da narrativa dura em torno de trinta anos, nos quais o leitor conhece momentos diferentes da luta pela independência do país – o que reflete em mudanças na concepção de utopia das personagens, ao longo do enredo.

O título do romance pepeteliano refere-se a uma geração que sonhava em mudar a realidade do país e na obra essa geração é representada por um grupo de jovens estudantes responsáveis pelo destino de Angola, durante a década de 1960. Essa geração é uma construção discursiva de leituras da realidade em busca de uma ideologia em comum, com objetivos uníssonos alcançáveis através do comportamento coerente de uma maioria engajada. Um ideal utópico sempre pede, de algum modo, um imaginário coletivo unido e disposto a sair da teoria e realizar esses sonhos na prática. O grande problema surge quando o conjunto de pessoas que pode naturalmente concretizar sua meta e alcançar determinado ideal passa a acreditar que sua perspectiva em relação ao mundo é a única válida, correta e legítima. O trecho a seguir, de forma resumida, expõe alguns dos ideais da geração da utopia:

E de qualquer modo tinham um vasto terreno comum, o ódio à ditadura de Salazar e a esperança na independência das colônias. Opunham-se nos métodos e maneiras de prever a sociedade futura. Uma sociedade onde o Estado ia abolir as classes, segundo Aníbal, uma sociedade sem Estado pois este tendia a ser o manto sob o qual novas classes se criariam, segundo Marta (PEPETELA, 2000, p.86).

O romance filosófico de Thomas Morus, que fundamenta o conceito de utopia aqui tão mencionado, e que já possui mais de 500 anos, não perdeu a relevância e. Em *1516*, o autor cria uma ilha/reino, através da qual cria a sua perspectiva de sociedade igualitária, sem propriedade privada e sem intolerância religiosa, na qual a razão seria o critério das condutas sociais e não o autoritarismo do Rei ou da Igreja. Se o autor, há mais de cinco séculos, vislumbrava um cenário ideal de convivência entre os povos, a geração da utopia, da década de sessenta, também possuiu um sonho semelhante de futuro próspero e igualitário que se tornaria possível e real após a independência da Angola.

É interessante refletir sobre o pensamento de Michel Foucault (2007, p.13) quando diz que “As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico”. A partir desse pensamento, pode-se interpretar a tão sonhada e idealizada Angola independente como esse espaço utópico, um sonho que foi criado pelos alunos da Casa dos Estudantes do Império (CEI).

O primeiro capítulo da obra, “A casa (1961)”, refere-se à CEI, o local buscado pelos jovens africanos que queriam cursar alguma faculdade em razão da ausência de Universidades em seus países de origem. Em geral, eram amparados financeiramente pela família, por alguma Igreja ou instituição. O local abrigava angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, são-tomenses e guineenses, que seguidamente, em paralelo aos estudos, reuniam-se para discutir ideais libertários nacionalistas, de caráter socialista.<sup>30</sup>

Ao chegar em Lisboa, em 1958, já possuía uma boa formação política o que culminou em sua adesão à Casa dos Estudantes do Império. Luiz Maria Veiga estudou a vida do escritor e diz que o jovem Artur Pestana “passou a frequentar a Casa dos Estudantes do Império, onde moravam e se reuniam outros jovens das diferentes colônias, parte deles envolvida nos projetos políticos de independência” (2015, p.67). Segundo Veiga, Pepetela conhecia, desde Angola, a má fama e baixa recomendação da CEI por parte dos familiares dos estudantes que iam para

---

<sup>30</sup> É interessante observar que a verdadeira Casa dos Estudantes abrigou muitos jovens que, posteriormente, se consagraram através de sua literatura de resistência e o próprio escritor Pepetela foi um dos jovens que se mudou para Lisboa com o objetivo de estudar engenharia. No entanto, por se identificar mais com a área de humanidades, ingressou no curso de história, por ser a opção que mais se aproximava da área que ele tinha interesse: Sociologia.

Portugal. O conflito comum entre as gerações foi uma das razões da insistência de Pepetela em ir para o local, onde conheceu jovens que, assim como ele, mais tarde tornaram-se os quadros de liderança dos Partidos que propiciaram a libertação das Colônias:

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente (PEPETELA, 2000, p.11).

Assim, foi um espaço de criação de grandes intelectuais como Costa Andrade, Ervedosa e Agostinho Neto. Além da militância política, os estudantes desenvolveram um gosto pela criação literária. No caso de Pepetela a produção literária, possivelmente tenha surgido primeiro em razão de sua vivência nesse contexto o que também permite encontrar em sua obra uma tendência à escrita autobiográfica. As marcas históricas na produção literária do autor podem ser observadas não apenas em *A geração da utopia*, mas em outros romances do autor, como *Mayombe*, *Yaka*, *Se o passado não tivesse asas* e outros. Portanto, através da ficção, o escritor não narra os fatos apenas como um observador passivo, mas como alguém que viveu o período e ajudou a construir a história do País.

Aníbal, pode ser pensado como uma forte representação do sentimento de utopia dessa geração no fragmento a seguir, que exhibe o isolamento do intelectual ao dialogar com uma mangueira, diante de uma realidade distinta dos seus ideais, na qual alguns integrantes dessa geração assumiram cargos de poder e aproveitam de alguns benefícios individuais:

– Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conhecestes. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio (PEPETELA, 2000, p.240).

De acordo com o pesquisador Rodrigo Denubila (2018), a partir da fala anterior, de Aníbal, a utopia é dada como morta. Contudo, o epílogo do romance descreve essa utopia mais como maltratada e perdida, o que não a impede de cheirar mal. Assim, pode-se pensar em como algumas personagens contribuem para extinguir esse território ideal. A ideologia, para Denubila, é uma leitura (interessada?) do plano sensível.

No desenvolvimento de suas reflexões, o pesquisador cita Leyla Perrone-Moisés (1992, p.22) que afirma: “Falar em ideologia é sempre tarefa ariscada, porque ninguém pode vangloriar-se de estar fora dela”. O ser humano é uma combinação de conceitos que dão sentido ao mundo sensível e suprassensível:

Como entender Deus, economia, realidade, justiça, direito, honra, polidez, perdão, amor, história, por exemplo, sem um conjunto de julgamentos do que é, pode ser ou não é cada um desses elementos. Porém, seres diversos podem ou não compartilhar as mesmas apreciações e leituras existenciais; por exemplo, a ideologia cristã cobra determinadas condutas, certos códigos éticos para que o paraíso seja alcançado (DENUBILA, 2018, p. 212).

Uma ideologia, como bem aponta o autor (2018), é um conceito polissêmico e de difícil definição que está diretamente relacionado à ação, conduta e aos valores morais e éticos do indivíduo. Determina a maneira como as pessoas agem a partir dos ideais que possuem e que guiam-lhes nas tomadas de decisão bem como na interação desses com os demais. Esses ideais estão fundamentados na realidade sócio histórica específica na qual está inserida. Quando, em *A geração da utopia*, o narrador afirma que: “As circunstâncias fazem mudar um homem” (PEPETELA, 2000, p.173) significa que podem mudar tanto para melhor quanto para pior.

Os ideias das personagens até podem ser, aparentemente, declarados através de suas falas nos discursos diretos entre elas – e, talvez, em alguns momentos até sejam o reflexo de seus pensamentos – contudo, a contradição grita através de suas ações, quando essas tem a real oportunidade de pôr em prática o que era *lindamente* pronunciado em suas supostas ideologias de país igualitário, mas que se desvanece em suas ações, muitas vezes, completamente contrárias às ideologias anteriormente pronunciadas – o que pode ser interpretado como incoerência, falta de caráter, ganância e uma série de outros adjetivos desvirtuosos, no entanto, todos verossímeis no que diz respeito a condição humana.

Nessa mesma linha de raciocínio, Denubila (2018, p.213) diz que as “personagens de *A geração da utopia* revelam-se pela sua fala, mas o que realmente constrói o caráter delas são suas práxis, ações. As contradições não se fazem ver pela voz de um narrador intruso, mas sim pela boca e posturas dos seres ficcionais”. Uma ideologia pode criar discursos que movam os indivíduos a construir distintas realidades alcançáveis ou utópicas dependendo do nível de crença ou dos recursos que esses possuem, entretanto, isso pode se tornar desastroso quando os sonhadores perdem sua capacidade de acreditar num futuro melhor e lutar por ele, como no caso de Aníbal, que prefere se afastar, se isolar para viver a vida com a conduta ética e moral que acredita ser adequada ao seu sistema de valores.



Uma leitura possível é a de que o Sábio tenha perdido essa vontade de fazer a mudança acontecer em razão do sonho frustrado no qual assistiu aos colegas de guerrilha usufruindo individualmente de benefícios que deveriam ser igualmente disponibilizados ao coletivo. Aníbal se isola na ilha não apenas para não ser parte ou para não se corromper diante de certas vantagens, o isolamento é o espelho de uma desilusão com o fato de que mesmo alcançando a tão sonhada independência do país, alguns dos próprios colegas de guerrilha continuaram reproduzindo um sistema político corrupto e desigual. É possível interpretar, ainda, que Aníbal tenha se tornado a utopia que idealizava no sentido de ser, ele mesmo, o ideal que almejava, vivendo do modo que acreditava ser correto, afastado de quaisquer benefícios ilícitos ou de vantagens que não priorizassem o coletivo.

Cabe aqui, refletir sobre o ideal de Aníbal, possível ou maior herói do romance (se é que há algum), e quando aqui falo em herói refiro-me ao herói tradicional, revestido de uma capa moral sofisticada e limpíssima (um tanto irreal e inumana), que aparentemente prioriza o social, o coletivo, a igualdade e os valores dessa ordem. Se o sábio deseja uma realidade de igualdade e não vê ela acontecer na prática, isso pode ocorrer porque outros guerrilheiros que, como ele, buscavam a independência de Angola, mas que possuíam desejos e utopias distintas, possivelmente mais direcionadas a interesses individuais.

A utopia anticolonial era fundamentada em transformar uma delimitação geopolítica criada por europeus em um país africano honesto, correto e igualitário, contudo, os acontecimentos após a conquista da independência, como as inúmeras frustrações e a intensificação das condições socioeconômicas desiguais podem ser interpretadas como uma enorme falha no processo a ser realizado após a geração utópica ter alcançado a meta inicial. Essa mesma geração parece ter sido corrompida pelos fascínios que o poder ocasionalmente desperta. O que pode ser verificado no romance no trecho a seguir: “Um povo tão digno tornado mendigo... [...] quisemos fazer desta terra um País em África, afinal apenas fizemos mais um país africano” (PEPETELA, 2000, p.352).

O desapontamento anterior revela a queda de qualquer utopia ou idealização de heróis tradicionais nessa geração ou pode ser interpretado, também, como uma “nova roupagem” de herói, esse, por sua vez, mais humanizado – repleto de falhas e fragilidades, mais verossímil, sem dúvida. Contudo, percebe-se aí um discurso vazio, inconstante e mutável direcionado por interesses pessoais, como o caso de Vítor/Mundial que assume protagonismo político e esquece a tal igualdade anteriormente buscada. É o que o narrador assinala no fragmento a seguir: “O homem sim, é o maior predador de si próprio” (PEPETELA, 2000, p.231). Sobre os heróis pepetelianos, Benjamin Abdala Júnior (2009, p.173) também entende-os como heróis

humanizados. O autor comenta que eles “são paradigmas que não se circunscrevem apenas a Angola. Apresentam na verdade modelos de condutas extensíveis à condição humana – um paradigma do homem em geral em sua história e no seu impulso de transformação”.

Além disso, Benjamin (2009, p.171) interpreta parte da produção literária do autor angolano como um texto marcado por “ascensão e queda” de utopias e, assim, caracterizadas por uma espécie de “desencanto pós-colonial” (MATA, 2009, p.205). É uma perspectiva antiépica, recheada de heróis pouco tradicionais ou épicos, como pode ser percebido a seguir:

[...] é essa consciência histórica que leva a que a obra romanesca de Pepetela funciona com uma lógica antiépica que acaba por referenciar os ideais agnósticos da revolução e do espírito nacionalista animado pela imaginação utópica, ideais construídos sobre uma mística do heroico e do épico. São por isso significativos a urdidura da trama e o dispositivo textual da lógica antiépica da novelística de Pepetela (MATA, 2009, p.202).

Assim, se por um lado a obra perde a perspectiva épica, por outro, ganha uma dimensão humana e real. O mesmo ocorre com o recurso utilizado pelo autor ao dar voz a diferentes lados, percepções e vozes em um romance, assim o escritor engrandece esse texto infinitamente, pois permite ao leitor (caso esteja disposto) fazer o movimento de *ouvir e tentar compreender* diferentes perspectivas da mesma história. Essa escuta sem julgamentos (se é que ela é possível) modifica a postura do leitor diante da obra. Quando o leitor se desafia e se permite compreender às razões do outro – com o qual não possui muita ou qualquer afinidade moral ou ética, ele se apresenta com a oportunidade de exercer a empatia, ele sai do lugar de quem julga os valores do outro e questiona os seus próprios. Ele aceita que *a sua verdade* é tão válida quanto a do outro, nem mais ou melhor, nem menos ou pior, pois os outros possuem diferentes razões, bagagens e cicatrizes que determinam suas atitudes – e essas, por sua vez, não necessariamente justificam quaisquer erros ou atrocidades, mas o leitor se permite refletir e perceber as fragilidades e humanidades intrínsecas a sua própria condição.

A reflexão e o reconhecimento das fragilidades e das “humanidades” – ou possíveis “desvios de caráter” de uns, não isenta um povo das consequências dessas falhas ou desvirtudes. É importante ressaltar isso pois é um coletivo prejudicado pela falta de valores ou pela conduta questionável dos que detém o poder sem levar em consideração, por exemplo, os problemas e questões sociais. Nesse sentido, Denubila (2018) aponta o fato de a realidade ser lida com base em saberes e conceitos utilizados nela como imprescindíveis, mas que foram criados, muitas vezes, numa enorme distância da realidade sócio-histórica de um povo.

Esses “saberes” configuram uma série de preconceitos e atrocidades, revestidas sob um

manto de suposta cientificidade civilizatória que foi desenvolvida na França, Inglaterra, Alemanha, entre outros países, e que serviu como bandeira para subalternizar os negros, por exemplo. Os tais “saberes”, grande parte das vezes, foram aceitos sem maiores contestações, e se repetiram em movimentos políticos autoritários de diferentes lugares e em diferentes épocas ao longo da história. É o caso dos mais genuínos desejos e das supostas intenções mais virtuosas que criaram e desencadearam distintas crueldades por não terem sido questionadas. “A história ocidental mostra que homens embebidos de valores, de certezas, podem realizar atrocidades” (DENUBILA, 2018, p.213). A obra de Pepetela permite perceber esse vício ou desvirtude do indivíduo, que sob a máscara dos grandes discursos, comete as piores atitudes, como é pontuado por Malongo, no fragmento a seguir do romance: “Assim eram os heróis anônimos que arriscavam a vida todos os dias para combater a ditadura. Com o fim de criarem uma outra pior, diria Malongo, o descrente. Também Marta” (PEPETELA, 2000, p.88).

Denubila (2018) aponta um aspecto interessante sobre a necessidade de um tipo de escuta extremamente complexa no romance de Pepetela, que o autor, inclusive, descreve como “talvez a maior utopia de todas” (2018, p.213) que é a de que os homens examinem suas próprias convicções:

[...] que de fato questionem sua camada interna, isto é, olhem a si mesmo, seus valores, seus conceitos, sua constituição psíquica e indaguem todos esses aspectos à medida que indagam se realmente aquilo que os move pode estar errado. Isso clama por uma consciência menos partidária, pede um olhar capaz de pôr em xeque imperativos categóricos e a forma de cada um ler o mundo. Um homem que não mais crê, de forma peremptória, nos seus valores passa a ser o que o mundo precisa. Aqueles capazes de se interrogarem, de relativizarem os seus próprios saberes e verdades estão, conseqüentemente, mais aptos a não desenvolver cegueiras cognitivas de qualquer ordem e talvez melhor enxergar o outro. Frisa-se: interrogar a forma de ler o mundo não significa abandonar princípios, Pepetela não o faz de forma alguma, mas sim compreende a necessidade da autorrelação e autoavaliação (DENUBILA, 2018, p.213).

Essa capacidade de olhar criticamente para si seja talvez um caminho mais próximo a um sonho de altruísmo e empatia, uma trajetória mais próxima dos interesses do coletivo e dos ideias do todo. Sair de si e *tentar escutar* como o outro vê e sente o mundo pode parecer apenas uma utopia ingênua e inalcançável, mas possivelmente seja um modo menos egoísta de viver. Essa é uma reflexão valiosa no sentido social que a obra de Pepetela pode provocar, esse compromisso com o social é uma marca recorrente em suas obras. É o que corrobora, também, Mia Couto (2005, p.63) ao dizer que um escritor como Pepetela se propõe a desafiar “os fundamentos do próprio pensamento. Ele vai mais longe do que desafiar os limites do politicamente correcto. Ele subverte os próprios critérios que definem o que é certo, ele

questiona os limites da razão”. Quando se fala em desafiar o “próprio pensamento”, isso significa levar em consideração a possibilidade de alterar conceitos e realidades da camada inteligível do indivíduo, no sentido de que esse reveja a sua concepção de bom ou mau.

Outro aspecto estético comum em seus textos é a “pulverização de vozes e perspectivas”, mencionada anteriormente e bem destacada por Inocência Mata (2009, p.201) que define esse recurso de escrita como estruturante do romance pepeteliano. Para a pesquisadora, essa multiplicidade de vozes deve impedir a construção de uma visão determinante ou correta. Concordo com a perspectiva de que não existem verdades absolutas sobre determinado fato, mas sim diferentes pontos de vista sobre o mesmo, baseadas nas experiências e bagagens de cada um.

No entanto, entendo que é necessário estabelecer um limite na flexibilização das possibilidades aceitas como correto e elas não podem, a meu ver, servir como justificativa para barbáries, como, por exemplo, atrocidades que coloquem em risco a vida humana. Rita Chaves (2009, p.126) discute também essas várias vozes dentro da narrativa e afirma que elas devem acentuar as diferenças uma vez que “o ponto de vista narrativo [em *Mayombe*] constrói-se com base num processo de relativização que não poupa os chamados ‘bons sentimentos’ e trabalha o conflito como um elemento positivo mesmo na condução de um projeto coletivo”.

Sobre a obra, Pires Laranjeira (1995, p.147) define *A geração da utopia* como “o romance amargurado da distância entre a esperança de uma sociedade e um homem novos e a realidade da guerra, da morte e da miséria”. O autor faz sua crítica não apenas aos europeus e seus conceitos, que foram obviamente responsáveis pela destruição do solo africano, mas menciona também os administradores que recebem apoio do povo angolano. Em relação a essa distância entre a esperança e a realidade, Mata (2009) afirma que a história angolana, após o ano de 1975, que até então consistia em propagandas de “liberdade e justiça para todos” (MATA, 2009, p.192) passa a ser substituída pela ideia de “clientelismo, pequena corrupção e nepotismo” (MATA, 2009, p.192). A pesquisadora entende essa modificação de paradigma como algo necessário, uma vez que, antes do sonho tornar-se desilusão, a utopia e os heróis (tradicionais) são necessários pois permitem a materialização dessa mudança.

É possível verificar a ideia da pesquisadora na obra através da personagem Orlando, o namorado de Judite, filha de Malongo e Sara, que faz um questionamento pertinente, nesse sentido quando diz: “– Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ela própria” (PEPETELA, 2000, p.360-361).

Uma das figuras que pode ser interpretada como a protagonista da obra, é Sara, uma estudante de medicina, branca (fato relevante a ser mencionado uma vez que é citado algumas

vezes na narrativa, e que pode ser ouvido como um grito sobre o contexto da angolanidade que surge no país e sobre as tensões criadas em torno da mestiçagem e do tribalismo) nascida em Benguela, filha de um comerciante rico e que descobre sua diferença cultural em relação aos portugueses logo nas primeiras páginas do romance:

E ali, no centro mesmo do império, [...] chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e os outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminosa, encontrava nela uma agravante e servia aos seus objetivos (PEPETELA, 2000, p,11-12).

Sara demonstra essas reflexões em uma palestra que resulta numa advertência e ficha na Pide, a Polícia Política, além de uma carta dos pais alertando-a para apenas estudar medicina e não defender ideais comunistas. Ela não possuía dificuldades financeiras como a maioria dos colegas por ter seus estudos financiados pelo pai. Ao longo do enredo se aproxima de movimentos nacionalistas, especialmente o MPLA, aparentemente mais flexível e aberto à presença de pessoas brancas entre seus membros, mas que se contradiz em suas atitudes. Embora o movimento apresentasse um discurso socializante, no qual todos supostamente deveriam ser tratados sem distinções, a estudante de medicina é inúmeras vezes afastada de discussões políticas, inclusive no momento de fuga de muitos estudantes no ano de 1961, por sua cor da pele.

Essa distância entre a ideologia do movimento e a real prática política de seus princípios pode ser resultante de uma preocupação com a legitimidade das intenções de Sara e de outras pessoas de pele branca considerando o cenário marcado por rivalidades étnicas e raciais. Assim, por mais que defendessem um discurso socialista, muitas vezes se mantinham presos aos pensamentos retrógrados quando afastavam ou baniam algum integrante pela cor de sua pele. Embora a estudante seja excluída de certos debates políticos, isso não a impede de desconstruir ideais arcaicos, romper com a estrutura colonial e sonhar com uma Angola livre. O sonho pela libertação do país é enorme, o que pode ser observado no fragmento a seguir, em um diálogo entre Sara e Laurindo:

- Todos os dias me pergunto isso. Há muito tempo que sou pela independência e sei que ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Posso lutar por ela e à minha maneira lá vou fazendo o que posso. Mas também não queria que os meus pais fossem mortos só porque são brancos. Ou expulsos.
- Se te dessem a escolher, ou a independência ou a vida da tua família, sem possibilidade de meio termo?
- Pessoalmente custava-me muito, claro. Mas escolhia a independência, não tenho dúvida.

Embora não fosse certamente o tipo de independência que desejava.

– És especial, Sara.

– Não, há outros. Os meus pais iam pagar por crimes que outros cometeram. Oh, o meu pai também não é nenhum santo, naquela terra ninguém enriquece a fazer ações de caridade... Mas crimes não cometeu. Espero que seja uma independência que permita distinguir as ações das pessoas, que haja justiça (PEPETELA, 2000, p.39).

No trecho anterior, é possível perceber a importância dessa utopia para a personagem que coloca esse sonho de libertação do país acima, inclusive, do bem-estar da própria família. Embora, nesse romance, os belos discursos muitas vezes não sustentem as ações de algumas personagens, Sara é uma das figuras que mantém um posicionamento alinhado ao seu discurso inicial, sem desvios ou contradições de fala e ação, assume uma postura honesta e digna em sua trajetória na narrativa.

Outro fragmento em que é possível identificar a utopia da personagem em relação ao futuro é quando Sara descobre a possibilidade da gravidez e pensa em como faria para manter-se financeiramente:

[...] até porque a fase de intolerância passaria com a independência. [...] Também nunca fora sua ideia abrir um consultório particular, que só servia os ricos, mas trabalhar nos centros mais pobres, periféricos, onde viviam aqueles que realmente precisavam dela. Como, ainda não sabia. [...] Sem apoio do Estado, porque esse só servia os ricos. Sem apoio dos ricos, porque esses só se serviam a si próprios. Não era fácil, não. Só mesmo com a independência (PEPETELA, 2000, p.53).

Projetar uma vida e condições melhores de sobrevivência sem saber *como* realizar isso é uma grande utopia. Confiar as incertezas nos braços da esperança de dias melhores, através da independência do país, é uma ingenuidade perigosa. Essa ingenuidade é apontada como generosidade por Aníbal quando ele descreve-a como pouco realista:

E lembrou, com ternura, uma fala dele, quando soube que ela era ligeiramente míope mas não usava óculos senão para ler. Não era por uma questão estética. Sem óculos vejo as coisas um pouco mais difusas. Por exemplo, as caras das pessoas parecem-me mais bonitas, pois não distingo os pontos negros, as verrugas ou os pelos mal colocados e que as desfeiam. Isso é mesmo teu. Sara, dissera ele, sempre arranjas um truque para ver as pessoas pelo ângulo que mais as favorece. É generoso, mas não é realista. Gosto de gostar das pessoas, disse ela (PEPETELA, 2000, p.63).

Possivelmente, essa capacidade de ver apenas o lado positivo das pessoas tenha levado Sara a se envolver romanticamente com Malongo, que posteriormente se torna pai da filha dela, pelo fato de ele ser um jogador de futebol, farrista, mulherengo e politicamente alienado em relação às questões pulsantes do momento, ou seja, alguém aparentemente tão distinto dela: “Malongo era um tipo alegre, até demais (PEPETELA, 2000, p.10)”, o que, para ele não é

motivo nenhum de vergonha, ao contrário, orgulha-se desse afastamento político.

A suposta “alegria” de Malongo pode ser interpretada como resultante ou produto, justamente, desse afastamento ou alienação política. Alguém consciente das questões coletivas existentes naquele contexto, involuntariamente, pode se tornar mais melancólica, como o caso de Aníbal, por exemplo. Isso ocorre justamente pela consciência da questão política. Talvez, essa leveza no modo de levar a vida tenha encantado Sara desde o princípio já que o estilo de vida farrista e a infidelidade não foram motivações suficientes para afastá-la.

Vítor é outro estudante do curso de medicina veterinária e colega de quarto de Malongo, também até então desconectado dos problemas políticos e do que acontecia; “Vítor Ramos, que um dia adotaria o nome de Mundial, vivia com Malongo no mesmo quarto alugado a uma senhora da Rua Praia da Vitória” (PEPETELA, 2000, p.12). Em relação a ele: “Quanto a Vítor, para ele era um miúdo ainda indefinido, podia explicar-lhe umas coisas, mas não se aventurava em terrenos mais secretos. Só com ela se abria (PEPETELA, 2000, p.17).

Aníbal é formado no curso de Histórico-Filosóficas, possui uma profunda característica de liderança, o que faz com que posteriormente seja reconhecido como O Sábio, a persona que pode representar o engajamento e a melancolia de uma geração: “sempre agarrado aos livros e às ideias, não era um tipo alegre. E era de Luanda, a cidade das mil loucuras...” (PEPETELA, 2000, p.10). Outras personagens da obra são Denise, Fernanda, Marta, Laurindo, Horácio, Judite, Orlando e tantas outras figuras secundárias que compõem a obra e cuja trajetória é desenhada pelo narrador.

O capítulo inicial da obra data em 1961, momento específico em que as até então colônias africanas estavam se libertando do lugar de submissão, através de diálogos com os ideais de independência e valorização das origens e tradições africanas, com os movimentos da Negritude e do Panafricanismo, que ganharam espaço na Europa e nos Estados Unidos influenciando uma geração a reinventar suas identidades e pensar sua existência em torno dos sonhos de independência e liberdade. A utopia já grita nesse primeiro capítulo.

Os fragmentos iniciais do texto evidenciam o clima de histeria coletiva disseminado e conveniente a Salazar. Sara reconhece como as propagandas estavam resultando em um clima de suspeitas que abateu os africanos em Lisboa. Ela mesma reconhece que isso não chegava a si, pelo fato de ser branca, mas que se aplicava a mulatos e negros que eram, nitidamente, apontados em quaisquer estabelecimentos públicos que frequentassem: “Traziam na cara os estigmas que os denunciavam como potenciais terroristas. Esses brancos ainda não inventaram uma tinta que dê para a malta se pintar e ficar como eles, dizia Malongo, encontrando ânimo para brincar” (PEPETELA, 2000, p.10). O trecho anterior escancara a ironia frustrada e

dolorida do namorado de Sara ao mencionar a possibilidade de uma tinta que permitisse a ele se pintar. O caos e o racismo podem ser visualizados no próximo trecho:

As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. [...] Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e de Lumumba, que era uma esperança de futuro. [...] O certo é que não se sabia mais nada dessa UPA senão que queria expulsar todos os brancos e mulatos de Angola. Sara não podia estar de acordo. Os amigos também não estavam, queriam um programa político consequente. Nessas conversas e ideias passavam os dias, fazendo suposições. Dava mesmo para estudar? Para Vítor era certamente pior. Vinha do Huambo, onde não se tinha notícia de grandes convulsões. Mas a repressão devia estar a agir também. E ele sofria o racismo exacerbado pela propaganda em Portugal (PEPETELA, 2000, p.14).

O relacionamento entre Sara e Aníbal começa quando ela chega a Lisboa. Sara até menciona uma possibilidade de ligação que ultrapassasse a amizade entre os dois, nas páginas iniciais do romance. Entretanto, a falta de atitude do Sábio inviabiliza uma conexão maior entre ambos, até determinado ponto do romance.

Talvez a personagem mais emblemática na narrativa, no sentido da utopia de uma geração, seja justamente Aníbal por sua trajetória na obra e por buscar uma vida sem privilégios, a vida mais próxima ao ideal de socialismo que o próprio tinha em mente antes da independência do país. Após a descolonização, presenciou os colegas de luta que “vieram todos iguais da mata, cada um com a mão à frente e outra atrás, para tapar a nudez” acumulando fortunas, entretanto, é curioso que todos recebiam (ou deveriam receber) aproximadamente o mesmo valor. A descrição dele aparece no fragmento a seguir:

Aníbal era baixo e magro, pouco mais alto que ela. Olhos profundos, lábios e nariz pouco grossos. Dava uma sensação de fragilidade a quem não o conhecia. Porém, ela sabia, era todo o contrário, uma tremenda força interior. Conseguira fazer o curso, pago com uma bolsa duma igreja protestante, com notas brilhantes e muitas vezes defendendo ideias totalmente contrárias às dos professores. Ganhara fama no meio universitário e muita gente, mesmo de outros cursos, ia assistir às suas provas orais, adivinhando polémica (PEPETELA, 2000, p.21).

Aníbal era destaque no meio acadêmico, a solidez de seus argumentos sempre rendeu-lhe ótimas notas, apesar das posições progressistas defendidas pelo examinando. Seu trabalho final de curso parecia uma provocação cujo tema era uma análise da política colonial no século XIX, na qual demonstrava como o Estado português havia liquidado a burguesia angolana. Essa por sua vez, “ganhava consciência da sua diferença e se encaminhava para posições autonomistas inspiradas nos princípios da Revolução Francesa” (PEPETELA, 2000, p.21). A alma utopista de Sábio, com tendências revolucionárias, já se manifesta desde o princípio da



obra. Um sonhador incurável que via na independência uma possibilidade de socialismo. Essas características renderam a ele inúmeras chamadas até a PIDE, o que, no entanto, não o desmotivou a seguir seus instintos políticos, éticos e utópicos.

Outra descrição interessante em relação ao Sábio surge em um diálogo em que Orlando, namorado de Judite (filha de Sara com Malongo), defende-o dos comentários de Vítor:

– Não é louco, nem pouco mais ou menos. Mas é demasiado lúcido para o gosto de certas pessoas, viu o filme todo muito antes do que ia acontecer. Amargo sem dúvida, mas isso só mostra a sua lucidez.

– Aquilo é exibicionismo, é o que é – disse Vítor. – Quer parecer mais puro que os outros, mais desinteressado.

[...]

– Ninguém vive treze ou catorze anos assim só para parecer. Ele é mais puro que os outros, é tudo. E é isso mesmo que certas pessoas não lhe perdoam (PEPETELA, 2000, p.323).

Observo que a personagem rompe com a utopia arquetípica de seu nome e apresenta inúmeras outras características, vícios e virtudes, além da sabedoria – assim como na obra anterior *Mayombe*, em que as personagens eram reconhecidas por uma característica principal, embora tivessem outras especificidades. O possível herói “tradicional” de *A geração da utopia* é tão humano quanto as outras personagens, quebrando a própria imagem criada por ele ou pelos outros em relação a ele.

Desde o primeiro capítulo, Aníbal fala sobre Caotinha, um canto ao lado de Caota, uma praia, em Benguela. Local de difícil acesso, apenas a pé ou de jipe. O local, no entanto, contém um importante personagem da obra que tenha um efeito simbólico gritante no que diz respeito a utopia, ou a desconstrução dela. Lembrando que desconstrução não é a destruição da mesma mas a reconstrução, a transformação da utopia em algo novo.

Aníbal menciona o local fabuloso: “Água limpa, mas fria.” (PEPETELA, 2000, p.23), onde mergulhou e teve um encontro com um polvo gigante. O maior susto de sua vida, com o qual sempre teve pesadelos. Jurou que lá voltaria para encontrar e preparado para matar o polvo. “– Talvez não fosse tão grande assim.” (PEPETELA, 2000, p.24) ela dissera, na ocasião:

Temia a desilusão dele depois da caça, ou queria significar que a caça perpétua não tinha razão de ser? Ele nem quis aprofundar o pensamento dela. Por orgulho, claro. Sabia, sentia em todos os poros da pele, era um monstro, o mesmo que o desafiara em criança. Levara toda a vida a preparar-se para o combater (PEPETELA, 2000, p.292)

Apesar da militância política, Aníbal, que inicialmente prestava serviço militar obrigatório no exército português, foi o primeiro desertar em razão da recusa em participar da guerra colonial, mantendo a coerência entre o discurso por ele defendido e a prática – o que se

observa até o final do romance.

No primeiro capítulo, percebe-se que alguns jovens estudavam muitos, outros não. Há menções ao futebol, à música, a festas e à política, como passatempos dos estudantes. A descrição dessa rotina descontraída e multifacetada revela o aspecto mais humano das personagens, destacando seus paradoxos, metamorfoses e contradições particulares de qualquer jovem dessa idade que viveu naquele contexto e em circunstâncias similares.

Em paralelo às atividades intrínsecas de qualquer jovem estudante, era criado o Movimento Político de Libertação da Angola – MPLA, uma opção de programa político criado a fim de substituir a UPA. A participação e o envolvimento dos jovens com este movimento foi extremamente relevante para o que aconteceria posteriormente. A Casa dos estudantes passou a ser vista pela comunidade como um local de união de pensamentos comunistas, e, deste modo passou a ser fortemente perseguida pela PIDE.

Na obra de Pepetela, o local é visto principalmente sob a perspectiva de estudantes envolvidos com ideais de socialismo e que buscavam a independência do país. No entanto, um trecho importante que expõe um olhar divergente dessa utopia projetada no futuro pós-guerra é a do estudante Elias, que tem origem protestante, e que reflete uma leitura diferente da ótica idealizada da maioria do grupo. Em uma conversa com Vítor, o jovem menciona a questão do elitismo dos membros da Casa. Vítor acredita que a guerra resultaria em uma revolução tão grande que culminaria em uma sociedade justa e igualitária na qual todos, independentemente de cor ou raça, poderiam e iriam conviver em harmonia, Elias por outro lado, não vê essa situação como possível:

– Utopias! Isso não funciona na prática. Eu sei, são ideias que correm na Casa dos Estudantes. Mas a Casa é dominada pelos filhos dos colonos, sejam brancos ou mulatos. No fundo, querem apenas uma melhor integração no Portugal multirracial. Todos falam da independência, mas a ideia não é a mesma. É mudar para ficar tudo na mesma, com o português dominando o negro. E tu alinhas nessas utopias, porque o teu pai não é camponês. O meu é. E a única hipótese de estudar foi aproveitando a bolsa da minha Igreja. O camponês só pode ser mobilizado para a luta por formas bem concretas, que ele entenda, por exemplo o ódio ao branco ou a repartição das terras dos brancos. Vai falar de luta contra o colonialismo como sistema, sem tocar nos roceiros ou nos comerciantes. Ninguém te segue, a não ser os intelectuais da cidade. E esses não contam numa luta destas (PEPETELA, 2000, p.96).

“A chana” é o nome do segundo capítulo do romance e um dos cenários da luta armada na Frente Leste, espaço pouco adequado para tal atividade, segundo o Sábio (Aníbal), pois poderia ser “apenas um terreno sem árvores que é preciso atravessar para chegar à floresta ansiada” (PEPETELA, 2000, p.143.) Ela pode ser pensada como a metáfora de um lugar onde todos podem ver e ser vistos, em oposição à floresta, que é mais propícia à camuflagem – o que na perspectiva do Sábio e, em certa medida, considerando um contexto de guerra, possa ser

melhor por oferecer, justamente, a possibilidade de se esconder mais.

Esse é também o local em que ocorre a drástica mudança de Vítor, que durante o conflito armado adota o codinome Mundial, e que acaba traindo a ideia desse nome de guerra. Se “mundiais”, podiam ser os valores adotados pela maioria do grupo, o guerrilheiro abandona esses princípios na década seguinte a sua saída de Lisboa, quando reaparece na guerrilha, Frente Leste, muito individualista e egocêntrico: traços que acompanham-no, assim como o seu nome de guerra, até o fim da narrativa, estando ele no posto de presidente da república angolana.

Rita Chaves (2005), profunda estudiosa de Pepetela e de suas obras, compara *Mayombe* com a segunda parte de *A geração da utopia*, afirmando que “é perfeitamente possível detectar as contradições e insuficiências que levariam aos desvios do projeto em parte tão alimentado em ‘A casa’” (p.100). O desencanto em relação à utopia criada nas duas obras parece chegar, segundo Chaves, antes do fim da guerra de libertação e o discurso do narrador não oculta o sentimento de frustração de alguns guerrilheiros, muito pelo contrário, o romance grita o fracasso dos ideais criados. O tão sonhado projeto de uma nação livre, fruto de um propósito coletivo desvanece, à medida que sua realização é barrada por adversários que são os próprios homens que investiram em sua construção. Assim, a pesquisadora vê o texto de Pepetela não apenas como um registro da crise, mas um exercício que revela o ato de reflexão. Nessa perspectiva “o romance, em seus recursos estruturais, projeta a crise que é a marca de sua época” (CHAVES, 2009, p. 137).

Segundo Santos (2011), em *A geração da utopia*, é possível identificar elementos de crítica de Pepetela sobre o processo de independência do país. É um romance no qual emerge um sentimento de frustração, especialmente em relação ao MPLA e à sua legitimidade frente ao governo, assim como à heroicidade da guerra: “Nele se percebe uma viragem quanto ao modo como é ficcionada a chamada Guerra de Libertação angolana, agora iluminada por um sentimento de derrota” (SANTOS, 2011, p.14).

Um fragmento importante que se refere ao pensamento utópico de Aníbal em relação ao tempo é o seguinte: “Era dono do seu tempo, a única liberdade válida.” (PEPETELA, 2000, p.227). Há nesse trecho um reflexão possível sobre a ilusão de controle do próprio tempo. Essa consideração pode ser interpretada como uma utopia e a própria liberdade pode ser reconhecida como uma utopia e uma ilusão. Há uma coerência em seu pensamento no sentido de que, ao não compactuar com as supostas corrupções dos colegas, Aníbal seja livre e dono do seu tempo. No entanto, existe aí um paradoxo, uma vez que não existe controle ou garantia de coisa alguma, a meu ver.

Outro aspecto de interesse sobre a personalidade de Aníbal é a sua conexão com uma

mangueira que plantara próximo a sua casa e que, de acordo com sua crença, ouvia seus desabafos e confissões. A planta, que inclusive tinha o nome da namorada falecida no passado, recebia afetos e cuidados como uma pessoa – luxos que o amigo do Sábio, Ximbulo, não era capaz de compreender:

Destapou o tanque de água e encheu um balde. Regou a mangueira que plantara há três anos e crescia muito bem, apesar de todas as advertências. Até mesmo Ximbulo, o único que parecia não o considerar maluco, o advertiu, aqui no alto do morro mangueira não dá. Nem imbondeiro. Mas ele teimou em plantar lá a mangueira e todos os dias a regava. O terreno absorvia a água tão rapidamente que parecia não sobrar nada para a árvore. Mas o certo é que crescera muito bem e já dava sombra. Por isso em baixo dela estava uma cadeira de lona, onde ele refletia e lia durante o dia. Um balde de água para uma mangueira era luxo que Ximbulo nunca poderia entender. Mas para ele era vital ter uma árvore de sombra. Ficou-lhe a necessidade por tanto atravessar chanas quando era guerrilheiro no Leste. A mangueira crescia melhor porque ele a acariciava, lhe confessava pensamentos íntimos, lhe lia passagens importantes de livros. A mangueira tinha nome de gente, Mussole, mas só em alguns momentos ele assim a chamava. E nunca à frente de estranhos, aí sim, iam dizer pirou de vez, está todo cacimbado, coitado, até dá nomes a árvores (PEPETELA, 2000, p.232-233).

É possível interpretar a relação estabelecida com a árvore como uma projeção de um relacionamento mais profundo que o Sábio não consiga manter com outras pessoas e também como uma maneira de ressignificar o passado e a perda da antiga namorada, homônima à árvore. O fato de regar e manter a mangueira hidratada, contrariando as probabilidades, como o amigo previa, são indícios de uma tentativa de estabelecer uma conexão emocional com alguém, uma companhia em seus momentos de reflexão, como no caso do dia em que lembrara a morte de um miúdo, seu amigo:

Miúdo esperto, uma morte sem sentido aos dezoito anos. Alguma morte tem sentido? Algumas têm, as que não nos tocam.

Lembrara-se da morte e olhou para a mangueira. Tinha posto o fogareiro ao sol, um pouco longe da árvore, para o fumo não a incomodar. Abraçou-se ao tronco, acariciou-o. Disse com ternura:

– Alguma morte tem sentido, Mussole? E estás mesmo a ouvir-me? Senti no dia que te dei o nome e te plantei, as tuas folhas começaram a agitar-se em música. O espírito longínquo da falecida no Leste encontrou o caminho para aqui. Longa distância, mesmo para um espírito. Tão cansado ficou que nem fala, nem se manifesta. Cresces, cresces, com o espírito em cima. Frutos não dás, bem sei que ainda não chegou o tempo. Mas podias de vez em quando xuaxualhar as folhas, quando não há vento, para me indicar que estás aí e não dormes.

A mangueira não estremeceu, apesar do vento que vinha do mar, encapelando cada vez mais as ondas para lá da baía. Seguras as folhas? Será um sinal? Pode ser. O dia do polvo está próximo, já é abril. Foi mudar a posição do pargo no lume e deitar-lhe mais óleo nos cortes paralelos feitos com a faca (p.235-236).

É possível pensar que a planta possui um significado simbólico relacionado ao que o

indivíduo se dedica na vida. Ou seja, a mangueira seria, nesse caso, também uma utopia. O que é plantado mas esquecido não cresce, não vinga, não se transforma em uma utopia maior, não dá frutos, não oferece sombra. No entanto, quando cuidada diariamente, não apenas uma planta, mas qualquer projeto ou relação que se tenha, pode crescer e se transformar em algo muito maior, algo bonito e precioso que acompanhe o indivíduo diariamente e que possa, inclusive, oferecer refrigério em dias muito quentes – como o caso de Mussole que oferecia sombra. A utopia é um pouco como essa mangueira. Se regada diariamente de ações pode crescer e se tornar algo melhor e maior, se transformar em uma utopia diferente.

É interessante observar o paralelo entre a mangueira e o monstruoso polvo descrito por Aníbal como uma imensa criatura que o fizera perder o fôlego. Com o qual sonhara por tantos anos. O grandioso polvo, ao ser procurado, encontrado e enfrentado revela-se como um predador nem tão grande assim. Talvez o susto gerado num primeiro encontro, ou a fantasia em reencontrá-lo, por tantos anos, tenha tornado o bicho tão mortal na imaginação de Aníbal. Ao finalmente encontra-lo o Sábio acaba ficando frustrado.

Diante disso pode-se perceber duas utopias diferentes. No caso de Mussole trata-se de uma utopia que se transforma positivamente, que não gera uma frustração pois a mangueira cresce e oferece sombra, enquanto que a utopia relacionada ao polvo, assim como a geração inteira de utópicos que acreditavam que a independência iria mudar completamente a situação do país – o que ocorre, no entanto sem resolver absolutamente todos os problemas do mesmo – é um sonho frustrado. O polvo não era grande como o imaginado. Conquistá-lo ou matá-lo não causa a satisfação esperada. A independência traz sim, inúmeros benefícios a um povo que vivia as ameaças constantes da colonização, no entanto, isso não significa que outros desafios não apareçam.

No caso da obra, especificamente, o que permanece é o sentimento de que o tão sonhado socialismo sobrevive apenas nas discussões anteriores à guerra. A obra indica a crítica ao movimento político no qual os membros passam a agir com objetivos individuais, a fim de obter benefícios próprios, após a tão sonhada independência. Outros desafios surgem. O último capítulo pode ser interpretado como uma crítica severa a algumas religiões africanas, uma vez que apresenta um templo religioso através do qual algumas pessoas se aproveitam de crenças e da fé, utilizando-as como justificativa para a realização de rituais duvidosos. Duvidosos no sentido de serem apontados por outras religiões, pela sociedade ou pela lei como moralmente inadequados, ou seja, que, de algum modo, incentivam à libertinagem, atentado ao pudor, uso de substâncias entorpecentes e alucinógenas, etc. Além disso, fica evidente que os líderes do templo encaram-no como um negócio através do qual é possível lucrar explorando a fé cega

dos frequentadores.

O romance também denuncia a desilusão de Aníbal em relação aos colegas de guerrilha, como é o caso de Vitor, que segundo o Sábio é:

um sacana que me prometeu enviar café e umas meias para o interior, meteu-se nas confusões de fronteira, e até hoje estou à espera das meias. [...] Foi mantendo certo distanciamento dos dois campos, estando com um pé escondido em cada um. [...] Teve enorme habilidade, tenho de reconhecer. O chamado salto do gato que cai sempre de pé (PEPETELA, 2000, p.239).

De acordo com Aníbal, a razão de tanto desgosto é o fato de tê-lo admirado tanto, anteriormente: “Era o meu mais novo, tratado com todo o carinho. Desculpava-lhe todas as pequenas falhas, defendia-o quando precisava, confiando nele. Afinal, não passa dum oportunista” (PEPETELA, 2000, p.239). Esse olhar utópico de Aníbal já fora anteriormente observado e previsto por Marta como é possível perceber no fragmento a seguir:

– Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele a imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chamava de anarquista. As revoluções são para libertar, e libertam quando têm sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefatos que os ditos revolucionários carregam às costas toda a vida. [Marta]

[...]

– Em Angola será diferente. [Sara]

– Falas como ele. Os iluminados dizem sempre que a sua experiência não descambará como as outras. Não ousam afirmar, porque são ou querem parecer modestos, mas pensam assim: se eu acredito nisto, por que não se há de realizar como imagino? E partem os cornos, sempre, sempre... São aliás feitos para isso, para partir os cornos.

Sara levantou-se. Já conhecia as ideias de Marta sobre a inelutabilidade de os processos políticos se burocratarem e acabarem num sistema opressivo criado por eles próprios. Não partilhava esse pessimismo e Aníbal também não. Mas hoje não queria discutir. Estava demasiado baralhada com os sentimentos ambíguos que nela descobria. Pagou a conta. Marta não a quis acompanhar, ficou sentada na mesa, fazendo um triste gesto de despedida, uma mão cansada a abanar (p.131-132).

[...]

Adivinhou. Porque perseguias um sonho utópico de revolução. Afinal desiludiste-te mesmo. [Sara]

[...]

– Enganou-se numa coisa, colocou a questão numa alternativa. Eu morri e desencantei-me.

Os dois caminhos num só.

– O desencanto é sempre uma morte, não é?

(PEPETELA, 2000, p.240)

A voz, o comportamento e as reflexões de Aníbal sugerem orgulho e uma dor pungente e pode ser ouvido como uma frustração gigante em relação ao sistema político, ao exército e aos colegas de guerrilha. Inúmeras vezes, ao longo do romance, o Sábio deixa escapar as felpas

deixadas pela realidade encontrada após a Guerra. A condição pós-utopia para Aníbal, é a de alguém que resolveu isolar-se de tudo que acreditava ser antiético, imoral, e questionável do ponto de vista do socialismo. Aníbal escolheu viver a utopia e o socialismo do seu modo, sem se aproveitar de quaisquer privilégios que o cargo anterior e os tempos de guerrilha pudessem ofertar. As possíveis facilidades que um cargo político ou uma vida mais luxuosa pudessem oferecer não condiziam com as características ou virtudes de caráter do guerrilheiro. Assim, muitas vezes afirma que as pessoas que o conheceram antes poderiam duvidar de sua sanidade mental, acharem que ele era louco ou coisa assim, o que em nada muda seu comportamento uma vez que estava convicto de si e de suas escolhas.

O romance é marcado por longas conversas de Aníbal com Sara sobre as escolhas que fez, as decepções que sofreu e o Polvo que buscava encontrar – que possui um simbolismo forte na narrativa uma vez que pode ser interpretado como outra materialização da frustração de Aníbal. Esse aspecto já tinha sido apontado por Sara: “– Talvez o polvo que procuras não seja um monstro – disse ela. – Apenas engrandecido por um trauma de criança. Até pode não estar na gruta.” (PEPETELA, 2000, p.262) Mas Aníbal não ouvia: “– Está. Pressinto-o sempre. Está lá à minha espera.” (PEPETELA, 2000, p.274). No dia 14, completou as peças do quebra-cabeça, em razão do que ele interpretou como sinais da mangueira:

O dia 14 nasceu de forma diferente. [...] Aníbal foi cumprimentar a mangueira e ela agitou as folhas. Pôs-lhe a mão no tronco e sentiu as convulsões espasmódicas da seiva. Estás excitada, Mussole, hoje é o dia, tu sabes. Ela tinha-se despido durante a noite de todas as folhas velhas, que juncavam o chão. Vestiste-te a preceito, só tens folhas verdes, novinhas, estás uma linda menina.

[...]

Lembrou então, mas quando é que as mangueiras se despem das folhas velhas? Seria esta a altura? Certamente não. Nem o faziam de repente, numa noite. Só por uma vontade especial dos espíritos que a habitam. Era mais um sinal de que tinha chegado a hora, Mussole estava impaciente. Calma, calma, hoje é hoje (PEPETELA, 2000, p.288-289).

Após finalmente encontrar o bicho e matá-lo, o sentimento de frustração. Sara tinha razão. O polvo não era tudo aquilo que ele havia imaginado. Nem tão grande, nem tão perigoso. Apenas um polvinho pelo qual ele passara tantos anos projetando expectativas:

Voltou a sentar-se, olhando para o bicho. Uma ondinha ou outra chegava até ele e fazia mover os tentáculos. Podia ser ilusão, mas o polvo mirrava com o sol a olhos vistos. Parecia uma flor murcha, uma *Welwitschia mirabilis* do deserto do Namibe. E feia, pensou ele. Nunca o devia ter tirado do seu elemento, o polvo pertence ao mar. Com o pé, empurrou-o para a água. Ficou a boiar, os tentáculos todos desengonçados, a ser debicado pelos peixes e caranguejos. Não te matei com ódio, disse para os restos do bicho. Matei-te apenas. Foi a morte que te fez mirrar, ou foram estes trinta ou quarenta anos que levei para te matar? Hoje não és um monstro, mas sim o cadáver dum polvinho, certamente o maior destas águas. Não deixas de ser um polvinho.

Tantos anos, tantos anos (PEPETELA, 2000, p.298).

A utopia relacionada à morte do mesmo estava alcançada. Depois de matá-lo, contudo, concluiu que restava apenas beber, naquele momento, fugir da realidade. Necessitava de um acessório para lidar com o mundo real, uma bengala para esquecer a frustração por não sentir-se, finalmente, em paz, apesar de ter matado o tão famoso e assustador monstro por ele inventado e alimentado por anos:

Depois de matar o polvo bebeu:  
Foi deixando passar o tempo, bebendo gole a gole, muito lentamente. O kaxipembe havia de fazer o seu efeito e dar-lhe a paz da estupidez. Só os estúpidos são felizes, contentam-se com o pouco que conseguem obter, pensou. Há trinta anos era um monstro tremendo, hoje era um polvinho mirrando na areia, agora são só uns fiapos de pele e carne. Bebeu de novo. Estava ainda longe da paz (PEPETELA, 2000, p.298-299).

De acordo com a pesquisadora Maria de Nazaré Ordonez de Souza Ablas, “O Polvo”, diferentemente dos capítulos anteriores, desenvolve-se em um tempo breve, introspectivo, reflexivo e datado em abril de 1982. Para a pesquisadora, esse é um capítulo de reencontros: “o do homem consigo mesmo, o do homem com um pesadelo do passado – [representado pelo polvo], e o do homem com a mulher” (2000, p.262). Esse reencontro do homem com a mulher ocorre com Sara, com a qual, segundo Ablas (2000, p.262), concretiza a realização “de um amor platônico, sublimado anteriormente em função de outro, se não maior, mais urgente: aquele que, exercitado na guerrilha, traduzia o amor pelo seu país”.

O último capítulo do romance, intitulado “O templo”, é uma referência à Igreja da Esperança e Alegria do Dominus, governada pelo bispo Elias, antigo guerrilheiro, que tem uma orientação religiosa protestante e, paradoxalmente, é leitor de Frantz Fanon. Elias é radical e adepto a uma teoria partidária da violência. O tom desse último capítulo da obra remete a um desencanto, uma desilusão total em relação às utopias criadas anteriormente.

Nesse capítulo, é possível perceber a mudança de algumas personagens que assumiram posições poderosas na sociedade como Vítor, um político desonesto e corrupto; Malongo, que, auxiliado Vítor, lucra facilitando a entrada de capital estrangeiro em Angola por meio de seus contatos da Europa e de seus contatos políticos; e Elias que faz uso da religião para extorquir o povo. Ablas afirma, porém, que embora as contradições do regime já aparecessem, metaforicamente, desde o começo da obra, a partir da relação entre a militante Sara e o apolítico Malongo, elas se potencializam através, principalmente, de Vítor, Malongo e Elias, no que diz respeito à corrupção que arrasou a Angola após a sua independência.



Para Ablas (2000), ao que tudo indica, poucos sonhos restaram em relação ao país. Alguns guerrilheiros morreram, durante a guerra, em busca desses sonhos e os que sobreviveram ao conflito assistiram ao desaparecimento das ilusões. Em relação a essa afirmação, no romance é possível citar como exemplo a personagem Sara, que permanece militando e Aníbal, que, talvez, ainda tenha suas utopias.

O ideal de sonho mencionado por Ablas (2000) não refere-se ao sistema que é inerte, mas ao ser humano que é capaz de modificá-lo. Nesse sentido, a utopia é um lugar onde a felicidade está, ou seja, um lugar que não existe. No entanto, no romance, para essa geração que acreditava em um mundo melhor, esse local de alegria pode ser representado como A Casa dos Estudantes do Império – onde os sonhos ainda eram possíveis.

Com a passagem do tempo e as frustrações que essa geração encontrou a utopia ainda não se diluiu completamente. Novas utopias ainda podem e são inventadas, basta que alguém, ou alguns, tenham vontade de criá-las – o que no romance é representado através da figura de Judite e de Orlando:

– Começa a ser tempo de se fazer a História disto tudo – disse Orlando. – Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ela própria. Mas parece que a gente da sua geração não é capaz de a fazer. E a minha geração, a dos que agora têm trinta anos, não sei. Fomos castrados à nascença. [...]

E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida.

– Tens razão – disse o Sábio. – O mais importante para uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projeto, uma bandeira. No fundo, é o pai a deixar uma herança para o filho. E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar. Como o pai que, ao oferecer um brinquedo ao filho, o monopoliza, só ele brinca com ele, com o pretexto de que o filho o vai estragar. Não é mesmo tragicaburdo? (PEPETELA, 2000, p.360-361).

Ainda nesse capítulo é possível refletir sobre a Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus. A instituição apresenta uma nova fé, associada a uma estratégia mercadológica, na qual a religião agrada aos fiéis, oferecendo-lhes o que buscam e, com isso, conseguindo mais adeptos e dinheiro. Essa doutrina mescla elementos tão distintos quanto a crença na Bíblia e seres extraterrenos, tornando-se uma paródia de alguns templos e discursos religiosos pautados pela busca de lucro:

Uma Igreja ganha prestígio e poder pelo apoio que recebe. A nossa pode ter tanta força na sociedade como essas que citaste. A sua mensagem é muito mais moderna e mais de acordo com o ser profundo do homem angolano. Daqui transbordará para África e depois para todas as diásporas africanas. Imagina o mercado mundial de almas à nossa disposição.

Com as crises económicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do

inimigo que estava do outro lado na guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento aos nossos países, os jovens desempregados e sem instrução, a delinquência e insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a única salvação. Todos apelam a um deus que lhes indique um caminho na vida, que já não têm ou que nunca tiveram (PEPETELA, 2000, p.342).

O primeiro culto da tal Igreja é um sucesso, inebriando até os indivíduos mais críticos e cétricos tamanho poder de persuasão e convencimento, como o caso do jornalista André Silva, que igualmente sucumbe à promessa de uma nova sociedade. “Que maneira melhor de desenraizar as pessoas do que desconectá-las da religião tradicional e da tradição religiosa, desafilá-las de suas crenças tradicionais, destituí-las de suas tradicionais formas inerciais de prática e absentismo?” (PIERUCCI, 1997, p. 114). Os poderes de persuasão da Igreja podem ser visualizados nos fragmentos a seguir, nas palavras de Elias, convencendo Malongo e Vítor dos princípios da Igreja:

– Dominus escolheu-me para se revelar. [...] A mim incumbe pois a pesada e grata tarefa de ser o seu mensageiro (PEPETELA, 2000, p.331-332).

– Está porreiro – disse Malongo. – Uma Igreja que encoraja os bacanais. Diz, nos cultos há dessas cenas de orgias coletivas, todos a enrolarem-se uns com os outros?

– Estás corrompido pela vida devassa da Europa, pelo capitalismo materialista que tudo conspurca. O gozo não tem de ser forçosamente luxúria, perversão. Tudo deve ser dentro de limites aceitáveis.

– Aceitáveis para quem? – Perguntou Vítor. – Quem estabelece os limites? A moral da Bíblia?

[...]

Como veem, é o senso comum que nos norteia nestes assuntos que Dominus não nos revelou.

– Quer dizer, a doutrina vai de acordo com o que pensam ou desejam as pessoas. Como os políticos na Europa que fazem primeiro uma sondagem de opinião e depois tomam posições em função do que desejam os eleitores.

– Não, Malongo, continuas sem entender. Isso seria oportunismo. As grandes linhas da doutrina são imutáveis, porque são a revelação do Dominus. Mas naquilo que não foi revelado, nós temos de encontrar resposta e a nossa resposta é influenciada pela nossa cultura, pelo senso comum, o que não quer dizer que seguimos o que as pessoas querem. (PEPETELA, 2000, p.336).

O excerto anterior transborda ironia e uma descrição aparentemente parodiada da Igreja da Esperança. É interessante observar o sarcasmo presente, inclusive, no nome: Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus que remete a ideia de utopia, embora a realidade do templo seja uma desconstrução e distorção total de quaisquer princípios convencionais que seriam aceitos e apoiados por uma religião mais tradicional. Infelizmente, a realidade do templo enquanto negócio lucrativo não se distancia tanto assim das tantas religiões gananciosas e extremistas no que se refere ao abuso da fé para aquisição financeira que explora os frequentadores sem muitos escrúpulos morais. O culto e os dogmas da igreja parecem um modo

cético e desencantado de concluir o romance, embora um núcleo de personagens ainda resguardem alguns fiapos de esperança. São eles: Sara e Aníbal os utópicos incuráveis que sobrevivem ao enredo do romance e Orlando e Judite parecem ser os jovens da geração mais nova, que ainda acreditam na possibilidade de mudar o mundo, ou transformá-lo num lugar melhor.

Embora a utopia ainda exista na obra, o último capítulo denuncia o tratamento inaceitável de Malongo com um de seus funcionários. O fragmento a seguir é um exemplo de como o poder pode distorcer a mente e os valores da personagem que agride verbal e fisicamente um dos empregados que servem-no:

– Você não aprende, não é, seu negro burro? Esqueceste outra vez o sal, filho duma puta velha. Vem cá, vem provar aqui.

Malongo segurou-lhe a cabeça com as duas mãos, enfiou-lhe a cara no prato, prova, cabrão, prova para aprenderes. João estrebuchava, mas o patrão era demasiado forte, e a cara dele só largou o prato quando uma chapada monumental o atirou contra a parede da varanda. O criado ficou no chão, tonto, a esfregar a cara. Dois miúdos que passavam na rua pararam para ver. O jardineiro ouviu os berros e veio à parte da frente do jardim, mas logo se apercebeu do que passava e se retirou estrategicamente. João sacudiu a cabeça e levantou-se. Os olhos ficaram mais pequenos, de raiva, e gritou:

– Você julga que isto ainda é terra de colono?

Malongo avançou para ele, ameaçador. Mas parou a dois metros, notando que a cena estava a ser observada da rua por uma mulher que se juntara aos dois miúdos. Que chatice, esse muro não era suficientemente alto para garantir a privacidade da casa. E a sebe que o encimava tinha sido maltratada pelo anterior inquilino, apresentando espaços vazios que só aos poucos se recompunham.

– Cala a boca, senão te dou mais.

– Somos independentes, ouviu? Ninguém tem o direito de me bater.

– Vai arrumar as tuas coisas e desaparece-me da vista. Senão rebento-te à porrada. Gente como tu é o que não falta para trabalhar aqui em casa. Dei-te uma chapada para aprenderes, pois os negros burros como tu só aprendem à porrada. Não queres aprender? O problema é teu, desaparece.

– Você não é negro também? Parece colono, pior que colono.

(PEPETELA, 2000, p.346-348)

Malongo não apenas é preconceituoso, racista, mal-educado, violento e completamente desrespeitoso com o rapaz, mas também nega a ele o pagamento de direito – o que evidencia a consciência de uma total impunidade da personagem. A atitude anterior reflete mais um dos *benefícios* que ele parece ter *adquirido* em função dos anos como guerrilheiro e pelo lugar de destaque político:

– Venho buscar o dinheiro. Este mês trabalhei duas semanas.

– Não te pago nada. Vai queixar no sindicato.

O pessoal doméstico não era defendido pelo sindicato, Malongo sabia. Até lhe podia pagar, era uma soma irrisória para as suas possibilidades. Mas João hoje era culpado de todos os seus males, ainda por cima fizera-o se retirar da varanda e ficar sem mata-bicho.

Não pagava e pronto, não havia força que o obrigasse. E não viessem com os direitos sociais adquiridos com a Revolução, isso já tinha acabado. Para nunca mais esses

populismos e igualitarismos que só tinham estragado o país (PEPETELA, 2000, p.349).

A humilhação e opressão a qual Malongo submete o funcionário podem ser interpretados como indícios do desencanto que já começa a aparecer nessa obra de Pepetela e que será mais aprofundado e discutido na obra seguinte *Se o passado não tivesse asas*. Tanto Malongo quanto o último capítulo que apresenta a Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus são exemplos de uma perspectiva menos utópica em relação ao início do romance e ao romance anterior.

Um aspecto interessante relacionado à estética da obra ocorre na primeira e última página da mesma quando o autor desfaz a construção mais convencional de um romance ao começá-la com a seguinte conclusão: “Portanto, só os ciclos eram eternos (PEPETELA, 2000, p.9)”. Pepetela já inicia o romance rompendo com utopias sobre como um romance deve ser iniciado. Ele conta que na prova oral de Aptidão à Faculdade de Letras iniciou sua resposta ao examinador com a palavra Portanto, pela qual foi questionado e, desde então, prometeu que iniciaria um romance deste modo um tanto peculiar. No Epílogo, o autor repete a desconstrução do tradicional quando diz: “Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma estória que começa por portanto (PEPETELA, 2000, p.376)”. Brincadeiras à parte, é um modo criativo de se aproximar do leitor e romper com os padrões. Ouvindo *A geração da utopia*, pode-se pensar que a ideia de inconstância da vida que emerge dessa frase sobre eternidade seria uma conclusão pertinente para a utopia metamórfica que perpassa não apenas essa, mas as obras de Pepetela, de modo geral.

Ao escutar a geração da utopia, percebe-se que o romance tem dois momentos marcantes: o primeiro refere-se aos sonhos de um grupo de jovens, unidos pelo ideal da libertação de Angola. Seus medos estão entrelaçados a impulsos de ousadia e coragem com o objetivo em comum de romper com o colonialismo, motivação que leva-os, inclusive, a guerrilhar, como bem marcado no segundo capítulo, quando a longa e penosa guerra é descrita com exaustão. O conflito destrói muitos sonhos, ou, no mínimo, apaga a inocência que os acompanhava na época da adolescência e mocidade. A partir de então emergem as questões internas, as disputas de poder político e distintos movimentos com ideais específicos. A guerrilha resulta em frustrações uma vez que o cenário pós-guerra é de corrupção, além da falta de suprimentos de necessidades básicas, muitas vezes contrabandeadas por integrantes de movimentos como o MPLA – o qual o escritor era integrante.

O arquétipo do guerrilheiro como herói se distancia em meio ao caos que se instaura através dos combates. Por isso, o segundo momento do romance grita um eco de desilusão,

revelada a partir das trajetórias de Sábio e Mundial. As utopias e ideologias, até então coletivas, ganham contornos individuais, uma vez que o ideal de identidade e de coletividade surgido no exílio pelas personagens entra em conflito. Cada um constrói sua trajetória regada de virtudes ou falhas de caráter o que culmina em novos problemas para a formação do país angolano. Aníbal decide isolar-se ao ver extintos os ideais da utopia e Vítor vê na política uma maneira de crescer financeiramente. Ambos alcançam distintos ideais, o que não elimina a existência de problemas e frustrações, independentemente das virtudes ou falhas de caráter por eles escolhidas em seu trajeto na obra.

## 7 SOB AS ASAS DO PASSADO: A UTOPIA FERIDA

*O passado é histórico, o presente é caótico e o futuro é utópico. Ordem, caos e utopia são assim os vértices do triângulo sobre o qual se desenvolve a espiral do tempo.*

(José Saramago)

Neste capítulo final, proponho uma escuta que envolve não apenas o enredo, narrador e personagens do último romance escolhido para a pesquisa *Se o passado não tivesse asas*<sup>31</sup>, mas também a Pepetela, enquanto ativista confesso e profundamente envolvido na história de seu país. Essa escuta se faz importante nesta pesquisa, pois a leitura das obras me levou à hipótese de que a utopia presente nas obras vai se desvanecendo ao longo de *Mayombe* e *A geração da utopia*. Em *Se o passado tivesse asas*, já percebo o desencanto ou uma maior dificuldade de sonhar, provavelmente em função da realidade mais bruta presente logo nas primeiras páginas. Embora os romances anteriores também trouxessem frustrações às personagens mais utópicas, parece-me que a utopia e a vontade de torná-la realidade estavam mais presentes e pulsantes do que na última obra.

Neste romance, até então última obra do autor, percebi que um dos principais temas explorados pelo autor, a utopia, estava se esvaindo. Essa foi a principal razão para escolha do romance, à guisa de conclusão sobre a utopia no texto de Pepetela, em relação a algumas mudanças que deveriam ter sido conquistadas em seu país através da revolução, mas que, infelizmente, não foram alcançadas. O rumo desencantado da obra pode ter desencadeado provocações como o questionamento em relação a “ditadura da ganância” que assolaria o país na atualidade e que encerra as páginas do livro.

É importante dizer também que, inicialmente, a minha intenção era a de discutir as três obras, do mesmo modo, no que respeita à utopia. Ou seja, propor um capítulo interpretativo específico sobre *Se o passado não tivesse asas*. Contudo, na medida em que a escuta se desenvolvia, foi possível notar que, neste romance, a questão havia se diluído de forma intensa. Essa leitura fez-me levar em consideração os princípios da hermenêutica e de escuta da obra, do narrador, das personagens e do processo de escrita de Pepetela que gritavam mais desencanto

---

<sup>31</sup> No início do doutorado, quando esta pesquisa foi elaborada, *Se o Passado não tivesse asas* era o último romance escrito, publicado e já disponível de Pepetela. Essa obra foi escolhida, entre outras razões, justamente, por fazer um contraponto temporal com as primeiras obras do escritor escolhidas para interpretação: *Mayombe* e *A geração da utopia* que aparentemente traziam o tema da utopia de modo mais gritante em relação a uma projeção do futuro de Angola. No entanto, em seguida o último romance do escritor, *Sua Excelência de corpo presente*, foi lançado mas acabou não participando das obras dessa tese.

do que utopia. Por essa razão, pensei que, talvez, a perspectiva utópica do autor tenha sido debelada. O caminho hermenêutico propõe o princípio de ouvir a obra e não buscar o que “ali” não está. Em razão disso, considerei a possibilidade de olhar para essa última narrativa como um possível destino, à guisa de conclusão, para a hipótese traçada pela presente pesquisa.

A escuta de *Se o passado não tivesse asas* transpassa a proposta inicial de estudo sobre o romance e passa a vê-lo como um desenlace possível para a questão norteadora da pesquisa, ou seja, a mudança da concepção de utopia nas obras do autor, considerando a passagem do tempo, suas influências e desdobramentos. Aqui, não escuto apenas o último texto mas o autor. A escolha da obra, além do fato de ser uma das últimas publicadas pelo autor, o que justifica a distância temporal em relação às outras, deve-se ao fato de oferecer um contraponto à concepção de utopia emergentes em *Mayombe* e em *A geração da utopia*. A seguir, apresento o texto e os contrapontos encontrados no âmbito da minha escuta.

Ambientado entre os anos de 1995 e 2012, em Luanda, *Se o passado não tivesse asas* conta a história de quatro jovens angolanos durante o período da guerra civil que assolou o país após a independência. No que se refere à estrutura capitular do romance, a narrativa intercala os anos de 1995, durante a guerra civil e a total escassez de recursos, e 2012, o tempo da paz consolidada e do crescimento econômico de Luanda. A obra expõe os inúmeros desafios enfrentados pela protagonista Himba, que se torna órfã aos treze anos, após um ataque ao carro que transportava sua família, com destino à Capital. Lá, a menina encontra refúgio na amizade de Kassule, de dez anos que, assim como ela, também é um *filho da guerra*. Perdera não só a mãe, mas uma das pernas, devido aos estilhaços de uma mina.

Em 2012, Himba surge com nova identidade: Sofia, de 30 anos. Ao longo do texto, as trajetórias são narradas como se não se tratasse da mesma pessoa e é apenas no fim do livro que a confirmação da identidade das duas é revelada. Entretanto, um leitor atento pode desconfiar da similaridade. A confirmação, no entanto, aparece em: “E o primeiro nome seria Sofia, como a irmã perdida de Kassule” (PEPETELA, 2017, p. 342) e, posteriormente em: “Afinal continuas a ser minha irmã. Não me peças mais do que isso, Himba” (PEPETELA, 2017, p. 355) – diz Diego para Sofia.

No contexto situado em 1995, o romance desenvolve-se com os amigos completamente sem perspectivas ou espaço para sonhar e/ou acreditar em utopias. Ambos enfrentam uma realidade dura e aprendem a sobreviver na maior cidade de Angola: “Luanda é dura de viver, Nguimbi sem alma, como se diz, mas tem um íman poderoso que suga as pessoas para si e dela não deixa escapar. Só os muito fortes resistem” (PEPETELA, 2017, p. 129). Os amigos superam, diariamente, os mais cruéis infortúnios como: a fome: “Como ia arranjar comida? Nos

contentores de lixo como vira os outros fazerem? Sentia repugnância” (PEPETELA, 2017, p.32) ; o frio “O cansaço venceu e ela dormiu mesmo no cimento” (PEPETELA, 2017, p.33); e a violência física e os abusos sexuais:

- Segurem só as pernas dela - mandou o mais forte, o que a abraçava.  
Dois seguraram com força as pernas se debatiam, mas foram afastadas. O terceiro ficou a observar divertido os esforços de Kassule, se arrastando pelo chão, para chegar à muleta.  
O maior se deitou por cima da menina e violou-a.  
Os gritos dela se confundiram com os de Kassule. Depois se revesaram os quatro, seguindo uma hierarquia de grupo [...] (PEPETELA, 2017, p.89).

Essa brutalidade faz parte da realidade dos primeiros anos de Himba e Kassule (Diego, em 2012) em Luanda. Já em 2012, dez anos após o momento em que a paz finalmente "desdobrou sua manta sobre o país. Os inimigos se abraçaram, a reconciliação foi proclamada, as armas se calaram de forma definitiva, ao que parecia. E as pessoas voltaram a sonhar. Nem julgavam já isso provável” (PEPETELA, 2017, p. 333), a utopia que já nem parecia uma possibilidade volta a existir, mas de um modo diferente.

Nesse cenário, Sofia e Diego apresentam outra Luanda, com suas contradições e que se modernizava rapidamente – em parte porque os lugares dos amigos na sociedade mudam. Sofia, por exemplo, é uma jovem empreendedora, do ramo de restaurantes que já não mostra a mesma expectativa e esperança que Himba apresentava, como é possível perceber a seguir: “E ela aguardava, sem grandes sonhos, mantendo no entanto uma ponta de esperança, algo há de mudar para melhor” (PEPETELA, 2017, p.21). Diego, seu irmão, é um artista, pintor de paisagens e realidades de seu país e que parece ser o único incorruptível no romance.

Os trechos dos anos de 2012 também denunciavam superficialidade e a ostentação de alguns grupos de jovens privilegiados social e economicamente, que se reuniam ocasionalmente no restaurante de luxo no qual Sofia trabalha. Ela, inclusive, estabelece uma relação de proximidade com esses jovens mas as conexões não parecem se aprofundar como o caso da amizade com Salomé ou a recíproca ao interesse dos pretendentes, Abdias e Kaleb, que não acontece. Embora a personagem cresça profissionalmente a incapacidade de criar laços afetivos parece diminuir gradativamente.

Outro aspecto importante nesse cenário é a especulação imobiliária que fragmenta e segrega as classes sociais mais baixas nas margens da cidade, mantendo as mais altas no centro. Além da diferença temporal, a distância social é marcada no romance nos dois enredos. Enquanto o primeiro evidencia a falta, a carência e a miséria dos meninos de rua, o outro é um contraponto expondo o luxo, excesso e desperdício de um grupo mais elevado economicamente. O contraste é nítido, como é possível visualizar no excerto a seguir: “Clientes bem nutridos não



podem ver crianças miseráveis e com fome, isso incomoda” (PEPETELA, 2017, p.130).

Outra razão para estabelecer o contraponto desse romance com os anteriores é a relação de utopia com o próprio título da obra por, entre outras interpretações, remeter à ideia de que se o passado não tivesse asas, a utopia ainda seria possível. Contudo, como o passado possui asas, ou seja, como ele está vivo no nosso presente e é impossível de ignorar, o olhar mais romântico e sonhador em relação ao futuro é inviável, uma vez que a realidade é caótica. Além do título, o romance, em si, permite a reflexão sobre diversos temas importantes relacionados ao contexto social e histórico da Angola, além de possibilitar leituras e perspectivas de mundo de alguém, nesse caso o próprio escritor, que acompanhou a guerra e os desdobramentos da mesma.

Através da obra, o narrador, ao contar os diferentes enredos e fatos presentes no livro, explora o impacto de uma conflito como esse no desenvolvimento e comportamento das personagens por ele inventadas. Através do seu engajamento social, ao narrar a realidade de um país – unindo a literatura à história, o autor revela a profundidade da psiquê humana mostrando que o indivíduo não sai ileso e não sai o mesmo diante da brutalidade de uma guerra.

Além disso, essas cicatrizes da guerra atentam à premissa de que se o passado não tivesse asas ele não se faria presente. Essa mesma reflexão pode ser percebida no fragmento a seguir, quando um acontecimento qualquer do presente, involuntariamente, transporta as personagens para lugares do passado e da infância, mesmo que elas não percebam, não deem ou finjam não dar importância a essas lembranças:

Acontecia muitas vezes com Himba: um voo de pássaro, uma rabanada de vento, uma frase apanhada da rua, qualquer coisa, por mais insignificante, evocava os pais, a vida anterior, os irmãos mais novos, a casa perdida na voragem da guerra. Esses pequenos episódios tão importantes hoje quase não tinham significado na altura em que ocorreram. Os eruditos chamariam marcas da sua identidade. Claro, a menina não perceberia sequer a frase. Pouco interessa a designação, os episódios do passado viviam com ela, viviam nela. Também Kassule os teria e também ele os não exprimia, ou por não saber, ou por não lhes dar ainda a importância que mereciam. (PEPETELA, 2017, p.84-85).

As cicatrizes que o passado deixa e que, possivelmente, reflitam distintas concepções de utopia do escritor nas três obras, podem ser percebidas, por exemplo, no fragmento anterior, quando Himba recorda as experiências passadas que são parte do que ela e o amigo são hoje, e que ela acredita também não terem sido esquecidas por ele. Lembranças longínquas: "Marcas de uma infância normal, no meio da guerra". (PEPETELA, 2017, p.85).

O que emerge desse último romance é uma perspectiva distinta das obras anteriores – que tinham na utopia uma potência, uma garra, atrelada a uma *vontade* de realizar. Talvez, uma das propostas do romance seja a de apresentar uma realidade de brutalidade e de ganância que

seja necessário denunciar. Embora, o narrador não desista do ideal de utopia completamente, como é possível *ouvir* no excerto: "Algumas, pelo menos, acreditavam na possibilidade, porque otimistas existem sempre em toda aparte, mesmo em minoria" (PEPETELA, 2017, p. 333). Aqui, os otimistas são os utópicos incuráveis, que mesmo nas situações mais difíceis não desistem de acreditar nas suas convicções. "Logo se começou a falar de reunião das famílias separadas, muitas delas até nas ideias e nas ambições, outras apenas pela distância ou o desconhecimento. Foi criado um programa oficial para o reencontro das famílias. Ia resultando" (PEPETELA, 2017, p. 333).

Uma das possibilidades de utopia presentes na leitura da obra é a de reencontro das famílias perdidas durante a guerra. Embora Kassule tenha parado de acreditar na possibilidade de reencontrar os familiares, Himba não perde as esperanças até voltar ao local onde morava na infância: "Foi assim que Himba soube que estava de facto sozinha no mundo, pois nem conhecia o resto da família espalhada por muitos sítios, sobretudo no Planalto Central devastado pela guerra. E a tal parentela de Luanda, nem o nome dela sabia " (PEPETELA, 2017, p. 340).

Os pensamentos e reflexões de juízo moral também emergem no romance. É possível perceber um dos conflitos internos de Himba, que confronta e ameaça um professor – que molestava algumas de suas colegas de classe – a fim de obter as respostas de uma prova na qual precisava ser aprovada:

Ela fez Justiça. E lucrou com a justiça. Nada tinha de se envergonhar, a vida era uma guerra, como todos lhe diziam, e ela tinha aprendido nas circunstâncias mais difíceis. Ia agora ter remorsos?  
Remorsos são para os fracos, ela era uma lutadora (PEPETELA, 2017, p.320).

O fragmento evidencia a autoafirmação da protagonista em relação à decisão de chantagear um professor e obter benefícios próprios sob a justificativa de fazer justiça às colegas de classe que reclamavam do comportamento abusivo do mesmo. Inicialmente a personagem afirma que fez Justiça e lucrou com ela. Posteriormente afirma que a coerção não era motivo para vergonha pois a vida é uma guerra. Seria a guerra (ou as dificuldades) justificativas para cada pequeno ato duvidoso que cometemos? Diante do impasse a protagonista questiona se sentiria agora remorsos e, mais uma vez, afirma que remorsos são para os fracos.

Nesta perspectiva, uma interpretação válida está em perceber a dificuldade de manter-se sempre com um posicionamento ético diante da vida, diante da guerra e diante do sofrimento. A ética pode não remanescer e ultrapassar a guerra porque ela, simplesmente, já não existe, muitas vezes, antes dela ou apesar dela. A atitude de Himba, assim como o comportamento

humano, em geral, é antagônico, contraditório, paradoxal.

Se, por um lado, a guerra pode ser uma justificativa para que o sujeito tenha atitudes que considere questionáveis – como no caso em que Himba justifica para si mesma o fato de que obter as respostas seria errado – por outro, a guerra pode evidenciar possibilidades de ternura, empatia e relações de afeto que se estabelecem ao longo da narrativa. Himba é o exemplo dessas contradições inerentes à subjetividade humana quando, em demonstração de companheirismo a Kassule, recusa o emprego na casa de uma senhora para não deixar o amigo mutilado para trás. Entretanto, posteriormente, mais madura, na nova identidade, Sofia toma atitudes gananciosas, na perspectiva de Diego, em relação ao restaurante em que ela trabalha.

Essa é uma das grandes questões éticas que emergem da obra e que revelam esse olhar mais distópico do autor: o intenso objetivo da protagonista Sofia (Himba) em crescer profissionalmente no romance, diante da morte da sócia no restaurante, Dona Ester quando a “senhora caiu de forma fulminante na cozinha” (PEPETELA, 2017, p. 203). A sócia possuía um “filho desgovernado”, Ezequiel, que “tem uma pancada mas não chega a ser maluco, traumatizado por causa desconhecida” (PEPETELA, 2017, p.24).

Após a morte de Dona Ester, Sofia interfere na vida de Ezequiel, internando-o e afastando-o de uma possibilidade de envolvimento amoroso com Kiaxi. A protagonista assume o restaurante: “Tinha de pensar em coisas novas para o restaurante, dar uma guinada, mostrar a sua verdadeira face. [...] Para o futuro devia aparentar o caráter da nova proprietária, pois de facto ela se tornara a verdadeira dona, Ezequiel não contava. Quem poderia contestar?” (PEPETELA, 2017, p.269) Aos olhos de Diego(Kassule), o comportamento da irmã é movido pela ganância, o que resulta numa discussão em que ele acusa-a de frieza emocional, isolamento, incapacidade de criar laços afetivos.

Carneiro (2021, p.38) aponta essa ganância ao dizer que a personagem “vai se utilizar de meios escusos para assumir a propriedade do restaurante do qual já é sócia, após o falecimento de Dona Ester, a antiga proprietária”. Sofia apodera-se dos direitos do filho herdeiro, Ezequiel, que possui um tipo de deficiência cognitiva e interna-o. A vítima no passado torna-se uma predadora no presente e, sem escrúpulos, fraudada, com a ajuda de um cliente da elite, frequentador do restaurante, documentos que a tornam proprietária do local:

Explicou a morte súbita da sócia e portanto a necessidade de mudança do nome no alvará do restaurante, uma vez que as formalidades com as Finanças estavam atrasadas, o sistema sofrendo nova atualização. Ele foi compreensivo, reconheceu as dificuldades geradas no distrito por causa das bruscas mudanças de estrutura, estamos a crescer rápido demais, não há administração que aguente, porém veio bater à porta certa, resolvo isso num instante, promessa cumprida pois deu uma instrução à

secretária que foi com Sofia ajudá-la a preencher impressos, entregar no guichê correspondente e voltar com tudo pronto para o chefe assinar e carimbar de selo branco. Saiu de lá com o alvará em nome dela e o mais legalmente possível (PEPETELA, 2017, p. 310).

Para Carneiro (2021), esse é o comportamento de uma órfã, que agora abusava de um órfão, como vivera na praia, em 1995, quando ela e os colegas de rua disputavam os restos de comida nos contentores de lixo, lutando pela sobrevivência, diariamente. Agora, esse combate ocorria em meio à cidade e à civilização, na selva de pedra. Para o autor, se Sofia é a metonímia de uma Angola simbolizada em um ideal de sobrevivência da nação angolana, ela indica que, para sobreviver a todo o sofrimento é necessário ser mais forte do que o inimigo. Para isso, é preciso superá-lo, o que requer conhecê-lo profundamente, transformar-se nele para assim somar as próprias características às dele e com isso obter alguma vantagem na luta. Em outras palavras: “Para vencer eu preciso ser o predador. O MPLA, para vencer, teve que se transformar na UNITA. Só assim foi possível eliminar esta oposição armada, em 2002 e pôr fim à guerra civil” (CARNEIRO, 2021, p.38). Na concepção de Carneiro, para ter sucesso na nova sociedade capitalista, neoliberal, de culto ao mercado é preciso ser o predador. Desse modo, Sofia é a predadora e o destino de Ezequiel é apenas um: a cama de um quarto numa clínica, onde suas necessidades serão supridas.

Esse pode ser interpretado como um posicionamento mais distópico de Pepetela, que propõe uma percepção de como o caos pode desenvolver sentimentos desvirtuosos, como a ganância, por exemplo, no indivíduo. A busca pelo crescimento financeiro e profissional motivada pelos anos de sofrimento e fome também refletem uma incapacidade de desenvolver relações profundas na protagonista. Se, na adolescência, enquanto Himba, ela se nega a abandonar Kassule, para tentar uma vida melhor, priorizando a relação dos dois, na maturidade ela apresenta uma atitude diferente: a ambição fala mais alto e ela prioriza o crescimento econômico às relações – embora o final do livro termine com um questionamento que não conclua a reação da personagem em relação ao amigo quando acusada por ele.

Ferreira e Simas-Almeida (2017) também associam o sucesso material alcançado pela protagonista Himba/Sofia ao seu fracasso emocional. A partir dos conceitos de órfã desenvolvidos em suas pesquisas, interpretam que o final do romance revela um novo tipo de orfandade da personagem. A orfandade dos afetos que ela vivencia. O que na percepção dos pesquisadores exige um leitor crítico em relação à famosa “ditadura da ganância” – citada no fim do romance.

O processo descrito como orfandade de afetos motivado pela ditadura da ganância pode

ser lido como uma visão mais distópica do autor, assim como em *A geração da utopia* em que a personagem Aníbal se isola completamente para não fazer parte dessa ambição ou cobiça exacerbada – à qual Sofia, infelizmente, parece não ter resistido. Muito antes da publicação de *Se o Passado não tivesse asas*, no entanto, já em 1999, a especialista em Pepetela Inocência Mata já apontava a postura (ainda) em busca da utopia por parte do autor ao criar um texto que busque algo mais, algo além. Esse mais é o fato de que os textos pepetelianos não possuem um fim em si mesmos, mas buscam promover mudanças, reflexões, transformações. Querem afetar e despertar aquele que lê.

Segundo Mata (1999), o escritor não demonstra um posicionamento neutro ou imparcial, como um simples observador da sociedade angolana. Ele é engajado, se posiciona, participa, intervém e torce pelo crescimento e construção da nação. Diversos textos seus sugerem a preocupação com o entendimento dos acontecimentos de uma sua época e, mais do que isso, refletem um desejo de mais justiça e vitória, a busca por um país mais humano, mais justo. O próprio autor se vê como um socialista, com um olhar específico aos que foram os vencidos da história. A palavra socialista, nesse caso, numa concepção mais abrangente, em relação àquele que acredita e trabalha para e pela vitória dos que foram mais explorados ou oprimidos. Possivelmente uma das maiores utopias do escritor seja a de transformar seus textos em ferramentas de resistência e instrumentos de luta na emancipação dos mais frágeis e humilhados em Angola e no mundo inteiro. Essa utopia emerge num possível desejo de dar voz a todos em seus romances. Como no caso de *Mayombe*, em que o narrador muda diversas vezes ao longo da obra exprimindo os pensamentos de distintas personagens.

Em *Se o passado não tivesse asas*, embora a trajetória de Sofia apresente desvios de caráter em algumas circunstâncias, outras personagens da obra possuem atitudes mais éticas, apesar do contexto em que vivem, afinal, todos em alguns momentos da vida sofrem diferentes infortúnios e desafios. Isso pode indicar um posicionamento otimista do escritor em relação ao comportamento humano apesar das condições da guerra.

As personagens que se comportam de um modo mais virtuoso e empático são: a generosa tia Izabel Kimba, uma moradora da Ilha que sempre auxiliava as crianças oferecendo comida e outros favores como as vagas num orfanato para Himba e Kassule; Noé – um rapaz mais velho e forte que, quando passava pela Ilha, conseguia mais comida nas lutas pelos restos; Kassanje, um segurança de restaurante que, sorrateiramente, dava aos meninos as sobras vindas diretamente da cozinha; o jovem Kaleb “prático, trabalhador, sério e exigente no seu trabalho”(PEPETELA, 2017, p.122-123), que defendia “com unhas e dentes o meio ambiente e os interesses do país, posição difícil no contexto atual da terra e até do mundo, regido pela

ganância dos mais poderosos” (PEPETELA, 2017, p. 123). Enfim, são alguns pequenos exemplos de figuras que pensam além de si, que pensam no coletivo e propõe-se a ajudar o outro de alguma forma.

No que diz respeito a algumas personagens com um comportamento mais virtuoso nos romances anteriores, em *Mayombe* é possível destacar Sem Medo, complexo e corajoso, que embora se envolva com a mulher de um amigo, possui um comportamento ético, e Teoria, o intelectual do batalhão, que começa a enfrentar seus medos com a ajuda do comandante. Em *A geração da utopia*, algumas figuras importantes no que diz respeito à ética, são Sara e Aníbal, (durante toda a obra) e Orlando e Judith (que aparecem a partir do meio do romance), que aparentemente mantêm-se éticos e corretos no que se refere a um posicionamento político durante toda a obra, o que garante uma perspectiva ainda utópica na mesma. Já em *Se o Passado não tivesse asas*, Diego que não deixa-se seduzir e mantém-se com uma conduta mais virtuosa no que diz respeito à ganância, diferentemente da protagonista Sofia – o que sugere essa mudança na concepção utópica do autor.

Outra possibilidade de leitura que indica uma visão mais utopista em relação aos desdobramentos da guerra, segundo a obra, é o nascimento de laços de amizade como o elo entre Himba e Kassule que se fortalece durante o livro. O amigo, inclusive faz um retrato da menina e surpreende-a ao contar que não precisou observá-la para criar a peça: “O retrato não foi mostrado a mais ninguém e permanecia guardado no fundo da última gaveta, com alguns objetos por cima, escondendo-o. O pacto entre eles era o de ser secreto. [...] **teu retrato eu fiz de cabeça**. Estava numa aula chata de matemática” (PEPETELA, 2017, p.283–284, grifo meu). A peça é um detalhe importante na interpretação da obra pois carrega um símbolo da amizade construída entre os dois.

Ao descobrir o golpe da amiga, Diego acusa-a, expõe seus sentimentos em relação à Sofia e decide abandoná-la:

- Preciso mesmo. Não posso conviver com a ganância ou o resultado dela. Não vou ser um escravo dessa **ditadura da ganância**, que parece ser o nosso destino. Outros sejam escravos. Eu sou diferente.
- Eu sou o que fizeram de mim. O teu país.
- **Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos...** O país é de todos e **não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos** (PEPETELA, 2017, p. 354-355, grifo meu).

Diante do abandono, Sofia busca o importante objeto, mencionado anteriormente, que representa um retorno à antiga identidade:

Foi ao quarto e abriu a gaveta do fundo da cómoda. Afastou as roupas e encontrou o retrato que ele tinha desenhado no lar. Um dia ela comprou uma moldura para proteger o retrato mas nunca mostrou a Diego. Ele provavelmente nem se lembrava dessa sua primeira obra. Olhou para ela durante muito tempo. Havia tristeza, sim. Mas era ela. O olhar era duro. Ou por vezes se tornava duro, depois amansava. Seria ela dura? Sim, tinha de reconhecer. **Chorou por cima do retrato, porque ele lhe dizia coisas que ela não queria ouvir.** Diego sabia como ela era. Há muito tempo. Esse conhecimento estava ali, aprisionado no retrato. Para quê negar?

Guardou o retrato na mesma gaveta, saiu de casa, entrou no carro. Lutou contra o trânsito que ia todo na direção de Luanda antiga, esteve parada e a andar quase a passo na estrada da Samba, depois na Marginal, até chegar à Ilha, duas horas depois. Foi avançando, já com muito maior facilidade até à Ponta, onde estacionou. No restaurante deviam estar em pânico com a falta dela para os orientar. Até podia fazê-lo pelo telefone, mas não lhe interessava. Naquele momento, o restaurante tinha deixado de existir. Por umas horas, no entanto.

Ficou parada a olhar em frente. Cabritinhos de espuma na crista das ondas. Escuros, oleosos, os cabritinhos.

Viu os novelos de ondas no mar.

Os novelos também estavam escuros, oleosos, restos derramados de petróleo. Ameaçadores.

Diego disse mesmo, **é este o nosso futuro, a ditadura da ganância?** (PEPETELA, 2017, p.355-356, grifo meu)

Na leitura deste romance, encontrei uma visão mais brutal da realidade de Angola em função da ausência de capacidade de sonhar com um futuro melhor. Se, por um lado, finalmente, o país tinha conquistado a sonhada independência, por outro, os desejos de um mundo melhor parecem adormecidos por uma geração que está preocupada com o caos instaurado no país que agora vive uma guerra civil e que experiencia outro cenário. Esse contexto talvez impossibilite, na perspectiva do narrador (e de Pepetela), uma abordagem mais utópica, positiva ou otimista da realidade.

Destaco que, em diversos estudos sobre a obra, *Se o passado não tivesse asas* está sempre mais presa à concepção da história vinculada à literatura do que à utopia em si. Essa palavra, inclusive, não é mencionada uma única vez no romance, embora as ideias de sonho e esperança recebam algum espaço. Himba, por exemplo, sonhava com uma Capital maravilhosa, quando ainda não a conhecia, logo nas primeiras páginas da obra: “Agora estavam em cima da camioneta, a caminho da cidade grande, que sempre preencheria sonhos e temores, Luanda. [...] Mas havia expectativa em conhecer a mítica capital onde tudo acontecia, como o pai contava [...] (2017, p.10), ou quando sonhava em voltar ao passado. Outro momento de sonho, mais próximo ao de uma utopia, é a esperança da personagem Kassule que deseja milagrosamente recuperar a perna perdida para voltar a jogar futebol:

E havia Kassule, observando à sua volta, todas as antenas de fora. Entrava na cabeça da amiga? Sim, por vezes, começava a entender os longos silêncios, sabia ela estava mergulhada em pensamentos tristes demais, pensamentos de perda, sonhando com regressos impossíveis ao passado, regressos que ele já tinha abandonado depois de viver anos a sonhar com a recuperação das duas pernas para poder correr e jogar

futebol. Nada podia fazer para a ajudar, além de ficar por perto e mostrar com os olhos atentos que velava por ela. Seria suficiente? Talvez ajudasse. Himba, pelo menos, parecia notar a constante amizade e atenção, por isso tinha recusado abandoná-lo para ir com a senhora que levou Madia, renúncia da libertação apenas por causa dele. Gesto nunca esquecido por Kassule, era um bem-agrado. (PEPETELA, 2017, p.202.).

O romance está vestido de uma realidade crua e dolorosa. As personagens principais, Himba e Kassule e que, mais tarde, se descobre serem Sofia e Diego, sofrem um processo de transição, inclusive de identidade durante a obra – o que pode ser pensado como uma transição simbólica semelhante à concepção de utopia presente nos diferentes momentos de escrita do autor, que por sua vez podem ser um reflexo do contexto em que ele vivia durante o processo de escrita

Muito já se disse a respeito da relação entre ficção e história presente no texto, inclusive pelo próprio escritor que, no prefácio do livro de Inocência Mata, aponta para o fato de sua geração ter tido a vantagem de fazer escolhas dramáticas como: “lutar ou não lutar contra a situação colonial, pegar em armas ou trabalhar no exílio frio, desertar ou continuar num exército de ocupação colonial, etc.” (PEPETELA. *In*: MATA, 2003, p. 14). Nesse sentido, é possível acreditar que a literatura da sua geração está “contaminada” por essas escolhas: “Daí o socorrer-se do passado para pensar o presente e perspectivar o futuro, daí o interesse pelos problemas que fracturam a sociedade, daí a ligação quase indispensável com o facto político. Os meus livros não podiam ser exceção” (PEPETELA. *In*: MATA, 2003, p. 14).

Uma escuta possível em relação ao depoimento de Pepetela faz pensar que, se ao olhar as frustrações do passado, para refletir sobre o presente e projetar o futuro, essa mudança de perspectiva em relação à utopia é um movimento compreensível e justificável. O interesse pelos problemas que assolam a sociedade e pelo fato público também podem refletir uma possível perda das capacidade utópicas, perceptíveis nessa última obra.

É dessa literatura comprometida com as andanças e marcas do tempo que foi criado *Se o passado não tivesse asas*, em que o escritor apresenta “estórias que a História tece” (PEPETELA, 2017, p. 262). Na obra, dá continuidade a temas, questionamentos e reflexões importantes para ele e que aponta como intrínsecas ao seu modo de narrar. Em entrevista<sup>32</sup> sobre o romance, o autor explica que “a coisa mais difícil” foi encontrar o título da obra, que “quer dizer que o passado vem sempre, não se pode abandonar, não se pode esquecer, porque é fundamental para o futuro” (PEPETELA, 2016, n.p.). Numa coerência de ação e reação ou

---

<sup>32</sup> Pepetela lança novo romance com casa cheia. RedeAngola.info Jornalismo independente. 06.05.2016. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/pepetela-lanca-novo-romance-casa-cheia/>>. Acesso em: 06 de outubro de 2019.



causa e consequência, não haveria espaço para a mesma ideia de utopia proposta nas primeiras obras do autor, em que a sede de mudança de uma geração era maior, tinha mais força e potência, justamente porque era sonho. A realidade e o passar do tempo modificaram esse ideal de utopia de Pepetela.

Na entrevista mencionada anteriormente, o escritor faz uma breve explicação sobre a obra. Segundo ele, o romance trata de:

Duas histórias que se cruzam, que acabam por se juntar, e representam a situação actual do país, com esses problemas, de onde é que vieram. Escolhi a ilha[Luanda], porque o contraste era tremendo. A ilha, que já foi um paraíso – cada vez menos com o betão que se vai pondo lá – mas nesse paraíso havia toda essa miséria, essa pobreza das crianças, que lutavam pelos restos de comida, que eram despejados pelos restaurantes (PEPETELA, 2016, n.p.).

Na obra Pepetela apresenta a brutalidade da vida “tão curta e cheia de tristezas, terror, sofrimento” (PEPETELA, 2017, p. 233) dos “kandengues de areia” (p. 169) das praias de Luanda. É uma situação que remete à pobreza de outros países colonizados, onde as crianças sofrem os mais variados abusos em busca de comida e de condições mínimas de sobrevivência, é quase impossível desassociar ou esquecer de uma obra brasileira ímpar neste mesmo projeto de engajamento social que é *Capitães da areia*.

No mundo das crianças das crianças de Pepetela, elas também procuram a sobrevivência no lixo e são brutalmente atropeladas pela realidade da fome nas ruas, como nos excertos a seguir: “Mas a fome era demais” (PEPETELA, 2017, p.130) e em “Fome de pobre é a única constante desta vida, pensou, muito filosoficamente, Himba” (PEPETELA 2017, p.136). Como no cenário das praias de Salvador, Bahia, as personagens que enfrentam esses infortúnios são meninos que “vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas” (AMADO, 2009, p. 27).

Assim como Jorge Amado, Pepetela apresenta uma realidade difícil de ler e aceitar mas que faz parte da história e que merece atenção por despertar o leitor para reflexões importantes sobre a necessidade de pensar além de si, de pensar socialmente, priorizar o coletivo e, principalmente, se colocar no lugar do outro. Conhecer *esse lugar* do outro. A partir da biografia do autor, percebo que além da intensa participação política no processo de criação da sociedade angolana e na busca pela independência colonial, a literatura é, também, um modo através do qual, o escritor se revela como revolucionário, no sentido de denúncia da realidade que observa. Esta característica emerge nas suas narrativas: um compromisso com o coletivo e com o social. Um exemplo disso pode ser observado em uma entrevista concedida a Isabel Lucas e publicada

no *Diário de Notícias*, em 2005<sup>33</sup>, na qual Pepetela fala sobre o que o escritor deve fazer: “chamar a atenção, levar as pessoas a reflectir sobre certas coisas. Penso que esse é o papel do filósofo. O escritor, no fundo, é um filósofo... Ou então inventar mundos que não existem, mas baseando-se na própria realidade” (PEPETELA, 2005, n.p.).

Carolina Machado (2019) observa a importância de interpretar os romances do escritor a partir de sua trajetória pessoal para a criação de um discurso lido, muitas vezes, sob as lentes da utopia. Pepetela reconhece o peso da própria trajetória em suas obras: “Uma participação tão prolongada no processo de libertação e de constituição de uma nação deixa marcas e influencia a minha literatura, sobretudo em torno dos temas que escolho”<sup>34</sup> (2009, p.37). Seu engajamento político, a preocupação com a nação, o compromisso com o social e com o coletivo sempre movimentam, que não são apenas a reprodução de uma realidade, mas que promovem reflexões, que modificam o modo como seus leitores compreendem a sociedade angolana: “As frustrações de uma geração não são apenas encenadas nas páginas de seus livros sem que com elas não venham perspectivas para um futuro, em um claro ato político” (MACHADO, 2019, p.101).

Beatriz Sarlo (2007) também considera as obras de Pepetela a partir de sua biografia e entende que o mesmo fragmenta-se em diversos dos seus personagens, o que permite que transforme sua visão da realidade em testemunho, o que traz uma nova verdade criada a partir do sujeito e de suas experiências. As lembranças do autor, inerentes aos interesses do presente e aos laços de interdependência que regularam as relações sociais que estabeleceu, exigem uma observação profunda sobre sua trajetória do mesmo para uma maior compreensão de suas obras.

Em entrevista concedida a Carlos Serrano (1999, n.p.), o escritor explica essa relação entre ele e suas personagens: “Mas realmente não há nenhuma personagem que seja eu. Aliás, não há nenhuma personagem que seja real. Todos eles são ficção, ou utilizando por vezes um ou outro dado de uma pessoa existente ali ou fora do contexto que eu conheci, numa versão”. Desse modo, a criação das personagens do autor possui relação direta com a realidade individual do mesmo, embora suas personagens não correspondam a pessoas reais, como ele mesmo afirma, elas nascem de pessoas reais. O fragmento anterior é parte de uma entrevista concedida a Carlos Serrano pelo escritor em relação às personagens de *Mayombe* (1980). No entanto, a afirmativa do autor poderia ser parte das reflexões de outras obras da sua produção literária: textos com personagens fictícias que possuem verossimilhança com a realidade e

---

<sup>33</sup> Pepetela, escritor angolano, fala sobre “A Geração Da Utopia” e suas demais obras. Portal Raízes, 2005. Disponível em: <<https://www.dn.pt/arquivo/2005/interior/apeteceu-me-champanhe-na-escrita-deste-livro-628096.html>>. Acesso em: 06 de outubro de 2019.

<sup>34</sup> PEPETELA. MOTA, Denise. “Independência e Justiça”, *Raça Brasil*, nº97, São Paulo. *Apud*: CHAVES, Rita MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009.

proximidades com a trajetória do escritor:

A pluralidade de narradores que compõem os romances também chama a atenção, pois demarca as diferenças e contradições que fizeram parte dos seus questionamentos enquanto indivíduo no processo de construção da nação angolana. Assim, Pepetela também se torna personagem dos seus romances à medida que suas escolhas narrativas são cercadas por tensões entre o indivíduo e o mundo social. (MACHADO, 2019, p.101).

Diante disso, compreendo que a vivência e a bagagem emocional do autor interferem, diretamente, no seu processo de escrita, não apenas nos objetos de estudo, mas em seus textos, de modo geral. Talvez, inclusive, para ele (e para muitos escritores) seja impossível desassociar-se do que viveu. Compreendo que todos somos uma grande colcha de retalhos da interpretação das experiências que aconteceram conosco. Ao escrever ou criar uma história, ao narrar, enfim, carregamos nossa bagagem para o papel. O que não significa, porém, que as personagens sejam reais. Elas são ficção, mas uma ficção carregada de experiências reais.

Desse modo, a fim de entender o mundo que cerca o escritor é pertinente considerar as complexidades existentes entre as suas personagens e perceber que as escolhas narrativas de Pepetela não estão, necessariamente, amparadas pelas memórias dele. Para Sarlo, (2007) lembrar, ou seja, retornar ao passado seria um processo involuntário realizado a partir de necessidades do presente, criando assim, uma mescla de tempos. Nas palavras da autora:

Propor-se a não lembrar é como se propor a não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada: pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. A lembrança, insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo *próprio* da lembrança é o presente: isto é, o único tempo *apropriado* para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando - o *próprio* (SARLO, 2007, p.10).

A reflexão da autora é importante ao interpretar o título da obra, que é aberto, sugerindo inúmeras leituras: “Se o passado não tivesse asas” pode significar que sem o passado, o presente seria impossível e que o passado sempre se faz presente, mesmo quando ou se [o passado] não for desejado. Assim, o presente existe em razão do que foi vivido anteriormente, embora o presente não seja, necessariamente, determinado *apenas* pelo passado. Assim, ocorre a mescla de tempos explicada por Sarlo. Cabe ressaltar, no entanto, que é possível ressignificar esse título com diferentes complementos, de acordo com a lente usada para ver a obra.

Essa complexidade do título e abertura para diferentes também é observada por Adriano Carneiro (2021), que defende que o título do romance é muito intrigante:

Pois é uma condicional negativa “se o passado não tivesse asas”, ou seja, subentende-se que o passado tenha asas, mas se não as tivesse qual seria a diferença? Qual a relação disso com a diegese do livro? Se ele não tivesse asas, então faria sentido sufocá-lo, poderíamos esquecê-lo como mais facilidade? O ter asas tanto pode significar que a todo momento ele estará presente ou que poderá se afastar para longe, pois as asas, sem dúvida, indicam uma velocidade alta, rapidez e tanto servem para se aproximar quanto para se afastar. (CARNEIRO, 2021, p.35)

Se, por um lado o passado é dificilmente esquecível, por ser parte do que somos e vivemos, por outro, a cada segundo vivido, ele está mais distante (fisicamente, no tempo) do presente. Será? Qualquer afirmava carregada de muita certeza ou convicção parece-me perigosa na leitura do título. No entanto, Carneiro afirma que “É isso a que o título alude: lembremos do passado para não repetirmos indefinidamente os mesmos erros”. Segundo ele, lembrar o passado, ou seja, de todas as calamidades, os sacrifícios e massacres que aconteceram desde o colonialismo, a guerra de independência e a guerra civil, a transformação do “MPLA com a permanência no poder, a corrupção de seus quadros, o neocolonialismo, o neoliberalismo, a exploração econômica, a pauperização da população” (CARNEIRO, 2021, p.36), para não repeti-las.

A partir da interpretação realizada, arrisco afirmar que a literatura, assim como a obra e o próprio Pepetela, não oferecem soluções para o que o autor observa na Luanda contemporânea. O ser humano age a partir de suas experiências e crenças. Talvez para Sofia ser ético (na percepção aristotélica de ética como busca de felicidade) implique sentir-se estável economicamente e elevado socialmente. Uma ingenuidade? Pode ser, mas uma ingenuidade que pode garantir a sobrevivência, por algum tempo – o que parece-me coerente, sobretudo para alguém que já passou fome e enfrentou as angústias que a protagonista viveu.

O romance aqui estudado propõe reflexões para que o leitor possa criar, a partir de suas próprias convicções, um fim deste ou daquele modo. O leitor decide o rumo de sua protagonista após as reflexões da mesma expostas na página final. Será que ela volta para o restaurante, esquece/ignora o abandono do irmão? Pode decidir, novamente, se reinventar em atitudes em relação às decisões tomadas até então ou ainda qualquer outra coisa.

O próprio título da obra, como já mencionado, é aberto, e deixa ao leitor a possibilidade de dar sentido ao que o passado pode ou não promover na vida do indivíduo. O passado ser presente é uma interpretação possível. Em uma das entrevistas sobre o romance, o autor explicou que “a coisa mais difícil” foi encontrar o título da obra, que “quer dizer que o passado vem sempre, não se pode abandonar, não se pode esquecer, porque é fundamental para o futuro” (PEPETELA, 2016, n.p.). Diante disso, acredito que o autor afirme que o passado é inesquecível

mas a interpretação e ressignificação dele ao longo da vida de cada um é um processo complexo e subjetivo.

Percebo que, embora a guerra produza cicatrizes profundas, cada indivíduo irá lidar com suas feridas a sua maneira para criar um presente baseado em princípios que considerar indispensáveis para si. Preservar a capacidade de criar utopias, sonhos e esperanças mantém o movimento da vida, permite que queira crescer em diferentes aspectos. A menos que esse sonho o paralise. Experienciar o otimismo poderia ser uma válvula propulsora de ações, um caminho do meio que não esteja na amargura e sofrimento inerentes ao caos, nem na ilusão cega de um positivismo exacerbado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, aqui me arrisco a fazer alguns apontamentos. Acredito que existem diferentes níveis de interpretação e que talvez o desejo de *tornar a palavra um evento*, ou seja, buscar reviver em si o momento em que a escrita do texto foi realizada, seja uma maneira de *ouvir* o texto mais profundamente. Isso significa tornar o texto uma experiência. Esse nível interpretativo leva em consideração a união entre o autor, o texto e o leitor. Um caminho de aproximação desses elementos e que permite uma escuta das obras é pesquisar a vida, o contexto histórico e geográfico e a produção do autor, o que torna o leitor mais afinado com as ideias e a estética do escritor.

O mesmo conhecimento em relação ao outro (autor) e seu contexto precisa ocorrer com o intérprete, ou leitor, enquanto sujeito: ao olhar para si ele percebe crenças, preconceções, ideologias e dilemas que são seus e não, necessariamente, do autor – o que permite um *olhar* mais atento em relação às narrativas. Níveis diferentes de interpretação também podem ser acessados através da repetição da leitura de uma mesma obra já que o leitor percebe minúcias não observadas nas primeiras interpretações, sobretudo porque a leitura desperta diferentes *escutas* a cada interpretação, embora certos tópicos permaneçam os mesmos, apesar das diferentes interpretações existe um campo semântico do qual não é possível fugir.

Uma das considerações observadas diante das interpretações em relação às obras e ao próprio Pepetela é que cada leitor, pesquisador ou intérprete alcança aquilo que suas condições permitem. Isso não significa que leitura x ou y esteja mais ou menos *correta*, apenas que cada um vê aquilo que quer, pode ou (in)conscientemente escolhe ver – naquele momento. Isso deixa o leque de leituras possíveis sempre aberto sobre determinada obra, mas também não escancara as possibilidades ao ponto de qualquer interpretação ser permitida.

O extraordinário acerca da arte, em geral, mais especificamente em relação a literatura e a linguagem, penso, está, justamente, nessa capacidade opaca de comunicação mesmo nas circunstâncias mais objetivas. Se por um lado o discurso pode ter a pretensão de ser objetivo ou preso a qualquer engajamento (seja ele social, econômico, político, cultural, racial ou de gênero, por exemplo), ou seja, de significar algo efetivamente. Por outro, a arte em si, acredito, não necessariamente possui alguma finalidade. A literatura tem um fim em si mesma. A fala de um escritor pode ser fruto de um sentir sem pretensões quaisquer ou ser uma mensagem objetiva e direta que pode ou não alcançar seu público.

O jorro de um sentimento no papel pode simplesmente perder qualquer compromisso com o sentido dado pelo autor do mesmo no momento em que é expressado (através do discurso) ali. Não que este seja o caso de Pepetela – que afirma possuir esse engajamento e essa

escrita comprometida com a criação de uma nação.

Observei, através das inúmeras leituras sobre a obra de Pepetela, que cada pesquisador possui uma leitura a partir de suas capacidades de *escuta*, suas lentes, etc. Ninguém, nem mesmo o autor, pode afirmar “a verdade” do que é dito ali pois a riqueza da linguagem e da metáfora está em sua flexibilidade simbólica. Cada leitor constrói, junto com o texto e com o autor, uma obra distinta para si e esta – obviamente, possui fatos e aspectos em comum para todos os leitores (aí se estabelece o campo semântico universal da obra), além de despertar catarses distintas em cada leitor a partir de sua bagagem não apenas cultural mas psicológica e subjetiva.

No que diz respeito às diferentes abordagens em relação a utopia aqui propostas, arrisco dizer que cada um cria a sua própria concepção de utopia em relação ao mundo ideal que busca. A utopia é esse lugar inexistente, esse não-lugar onde depositamos nossas ilusões e expectativas de melhorar a realidade. A utopia é diferente para cada indivíduo de acordo com crenças. Se, de fato, jamais pode ser alcançada, pois se modifica a medida que nos modificamos, não perde a sua função de nos impulsionar em direção a algo, embora esse impulso, não nos leve, necessariamente, ao melhor.

As diferentes concepções de utopia existentes em cada indivíduo evidenciam a impossibilidade de uma visão universal aplicável a todos os povos, culturas e regiões, que não seja autoritária. Isso fica evidente nas diferentes ideias de utopia já inventadas desde a obra de Morus. Ainda no que diz respeito à ética, ela pode ser considerada também como um tipo de utopia, especialmente depois de *ouvir* as obras de Pepetela. No entanto, do mesmo modo que escancara a falta dela por algumas personagens que vão se corrompendo ao longo dos enredos, seus romances sempre possuem personagens virtuosas, verossímeis, complexas e ambíguas que permitem diferentes interpretações.

Outras considerações importantes relacionam-se à relação entre a história e a ficção presente nos romances, como o caso da guerra, da luta por independência abraçada, muitas vezes, em uma utopia que se esvai a medida que a guerra termina e os problemas continuam, outros emergem, e esses muitas vezes enraizados à ética (ou falta dela) pelos próprios idealizadores de um futuro mais justo para o coletivo. Observo, no autor, essa melancolia traçada em algumas personagens, fruto de desencantos e frustrações. O autor também sempre problematiza as relações, sobretudo a potência de amizades, o eterno regresso ao passado e, também, o universal e presente nas suas obras que é o o ser humano, representado de modo verossímil através das personagens complexas, dinâmicas, imperfeitas, errantes e ambíguas, descritas nos enredos de cada história.

É possível perceber também a influência da figura do guerrilheiro no escritor, que mesmo sem armas, utiliza a literatura como um modo de ressignificar as experiências vividas e denunciar as atrocidades que presenciou. É possível afirmar, penso, que seu texto é fruto de um engajamento com o social e com o coletivo, que o próprio Pepetela afirma possuir: “chamar a atenção, levar as pessoas a reflectir sobre certas coisas. Penso que esse é o papel do filósofo. O escritor, no fundo, é um filósofo... Ou então inventar mundos que não existem, mas baseando-se na própria realidade” (PEPETELA, 2005, n.p.).

Ressalto que as leituras aqui propostas revelam a minha perspectiva em relação ao texto suscitada, na maior parte das vezes, na apreensão dos fatos narrados sem qualquer pretensão de uma leitura fechada. Acredito, sobretudo, que os leitores se leem e que interpretam o que podem/querem/sentem e que isso não significa mais ou menos capacidade ou comprometimento. O texto literário comunica diferentes coisas para distintos leitores e isso está além do que é absolutamente certo ou errado. A leitura e a literatura podem ser vistas (por diferentes indivíduos) como espaços de reflexão, autorreflexão ou mera junção de sílabas e/ou fonemas, tudo depende de quem olha. Afirmar sua finalidade é tão válido quanto negar qualquer responsabilidade da mesma. A leitura é o que é, assim como a literatura é o que é para cada indivíduo. As personagens de Pepetela ganham dimensões humanas, vida e verossimilhança por apresentarem essas incongruências tão intrínsecas a alma humana.

Muito mais do que a aquisição de conhecimento teórico em relação à interpretação de obras, ou de revisão bibliográfica, este trabalho representa uma tentativa de escuta em relação ao outro, seja ele o próprio autor Pepetela, suas obras, sua biografia ou os inúmeros outros pensadores e pesquisadores aqui citados. Este trabalho não busca determinar qualquer verdade ou leitura *correta* ou *fechada*, mas a escuta que fui capaz de captar reconhecendo as inúmeras possibilidades de lentes utilizáveis para os textos aqui mencionados. Acredito que uma boa leitura é uma leitura que nos faça questionar nossas verdades, que nos faça reflectir sobre a realidade, mas que não tenha a pretensão de oferecer a mais profunda verdade sobre um texto. Acredito que essas *verdades* são transitórias e variam de acordo com a bagagem e a capacidade de compreensão de *cada* indivíduo. Espero que as possibilidades de escuta aqui levantadas contribuam, de algum modo, para leitores, pesquisadores e, sobretudo, sujeitos, *ouvintes* abertos a *outrar-se*.

Assim como as tantas personagens aqui estudadas, nós, às vezes, projetamos os sentimentos, os desejos e a almejada felicidade em sonhos que, ao finalmente tornarem-se realidade, mudam completamente a nossa vida. E os novos sonhos fazem-nos buscar novas utopias nas quais, outra vez, projetamos emoções confusas, fantasias e ideais de vida



supostamente melhores. É cíclico.

Após mergulhar profundamente nos romances de Pepetela, é importante para mim enfatizar o quão sombrio e desafiador foi falar sobre a utopia em tempos de pandemia. Parecia, no auge dos meus vinte e poucos, nunca ter sido tão necessária e tão distante da minha realidade. A utopia maior, para mim, era entregar este trabalho. Agora, que está finalizado e aqui, porém, consigo respirar gratidão novamente. Tempos difíceis vieram e passaram, como tudo, o tempo todo. À guisa de conclusão gostaria de emoldurar nesta tese duas ideias: a da utopia – indispensável mesmo e especialmente em meio ao caos, e a da impermanência – uma constante: “Portanto, só os ciclos eram eternos” (PEPETELA, 2000, p.9).

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 3ª edição.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Notas sobre a utopia, em Pepetela. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (Orgs.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.171-178.
- ABLAS, M. de N. O. de S. *A geração da utopia*. Via Atlântica, (4), 2000. P.258-262. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i4.49642> Acesso em: 17 Jan. 2021.
- AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ANGOP – Angola Press. *Pepetela anuncia lançamento de crônicas*. Literatura. 24 de março de 2011. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2011/2/12/Pepetela-anuncia-lancamento-cronicas,8fbdb7b0-af2b-4017-b039-87f1a448b7ca.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2011/2/12/Pepetela-anuncia-lancamento-cronicas,8fbdb7b0-af2b-4017-b039-87f1a448b7ca.html)>. Acesso em 3 de março de 2019.
- \_\_\_\_\_. Pepetela regressa as bancas com “Sua Excelência, de corpo presente”. *Agência Angola Press*. 11 de setembro de 2018. Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2018/8/37/Pepetela-regressa-bancas-com-Sua-Excelencia-corpo-presente,0509d3a9-635e-413a-93c9-2bdca201829a.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2018/8/37/Pepetela-regressa-bancas-com-Sua-Excelencia-corpo-presente,0509d3a9-635e-413a-93c9-2bdca201829a.html)>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Lisboa, Guimarães. s.d. 1989.
- BARTLETT, Richard. *Arse of a Detective*, 2009. African Review of Books. 21 novembro de, 2009. Disponível em: <[http://www.africanreviewofbooks.com/Review.asp?book\\_id=141](http://www.africanreviewofbooks.com/Review.asp?book_id=141)>. Acesso em 4 de março de 2019.
- BENJAMIN, Walter. Nota introdutória. In: \_\_\_\_\_. *Passagens*. Tradução do alemão de Irene Aron. Tradução do francês de Cleonica Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- BERGAMO, Edvaldo A. Nação e Reflexão em romances de Pepetela dos anos 1980. In: BRAGA, Cláudio R. V. (Org). *Almas de África no mundo: literaturas africanas e afrodiáspóricas em diálogo*. Campinas, S.P.: Pontes Editores, 2019.
- BERLIN, Isaiah. *Limites da Utopia: capítulos da História das Ideias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BIRRI, Fernando. Citado por GALEANO, Eduardo. GALEANO, Eduardo; BORGES, José. In: *Las palabras andantes*. Publicado por Siglo XXI, 1994.
- BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos Juntos! O MPLA e a Luta Anticolonial 1961-1974*. Volumes I e II, Luanda: Kilombelombe, 2008.
- BLEICHER, J. *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1992.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

\_\_\_\_\_. *O princípio esperança II*. Tradução: Werner Fuchs. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006a.

\_\_\_\_\_. *O princípio esperança III*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006b.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

BURDEN, Ernest. *Illustrated dictionary of architecture*. McGraw-Hill, 1998.

CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol*. Edição Ridendo Castigat Mores, 2001. 152 p. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cidadesol.pdf>>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

CARNEIRO, A. G. A origem como forma de superação da guerra como catástrofe, em Se o passado não tivesse asas, de Pepetela. *Revista de letras - Juçara*, [S. l.], v. 5, n. 01, p. 27-42, 2021. DOI: 10.18817/rlj.v5i01.2460. Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2460>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

CASTILHO, Marco. *A nação angolana à deriva: utopia e distopia em Mayombe e Predadores*, de Pepetela. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CHAUÍ, Marilena. Notas sobre utopia. In: SOUSA, Cidoval Morais de. (Org). *Um convite à utopia*. 2016. Campina Grande: EDUEPB, pp.29-45, 438 p. Disponível em: <[uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf](http://uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf)>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano: entre intenção e gestos*. São Paulo: EDUSP, Via Atlântica, 1999.

\_\_\_\_\_. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê Editorial: 2005.

\_\_\_\_\_. *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*. Universidade de São Paulo. *via atlântica* n. 2 jul. 1999, p.216 -232.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. Fragmentos de entrevista. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. P. 31

\_\_\_\_\_. *Mayombe: Um romance contra Correntes*. In: \_\_\_\_\_. *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editora, 2009. p. 125- 139.

\_\_\_\_\_. *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

COUTO, Mia. *Pensatempos: textos de opinião*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2005.

\_\_\_\_\_. Epígrafe de: Pepetela, *Contos de Morte*, Luanda, Chá de Caxinde, 2008.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.

CULT, Revista. V.10, n.117, set 2007.

CUSACK, Igor. *Pepetela. Historical Companion to Postcolonial Literatures: Continental Europe and Its Empires*. Eds. Prem Poddar, Rajeev S. Patke and Lars Jensen. Edinburgh: Edinburgh UP, 2008, p. 486.

DA SILVA, Agostinho Alexandre Joaquim, (2014). *Angola: dinâmicas internas e externas na luta de libertação (1961-1975): Tese apresentada para a obtenção do Grau de Doutor em Ciência Política no curso de Doutorado em Ciência Política, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Orientador: Professor Doutor Tchernó Djaló, Lisboa.*

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DENUBILA, R. V. *Da utopia à descrença: os itinerários das personagens de A geração da utopia, de Pepetela*. METAMORFOSES. REVISTA DA CÁTEDRA JORGE DE SENA DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ, v. 1, p. 205-222, 2018.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

DIÁRIO de Notícias. *O quase fim do mundo do Pepetela*. 11 de março de 2008. Angola Digital: Arte e Cultura. Disponível em: <<https://universofantastico.wordpress.com/2008/04/23/pepetela-%E2%80%99Co-quase-fim-do-mundo%E2%80%9D/>>. Acesso em 3 de março de 2019.

EME. (2006). *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África. Comissão para o Estudo das Campanhas de África. 6º Volume, Tomo II – Angola*. Lisboa: Estado-maior do Exército.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Silvia. *Derrida e a linguagem*. In: CULT, Revista. V.10,n.117, set 2007. p. 51-52.

FEITOSA, Fabiana Curto. *Manifestações da Utopia na narrativa de José Saramago*. Tese de Doutorado em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015. Disponível em: <[http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3182/1/tese\\_8708\\_Tese\\_Fabiana.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3182/1/tese_8708_Tese_Fabiana.pdf)>. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

FERREIRA, P. I. M.; SIMAS-ALMEIDA, L. *Os órfãos da ilha de Luanda em Se O Passado*

*Não Tivesse Asas* – ou a história recente de um vasto segmento da sociedade angolana. Via Atlântica, [S. l.], n. 31, p. 227-247, 2017. DOI: 10.11606/va.v0i31.131904. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/131904>. Acesso em: 1 fev. 2022.

FIRPO, Luigi. Para uma definição da “Utopia”. *Morus – Utopia e Renascimento*. V.2, 2005. Disponível em: <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/17>. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FORTUNATI, Vita. “Utopia as a literary genre”. In: *Dictionary of literary utopias*. Edited by Vita Fortunati and Raymond Trousson. Paris: Champion, 2000.

FREIRE, Rita Silva. *Não se festeja a morte de ninguém*, entrevista a Pepetela, publicada na Revista Caju, Angola, no dia 30 de Dezembro de 2011. Disponível em <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela> Acesso em 27 set 2021.

FROMM, Erich. *Análise do homem*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1974. 211 p.

GADAMER, Hans-Georg. *Estética y hermenéutica*. 2. ed. Madrid: Tecnos, 1998.

\_\_\_\_\_. Ler é como traduzir. (1989). In: \_\_\_\_\_. *Hermenéutica da obra de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 125-131.

\_\_\_\_\_. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GAI, Eunice T. P. A ruptura de valores e mitos no romance *Fazes-me falta*, de Inês Pedrosa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 26-29, out./dez. 2008.

\_\_\_\_\_. A leitura de narrativas literárias como ato de conhecimento e modo de experiência: a presença de autor e leitor implicados. In: João Luís Pereira Ourique. (Org.). *Literatura e formação do leitor: escola e sociedade, ensino e educação*. 1ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015, v., p. 173-190.

GONÇALVES, Johnny. Resenha: Pepetela – A Sul. O Sombreiro. *GGN – o Jornal de todos os Brasis*. 22 de setembro de 2002. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/cultura/resenha-pepetela-a-sul-o-sombreiro/>. Acesso em: 19 de março de 2019.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HENIGHAN, Stephen. *Um James Bond Subdesenvolvido: The Ideological Work of the Angolan Detective in Pepetela's Jaime Bunda Novels*. *Portuguese Studies*. 22:1 (2006), pp.135-152.

JACOB, Sheila. Resenha do livro *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela. *Revista Mulemba / Revista do Setor de Letras Africanas de Língua Portuguesa - Departamento de Letras Vernáculas*. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 14, número 2, jul-dez 2016, p.152-154. ISSN 2176-381X Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/>>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.

JACOBY, Russell. *O fim da utopia: política e cultura na era da apatia*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Tradução de Carolina de Melo Bomfim Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JORNAL de Angola. *Pepetela vence prémio literário com "Sua Excelência, de Corpo Presente"*. 19/03/2021. Disponível em: <<https://jornaldeangola.ao/ao/noticias/pepetela-vence-premio-literario-com-sua-excelencia-de-corpo-presente/>>. Acesso em 29. Abr. lacerda.

KAËS, R. "Utopia". In: *Dicionário de Psicologia*. DORON, Roland; PAROT, Françoise (org.). Tradução de Odilon Soares Leme. São Paulo: Ática, 1998.

KAPULANA. Site com informações sobre a editora e autores. Disponível em: <<http://www.kapulana.com.br/pepetela/>>. Acesso em 24 jun. 2019.

LABAN, Michel. *Angola: Encontro com escritores*. Lisbon: Fund. Eng. António de Almeida, v.II. 1991, p. 778-782.

LACERDA, Wanilda Lima Vidal de. *O olhar de Pepetela sobre Angola*. Tese de Doutorado apresentada na Pós - Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB, 2007.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LAURITI, Thiago. *Violências singulares, textos plurais: um diálogo entre Sapato de salto de Lygia Bojunga e As aventura de Ngunga de Pepetela*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

LEITE, Ana Mafalda. *Angola The Post-Colonial Literature of Lusophone Africa*. Patrick Chabal ed. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1996.

LEVITAS, Ruth. Ralahine Utopian Studies, Volume 3: *Concept of utopia*. Bruxelles: Peter Lang AG, 2010.

MACHADO, Carolina Bezerra. Escrita, poder e utopia em Pepetela. *AbeÁfrica: revista da associação brasileira de estudos africanos*, v.02, n.02, p. 97 – 113, Abril de 2019.

\_\_\_\_\_. Os romances de Pepetela: construções de uma memória sobre angola na contemporaneidade. *Boletim Historiar*, n. 17, out./dez. 2016, p. 63-75|

MACHADO, Célia Maria Borges. 1963- *História, narração e identidade judaica em A*

*Gloriosa Família: o tempo dos Flamengos de Pepetela*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

MARCON, Frank N. *Diálogos Transatlânticos*. Identidade e Nação entre Brasil e Angola. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

MARCUSE, Herbert. *O fim da utopia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1969.

MARTINS, Renata. *Pepetela: O cão e os caluandas*. Nova Cultura. 21 de Novembro de 2009. Disponível em: <<http://www.novacultura.de/0608calus.html>> Acesso em 3 de março de 2019.

MATA, Inocência (com A.S. Santos, et al.).\_\_\_\_\_. A essência dos caminhos que se entrecruzam. *Revista Crioula*, n. 5, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/crioula/article/viewFile/54948/58596>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

MATA, Inocência. *Ficção e história na obra de Pepetela: dimensão extratextual e eficácia*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ficção e História na Literatura Angolana: O caso de Pepetela*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

\_\_\_\_\_. Silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta. Lisboa, *Mar Além*, 2001, p. 196-197.

\_\_\_\_\_. Pepetela: a releitura da História entre Gestos de Reconstrução. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (Orgs.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.191-207.

\_\_\_\_\_. Pepetela e a sedução da história. In: *Metamorfoses*, 7, Lisboa/Rio de Janeiro. Editorial Caminho/Cátedra Jorge de Sena, 2006. p. 45-57.

\_\_\_\_\_. Pepetela e as (novas) margens da "nacao" angolana. *VEREDAS* 4 (Porto, 2001) 133-145.

MBAH, Jean Martial Arsene. *As rivalidades políticas entre a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) (1961-1975)*. Mayamba, Luanda, 2010.

MIGUEL, Luiz Felipe. *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. São Paulo: Unesp, 2017.

MIRADA, Maria Geralda de. *A política da utopia em Pepetela*. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, Julho 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4001>. Acesso em: 30. jan. 2020.

MOISÉS, Leyla-Perrone. Entre o perigo e a chance. In: *CULT, Revista*. V.10,n.117, set 2007. p. 44-46.

MOISÉS, Claudia-Perrone. A justiça e o perdão em Jacques Derrida. In: *CULT, Revista*. V.10,n.117, set 2007. p. 47-48.

MORRIS, William. *Notícias de lugar nenhum: ou uma época de tranquilidade. Um romance utópico*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

MORUS, Thomas. *Utopía*. Edição Ridendo Castigat Mores, 2001. 210 p. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/utopia.pdf>>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

MOTA, Denise. “independência e Justiça”, Raça Brasil, nº97, São Paulo. Apud.: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. (Orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Atêlie editorial, 2009.

MUMFORD, Lewis. *História das Utopias*. Tradução de Isabel Donas Botto. Lisboa: Antígona, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zarathustra*. Nova ed. rev. São Paulo: Martin Claret, 2008. 278p.

PADOVANI, Micheline Tacia de Brito. *Dêiticos discursivos: marcadores culturais em Pepetela*. Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. 117p.

PALMER, Richard. E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2011.

PEAT, D. A ciência como fonte de narrativa. IN: Simpkinson & Simpkinson. *Histórias Sagradas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

PEPETELA lança novo romance com casa cheia. RedeAngola.info Jornalismo independente. 06.05.2016. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/pepetela-lanca-novo-romance-casa-cheia/>>. Acesso em: 06 de outubro de 2019.

PEPETELA. *A corda*. Luanda: UEA, 1978.

\_\_\_\_\_. *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. *A gloriosa família* (o tempo dos flamengos). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. *A revolta da casa dos ídolos*. Luanda: UEA, 1980.

\_\_\_\_\_. *A sul*. O sombrero: romance. São Paulo: Leya, 2012.

\_\_\_\_\_. *As aventuras de Ngunga*. Luanda: UEA, 1977.

\_\_\_\_\_. Entrevista cedida a Filipe Zau. Leituras: Mayombe. Angola Magazine. Programa: Leituras, Histórias da Literatura Angolana. Angola. 04 jun. 2014. Leituras: Histórias da Literatura Angolana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SgSsuOBU7ZQ>. Acesso em 27 set 2021.

\_\_\_\_\_. Entrevista com C. Liberato e F. Paiva. A ideologia da escrita: Pepetela, uma entrevista. Mulemba, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 5, dez. 2011. Disponível em: <[http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo\\_5\\_11.php](http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_5_11.php)>. Acesso em: 30 jan. 2019.



\_\_\_\_\_. Entrevista com C. Marques e R. Nabais. Pepetela. *Revista Tabu*, Lisboa: Jornal Sol, p. 42-49, 2008.

\_\_\_\_\_. Entrevista dada ao Jornal Zero Hora de Porto Alegre. Disponível em <https://www.portalraizes.com/1pepetela-a-geracao-da-utopia/>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. Guerra sem fim. *Época*, Rio de Janeiro, p. 83-85, 24 jan. 2000.

\_\_\_\_\_. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

\_\_\_\_\_. *O planalto e a estepe*: romance. São Paulo: Leya, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pepetela*. Site Pessoal <<https://pepetela.blogs.sapo.pt/4783.html>>. Acesso em: 4 março de 2019.

\_\_\_\_\_. Pepetela: um escritor (ainda) em busca da utopia. *Literatura Scripta*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-Afro-brasileiros da PUC-Minas. Belo Horizonte: v. 3. N. 5, p. 243-259, 2º sem de 1999. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10318>>. Acessado em 08 de janeiro de 2022.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: CHAVES, Rita. A formação do romance angolano. São Paulo: Via Atlântica, 1999, p. 13-15.

\_\_\_\_\_. *Se o passado não tivesse asas*. Rio de Janeiro: Leya 2017.

\_\_\_\_\_. *Yaka*. São Paulo: Ática, 1984. 302 p.

PIERUCCI, Antonio Flavio. Reencantamento e dessecularização: a propósito do autoengano em Sociologia da Religião. In: *Novos estudos CEBRAP*, n. 49, nov. 1997.

PRADO, Luiz. Site do Jornal da USP. Em “Mayombe”, selva faz surgir o “homem novo” angolano. 11/10/2018. n.p. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=127208/>>. Acesso em 28 abril 2021.

REIS, Carlos. Trajectos e sentidos da ficção portuguesa contemporânea. In *Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, nº 1, Abril/Junho de 1998.

ROCHA, Iraci Simões da. — *Utopia e práxis*: esperança e ação em Saramago e Pepetela. In: *Recôncavos*: Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB. v. 3, p. 5-15, 2009.

SAMBA TOMBA Justes Axe. *Cosmogonia Bantu*: NZAMBI A MPUNGU (Deus Supremo), a Criação da Natureza e do Homen (Muntu) 2018. Disponível em: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/cosmogonia-bantu-nzambi-a-mpungu-deus-supremo-a-criacao-da-natureza-e-do-homen-muntu/> Acesso em: 25 set. 2021.

SANTOS, Wigvan Junior Pereira dos. "Utopia"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/utopia.htm>>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

SANTOS, Alexandra Dias. *Nação, guerra e utopia em Pepetela (1971-1996)*. Tese [Doutorado em Ciências Sociais]. Universidade de Lisboa, 2011. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.948.9602&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em 05 Dez. 2021.

SANTOS, Donizeth. Crônicas de Pepetela. *Itinerários*, Araraquara, n. 35, p.167-169, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Uma agradável crônica da Luanda atual. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 297-300, 2o sem. 2015.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAVATER, Fernando. *Ética como amor-próprio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 317 p.

\_\_\_\_\_. *Ética para meu filho*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 116 p.

SECCO, Carmen L. Tindó. A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola, Moçambique e outros diálogos. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SERRANO, Carlos. *O romance como documento social: o caso de Mayombe*. *Via Atlântica*, nº 3, dez. 1999.

SILVA, Agostinho. A Origem e Intervenção do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) na luta de Independência Nacional (1961-1975). Tese apresentada a Academia Militar, Direcção de Ensino Curso de Artilharia, ORIENTADO por; Cor Art José Feliciano, LISBOA, MAIO 2010.

SILVA, Cibele Verrangia Correa da. *A melancolia de resistência como identidade: um estudo sobre as obras Mayombe e A Geração da Utopia de Pepetela*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, 2018.

SILVA, Maria Augusta. Abrir as feridas das moléstias. *Diário de Notícias*, Lisboa, 25 out. 2001, p. 44.

STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre a Hermenêutica*. Edipucrs: Porto Alegre, 1996.

SOUSA, Cidoval Morais de. Utopia, ainda que tardia. In: SOUSA, Cidoval Morais de. (Org). *Um convite à utopia*. 2016. Campina Grande: EDUEPB, pp.15-28. 438 p. Disponível em: <[uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf](http://uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf)>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.

SOUSA, José Pedro Galvão de; GARCIA, Clovis Lema; CARVALHO, José Fraga Teixeira de. *Dicionário de política*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

SUVIN, Darko. Theses on dystopia 2001. In: *Dark horizons: science fiction and the utopian imagination*. Edited by Tom Moylan and Raffella Baccolini. New York: Taylor & Francis Books, 2003.

\_\_\_\_\_. Reflexões preambulares sobre a Distopia 2006 (a “Um breve tratado sobre a distopia 2001). *Revista Morus*. v.10. 2015. p. 465-487. Disponível em: <<http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/255>>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.

VEIGA, Luiz Maria. *De armas na mão: Personagens-Guerrilheiros em romances de Antonio Callado, Pepetela e Luandino Vieira*. 2015. 541 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-09102015-152258/pt-br.php> Acesso em: 17 Out. 2021.

VIDAL, Francisco Élder Freitas. *Identidade e Mobilidade Angolanas na Ficção de Pepetela*. 2013. 134f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2013.

VIEIRA, Fátima. “The concept of utopia”. In: *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Edited by Gregor Claeys. Cambridge University Press, 2010.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. *Travessia do pós-moderno: nos tempos do vale-tudo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

ZIZEK, Slavoj. Utopia, ainda que tardia. In: SOUSA, Cidoval Moraes de. (Org). *Um convite à utopia*. 2016. Campina Grande: EDUEPB, pp.291-301. 438 p. Disponível em: <[uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf](http://uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf)>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.